

**HALU GAMASHI**

**PLANO  
INVERSO**

**A Tríplice Aliança da Sombra**



**Ventos Antigos**

# **Plano Inverso**

**A Tríplice Aliança da Sombra**

**Halu Gamashi**

# **Plano Inverso**

**A Tríplice Aliança da Sombra**

2017



[www.VentosAntigos.com](http://www.VentosAntigos.com)

Copyright © 2017 Mércia Celeste Dias da Silva

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a prévia autorização por escrito do autor ou seus representantes.

G186p

Gamashi, Halu, 1963-

Plano inverso: A tríplice aliança da sombra

Halu Gamashi

2ª edição - Ventos Antigos, 2017

1. Espiritualidade 2. Mediunidade

I. Gamashi, Halu II. Título

CDD: 133.9

CDU: 133.7

**Capa**

Luciana Morin

# Sumário

[Folha de Rosto](#)

[Título](#)

[Créditos](#)

[Introdução](#)

[I. A Casa das Soluções](#)

[II. A “Solução” para os Recém-Desencarnados](#)

[III. A Sedução](#)

[IV. Equívocos em Série](#)

[V. O Bloco da Fome](#)

[VI. Outro Capítulo](#)

[VII. Capítulo Quase Final](#)

[VIII. Mensagem](#)

[Um Universo no Mundo](#)

[Sobre a Autora](#)

[Outros livros de Halu Gamashi](#)

## Introdução

**P**ara haver discernimento, necessário se faz o conhecimento para a diferenciação. Pela primeira vez será exposto ao planeta Terra o objetivo de esferas imateriais que desconsideram o livre-arbítrio, porque seus líderes rejeitaram esta energia. O principal motivo dessa rejeição advém da forma pela qual eles percebem os avatares; conversando com esses líderes, mais de uma vez os adjetivos “sonhadores”, “idealistas”, “ingênuos” surgiram para classificá-los.

Impossível descrever minha surpresa. No entanto, a cada contato com essa esfera imaterial, que aqui chamaremos “Plano Inverso”, meus antigos conceitos sobre bem e mal foram se transformando em evolução e estagnação; escolha e opção; querer e desejar.

Aqui, na esfera material do planeta Terra, pessoas que não acreditam na existência de Deus são rotuladas de “ateus”. Neste contato com o Plano Inverso, aprofundi-me no sentido da palavra “acreditar”. Hoje, para mim, ateu é todo aquele que sabe da existência de Deus, mas nela não acredita, ou seja, não comunga com Suas diretrizes de crescimento.

Quem desconhece Deus é jovem, principalmente no início de uma estrada; logo, as sinalizações aparecerão e o jovem principiante se encontrará com Deus no caminho. Daí então, quando amadurecido, escutará Deus falar; se confiar no que ouve, continuará trilhando a estrada. Se não, ou enquanto não, fincará seus pés no trecho de encontro para travar com Deus uma luta pela soberania, já que desejará tomar seu lugar, iludindo-se em poder conduzir a humanidade.

Quero ressaltar que as informações contidas neste livro tiveram o consentimento de toda a esfera imaterial. Os dirigentes do Plano Inverso colaboraram, objetivando seduzir novos adeptos para sua causa.

Os pesquisadores das Casas Astrais, que me fortaleceram nos deslocamentos por essas instâncias, trabalharam em conjunto comigo, por terem a esperança de que, a partir do momento em que se compreendam racionalmente, sem dogmas, os objetivos das estradas curtas das promessas superficiais e do autoconhecimento sem profundidade, passarão os

encarnados a buscar com mais força os caminhos em direção à luz e à eternidade.

Meu objetivo ao escrever os relatos que se seguem é cumprir minha função, acatada no período pré-encarnatório, de testemunhar a realidade da vida útil após a morte física nas Casas Astrais e a existência do Plano Inverso, do planeta Intraterreno e de outros planetas Materiais e Imateriais.

*Plano Inverso – A Tríplice Aliança da Sombra* é mais um capítulo do meu livro. Como viajante das esferas espirituais e de outros mundos, compreendi que minha função para com o planeta Terra é dividir as experiências das viagens. Para isto conto com o apoio de alguns companheiros do plano terrestre. Entre eles, a Dra. Luiza, presente nos relatos de *Caminhos de um aprendiz*, meu primeiro livro sobre o mundo espiritual superior, e também neste segundo livro, onde apresento a Casa das Soluções.

Escrever *Caminhos de um aprendiz* foi mais prazeroso; transcrever os trabalhos de crescimento elaborados pela espiritualidade sutil, que tem por objetivo ajudar-nos aqui neste mundo, onde somos quase órfãos de verdades lúcidas, trouxe-me vários presentes; um deles foi a força e a coragem necessárias para descrever a Casa das Soluções e seus intentos confusos, estranhos, cujo objetivo é retirar da humanidade o livre-arbítrio e o autoconhecimento.

Antes de concluir este livro – Plano Inverso – apresentei-o a algumas pessoas e os comentários foram diversos:

– Halu, que coisa impressionante! Publique este livro, quem sabe não chama a atenção das pessoas para o momento que estamos atravessando.

– Halu, podem lhe chamar de louca ou dizerem que é pura ficção; não sei o que é pior. Você precisa ter coragem.

– Você acha que já é o momento para divulgar um livro como este? Ele é maravilhoso, mas a maioria das pessoas está buscando a ajuda mágica que o Plano Inverso oferece.

Ouvindo estes comentários, consultei meu coração. Orei ao meu Deus, perguntando-lhe o que deveria fazer e, em sonho, Ele me respondeu: Sonhei que andava por uma trilha no meio do mato. Olhei para o céu e vi a lua cheia. Estava tão perto dos meus ombros que quase podia tocá-la. Com a noite iluminada, passei a olhar o chão e vi muitas pedras preciosas no caminho. Um homem apareceu e me disse:

– Deixe as pedras, não lhe pertencem. Siga em frente.

Obedeci e à minha frente surgiu uma montanha. Sabia que precisava escalá-la; subi por um lado e retornei ao nível da terra pelo outro lado da montanha. Senti um enorme cansaço e avistei uma cachoeira. Caminhei até ela e, ao colocar minhas mãos nas águas, oito anéis vestiram meus dedos. O homem voltou a aparecer:

– Agora, Halu, são seus os anéis. Responsabilize-se por eles.

Acordei e a resposta à minha pergunta estava na minha consciência. Está aí o livro pronto!

Em *Caminhos de um aprendiz*, aprendi como fazer para estar sempre conectada com a luz superior, a verdadeira autoajuda. Conheci as Casas Astrais, onde ficam as crianças antes de encarnar e onde é feito o planejamento para o retorno a Terra, através do livre-arbítrio. Também vi pessoas retornando de suas experiências terrenas sendo socorridas, por motivo de desencarne ou por desligamento astral, enfim, presenciei o trabalho de assistência para o crescimento da esfera material do planeta Terra.

No Plano Inverso, como o nome já diz, testemunhei o inverso das Casas Astrais, conheci a maldade ignorante, pessoas que se iludem acreditando que enganam o Chakra do Tempo e a Deus.

Aprendi que monoteísta é todo aquele que espera ajuda de Deus para o crescimento de sua alma e que politeísta é aquele que fortalece a existência de muitos deuses – um para cada necessidade material que se apresenta.

É isso aí! Estou em paz com minha consciência. Os dois primeiros relatos sobre minhas viagens ao mundo espiritual estão prontos e entregues aos irmãos da Terra. Cada um compreenderá como puder.

Àqueles que oram, peço que não se esqueçam de mim em suas orações, para que eu tenha força para escrever outros relatórios e dinamismo para lutar por suas edições, distribuição e divulgação, para que cheguem ao conhecimento de outros amigos da Terra, vocês leitores, que de alguma forma estão presentes no meu trabalho.

Agradeço à Dra. Luiza, que soube me ouvir e me dar segurança para que eu me tornasse uma paranormal útil à sociedade, utilizando o meu dom, em nome de Deus e de meus irmãos terráqueos, em prol do crescimento coletivo.

Neste momento, peço às forças superiores que permitam a meus olhos ver o mundo espiritual, que permitam a meus ouvidos ouvir com clareza, que fortaleçam minha voz ao falar e minhas palavras ao escrever.

Obrigada meu Deus

Meus irmãos, companheiros de minha casa de trabalho, obrigada pela compreensão quando estou ausente escrevendo livros; obrigada pelo carinho e amor que me entregam quando volto trazendo o livro pronto.

Obrigada ao mestre Gianfrancesco Guarnieri, pelo carinho, apoio e incentivo.

Deixo-os agora e fico na paz, aliando-me cada vez mais aos amigos das Casas Astrais e acreditando que nós, encarnados, levaremos luz e verdade à distorcida imagem do crescimento: raça pura, enriquecimento fácil e materialismo dos dirigentes do Plano Inverso.

Aviso e repito o recado que recebi:

“Já não há fronteiras. Nada mais é escondido. Todas as estradas foram desmascaradas. Já não há mais justificativas por desconhecimento. Optar por uma das curtas estradas ou escolher o crescimento real.”

Com amor pela luz que há no interior de todo semelhante.

Halu Gamashi

21/08/97

## I. A Casa das Soluções

Caminhando às margens do rio na segunda Casa Astral juntamente com Meu Amigo, a dúvida me visitou: como seria possível tanto embate, desentendimentos e desvios no plano material, se as Casas Astrais estão voltadas para o crescimento individual e coletivo do planeta Terra? Conhecendo os diversos trabalhos realizados naquela esfera, não conseguia entender as dificuldades que atravessamos para dar segmento ao nosso religar.

Pela primeira vez, ouvi falar na existência de uma comunidade espiritual distante das vibrações das Casas Astrais, que Meu Amigo cognominou de Plano Inverso. Dessa conversa, iniciou-se meu conhecimento sobre a divergência do que, muito ingenuamente, acreditava ser o bem e o mal.

Entendi que esta instituição era a principal estrutura que incentivava o plano material a manter-se afastado do aprofundamento necessário para compreensão do processo evolutivo transmitido pela eternidade. Mas era-me muito difícil imaginar os interesses de uma estrutura espiritual com esses objetivos. Meu Amigo me propôs um novo trabalho: conhecê-los de perto.

Inspirada pela proposta tentava imaginar como se realizaria. Acreditei que teria sua companhia, mas logo fui informada que este seria um trabalho meu e que nosso trabalho em conjunto continuaria nas Casas Astrais.

Orfandade, desespero, curiosidade, medo e coragem se misturaram em meu coração. Em algum nível, em alguma dimensão de meu sentimento, eu sabia que precisava conhecer outras esferas espirituais para concluir meus estudos sobre a eternidade, mas nem por isso, o medo deixou de me visitar. E o pior: eu nem sabia por que estava com medo. Retomando ensinamentos anteriores, lembrei-me que o medo no planeta Terra é a energia responsável por nosso amadurecimento. Quando o medo nos visita, vem informar a necessidade de preparação para uma nova experiência. Se não prestamos atenção, o medo cresce e nos paralisa. Quando atentos a esta energia, nos aprofundamos nos motivos que estão sendo levantados por ela e estamos em condições de lidar com o novo.

Ao retornar à esfera material, contei à Luiza meu novo projeto. Percebi claramente que, quanto mais eu falava sobre o Plano Inverso, mais surpresa eu a deixava. Refletiam-se, em seu rosto, minhas sensações internas.

Apesar da presença constante de Luiza, os dias que se passaram foram de muita solidão. Não vi Meu Amigo ou qualquer outro companheiro das Casas Astrais, como era de costume; no entanto, percebi algumas modificações em meu comportamento: sentia muita necessidade de fumar e passear de carro. Uma ansiedade sem explicação, sem lógica. As lembranças dos desmembramentos também desapareceram, deixando apenas uma forte impressão interna de haver estado com meus amigos. Suspendi alguns trabalhos por não me sentir apta a realizá-los. As pessoas que conviviam comigo questionavam minha mudança. Por não saber o que dizer me mantinha em silêncio, recebendo críticas. Alguns amigos se afastaram.

Hoje, relatando esses acontecimentos, percebo que naquela época contei bastante com o apoio da Luz e de meus companheiros espirituais. Luiza percebia a mudança que se operava em mim e respondia com acolhimento, tolerância, paciência e alguns limites quando necessário.

Um dia de agosto de 1990, recebi a visita de um ser espiritual que eu ainda não conhecia. Na época, por motivos particulares e de trabalho, eu e Luiza estávamos morando em Belo Horizonte, Minas Gerais. Este ser era de uma beleza plástica impressionante; de tez clara e olhos muito azuis, com uma postura bastante imponente. Percebi nele algumas diferenças de meus amigos das Casas Astrais, embora, de imediato, não tenha conseguido discernir quais.

Com um sorriso extremamente magnetizador, apresentou-se a mim como um dos dirigentes da Casa das Soluções. Ingenuamente, perguntei em que Casa Astral se encontrava este lugar a que ele se referia. Escutei de dentro de seu sorriso a desconcertante explicação de que, daquele momento em diante, eu passaria a conhecer uma espiritualidade eficaz, amparadora, solucionadora e mágica, preocupada com o planeta Terra.

Envolvi-me em suas palavras, em seu sorriso, e não percebi que ele desviava minha atenção de tentar localizá-lo entre meus amigos.

Em seguida, elogiou meus propósitos e minha força, acrescentando que se aceitasse sua ajuda, tudo para mim tornar-se-ia mais fácil, menos sofrido, para a concretização de meus propósitos.

– Na Casa das Soluções temos como fazer de você um aparelho perfeito para captar nossas forças. Confie e aguarde. Nós mudaremos sua vida! – disse.

Deixando-me em confusão, despediu-se. Inacreditavelmente, encontrei uma pétala de rosa no espaço desocupado por seus pés e a recolhi do chão. A surpresa me invadiu. O que seria? O que queria aquele ser? Sabia estar diante de um processo de materialização. Fiquei olhando a pétala de rosa, que se desvitalizou e deteriorou rapidamente, deixando no ar um cheiro desagradável.

Mais uma vez, procurei Luiza e contei-lhe o que havia acontecido. Ela escutou-me em silêncio.

Retirei-me para rezar e chamar Meu Amigo, que não veio, deixando-me a só com minhas dúvidas. Dormi ainda rezando e acordei sem lembrança do desdobramento. Haveria perdido essa potencialidade?

Alguns dias se passaram e o ser voltou a visitar-me. Desta vez, mais íntimo, falou-me ter conhecimento dos diversos problemas existentes na esfera material: fome, doenças, disparidades, e disse-me ser um trabalhador a favor do desaparecimento desses fatores.

Perguntei-lhe sobre seu trabalho e ele convidou-me a conhecer a Casa das Soluções e seus companheiros. Mandou-me comprar alguns artefatos para auxiliar-me no desmembramento. Tentei explicar-lhe que desmembrava naturalmente e ele retrucou que, por mais de um motivo, era importante utilizar-me dos artefatos, já que, para o lugar que me levaria, eu precisaria das energias contidas nos utensílios de sua receita e que também aprenderia a aplicá-las em pessoas sem os mesmos talentos que eu.

Anotei suas sugestões e ele se foi. Quando fiquei só, retomando nossa conversa, dei-me conta da expressão por ele utilizada para classificar minha condição de desmembrar, ou seja: "talento". Meu Amigo das Casas Astrais jamais havia se expressado assim. Aprendi com ele e confirmei em minhas experiências que todas as pessoas desmembram no período do sono. O que queria dizer ele com talento? Sem saber o que fazer, eu demorei alguns dias para decidir comprar os tais artefatos. Orei, pedindo a Deus um sinal que me ajudasse na decisão, até que, numa noite, sonhando com Meu Amigo, veio a lembrança de uma frase: "Para saber o fim da estrada, é preciso caminhar."

Acordei com muitas dores nos pés e alcancei parte da mensagem. Compreendi que precisava caminhar, mas não sabia que seria tão doloroso.

Adquiri os artefatos e os utilizei como me havia sido ensinado. Em alguns dias, voltei a desmembrar. Ao ver-me fora do corpo material, estranhamente assustei-me muito e fui prontamente socorrida pelo ser que, de agora em diante, passarei a chamar de HF. Amparando-me pela cintura, ele explicou:

– Agora você está vendo realmente o que sente a maioria das pessoas que desmembram sem o talento que você tem. Por causa deste desconforto, perdem as lembranças.

Através do cordão umbilical etérico, percebi que meu coração batia muito forte, agitando meu corpo material na cama. Se não fosse a insistência de HF, voltaria ao corpo físico imediatamente.

Aproveitei para questioná-lo sobre a expressão “talento” e ele me respondeu que só os “Escolhidos” podiam atuar no desmembramento como acontecia comigo anteriormente; tentei falar de meus conhecimentos sobre esta questão, mas foi inútil.

Ele me conduziu até um veículo dourado que nos levaria até a Casa das Soluções. Minha cabeça rodava muito. Senti um desconforto horrível, uma ausência total de segurança interna. Toda minha certeza de que tudo daria certo estava nas mãos dele. Toda força vital vinha dele. Acredito que por ler meus pensamentos, retrucou:

– Não se preocupe com nada. Eu a auxiliarei. Sempre que sentir algum desconforto, anuncie imediatamente.

Em seguida, colocou suas mãos em meus ombros, fechou os olhos, e percebi que irradiava, para meus chakras, uma força, e todo mal-estar desapareceu, embora permanecesse um vazio no estômago. Sem saber o que perguntar, deixei-me conduzir.

O veículo dourado era conduzido por um rapaz que em nenhum momento se dirigiu a nós. Estranhei aquele comportamento, tão diferente dos condutores do *aerobus*, veículo que conduz pessoas desencarnadas ou em deslocamento astral para as esferas superiores. Geralmente seus condutores nos recebem com sorrisos, auxiliando as pessoas que não têm experiência nesta atividade. Eu e HF estávamos sozinhos num enorme vagão.

– Você, Halu, é uma visita muito ilustre. Como poderia colocá-la com os visitantes comuns?

Meu coração falava muito alto: “Reze e vigie. Não discuta; observe e registre”.

Meu coração tinha a voz de Meu Amigo. Apertei meu peito, querendo tocar suas mãos e lembrei-me mais uma vez: “Este é um trabalho seu. Não posso acompanhá-la”.

HF retirou-me de meus pensamentos, dizendo-me que eu não precisaria mais de Meu Amigo. Já havia aprendido tudo com ele e que era o momento de conectar-me às forças mais poderosas para solucionar os problemas da Terra que tanto me angustiavam.

– Ele mesmo lhe disse que era um trabalho seu. Não o ocupe desnecessariamente. Confie em mim e nada lhe faltará – continuou.

Ao ouvir o fim da frase, lembrei-me de alguns salmos bíblicos e lhe perguntei qual era a percepção que tinha de Jesus.

– Um grande homem! Assim o vejo, principalmente por ter ensinado, a quem não pode ter, a parar de desejar o impossível.

Essa colocação me deixou aturdida. O que queria ele dizer com isso?

Mais uma vez, sem resposta, assisti o veículo parar num salão de recepção onde éramos esperados por algumas pessoas, entre elas, AP, já meu conhecido. Por não me sentir tão sozinha, meu coração se alegrou e pensei em abraçá-lo. Ele reagiu da mesma forma que reagia à expressão de carinho enquanto encarnado:

– Eu ainda sou seu mestre e um discípulo não pode tocar em seu mestre. Pelo que percebo você esqueceu rapidamente minhas orientações.

Um tanto sem graça, recolhi meu afeto e conduzi esta energia para meus pés, como havia aprendido com Meu Amigo nas Casas Astrais: “Sempre que rejeitarem sua demonstração de carinho canalize esta energia que mobilizou seu emocional para seus pés. Desta forma, a energia rejeitada não mobilizará seu ego, conduzindo-a a sentimentos inferiores de baixa-estima”.

Ao ver minha atitude, AP, meu antigo mestre olhou-me profundamente nos olhos e disse:

– Se é para dispensar uma energia tão poderosa, da próxima vez, insista em abraçar-me. Você ainda não aprendeu a impor sua vontade.

Há muitos anos, buscando respostas e auxílio para minha paranormalidade, conheci AP, um mestre imponente. Dizia-se sabedor das ciências ocultas. Ensinou-me muitas coisas que nunca tive interesse em utilizar. Logo desencarnou e, até este encontro, não havia tido notícias dele.

HF seguiu com os demais; fiquei sozinha com AP que me dizia:

– Por sermos mais íntimos, deixei em segundo plano algumas funções, para acompanhá-la.

Ao escutar suas palavras, percebi uma sensação estranha, tal como experimentamos quando sentimos estar incomodando ou exigindo sacrifícios em nosso favor. Disse-lhe que não pretendia incomodar. Ele respondeu:

– Então seja um aprendiz notável. Assim serei recompensado por meus esforços.

Seguimos por um enorme corredor de azulejos de cor laranja que, num determinado trecho, emitia energias a todos que por ali passavam.

– Inspire profundamente, assim estará apta para atravessar os portais.

Andamos uns cem metros e fomos envolvidos por uma fumaça densa e escura. Sem vê-lo, escutei-o falar:

– Engrandeça-se, Halu. Você está sendo recebida pelas energias poderosas da Casa das Soluções. Aqui só a vitória interessa. Os fracos rejeitam esta corrente energética.

Senti uma dor aguda no estômago e tive a nítida sensação de vômito. AP segurou-me pela cintura e explicou-me o mal-estar.

– Este mal-estar indica haver ainda um grande resíduo das fracas energias das Casas Astrais em seus *estigmas*.

Esta colocação aumentou minha dor e assustou-me profundamente. Percebendo minha incompreensão, acrescentou:

– Estas marcas que você traz no corpo são *estigmas*, marca dos Escolhidos.

Assim compreendi que ele se referia a meus chakras, mas ainda não havia compreendido a expressão “fracas energias”. Um dos processos pelo qual venho passando é a abertura de chakras no corpo material. Esta ampliação no circuito dos chakras é o que me permite trazer à lembrança meus desmembramentos e aumentar minha sensibilidade para perceber com maior nitidez os espíritos e as energias no plano material. Estas aberturas deixaram cicatrizes nas regiões dos chakras. Era sobre estas marcas que o mestre AP se referia.

Sorrindo, como quem sorri do inexpressivo, AP continuou sua explicação:

– As energias das Casas Astrais são fracas, por terem origem na ilusão. Conosco você aprenderá a concretizar seus propósitos apesar de qualquer pesar.

Uma porta se abriu e avistei muitos templos. Lembrei-me da primeira Casa Astral. É lá que os diversos templos se reúnem para inspirar seus seguidores na esfera terrestre. Junto com a lembrança, o mal-estar e a dor no estômago voltaram.

AP orientou-me a refutar qualquer lembrança das Casas Astrais, como forma de impedir um choque energético em meus chakras ou *estigmas*.

Segui andando escutando-o falar:

– Aqui não permitimos encontros entre os líderes religiosos. É importante que cada um fortaleça sua crença nos símbolos de sua fé para que estejam mais inteiros em seus momentos de devoção. Aceitando a forma de fé de outras pessoas, não teremos orgulho de nossos santos e deuses, colocando-os do mesmo tamanho que os outros.

Achei estranho o que ele dizia, não seria mais lógico escolher apenas um?

– Ter apenas um templo era nosso objetivo, mas é difícil convencer a todos. Então que seja assim. Cada qual em seu templo, lutando para prevalecer sua forma de fé. O pastor mais convincente ampliará seu rebanho.

Percebi um tom de irritabilidade em sua voz, como se colocasse pouca importância no que dizia.

Todos os templos estavam com as portas fechadas. Quis visitá-los, mas não pude.

AP andava junto de mim, calado. Não havia espaço para pedir-lhe nada, no entanto, por ouvir vozes, soube que todos os templos estavam ocupados. Ao fim, chegamos a uma sala. Pude entrar e sentamos em duas poltronas. Não sei por que, lembrei-me dos tronos do século XV. Havia muitos adornos nessa sala, principalmente imagens. Ele informou que esse era seu principal trabalho; confeccionar imagens e inspirá-las para os paranormais na parte material do planeta:

– Todos no plano material precisam de um modelo de virtude para seguir. Injetam um modelo em seu comportamento e quando não conseguem, projetam nas imagens sua incapacidade em busca de castigos, punições ou barganhas que os tornem mais sublimes.

Pensei com o coração: Como se consegue crescer desta forma? E escutei AP dizer que eu ainda tinha muita coisa para aprender.

Tentei questionar sobre as imagens por ele construídas – ou modelos de virtude, como ele preferia chamar. Então era ele quem decidia, por

muitos, a confecção destes modelos? E o modelo interno que Meu Amigo das Casas Astrais havia me ensinado? Pronto! Mais uma vez, alguns minutos de dores no estômago. Como resposta a minhas indagações, escutei-o dizer:

– Eu e meus discípulos confeccionamos cada imagem de acordo com o modelo que precisa ser seguido – e acrescentou:

– A única forma de mantermos a hierarquia que unifica o crescimento coletivo é através da ordem e da disciplina. Assim ensinou Jesus: “Todos são iguais diante de Deus”.

Minha confusão era enorme. Não havia compreendido seu ensinamento. Qual a intenção por trás dessa interpretação? De repente, a dor de estômago ampliou-se por todo o corpo. Meu cordão umbilical começou a vibrar muito forte. Perdi completamente a coordenação motora. Tive a impressão que ia desmaiar.

O rosto de Luiza emergiu em meus pensamentos e escutei a voz de AP como se estivesse muito longe. Ele falava com alguém que eu não conseguia identificar quem era.

– Ela precisa passar por um processo de limpeza energética. Está muito envolvida com os idealistas das Casas Astrais.

Escutar fez-me piorar. Deixei-me levar por uma tristeza profunda e aguda ao me deparar com uma interpretação tão obtusa dos ensinamentos de Jesus. Até hoje, não me lembro de como retornei para meu corpo físico. Acordei cheirando mal, com um suor pegajoso sobre toda minha pele. Estava com febre. Luiza acolheu-me e socorreu-me.

Neste momento recebemos a visita de HF que me recomendou utilizar mais uma vez seus artefatos. Querendo livrar-me do mal-estar, recorri a sua receita, que rapidamente restabeleceu-me as forças. Ao retornar para o quarto, encontrei-o à minha espera, sempre muito simpático – sedutor, é o adjetivo mais adequado – mostrou-se preocupado com meu estado e com minhas “arcaicas ideias sobre espiritualização”.

Discursou sem parar:

– As pessoas hoje se afastaram tanto do crescimento espiritual que houve a necessidade de desenvolvermos algumas manipulações que as façam retomar o amor pelo planeta Terra. Precisamos deste planeta para o crescimento, independência total do plano espiritual. Nós, da Casa das Soluções, almejamos a vida eterna em carne. Enquanto isso não é possível, incentivamos inúmeras encarnações com curtos intervalos, para que se

fortaleçam as energias materiais, objetivando a confecção de corpos cada vez menos perecíveis. Os Escolhidos viverão em carne eternamente e, para servi-los, utilizaremos almas que, impossibilitadas de alcançarem tal estado, sobreviverão pelas sucessivas encarnações.

Despediu-se, pedindo que refletisse nos lucros e ganhos oriundos desta filosofia. Não haveria mais mortes, despedidas e coisas do gênero. Sozinha, busquei meus antigos relatórios das vivências nas Casas Astrais. Percebi claramente as diferenças básicas das filosofias. Mas não seria bom assim? As pessoas sofrem tanto em seu processo evolutivo, queixam-se e fazem sofrer tantas outras em seus momentos de aprendizado difícil. Há aí uma escolha: pagar o preço para uma sequência de aprendizados intrínsecos à eternidade ou estagnar-se no planeta Terra.

Ainda antes de dormir, recebi outra visita de HF, informando-me que nesta noite conheceria o serviço prestado pela Casa das Soluções às pessoas em desencarne. HF se foi e Luiza entrou no quarto para dar-me boa-noite. Pedi que rezasse por mim e a informei que assim que dormisse desmembraria e encontraria HF, dando seguimento a meu novo trabalho.

## II. A “Solução” para os Recém-Desencarnados

**A**o desmembrar, encontrei-o a meu lado. Seguimos no veículo da noite anterior.

Desembarcamos num bairro da esfera material e pude ver, estacionado na porta de uma casa, um veículo parecido com o que utilizávamos.

Entramos pela porta e notei o luxo da casa. Homens e mulheres muito bem vestidos discutiam nervosos, sobre ações, fazendas e atitudes a serem tomadas. Segui HF para o andar superior. Ele não deu nenhuma importância às pessoas que encontramos. Num dos quartos, deitado numa cama, estava um homem acompanhado por médicos e enfermeiras.

Olhei para seus pés, certificando-me estar próximo o desencarne. Relembrei algumas lições: quando estamos para desencarnar, liberamos energia vital pelos pés e joelhos. Ao lado do moribundo, encontrava-se um rapaz desencarnado que se dirigiu a HF:

– Não vai demorar. Eles estiveram aqui, mas não houve sintonia. Tudo corre na mais perfeita ordem. Incentivamos as discussões entre os parentes, o que dificultou a permanência deles.

Intuitivamente, compreendi que falavam de meus amigos das Casas Astrais. Há meses atrás, estive com eles acompanhando pessoas no processo de desencarne e tivemos que nos retirar porque o ambiente era muito denso, o que impossibilitava a presença do éter sutil. O que fazer? Pensei. “Observar e registrar” – Meu Amigo falando em meu coração.

Minutos depois, ouvimos um longo suspiro e a voz de um dos acompanhantes do moribundo:

– Pronto, acabou o suplício.

Fixei o olhar no doente e o vi levantar-se da cama, deixando seu invólucro carnal. O tal rapaz dirigiu-se a ele e conduziu-o pela mão, para fora do quarto, levando-o ao andar inferior.

Neste momento, vi o canal transportador das Casas Astrais. Meu primeiro movimento foi chamá-lo e informá-lo sobre o canal, mas senti

algo me impedindo. Queria andar, alertá-lo e meu corpo estava completamente paralisado.

HF olhou-me aborrecido, ordenando-me desistir desta intenção. Conheci mais uma vez o sentimento de humilhação e impotência, aprendizados inerentes a quem respeita e acata a vontade do outro. Retomei minha função e segui HF em silêncio.

Ao chegar ao andar de baixo, o horror e a vergonha tomaram conta de mim. Sofri com o recém-desencarnado ao vê-lo escutar seus parentes:

– São muitos os bens deixados por ele, é preciso que fique na liderança alguém que saiba cuidar dos negócios.

Outro retrucava:

– Precisamos ser práticos. Quanto mais rápido dermos entrada no inventário, melhor. Não pensem que por eu ser mulher, deixarei que vocês me enganem. Meu advogado já está avisado.

Voltei a olhar para o desencarnado que estava lívido. Sem forças para interferir, escutei a explicação de HF:

– Esta é a melhor forma de fortalecer um desencarnado, no sentido de incentivá-lo a reencarnar o mais rapidamente possível.

Eu já estava tão assustada, que não havia espaço para o peso desta colocação, e HF percebendo minha reação, demonstrou certa decepção.

A situação era no mínimo mórbida. O homem chorava desesperado sem nenhuma palavra de conforto, nenhum alento. Nada que viesse enfraquecer seu propósito de reencarnar rapidamente. Assim ficamos presenciando o trabalho de “fortalecimento” oferecido pela Casa das Soluções.

Extremamente cansada e dolorida, ansiava em retornar para meu corpo material. Pela manhã, não senti nenhum prazer em relatar à Luiza, como era de costume, as vivências do desmembramento.

Tomei banho, buscando limpar de meu corpo o cheiro horrível, que emanava de minha pele, e de minha mente, as lembranças. Eu estava triste e, hoje sei, um pouco revoltada também.

Discutindo com Luiza, ela me fez pensar nos tipos de construções que o recém-desencarnado que conheci deveria ter agregado ao longo de sua encarnação. Como não foi suficiente para restabelecer-me, trouxe-me antigos relatórios, onde acompanhei o desencarne de pessoas que aceitaram o acompanhamento de meus amigos das Casas Astrais.

Para minha surpresa, no final da tarde, HF veio visitar-me. Como havia percebido sua decepção, pensei e almejei não vê-lo jamais. Pareceu-me refeito e sorria sedutoramente como sempre, parabenizando-me por meu comportamento.

Quanto mais ele enaltecia minha covardia (na época, eu li minha indignação como covardia), mais vergonha e humilhação eu sentia.

– Eurico está muito bem. Hoje à noite, você vai vê-lo e concluirá ter sofrido à toa. Seus antigos amigos não lhe ensinaram que o sofrimento faz parte?

Devolvi com rebeldia sua ironia:

– Meus amigos me ensinaram que a dor só é importante quando necessária.

Olhou-me profundamente nos olhos, informando que nos veríamos à noite.

Eu queria abraçar, beijar, amar e ser amada, como forma de me limpar daquela dor e resolvi abandonar a receita de HF. Passei o dia com mal-estar físico e digestivo, mas uma força interna impelia-me a continuar acompanhando-o.

Ao desmembrar, encontrei-o à minha espera. Lembrei-me de Meu Amigo espiritual, esperando-me no salão-recepção, incentivando-me a lidar sozinha com o canal transportador (veículo utilizado para chegarmos ao salão-recepção das Casas Astrais). Também me lembrei das vezes em que me aborreci, quando sofria com a experiência de ter que decidir sozinha, e, ao ver HF tão disponível e solícito, compreendi a importância do amadurecimento.

Como não poderia deixar de ser, lembrei-me de Eurico sofrendo e concluí que amadurecer traz uma dor suportável e a dependência traz uma dor desesperadora.

Sabia que HF captava minhas reflexões, mas ele estava muito confiante, acreditando em sua capacidade de sedução. O que ele não sabia é que eu já havia aprendido a amar livre-arbítrio e meus amigos das Casas Astrais. Acredito, inclusive, que HF e seus companheiros não acreditam na existência desta qualidade de amor.

Partimos no veículo dourado até a Casa das Soluções. Desta vez, desembarcamos em outro corredor que emitia energias vermelhas, que aprendi, com ele, serem necessárias para incentivar a fome de justiça; em meu código de compreensão, sede de vingança.

Seguimos pelo corredor e entramos num quarto. Encontrei Eurico extremamente abatido, vestido com um desses roupões da esfera material. Estava sentado diante de uma tela onde assistia seu enterro, ouvindo as conversas absurdas e as preocupações de seus parentes. O pobre homem estava possesso. O rapaz da noite anterior ainda permanecia a seu lado.

Deixei-me ficar ali, ouvindo HF dizer que o que víamos era apenas uma gravação. Aqueles acontecimentos eram do período da manhã. Sem poder mais ver-se morto, Eurico queria retornar à esfera material imediatamente. Ouvi o rapaz dizer que já haviam preparado tudo. Eurico escutava atento.

– Há três formas de você retornar. Precisamos optar pela mais afinada com suas disposições.

A primeira possibilidade seria Eurico reencarnar como filho da empregada de sua casa, com o objetivo de mostrar a seus parentes que, mesmo destituído de sobrenome importante e laços consanguíneos, conseguiria retornar para si os bens que lhe pertenciam por direito. Para isso, contaria com toda a ajuda da Casa das Soluções, que já havia providenciado a encarnação de uma moça, nascida da filha de Eurico, pois esta se preparava para conceber uma menina, com o objetivo de, ao crescer, casarem-se, auxiliando, assim, na retomada do poder.

Outra forma seria encarnar como neto de seu sócio. Embora esse não fosse tão poderoso, ele, Eurico, na condição de neto, se incumbiria de retomar as ações subtraídas ilicitamente por ele próprio na encarnação anterior.

A terceira opção consistia em aceitar encarnar como mulher, através, novamente, de sua filha grávida. Para isto, Eurico necessitaria camuflar o ódio, para poder ser aceito pelo inconsciente da filha.

Eu não sabia o que dizer, nem o que pensar. Eurico estava totalmente hipnotizado pelas soluções da Casa das Soluções.

– Essa terceira opção facilitará tudo, depois de encarnado, porém, antes, você terá muito que aprender.

E terminou dizendo que ele dava trinta dias para tomar uma decisão.

Saíram todos da sala, deixando-me a só com ele. Ao passar por mim, HF olhou-me desafiadoramente. Entendi e aceitei. Olhei Eurico, segurei suas mãos e falei-lhe sobre as Casas Astrais: do hospital, da Casa de descanso, dos encontros de mesa aberta (trabalhos de assistência das Casas Astrais para os recém-desencarnados).

Ele me ouvia como que a uma miragem. Não consegui que se interessasse. Voltou a seus pensamentos, desconectando-se totalmente de minha presença.

Compreendi com mais profundidade o que quis HF a princípio, iludindo-me com a colocação que o desafio estava em minha coragem de expor a Eurico a existência das Casas Astrais. Agora, sabia que o desafio estava em confrontar que, para algumas pessoas, meus amigos não passavam de uma miragem.

Fortaleci-me e consegui que ele não alcançasse seu objetivo. Embora Eurico não se interessasse, haveria outros que o fariam.

Quando HF retornou, encontrou-me tranquilamente a sua espera.

– Entre nós, travar-se-á uma luta interessante.

Respondi:

– Lutar com você é entender-me capaz de vencê-lo, o que torna nossa luta nada interessante. É entendê-lo menor e isto é falso, para nós dois.

Desta vez, olhou-me sem nada expressar, do que concluí tê-lo mobilizado de alguma forma.

Voltei para casa em sua companhia. Olhei para meu corpo na cama e agradei a Deus por somente eu conhecer a forma de entrar nele. Protegida pela carne distanciava-me da dimensão de HF e seus seguidores.

Compreendi, naquele momento, uma lição que Meu Amigo havia me ensinado: “Utilizar o corpo material como forma de se proteger quando ainda não se tem uma estrada definida para seguir viagem”.

Acordei muito dividida. Parte de mim fortalecia-se para continuar acompanhando HF e registrar como atua o Plano Inverso. A outra parte intuía represálias que, realmente, começavam a acontecer.

Em alguns momentos, uma energia estranha envolvia a mim e à Luiza e discutíamos sem motivo algum. Subitamente trocávamos pareceres descabidos e irrealis. Ao refletir mais profundamente, percebíamos a perda de contato com nosso sentimento. Aí, então, retomávamos o contato, impressionadas por havermos nos envolvido por sentimentos tão antagônicos aos que realmente sentíamos. Foi necessária muita compreensão para ultrapassarmos esses limites.

HF deu-nos uma trégua, desaparecendo por uns dias, o que me facilitou perceber, nitidamente, a forte impressão de haver estado com meus amigos, nas Casas Astrais, embora não houvesse nenhuma lembrança clara.

Assim como volta a chuva, HF retornou numa manhã de sol. Eu estava passeando no parque Mangabeiras, em Belo Horizonte, olhando o verde e respirando o ar puro – apesar de sua presença. Olhei para as pessoas que desfrutavam a beleza do parque e pensei que, se elas o vissem o tomariam por um lindo homem, feliz com seu passeio no parque e, se eu tentasse desmistificá-lo, perderia meu tempo, pois as pessoas são muito encantadas com o belo, o plástico e o enfático.

– Está pronta para retomar seu trabalho?

– Se você está...

Marcamos um encontro para a noite e, antes de dormir, reconheci minhas limitações e preparei-me melhor para desmembrar. Orei sinceramente para meu Jesus e pedi que olhasse por mim em minha jornada.

Quando desmembrei tive a felicidade de ver, por lapsos de segundo, dentro do canal transportador, Meu Amigo sorrindo como quem sorri para um ente amado. Segundos depois HF entrou no quarto, olhou para cima e sorriu debochadamente como quem sorri para algo sem utilidade. Sem opção, segui-o, e fomos encontrar Eurico no mesmo quarto do último encontro.

Surpreendi-me ao revê-lo. Imbuído de uma falsa alegria, dispensou o tempo que lhe foi dado para pensar e decidiu-se pela primeira opção; julgava castigar melhor seus parentes retornando à esfera material como filho da empregada, satisfazendo-se em poder humilhá-los com a união de um membro da família a uma pessoa de nível social inferior.

Impressionei-me muito ao vê-lo distorcer a realidade para saciar sua sede de vingança. Era óbvio que, para Eurico, o nível social era um valor importante.

HF convidou-me para conhecer outro departamento da Casa das Soluções.

– Aqui temos uma creche.

Atravessamos um enorme salão e entramos num prédio muito parecido com as escolas da esfera material. Entrei numa sala e encontrei crianças uniformizadas, sentadas em carteiras, escutando a explanação de um professor. Ele lhes ensinava técnicas, cujo objetivo era o esforço para regredirem de tamanho até atingirem a condição de bebê, para encarnarem.

Olhei a sala e achei-a úmida e sombria. Embora olhasse para crianças, tive a nítida sensação de ver adultos enraivecidos, camuflados em corpos

infantis, tão diferentes das crianças de Otília, assistente da creche das Casas Astrais.

Esta experiência me chocou e entristeceu.

“Deixai vir a mim as criancinhas. A elas pertence o reino dos céus.”

Interiorizei e imaginei a cena que antecedeu a estas palavras de Jesus e vi pessoas impedindo as criancinhas de chegarem até ele. Voltei à sala e confrontei como ficavam as crianças sem Jesus; corpos tristes, camuflados pelos sentimentos mesquinhos dos adultos.

HF olhou-me, buscando decifrar meus pensamentos. Eu me sabia completamente lívida. O professor apresentou-me às crianças como uma poderosa paranormal.

– Como estão vendo, mesmo em carne, continuarão a manter contato conosco. Esta moça encontra-se em desmembramento, observem seu cordão umbilical.

Uma das crianças, um garoto, externou o desejo de tocar em meu cordão e HF consentiu. Sem ter forças para impedir, a impressão que tive foi que ele tocava todo meu corpo. Terminada a inspeção, dirigi-me à porta de saída. HF seguiu-me em silêncio, ignorando meu mal-estar.

Não consegui fazer com que meu sentimento e meu pensamento se encontrassem, possibilitando-me compreender com mais profundidade minhas sensações.

Segui-o a outra sala que ele chamava de “berçário”. Quando meus olhos desnudaram o ambiente, as imagens que presenciei levaram-me além do susto; corpos estranhos; pernas de crianças e tronco de adulto perfaziam um só corpo. Olhando adiante, troncos infantis, com membros e cabeça de adulto, jaziam amparados numa espécie de cama.

Estes corpos lembravam-me um quebra-cabeça mal montado. Olhei para minhas pernas, buscando aplacar o tremor. Minha mão e minha garganta encontraram-se, buscando o apoio mútuo.

Havia me esquecido de HF e sua voz o trouxe de volta a minha percepção.

– Quando não se está firme nos propósitos, os acidentes são inevitáveis.

O que eu estava ouvindo? Então ele chamava tudo àquilo de acidente?

– E como se repara um acidente assim?

– Esperamos que reajam sozinhos. Muitos se aproveitam dessa situação para encarnar, levando essas malformações para o corpo físico,

com a intenção de inserir culpa em alguém, cobrando uma dívida antiga. Outros são resgatados por seus amigos das Casas Astrais.

Surpresa e aliviada pela última colocação, perguntei a HF como se dava essa comunicação e ele discursou:

– Os mais fracos, por não suportarem a dor, se conectam ao seu fracasso e acabam por sintonizar telepaticamente os trabalhadores do hospital da primeira Casa Astral, que vêm buscar o pedinte. Quando não há outra forma, nós os entregamos sem resistência. Quando desistimos de suportar a dor, sincronicamente, deixamos de viver alguns aspectos da vida, entregando-nos à inércia. Um caso sem solução para a Casa das Soluções.

Em seguida, passou por mim, convidando-me a acompanhá-lo. Deixei-me ir e o que vi, adiante, era ainda mais terrível; corpos totalmente disformes. A cada passo, pesava-me o corpo. Precisava voltar.

Externei minha intenção, e mais uma vez fui ignorada. HF argumentou que eu precisava aprender a ultrapassar meus limites, pois ainda tinha muito que ver.

No final da sala, mostrou-me uma tela. Acionou um pequeno aparelho e, através das imagens, passei a entender o que havia acontecido àquelas pessoas.

Ao tentar impor uma regressão instantânea, com o objetivo de retornar rapidamente à esfera material, sem as forças internas que viabilizam este processo, as técnicas falhavam e o desfecho era esse.

Terminada a exposição, trouxe o nome de Luiza para o diálogo, sugerindo que eu pedisse a ela explicações sobre os desequilíbrios emocionais que culminavam em sonhos ou sensação de corpos despedaçados.

– Tem pessoas que são trazidas para a Casa das Soluções através de desmembramento, com a finalidade de conhecer a creche, e ao retornar para o corpo material levam lembranças em forma de sonhos. Para algumas a experiência é tão forte, que registram, imprimem em seu corpo, a sensação de esquartejamento.

Mais uma vez, discursou sem parar, falando sobre essas lembranças, oriundas dos desmembramentos, de pessoas que apresentavam esses sintomas e, espantada, escutei ser uma prática comum conduzi-las ao berçário, com o objetivo de induzir o desequilíbrio, a depender dos interesses da Casa das Soluções. Paralelamente às colocações de HF, rememorei casos de pessoas que se expuseram a terapias para regressão às

vidas passadas e que saíram se sentido mal, por ainda não estarem amadurecidas o suficiente para tamanha experiência. É claro que também me recordei de pessoas que passaram pelo mesmo processo e compreenderam-se melhor.

Naquele momento, eu não tinha mais limites a ultrapassar. Percebi claramente que se não voltasse à esfera material, deitaria num leito e me despedaçaria.

HF, o magnânimo, em silêncio conduziu-me a meu quarto. Precisei de muitas horas de sono para conseguir acordar e muito tempo depois soube que, naquela noite, Meu Amigo espiritual havia me levado para as margens do rio da segunda Casa Astral, para ajudar a me recompor. Com tudo isso, eu acordei muito mal. Precisava escrever os tais relatórios, mas...

Luiza olhava-me como quem olha para uma pequena ave em cativo. Questionava-me se valeria à pena tanto esforço. O que de concreto seria aproveitado com minhas novas experiências?

Eu precisava fazer minha parte e fortalecia-me por estar conseguindo. O resultado, no momento oportuno, entregaria a quem de direto como estou fazendo agora ao escrever este livro, para anunciar, para chamar a atenção de todas as pessoas sobre a existência deste tipo de coisa. Espero que sirva como material para reflexão e aprofundamento para todos que se intitulam estudantes da alma.

Precisei de alguns dias para caminhar em silêncio, tomar banhos de cachoeira e ler poesia antes de poder retornar à Casa das Soluções. Naturalmente, este tempo foi determinado por HF que continuava argumentando sobre minha necessidade de ultrapassar limites.

Com o tempo, concluí que essa era uma técnica de transformar, rapidamente, almas infantis em almas doloridas.

Minha alma... preciso falar um pouco sobre ela. Até bem pouco tempo, ao tocá-la, sentia-a viva e feliz. Para onde teria ido essa felicidade? Ouvi de Luiza que a felicidade se transforma em muitas coisas e intuí que a minha, havia se transformado em um bálsamo para massagear meus espaços internos, danificados pelos últimos acontecimentos.

Como dizia, HF voltou um tanto impressionado com meu estado geral.

– O que você não consegue entender é o livre-arbítrio, tão valorizado por seus amigos das Casas Astrais.

Ele queria me fazer acreditar ser opção das pessoas se dirigirem espontaneamente para a Casa das Soluções. No entanto, eu havia

presenciado a passagem de Eurico e testemunhado a ação dos companheiros de HF, impedindo-o de estar com meus amigos, e, depois, de visualizar o canal transportador.

Conseguí discutir com ele esse assunto. Respondia-me com movimentos de ombros, que sugeriam minha ignorância e resolveu conduzir-me a outra casa da esfera material, onde uma senhora de nome Verbênia estava desencarnando.

Logo ao descer do veículo dourado, na porta da casa, percebi a confusão que se passava em seu interior. Carros estacionados indicavam a presença de muitas pessoas.

Entreí numa sala e surpreendi-me com a presença de alguns de meus amigos queridos das Casas Astrais.

Não consegui me conter e deixei minhas emoções me conduzirem. Elas me levaram aos braços de Amélia e, amparada por ela, assisti à cena que se segue: sentados em torno de uma mesa ornamentada com flores e perfume, algumas pessoas oravam, pedindo auxílio, à luz, para Verbênia.

Em um quarto, a alguns metros da sala, ouvi gritos. Amélia conduziu-me até lá. Procurei HF e notei que ele não havia entrado na casa. Atravessamos a porta e lá estava a doente.

A sua volta, uma filha e uma neta desdobravam-se em carinhos, buscando amenizar as dificuldades do momento.

Não demorou e Verbênia já estava desencarnada, deixando seus parentes em prantos. Andou até a sala e foi cercada pelos companheiros de Amélia que tentaram em vão acalmá-la e fazê-la escutar as preces a ela dirigidas. Gritava por alguém de nome Nilo; queria vê-lo. Sua atitude demonstrava querer encontrá-lo para brigar ou cobrar algo, que não ficou muito claro. De repente, Nilo entrou na sala e os dois saíram discutindo, apesar das tentativas de Amélia e seus companheiros de inspirá-los a seguir com eles para as Casas Astrais.

– Vá Halu, continue seu trabalho. De alguma forma, sempre estaremos com você, disse Amélia e despediu-se.

Que ironia, pensei. Queria ir com Amélia, mas minha função era outra.

Segui o casal que, distraidamente, entrou no veículo dourado e fomos todos transportados para a Casa das Soluções. Eles não questionaram para onde estavam sendo levados, nem sequer percebiam que estavam sendo conduzidos. Simplesmente iam lado a lado, trocando impressões grosseiras.

De certa maneira, meu comportamento era o mesmo, seguia-os apenas.

Sem demora, fomos todos conduzidos à sala de projeção e Verbênia se viu diante da tela. Ao ver seu corpo material, assustou-se e passou a prestar atenção.

Suas contorções faciais eram indescritíveis. Olhei para Nilo que se divertia abertamente, antecipando para Verbênia os momentos seguintes e, por sua intimidade com os fatos, concluí que já havia passado pelo mesmo processo.

Esta experiência fez com que eu compreendesse a necessidade de assistência que nós, no Plano Material, temos para efetuarmos a passagem. É muito importante conhecermos a fundo o que realmente é nascer e morrer. Se aprendermos a morrer, naturalmente renascemos melhor. Bem nascidos, obteremos no decorrer da encarnação os bônus que facilitam o morrer.

– Mais uma vez sua compreensão dos fatos está errada, disse HF, arrancando-me de meus pensamentos. Continuou afirmando que nascer e morrer destinava-se às pessoas comuns e que, os Escolhidos, em curto prazo, seriam *imorredouros*.

Aproveitei para perguntar-lhe sobre os pré-requisitos para a seleção dos Escolhidos.

– Os Escolhidos são os que se entregam à vida em carne e aprendem a supervalorizar a materialidade.

– Os ateus? – perguntei?

– Não necessariamente. Mais especificamente os dependentes dos bens materiais, que se permitem ser modelados em seus objetos de desejo.

Fiquei pensando: o que HF viu em mim que o fez acreditar que concordaria com sua filosofia?

Na visita seguinte, fui levada por HF para conhecer minuciosamente os trabalhos de preparação para a reencarnação. Entramos em outra sala da creche. As crianças estavam sentadas, escutando as explicações de um orientador. A seguir, fomos para uma sala ao lado, onde na porta lia-se *Preparação Infantil*. Vi ali, muitas crianças assistidas por alguns adultos. Conversavam sobre maternidade e paternidade:

– Quando vocês estiverem diante de seus pais, sejam o motivo da vida deles. Deste modo, adquirirão as energias, amplamente necessárias, para enfrentarem suas conquistas.

As crianças escutavam como quem escuta uma informação muito importante e a registra sem nenhum aprofundamento ou questionamento.

Simplesmente balançavam a cabeça, dizendo sim.

– Insistam principalmente em presentes que estimulem seus pais a serem mais ambiciosos; neguem-se a crescer e mantenham-se infantis o máximo que puderem. Desta forma, a responsabilidade por suas vidas será deles. Isto fará com que vocês preservem suas próprias energias.

Uma forte tristeza tomou conta de mim. Não consegui mais ficar ali escutando HF explicar-me que os pais a todo instante estão propensos a doar-se para seus filhos e que, quanto mais energias forem armazenadas, mais “fortes” e ambiciosas cresceriam as crianças.

Como energia? O que ele estava querendo realmente dizer? Pedi que me explicasse melhor.

– Os filhos são excelentes ferramentas para canalizar os pensamentos dos pais em direção à materialização. Como negar o pedido de um filho? Este pedido leva os pais a fazerem qualquer coisa para satisfazê-lo, desde a exaustão de tanto trabalhar, a mecanismos de diferenciação da inteligência que transformam o homem comum em homem especial sobre os comuns; os Escolhidos, nossos líderes.

Todas as imagens diante de mim começaram a rodar. Esforcei-me para continuar a conversa, mas não consegui. Em meu íntimo traduzi o que HF queria dizer por trás de seu discurso empolado: “Substitui-se a relação do amor, que satisfaz internamente, pela relação efêmera de troca”.

Isso quer dizer que os pais ocupam-se em satisfazer materialmente seus filhos, que, por sua vez, preenchem o espaço dedicado ao amor com aquisições materiais. Com o passar dos anos, todos os valores do planeta Terra terão um preço fixado pelo mercado do Plano Inverso.

– E as relações pessoais?

– Bobagem. Sem relações pessoais.

O desespero tomou conta de mim. Comecei a correr, não lembro direito, mas acordei no corpo material, assustada e indignada. Suava bastante e com um gosto horrível na boca. Vomitei e pensei que ia morrer. Luiza olhava-me; apesar de não ter conhecimento dos últimos acontecimentos, intuía ao ver meu estado, tão diverso daquele do tempo em que eu visitava as Casas Astrais.

### III. A Sedução

**E**u precisava arejar. Luiza convidou-me para passear. Na rua, percebi as diferenças que se operavam em meu interior. Olhei as pessoas, ávidas, olhando as lojas, como se o motivo de sua felicidade estivesse preso às vitrines. Prestei atenção aos comportamentos. Algumas, com as mãos nos bolsos, o olhar quase fora de órbita, perguntavam o preço das mercadorias; quando o preço coincidia com o peso do bolso, a compra se concluía. Poucos davam a impressão de saber realmente o que estavam necessitando. A maioria espelhava nitidamente a compulsão.

Num determinado momento, vi HF. Não acreditei. Ali na rua? Com muita desenvoltura aproximou-se de mim e disse:

– Quanto mais se tem, mais se vale. Você concorda? Abandone esse sonho impossível de seus outros amigos. As pessoas não querem e nunca quiseram desenvolver o amor, a justiça, o potencial e a compreensão, valores básicos para o crescimento espiritual, através das Casas Astrais. O interesse está no conforto material e nas tarefas fáceis. Esta é a busca básica do mundo.

Segurei firmemente o braço de Luiza e perguntei:

– Luiza, você gosta de mim?

– Que pergunta é essa, Halu? Claro que gosto.

– Você acha o amor importante?

– É óbvio que acho. Você está pálida, algum problema?

– HF está aqui.

Ela olhou-me, estranhando a colocação, e perguntou se eu tinha certeza.

HF esclareceu:

– Sinto-me muito bem com a energia que as pessoas liberam quando estão fazendo compras. É tão bom assisti-las trocar o suor do esforço do trabalho por roupas e ornamentos; ficarão mais bonitas! Você deveria aproveitar e comprar alguma coisa também.

– Não tenho dinheiro agora – respondi.

– E daí? Pague depois. Vamos lá, Halu.

Eu não acreditava no que acontecia. Resolvemos voltar para casa e chegando lá encontrei uma pessoa esperando-me.

– Soube que você dá consultas e vim aqui para que me ajude a vender minha casa. Está difícil vender; ajude-me e eu lhe pagarei uma comissão.

A moça falava sem parar, com uma naturalidade espantosa. Perguntei quem havia indicado meu trabalho.

– Você fez uma palestra em meu bairro. Consegui o endereço com uma amiga que lhe conhece e vim até aqui porque meu caso é urgente.

Fiquei totalmente desconcertada. Vender casa? De onde essa moça tirou essa ideia? Expliquei-lhe que não sabia como ajudá-la, a não ser convidando-a a aprofundar em alguns aspectos de seu comportamento.

– Como? O que vou ganhar com isso?

– Primeiro, vamos ver, porque pensou em recorrer às forças espirituais para vender sua casa. Essas forças são utilizadas para o crescimento espiritual e o que se ganha é saúde física e emocional para realizar tarefas.

– E minha casa? Preciso vendê-la com urgência! Dou-lhe uma porcentagem. O que acha de 2%?

– A senhora já me ofereceu, obrigada. Pense no que lhe falei e se interessar, volte a procurar-me.

Saí da sala e subi as escadas, em direção a meu quarto. Lá encontrei HF à minha espera.

– Você não está sem dinheiro? Apareceu uma oportunidade de serviço e a dispensou! Posso transmitir-lhe algumas receitas de magia que facilitarão a venda da casa. Prestaria um bom serviço. A moça está desesperada por dinheiro.

No primeiro momento pensei em gritar, mandando-o embora. Depois refleti e vi que era exatamente isto que queria: ver-me irritada, mobilizada por baixas energias de raiva; desta maneira, estaria no mesmo nível que ele. Olhei-o, tentando acalmar-me e desconversei.

– Hoje, ao desmembrar, vou encontrá-lo?

Sorriu, percebendo minha intenção, e simplesmente respondeu:

– Você foi muito bem treinada pelo pessoal das Casas Astrais, porém, tenho tempo Halu, e não vou abandoná-la. Não vou entregá-la aos idealistas, aos sonhadores sem luta. Logo compreenderá como é difícil seguir as lições e intenções das Casas Astrais.

– Tudo o que é fácil pertence a ninguém. Quero algo eterno para mim.

HF sorriu abertamente e se foi.

Voltei a pensar na moça que queria vender a casa; sei que muitas pessoas aqui no planeta Terra buscam a ajuda dos espíritos para adquirir bens materiais. Não percebem que com este procedimento mantêm os espíritos aqui na esfera material, transformando-os em obsessores. Na sequência, exigirão pagamentos difíceis de serem cumpridos e aí começa o segundo estágio a decadência, que nos encarnados se expressará por doenças, alcoolismo, drogas, brigas por heranças e consequências afins, e, nos espíritos, a ansiedade obsessiva de viver no mundo material através de seus consulentes. Muitas vezes, as pessoas não percebem que estão selando pactos com esses obsessores. *Atenção!* Alertem-se, para espíritos deste nível; oferecem seus serviços e querem muito além de uma porcentagem. Quem está desencarnado, não precisa de bens materiais. O que lhes interessa, é a energia liberada por situações densas, tais como brigas e desentendimentos; enfim, o preço é muito alto!

Luiza entrou no quarto dizendo que a moça saíra bastante aborrecida por não ter resolvido sua questão.

– Halu, em vão tentei explicar-lhe seu trabalho. Parecia não me escutar.

– As pessoas, quando estão desesperadas por dinheiro, são alvos fáceis para o Plano Inverso. Ele as quer depositando toda sua felicidade nas conquistas materiais, como forma de produzirem corpos ainda mais materializados.

– Halu, sendo assim, por que HF não encarna?

Boa pergunta!

À noite, quando desmembrei e o encontrei, fiz a pergunta de Luiza e ele respondeu:

– Desencarnado, eu posso desfrutar das energias de muitos corpos materiais. Para que eu quero um único corpo agora? Incentivo as pessoas através dos desejos e quando elas os satisfazem, estão satisfazendo os meus também.

– Que pessoas? – perguntei.

– Qualquer uma que facilmente seduza-se pelo materialismo. Agora vamos, Halu, hoje visitaremos o Centro de Estudos Especiais.

Mais uma vez fomos conduzidos pelo veículo dourado. Chegamos a um salão enorme, repleto de prateleiras de livros, semelhante às bibliotecas do Plano Material. Algumas pessoas estavam ali sentadas, lendo. HF conduziu-me a uma das prateleiras.

– Aqui você encontra registros de conhecimentos milenares de magia. Estude e aprenderá a resolver problemas “impossíveis” na esfera material.

– Aqui tem algum livro que ensine a amar?

Ele sorriu debochadamente.

– Quem lhe disse que não amo? Amo tanto que quero facilitar sua vida.

Silenciei e observei os títulos: *Como dominar o outro; Como fazer prevalecer sua vontade; Como ser um bom convencedor*. No interior dos livros, receitas de como utilizar, em benefício próprio, as palavras e a crença das pessoas.

Olhei a meu redor. Os estudantes se dividiam em dois grupos: encarnados e desencarnados.

– Os encarnados vêm aqui em busca de soluções para seus problemas ou para tornarem-se diferenciados no Plano Material por seus conhecimentos. Os desencarnados registram em seus chakras o conteúdo destas informações para utilizarem quando encarnarem. É uma forma de matar o tempo enquanto não se conclui a gravidez.

– Já vi o suficiente por hoje; posso voltar para a esfera material?

– Voltaremos juntos. Quero lhe mostrar alguns de nossos feitos.

Chegamos numa rua do planeta Terra e entramos numa casa bem suntuosa.

– Esta casa pertence a um homem que nasceu na favela. Veja como se desenvolveu. Nós o auxiliamos, incentivando-o a ampliar sua condição de desejar. Hoje ele é um homem rico.

Escutei a voz de O., um amigo das Casas Astrais, dentro de meu coração: “Halu, pergunte a ele pelos pais do dono da casa.” Fiz como O. recomendou:

– O que quer com esta pergunta? – Olhou-me desconfiado, mas respondeu:

– Continuam na favela. Não combinam com o novo momento de vida do filho. Assim dá-se o processo de transformação. Logo mais, o filho terá filhos e não deverão saber sobre sua verdadeira origem, até que a soberania esteja estabelecida. Se os pais o acompanhassem, seria difícil implantar novos valores. Entenda Halu, esta conquista só terá real valor se for para alguns. Como se pode dar o melhor para todos? Desta forma o melhor passaria a ser comum.

– E por que não se pode popularizar o melhor? Só se é grande enquanto não se doou.

– Vamos. Vamos ver outro caso!

O veículo dourado levou-nos a uma casa com um pequeno jardim. HF entrou e indicou-me um homem andando pela sala, pensando alto. “O que fiz de errado? Como pude cair assim? Eu preciso de uma nova chance!”

Nesta altura, ouvimos um barulho de carro. HF informou-me que chegava a filha. A moça entrou e dirigiu-se ao pai:

– Ainda acordado, meu velho?

– Estou aqui pensando nas besteiras que lhe permiti fazer e aonde elas nos conduziram.

– Era o melhor a fazer, meu pai. Você não está mais em paz com a sua consciência? Não dizia que tudo o que fez foi por minha causa? Eu estou mais feliz agora! Não nos falta nada. Temos uma casa confortável, um bom automóvel. E quanto a meu novo trabalho, adorei descobrir que gosto de ensinar. Estou me sentindo mais útil.

– Dar aulas numa faculdade? Isso dará algum futuro?

A discussão continuou e HF convidou-me para o jardim.

– Você está vendo? Desarmonia e brigas porque a filha dele resolveu tomar decisões na empresa, que os levaram à falência.

– Que decisões?

– Não interessa! Percebeu o estado dele?

HF retirou-se visivelmente irritado. Segui-o até o veículo dourado que nos conduziu a minha casa.

Passei alguns dias descansando da presença dele. Aproveitei para observar a ação das Casas Astrais e do Plano Inverso na vida das pessoas no Plano Material. Entregue aos meus pensamentos, recebi a visita de Meu Amigo.

– Calma! Também estou com saudades. Vamos primeiro fazer alguns exercícios para liberar resíduos energéticos densos que estão cristalizando em seus chakras. A partir de hoje, faça-os todos os dias ao acordar.

Foi tão bom ouvir sua voz e seus conselhos! Naquele momento, sentia estar prestes a entrar numa grave depressão. Vendo Meu Amigo e fazendo os exercícios, recompus-me.

– HF não vai voltar?

– Sim. Está se refazendo de você também. Parabéns. Conseguiu fazê-lo refletir.

Meu Amigo informou-me que passaríamos uma hora juntos. Tinha muitas dúvidas e selecionei um tema para conversarmos.

– Às vezes, uma inspiração ou ideia que nos toma a consciência é um “sopro” do mundo espiritual. Nesse contato com o Plano Inverso, descobri que as tais inspirações podem ser induzidas por eles. Como diferenciar, quando o contato vem das Casas Astrais?

– Você colocou muito bem. As Casas Astrais inspiram as pessoas encarnadas em seu dia-a-dia, através de seu mentor espiritual particular por elas próprias escolhido no período pré-encarnatório. Isso acontece através do desmembramento, quando se encontram. O Plano Inverso induz atitudes nas pessoas de acordo com seus interesses. O encarnado é apenas uma ferramenta de seus propósitos. Incentivam o não crescimento espiritual para que a alma não floresça e a energia instintiva primária atinja um estado de burilamento, permitindo a vida eterna no corpo material do planeta Terra. O desejo é a forma de atingirem seus objetivos.

Meu Amigo convidava-me agora a reflexões mais profundas. Por elas, entenderia os principais objetivos da Casa das Soluções e sua necessidade de interferir, modificando os interesses dos encarnados. Ela interfere em nossa intenção, mudando o objeto de nosso querer profundo por uma aquisição superficial e de mais fácil conquista, incentivando um circuito compulsivo para diminuir o vazio que fica toda vez que desistimos de um querer.

– As pessoas vão adequando-se aos interesses do Plano Inverso. E o que as Casas Astrais fazem para combatê-lo?

– Combater é outra forma de desenvolver a compulsão, tal qual a energia do desejo. Nós atuamos, inspirando a retomada da conexão com o sentimento, com a alma e com o mundo interno.

Olhei Meu Amigo, tão calmo, plácido, confiante, e perguntei-me se essas ações eram suficientes.

– Halu, é assim que o livre-arbítrio trabalha. É o melhor que temos a oferecer: a liberdade de escolha.

Senti que precisava meditar e buscar forças para desenvolver a integridade que vi em Meu Amigo. Captando meus pensamentos, sugeriu que passasse a executá-los e se foi.

Alguns dias depois, HF voltou deslumbrante e sedutor como sempre.

– Eu a subestimei, Halu. Obrigado por ter-me ensinado a respeitá-la. Se aceitar o chamado do Plano Inverso, entrará na organização com o

mesmo posto que o meu.

– E qual é seu posto?

– Recruto paranormais para nossa causa.

Ao ouvir a resposta de HF, quase sofri um enfarte. Uma dor aguda entre o peito e o estômago fez com que me sentasse no chão. Demorou a passar. Chamei Meu Amigo que rapidamente me socorreu, recomendando-me lavar e massagear o chakra do plexo solar. Havia sofrido um choque energético nessa região. A dor passou e dormi profundamente. Sonhei com uma passagem de minha infância. Os fatos, as pessoas, os sentimentos, enfim, tudo se repetiu no sonho. Para melhor compreensão vou contar o episódio correspondente:

Assim, entre lágrimas, suor e pés doloridos pela caminhada, fui apresentada ao seu João como um caso impossível. Ele tinha uma casa “preparada”, no interior da Bahia, para lidar com obsessores. Nessa época eu estava com 12 anos. Meus familiares não compreendiam minha paranormalidade e procuravam ajuda, objetivando fazer o “desaparecimento” dos espíritos que eu via e ouvia. Principalmente de Meu Amigo, por ser uma presença mais constante.

Minha mãe explicava e seu João ouvia calado. Até que interrompeu o discurso e pediu que eu o acompanhasse ao “quarto dos santos”. Senti tanto medo que não consegui correr e, para diluir as emoções, fechei os olhos. Quando os abri, deparei-me com estátuas de pessoas deformadas, de homens nus, com pênis descomunais. No canto do “quarto dos santos” também havia um espírito sentado no chão, totalmente diferente de Meu Amigo. Sua voz era ameaçadora e sua postura desconcertante.

– O que veio fazer aqui? Estou com fome, quero comer, quero beber, fale para este otário que eu existo de verdade. O obsessor ficou de pé. Corri, passei por minha mãe e só não fui mais longe porque seu João conseguiu alcançar-me a alguns metros da casa.

Contei o que vi e ouvi e ele disse-me ser, aquele torto, Meu Amigo.

– Com as forças dos santos, tirou a capa e você pôde vê-lo como é realmente.

Tentei argumentar, em vão. Encontramos minha mãe muito contente e aliviada por ter encontrado o auxílio adequado para a “justa” causa; naquela manhã, alegara ser Meu Amigo responsável por todos os desajustes de nosso lar.

Voltamos para a casa de uma prima, onde estávamos hospedadas, com uma lista imensa para um trabalho com data a ser definida.

À noite, antes de dormir, Meu Amigo visitou-me.

– Olhe para mim. Eu pareço com o que viu no quarto do santo?

– Mas seu João disse...

– E vai repetir muitas vezes. Daqui a alguns dias você vai passar por uma experiência muito forte. Não se esqueça de rezar. Quando esta fase de sua vida terminar compreenderá o que está acontecendo agora. Por enquanto, observe os acontecimentos com muita atenção.

Quando se foi deixou-me tranquila e confiante. Minha mãe retornou a Salvador por imposição de meu pai. Seus ciúmes não consentiam seu afastamento por muito tempo.

Nos dias que se seguiram, foram constantes as visitas à casa de minha prima; seus amigos e discípulos participariam de minha desobsessão, para ajudar e dar força. Na data marcada, veio seu João trazendo ervas, pratos de barro, charutos e comidas. Os pratos foram postos no chão da sala e as ervas misturadas à água para banho. Tentei rebelar-me. O cheiro das ervas era horrível e, a pulso, banharam-me. Vomitei muito depois do banho. De dentro de meu mal-estar escutei as explicações de João.

– Os eguns estão saindo de dentro dela.

Na segunda etapa do trabalho, fui levada à sala e a cena montada fez-me rir. Uma das discípulas de minha prima vestia uma saia comprida e muito rodada, na cabeça um chapéu de couro enorme e na boca um charuto aceso. Olhou para mim e ameaçou:

– Você está rindo? Eu sou boiadeiro do norte. Sou mais forte que a morte.

Pegou-me pelas mãos e sacudiu meu corpo inteiro. Aí a coisa ficou séria. Cambaleou, caiu no chão e, quando levantou, estava ainda mais estranha, com a voz rouca, e logo extravasou: quebrou os pratos de barro e avançou violentamente em direção a seu João gritando:

– Eu quero é comida! Tem muito tempo que você não faz nada por mim.

A confusão instalou-se. Corri para o quintal. Encontrei com Meu Amigo que me orientou a não retornar à sala e acrescentou:

– O Sr. João acredita estar retirando de você qualidades energéticas com um nível vibratório muito baixo. É um equívoco. No entanto, essas

qualidades energéticas estão instaladas na casa dele. Continue rezando. Muitos enganos ainda acontecerão.

Neste momento, minha prima veio buscar-me no quintal. Rebelei-me, não quis ir, mas estava sozinha nesse querer. Todos já haviam ido embora, com exceção de seu João. Percebi claramente seu nervosismo ao tentar explicar o que havia acontecido.

– A falange de espíritos que a acompanha é muito ruim. Precisamos refazer o trabalho em outro lugar; utilizando ervas mais poderosas.

Olhou para minha prima muito irritado e sentenciou:

– O caso é muito sério, professora.

Voltei para Salvador de carona. Por segurança, o carro e o motorista foram “preparados” pelas forças de seu João.

Neste trecho do sonho, acordei, já era noite e meu corpo estava doído pelas lembranças. Resolvi tomar um banho de água de laranjeira que sempre ajuda a me recompor quando estou indisposta.

Com mais condições de pensar, compreendi o que Meu Amigo quis dizer-me naquela época. Hoje, depois de passar pela experiência, soube como os paranormais, sem perceber, eu creio, deixam-se envolver pelo Plano Inverso por problemas de ego mal estruturado e falta de estudos e pesquisas, como seu João.

Resolvi, naquele momento, desenvolver forças para suportar o que fosse preciso e continuar acompanhando a atuação de HF para escrever e alertar as pessoas sobre sua forma de agir para seduzir.

Voltei a dormir um sono tranquilo e sonhei que estava com Meu Amigo, passeando pelas Casas Astrais. Depois, soube que realmente havia desmembrado e estado com ele.

Encontrei com Luiza à mesa do café e contei-lhe meu sonho com seu João.

– Sonho de limpeza e esclarecimento, Halu; esclareceu-lhe como os paranormais desavisados são seduzidos e, ao mesmo tempo você liberou uma energia aprisionada nessa época por não compreender com clareza o que estava acontecendo.

Retornei a meus relatórios e recebi a visita de HF:

– Você teria sofrido menos se Seu Amigo a houvesse abandonado naquela época.

– Era essa sua intenção?

– Devo confessar que essa é uma das formas pelas quais afastamos os mentores das pessoas no Plano Material. O mentorado cansa de sofrer e pede que o mentor o abandone. Você foi resistente e pagou um preço alto. Não por nossa culpa; a escolha foi sua.

– Não acredito em culpa; até hoje, tenho me responsabilizado por minhas escolhas.

– Lembra-se de Margareth?

– Claro! Você a conhece?

Encontrei Margareth na casa de seu João. Tínhamos a mesma idade e o mesmo tipo de paranormalidade.

HF sorriu e se foi sem explicar o motivo da pergunta.

Previ surpresas e acertei; ao desmembrar, encontrei-o junto a minha cama.

– Hoje, vamos fazer uma visita à casa de Margareth.

Entramos no veículo dourado. A noite estava fresca e, por um momento, pensei em ficar ali, contemplando-a, mas o momento era de ação. Chegamos a uma chácara. Um pomar bem cuidado, junto a uma casa grande, indicava luxo e conforto.

– Aguarde aqui, vou chamá-la.

Deixou-me na varanda da casa, meio confusa com a situação. Alguns minutos depois ele retornou com Margareth.

Há muito tempo não a via, mas era ela, com certeza; o mesmo rosto, a mesma cor de cabelos. Ela, apesar de sonolenta, também me reconheceu:

– Mércia, é você mesma?

HF respondeu por mim e pediu que Margareth mostrasse a casa. Ela conduziu-me:

Era uma casa muito bonita e bem mobiliada; não havia dúvidas de que Margareth estava, financeiramente, muito bem.

– E sem muito esforço – disse HF. – Diga a ela, Mag.

Mag, então, retomou nosso último encontro na casa de seu João. Disse que os fantasmas haviam sumido e não voltaram a importuná-la, e que, agora, sua mediunidade era outra; não tinha mais envolvimento com o mundo espiritual. Havia se desenvolvido tanto, que não mais precisava da espiritualidade. Todo o conhecimento vinha dela, de sua cabeça, da força de sua mente. Só aí, percebi que ela não tinha consciência do desmembramento. Para Mag, estávamos todos em nossos corpos materiais, inclusive HF. Meu Deus, que alienação!

Continuei ouvindo-a falar e seu discurso agora era sobre dinheiro. Falou sobre as viagens que fez e ainda faria; dos convites que recebia para trabalhar com sua mediunidade; dos ganhos e vantagens.

HF deu-se por vencido ao perceber, enfim, que nada do que eu ouvia interessava-me, a não ser observar a postura e o olhar totalmente alienado de Mag.

Quando ficamos sozinhos, perguntei-lhe sobre o que havia acontecido.

– Ela nos escolheu! É ouvida, respeitada e está muito bem financeiramente.

Compreendi onde HF queria chegar e também que a “porta” que eu abria para o Plano Inverso tentava seduzir-me com a força do dinheiro.

Naquele tempo, eu passava por uma difícil crise financeira e todos sabem que a falta de dinheiro dificulta muito a vida das pessoas no Plano Material. Luiza, sozinha, sustentava a casa e meus processos paranormais. Isto me angustiava. Não achava justo. Queria trabalhar, mas nessa época era impossível: passei por muitas aberturas de chakra no corpo material; bolhas enormes nas mãos, na testa e no peito. Ficava muito frágil, pois quando os chakras se abrem, aumenta muito a captação de energia. Quando essa energia é sutil, transforma-se em cura. Quando é densa, faz o corpo do paranormal adoecer, pois baixa a imunidade. Porém, dentro de casa é mais fácil selecionar a qualidade de energia.

HF sabia de minha angústia e era por aí que pensava seduzir-me. Voltou a falar sobre Mag:

– Quando ela nos escolheu, conduzimos seu desenvolvimento mediúnico de forma a acreditar ser tudo mental. Assim, é mais aceita na sociedade do Plano Material.

– Como vocês conseguiram fazê-la acreditar nisso?

– Lembra-se dos artefatos e exercícios que a ensinei para desmembrar? Ela os usa, apenas não conhece suas funções. Quando desmembra, mantém-se perto do corpo material em sonolência, até que eu ou alguém da Casa das Soluções venha buscá-la.

– Mas ninguém precisa de artefatos ou exercícios para desmembrar. Isso acontece naturalmente com todos.

– Sim, é claro, mas os artefatos e os exercícios mantêm as pessoas perto do corpo material, induzindo-as a não se locomoverem sozinhas.

Compreendi mais uma coisa: desta forma, as pessoas desmembradas não vão para as Casas Astrais.

Perverso! – eu pensei, quase gritei. Mas, para o mundo espiritual, pensar e gritar são a mesma coisa. HF sorriu e eu me lembrei, tardiamente, do ensinamento de Meu Amigo: “Combater é uma forma de desenvolver a compulsão, como interessa ao Plano Inverso”.

– Pensou em Seu Amigo mais uma vez! Ora, Halu, veja a Mag. Você acha que ela não está feliz? As pessoas escutam-na e sentem-se aliviadas com seus ensinamentos. Ela auxilia as a resolver seus problemas financeiros. Existem formas de dominar a energia e conduzi-la como queremos, com vantagens pra quem queremos.

Consegui não combatê-lo. Lembrei-me de Luiza acalmando-me:

– Halu, o que ganho dá para nossas despesas. É só uma fase, logo você retornará ao trabalho.

Certa serenidade visitou-me e fiquei ali, escutando HF falar, sem me envolver.

– Mag usou a fortuna que arrecadou exclusivamente em benefício próprio. Você pode até fazer diferente; sei lá, obras de caridade, crianças abandonadas...

HF não compreendia que o dinheiro era o que menos importava. Em minha opinião, se fosse apenas o dinheiro que os consulentes da Mag perdiam... no fim, valeria até como aprendizado, da mesma forma quando compramos algo que só mais tarde vamos ver que não nos serve. Aprendemos, assim, a investir melhor nosso capital.

O problema está nas consequências do envolvimento com obsessores e os resíduos inferiores que deixam na vida das pessoas. Enquanto estamos usando forças espirituais para ganhos materiais, afastamo-nos dos ganhos espirituais.

Essa reflexão lembrou-me a Idade Média, quando as pessoas acreditavam que, através de pagamento em ouro, poderiam livrar-se das responsabilidades diante de pessoas a quem haviam prejudicado.

Percebendo meu distanciamento, HF não escondeu sua frustração em relação a mim. Perdeu totalmente a classe e a postura sedutora, falando aos gritos:

– O que você quer mais? Acha-se superior aos outros? Não vê que está em minhas mãos? Seus amigos nem conseguem se aproximar se eu não quiser. Basta liberar uma energia densa ao nosso redor que mesmo precisando aproximar-se para lhe salvar, não conseguiriam.

Não sei de onde tirei forças e muito menos de onde vieram minhas palavras:

– Um dia, serei como eles e, você não terá acesso a mim. Vou conversar com Luiza e não me sentirei mais humilhada por não poder ajudá-la nas despesas da casa. Por enquanto preciso terminar meu aprendizado com você, se estiver disposto a me ensinar.

– Aprendizado, aprendizado! Você já fala igual a eles.

E se foi, no veículo dourado, deixando-me ali na chácara de Mag. Aproveitei para andar um pouco entre as árvores. O dia ameaçava amanhecer; eu estava numa região do estado da Bahia, aonde o sol chega mais cedo. Pensei no que fazer para voltar para casa, mas algo me dizia que ainda não era o momento. Continuei andando entre as árvores e, de repente, alguém falou comigo.

Passado o susto, lembrei-me que estava em desmembramento e reparei que a pessoa em questão estava desencarnada.

– Ei! Nunca a vi por aqui, quem a mandou?

– Ninguém me mandou. Sou amiga de Margareth, a dona da chácara.

– E ela sabe que você está aqui? Não é para tomar cuidado? Foi assim que eles nos orientaram. Se, mudaram as normas, ninguém me informou. Não posso perder as mudanças!

Tentei acalmá-lo, conseguindo com muito custo. Para isto, tive que prometer que não havia mudado a orientação. Mais centrado, explicou:

– O pessoal da Casa das Soluções deixou-me aqui para acompanhar as pessoas que procuram a ajuda de Margareth. Quando dá, ajudo o consulente a resolver seus problemas, mas não pode saber que sou eu. Pensa que é seu próprio pensamento que resolve tudo.

Perguntei-lhe por que aceitava ficar ali, na chácara.

– Porque a energia que a Margareth libera pelo suor, sacia-me a fome e me aquece do frio. Sou um tipo orgulhoso como ela e assim fico bem. É uma troca não muito justa, porque trabalho praticamente sozinho...

Nesta altura da conversa, notou meu cordão umbilical etérico.

– Oxente! Você ainda não morreu! Como pode andar sozinha, sem os donos da Casa das Soluções? Ah! Você é um deles me vigiando!

Tentei, de todas as formas, desfazer o mal-entendido, mas não teve jeito. Continuou falando:

– Eu sei que tem gente da Casa das Soluções encarnada ainda. Você não me engana! Eu sou esperto! Conte a eles que lhe desmascarei, conta

ponto, eu sei!

Começou a puxar meu braço para levar-me a seu “canto predileto”. Percebi o medo me visitando e esta energia ajudou-me a sair dali. Escutei uma voz: “Pense no *aerobus*”.

Quando comecei a pensar, o tal sujeito afastou-se de mim, largando meu braço.

– O que é isso que você está fazendo? Você não é da Casa das Soluções!

Quando viu o *aerobus* chegar, correu gritando:

– Ai! Não! Conversei com eles! O pessoal da Casa das Soluções não vai gostar, vou perder ponto. Desgraçada! O que você fez comigo?

Esta última atitude perturbou-me um pouco. Fiquei olhando-o afastar-se, quando Nelson, o condutor do *aerobus*, me chamou:

– Vamos, Halu, ele está perturbado! A Casa das Soluções convence alguns obsessores a não falarem com as pessoas das Casas Astrais, ameaçando tirar-lhes sua fonte de alimento e aquecimento. Deste modo, afasta-os da possibilidade de conectar-nos.

## IV. Equívocos em Série

**A**cordei ainda com as experiências do desmembramento. Conteí a Luíza sobre meu encontro com Mag.

– É por isso, Halu, que algumas pessoas afastam-se da espiritualidade e dos paranormais; pensam que toda espiritualidade e todos os paranormais podem ter o mesmo procedimento que a Mag e o tal de HF. Eu mesma mudei minha opinião quando conheci o jeito de seus amigos espirituais lidarem com você e as lições que lhe transmitem.

Ouvir Luíza surtiu o mesmo efeito de um banho de luz. Naquele momento aprendi uma coisa importante: é fundamental escolhermos muito bem nossas parcerias, principalmente quando enfrentamos uma lição difícil.

Diante de mim dois modelos: Mag e sua falsa felicidade, e Luíza encorajando-me a caminhar com meus amigos “sonhadores” segundo a crença de HF e de seus companheiros do Plano Inverso.

HF sumiu por muito tempo. Só voltei a vê-lo um ano depois. Algumas noites após nosso último encontro, eu conheci o Ministro A.L. Quando chegou, eu ainda estava acordada. Algo entre simpático e didático descreveria seu comportamento.

– Halu, eu sou o Ministro A.L., o superior de HF. Quero felicitá-la por ter conquistado minha atenção. Doravante, eu a acompanharei no que precisar. Tenho tempo as terças, quintas e sábados, segundo o calendário terrestre. Qual, ou quais são suas opções?

Pegou-me totalmente de surpresa e a princípio não consegui decifrar sobre o que teria que optar.

O ministro, vendo meu espanto, despediu-se, dizendo:

– Naturalmente, você precisa consultar seus amigos para acertar nossos dias e horários de trabalho; voltarei amanhã para concluirmos nossa conversa.

O que estava acontecendo agora? Minha cabeça começou a rodar. Senti o ar pesado, minha vista escureceu e desmaiei.

Quando desmaíamos, imediatamente saímos do corpo. Se o desmaio for passageiro, imediatamente voltamos a emembrar e, se for algo mais sério, ficamos desmembrados por um tempo maior.

Foi o que aconteceu comigo, e ver meu corpo material neste momento foi desconfortável. Em vão tentei acalmar a respiração para voltar a lembrar. Alguns minutos de aflição que se dissiparam quando vi o canal transportador em meu quarto, trazendo Meu Amigo.

– Relaxe! Vamos trabalhar seus chakras. Após a limpeza, seguimos juntos para as margens do rio da segunda Casa Astral.

Orientou-me a beber da água e minhas forças foram voltando. Sentamos na grama e contei-lhe sobre a visita do Ministro A.L.

– Preste atenção, Halu. De agora em diante você vai lidar com um dirigente do Plano Inverso muito mais experiente.

Proseguiu dizendo já ter ouvido falar do Ministro A.L. Aconselhou-me a fazer um balanço interno profundo, buscando escutar meu sentimento, para escolher entre parar ou prosseguir.

Disse-lhe que gostaria de fazer esta consulta junto às energias-mãe do planeta Terra e ele me conduziu até a sexta Casa Astral.

A confluência energética do ambiente me envolveu. Senti meus olhos cansados, deitei no campo e adormeci.

Pela manhã, acordei cansada, trazendo muitos sonhos; ora me debatia com alguém, ora com esta mesma pessoa conversava calmamente. Antes de levantar, lembrei-me de seu João, de Mag, de HF, das pessoas e seus processos reais de busca com relação à espiritualidade. Lembre-me, principalmente, de meus amigos espirituais e das crianças que estavam para encarnar e preparei-me para a visita do Ministro.

Notando meu silêncio, Luiza perguntou-me o que estava acontecendo e decidi dividir com ela, mais uma vez, minhas intenções.

Ela segurou minhas mãos e como sempre me apoiou.

As horas trouxeram a noite, que trouxe o Ministro mais relaxado. Prestei bastante atenção nele: estatura mediana, muito bonito como HF e trajava um terno sóbrio de cor branca.

Nós, aqui do planeta Terra, sempre associamos a cor branca à paz. Pensei em algumas pessoas que facilmente se enganariam com o Ministro, simplesmente por usar branco. Observando-me, abriu o diálogo:

– Percebo sua disposição. É recíproco.

– Nos veremos quantas vezes for possível.

– Está com pressa?

– Não sei, mas preciso conhecê-lo mais profundamente.

Foi-se deixando-me um tanto insegura. Qual seria a melhor maneira de agir? Resolvi pela sinceridade. Sempre que vou por este caminho, lido melhor com as situações. Horas depois, quando desmembrei, encontrei o Ministro A.L. a meu lado.

– Você precisa conhecer o tormento das almas sem corpos, totalmente abandonadas por seus amigos.

Não deixei que me irritasse e também resolvi não aceitar nenhuma provocação. Meus amigos não precisavam de defesa.

Sáimos de casa e andamos em direção ao centro da cidade. Pensei no veículo dourado e o Ministro esclareceu:

– Hoje vamos andar. Contemplar a noite... Como você gosta.

Percebi a ironia quando pronunciou “contemplar”. Estaria zangado?

– Não, por que me zangaria? O que acontece é que ainda estou em dúvida em relação a você; há momentos em que a acho inteligente e perspicaz e, em outros, acho-a boba, perdida atrás do sonho.

– Em que momentos eu sou inteligente, na opinião do Ministro?

Desta vez deixou-me sem resposta. Olhou-me e sorriu por cima dos ombros.

Resolvi contemplar a noite e buscar energia nas estrelas. Estava experimentando uma coisa nova. Ainda não havia andado pelas ruas em desmembramento.

A experiência foi impressionante! Vi pessoas totalmente alcoolizadas, conversando com espíritos obsessores, julgando estar conversando com outra pessoa encarnada; vi obsessores perto de postes, junto de comidas e bebidas, deliciando-se e, na sequência, correndo desesperados pela rua, por não conseguirem obviamente, beber e comer; outros se entregavam ao chão, terrivelmente deprimidos. Ao contrário do que o Ministro havia falado no começo do passeio, nesta noite eu vi o quanto trabalham os guardiões da primeira Casa Astral. Vi-os resignados e persistentes, convidando os obsessores a segui-los, sem serem ouvidos. Acho até que nem a presença era notada.

Havia alguns, inclusive, assistindo aos encarnados que estavam alcoolizados, drogados, enfim, entregues ao envolvimento energético dos obsessores.

Uma cena me comoveu: o serviço de assistência para mendigos.

Muitos servidores espirituais atuavam pacificando, transmitindo éter curativo. Quem aceitava, desmembrava e os seguia até as Casas Astrais,

com a finalidade de descansar.

Ao passarmos por uma praça, o Ministro A.L. resolveu parar e conversar.

– Vou clarear sua visão quanto aos fatos: todos que estão aqui nestas condições são vítimas de seus amigos das Casas Astrais.

Calou-se, esperando que eu retrucasse. Como eu já sabia de minha impotência para discutir com ele, mantive-me em silêncio. Não sei como entendeu minha posição e discursou desequilibradamente alterado:

– Acha justo o que seus olhos veem? Este é o fruto do livre-arbítrio! Fomos totalmente contra o que se chamou o planeta Terra de Lei Áurea. Não era melhor para os escravos terem casa e comida? Veja agora! A pobreza tomou conta de todos. Dividir renda é um absurdo!

Continuou seu discurso louco, dizendo que são poucos os que descobrem uma forma de conduzir o dinheiro, o poder, o comando. E quem não sabe esta arte, deveria morrer e até não mais nascer.

Nesta hora, ressaltou a magnitude da Casa das Soluções, dizendo que graças à boa vontade dos Escolhidos, essas pessoas morreriam, mas nasceriam de novo e seriam, pelos Escolhidos, mantidos, já que não sabiam desenvolver mecanismos e estratégias de sustento.

– A partir de hoje, verei a Casa das Soluções como a “Casa do Equívoco” – falei sem me alterar.

Seus olhos fizeram um movimento estranho, como se fosse entrar em transe. Apertou as mãos, inspirando fundo, e voltou a falar como se não houvesse me escutado. Mas escutara, tenho certeza.

– Muitos dos que estão aqui tinham casa e salário, mas não conseguiram sustentar seus empregos.

Lembrei-me da recessão que o país enfrentava e da decisão dos empresários de demitir para manter os lucros. O Ministro A.L. pronunciou-se:

– Claro, senão quem vai ficar pobre é o empresário.

Lembrei-me das máquinas que substituem o trabalho de muitas pessoas.

– É óbvio, isso é o progresso; as máquinas operam enquanto os homens pensam – continuou.

– No que há para se pensar, senão no trabalho desenvolvendo habilidades e talentos, que nos levam a conectar a nossa força humana ativa, que nos torna seres humanos melhores, mais amantes da vida?

– Você é contra o progresso?

– Não sou contra nada. Até porque não adianta. De tanto serem contra determinadas posturas, as pessoas vão se transformando em tudo que odeiam, sem perceber. O que você chama de progresso? A escravidão? Seres superiores e inferiores?

– Está bem filosófica, Halu. Vamos continuar andando. Ainda não chegamos aonde quero.

Que bom que ele decidira assim! Precisava me recuperar para reiterar minha intenção original de não combatê-lo.

O Ministro queria chegar a um cemitério. Quase não acreditei quando atravessou o muro e convidou-me. Respirei profundamente e entrei. Cemitérios à noite são ainda mais mórbidos do que de dia. O que queria ele?

Continuou andando em silêncio, como se eu não existisse. Experiência chocante; segurei meu plexo solar (chakra da região do estômago) e comecei a rezar a meu Jesus, tencionando elevar minhas energias para não me contaminar com as vibrações do ambiente.

– Ei, você! onde é minha casa?

Escutei um desencarnado falar. Sentado sobre a cova, ignorava sua real condição.

Vinte metros à frente, havia um senhor também desencarnado lendo em sua lápide: “Continue em paz e descanse feliz”, queixava-se:

– Nunca tive paz e descansar de quê, se não faço nada o dia inteiro?

E voltou a ler e a repetir as queixas.

O Ministro A.L. caminhava impassível. Chegamos a um corredor, com covas em ambos os lados. No centro, um grupo discutia sobre a necessidade de se organizar e fundar alguma associação. Fomos convidados a participar da reunião. O Ministro declinou o convite delicadamente. Andamos um pouco mais e chegamos aos velórios. Confesso que ver pessoas encarnadas aliviou-me um pouco.

Passamos por velórios de todos os tipos: uns calmos, com preces e cânticos, outros, com brigas e discussões fúteis.

Entramos numa das salas e A.L. mandou-me observar.

Ao lado do corpo material, no caixão, uma senhora desencarnada, em meio a um copioso choro, dizia:

– Rezei tanto! Pedi tanto aos espíritos mais anos de vida para criar minha filha e eles não me escutaram. O que adiantou fazer tanta caridade no

Centro? Aquelas cestas de enxovais para os pobres, tanto trabalho em vão. Nenhuma recompensa. Minha filha é que ficou sem mãe.

Localizei a filha. Uma moça aparentando uns vinte anos que chorava resignada e consolava o pai, dizendo:

– Não chore assim; mamãe era uma mulher religiosa, que acreditava na eternidade. Nesta hora já deve estar com Deus.

E o pai ponderava:

– Não sei filha. Nunca consegui acreditar na fé de sua mãe. Sempre a vi barganhando com a espiritualidade.

E a desencarnada, ao lado de seu corpo material, totalmente confusa:

– E, se eu ficar aqui? Quem sabe não querem me usar para provar sua existência aos encarnados, trazendo-me de volta para a vida? Fechou os olhos para rezar: “Meus irmãos da espiritualidade, aqui estou! Usem-me para provar que existem. Para que prova melhor? Viajarei o mundo todo para que me vejam todos”!

O Ministro A.L. mantinha-se em silêncio. No entanto, percebi em seu olhar e em sua postura a esperança de que eu fizesse algo. Fiquei quieta, atenta para registrar.

Pai e filha rezavam juntos, quando vi o canal transportador aparecer ao lado da desencarnada. Ela olhou o canal de luz e gritou assustada:

– Não vou! Se vocês não me querem aqui, também não vou aonde querem, traidores, mesquinhos!

O Ministro chamou-me, dizendo que eu já vira o bastante para tirar minhas conclusões.

– Agora vamos; deixo-a em casa. Raciocine sobre tudo que presenciou. Se não for bastante, tenho muito mais para lhe mostrar.

Saímos do cemitério e fomos recolhidos pelo veículo dourado. Desci na porta de casa. Ao entrar, respirei aliviada. Voltei para o quarto, para a cama, e, graças a Deus, havia acabado meu trabalho por àquelas horas.

Acordei com o corpo doído, cansada e desestimulada. Luiza entrou no quarto avisando-me que precisava viajar para o interior; uma tia estava muito doente e os médicos a haviam desenganado. Convidou-me para ir com ela. Contei-lhe a experiência noturna e ela argumentou:

– A crença precisa ser interna e profunda para nos acompanhar em qualquer experiência.

– Tem muita gente, Luiza, que confunde caridade com crescimento espiritual, como se bastasse cooperar com esmolas para crescer e

aprofundar na fé. Não entendi onde o Ministro A.L. queria chegar. Voltei da experiência mais convicta dos ensinamentos das Casas Astrais.

Resolvi tomar um banho demorado e fazer os exercícios que Meu Amigo ensinara para liberar as energias densas que, com certeza, estavam em meus chakras. No banho, em contato com a água, o pensamento atingiu meu âmago e eu me escutei profundamente.

“O Ministro A.L. acha que estou barganhando com as Casas Astrais! Acredita que eu espero algum lucro maior.”

Como foi a primeira vez, estranhei a experiência e relutei um pouco. Depois, me entreguei totalmente. Sentei no chão, para ouvir-me melhor.

“Acreditar não é um processo superficial, um jogo de palavras. É abrir o coração para a entrada do universo. Este processo tem início quando recebemos a verdade do outro sem tentar persuadi-lo ou deixar-se persuadir. Oro para ter forças. Preciso continuar esse trabalho.”

Despertei como que de um sonho. Ao abrir os olhos, vi Luiza na porta do Box.

– Você está bem? Demorou, então vim vê-la.

Levantei-me e vesti-me mais centrada, fortalecida. À tarde, viajamos para o interior, em visita à tia e alguns parentes de Luiza. O passeio foi ótimo. Tive, inclusive, a oportunidade de falar para algumas pessoas sobre a eternidade.

Passei, depois, pela fazenda do pai de Luiza, Sr. Moacir, uma pessoa divertida e alegre. Quando voltei a Belo Horizonte, estava refeita para o Ministro A.L.

Na terça-feira à noite, ao desmembrar, encontrei-o a meu lado.

– Você não raciocinou sobre nossa última visita!

– O que chama de raciocinar?

– Se raciocinasse, veria que tudo o que faz por seus amigos é em vão. Eles não reconhecem nada.

Não adiantava dizer que nunca fiz nada por meus amigos. Crer e crescer são o único ganho.

– Vejo muita gente que se espiritualiza como você diz, e depois volta atrás, decepcionada com o “espiritualizar” – falou irônico.

– As pessoas estão acostumadas a prêmios, medalhas, reconhecimento de heroísmos de forma adulterada e não reconhecem a verdadeira vitória, silenciosa e sedimentada.

– Vamos a um hospital. Lá, se convencerá; se não, o caso é falta de inteligência. Aí, pouco poderei fazer por você.

Seguimos no veículo dourado. Desembarcamos na ala infantil de um hospital. Entramos num quarto onde uma criança debilitada estava no colo de sua mãe. Ela dizia ao filho:

– Se eu pedir a Deus, não me ouvirá; sou muito pecadora. Mas a você, com certeza vai ouvir. Peça a Deus, filho, para ficar bom.

O garoto mal conseguia falar e repetia, com muito esforço, as palavras da mãe. Ficamos alguns minutos no quarto, o tempo foi passando e o garoto piorou. A mãe chamou o médico, apavorada. Mais algum tempo e o menino desencarnou. Vi quando seu corpo etérico seguiu pelo canal transportador em direção às Casas Astrais.

– Por que seus amigos não atenderam ao pedido da criança?

– Você acredita mesmo que as Casas Astrais podem interferir numa coisa desta? Precisa estudar melhor os processos de escolha para encarnar e desencarnar!

– Chegou onde eu queria. Será que todas as pessoas têm maturidade suficiente para escolher uma encarnação?

– É assim que aprendemos a escolher melhor!

– Esta criança fez sofrer sua mãe e seu pai, isso é justo? E pessoas que morrem logo ao encarnar, fazendo sofrer os parentes e os médicos?

O Ministro era um dirigente muito confuso. Não estava aberto para compreender o processo de espiritualização. Aliás, é isso que o Plano Inverso quer; que todas as pessoas desistam de compreender a evolução espiritual. No entanto, esta experiência me mostrou como são sedutores. Desde quando estão preocupados com a dor das pessoas se provocam e instigam, inclusive, dores desnecessárias como o caso de Eurico?

– Está bem, Halu, você só compreenderá se entender o sistema a fundo. Vou propor na Casa das Soluções que você visite alguns departamentos secretos. Aguarde meu contato. O veículo dourado a levará de volta. Agora preciso ir.

Saiu do hospital e eu ficando ainda um tempo perto da mãe, falei a seu ouvido:

– Seu filho está bem. Procure relaxar para entrar em contato com ele. Não sei se adiantou, mas fiz minha parte.

## V. O Bloco da Fome

**T**ransformada em visitante dos mistérios da Casa das Soluções conheci o departamento de retorno à Terra; uma sala grande com uma mesa no centro e cadeiras ao redor.

Os lugares eram marcados por pequenas placas contendo os nomes dos participantes. Antes de cada nome, o título de Ministro.

Após alguns minutos a mesa estava completa, iniciando-se a reunião.

Em uma ponta da sala, surgiu uma tela enorme, parecida com as telas de cinema.

O Ministro A.L. utilizou um pequeno aparelho, uma espécie de controle remoto, e surgiu na tela a imagem do sistema solar.

Em seguida, indicou uma cadeira fora da mesa, onde eu poderia me sentar, ouvir e observar:

– A Casa das Soluções, o umbral e Plutão, formam a pirâmide que governará este sistema solar.

As energias densas deste planeta alimentam a inércia dos hóspedes do umbral, mantendo-os mais tempo na sombra.

Em seguida, informou-me que a qualquer momento eu seria convidada para assistir a captura de hóspedes para a Casa das Soluções.

Outro ministro tomou a palavra e disse que o trabalho mais difícil da Tríplice Aliança da Sombra era manter o umbral sobre Plutão. Para isso, seus hóspedes não podiam desenvolver nenhuma espécie de luz na região. Caso isso acontecesse, mudaria a vibração e o umbral seria expulso da gravidade vibratória de Plutão.

– Preste atenção na tela, Halu.

Em volta da figura que simbolizava Plutão, apareceu uma nuvem escura. Ao verem a nuvem, todos comemoraram:

– Está maior. Logo atingiremos nosso propósito. Pode dizer a ela. Eles já sabem. O Ministro A.T. nos abandonou e se refugiou nas Casas Astrais. Eu já sabia; ele andava muito estranho nos últimos meses!

O que seria meu Deus? Senti meu coração bater no corpo inteiro.

– Esta nuvem é formada pela liberação energética da fome oriunda do planeta Terra. Está se expandindo. Quando adquirir certo peso, retornará à

esfera material e promoverá mutações. Chamamos de fome, toda e qualquer ausência que mobiliza a busca de saciedade imediata.

O que eles estavam querendo dizer com mutações?

Para responder a minha pergunta, fizeram surgir na tela uma imagem estilizada do homem atual.

– Quando a energia da fome o envolver lutará com todas as forças para saciá-la. Se for um dos Escolhidos conseguirá superá-la de qualquer maneira e esse esforço o fará mutar.

Voltou a mudar a imagem da tela; agora, reproduzia um homem de tronco mais largo e acrescentou:

– A energia instintiva se desenvolverá bastante, substituindo as funções da alma. Esta é a mutação para os Escolhidos.

O painel agora reproduzia a imagem de um homem de estatura pequena e tronco curvado.

– Quem não conseguir meios de superar essa fome, passará a produzir corpos materiais com inanição, subnutridos. A competição dará a sentença.

Meu primeiro pensamento foi para Deus. O segundo para Meu Amigo das Casas Astrais e os terceiros e quarto para o livre-arbítrio e para as pessoas encarnadas no planeta Terra.

– Quer conhecer essa nuvem? – perguntaram-me.

– Como isso é possível?

– Vamos e verá.

Minha curiosidade foi mais forte e aceitei.

Na mesma hora, o Ministro A.L. chamou-me e fomos para uma espécie de campo de pouso. Quando entrei na nave, senti certo pesar, mas não notei a pressa com que o Ministro conduzia o processo. Minutos depois estávamos dentro da nuvem. Pude vê-la melhor. Apesar de estar dentro da nave, meu cordão umbilical começou a tremer e a atrair a tal energia da fome. Só aí me dei conta de que essa consequência era previsível. O cordão umbilical é magnetizador e a tal fumaça tinha uma força de atração incrível.

Em seguida, uma porção do conteúdo da nuvem envolveu-me totalmente. Pedi ajuda ao Ministro, mas não consegui vê-lo por causa da neblina. Fui perdendo noção do tempo, do espaço e, por fim, acordei no Plano Material com o corpo coberto por uma poeira escura, da cabeça aos pés.

Tossi tanto, que Luiza entrou no quarto.

– Meu Deus, o que é isso? De onde surgiu esta poeira?

– Da fome. Leve-me para um banho, rápido!

Vi o canal transportador trazer Meu Amigo.

– Peça à Luiza para pegar um copo com água filtrada e concentrar-se.

Assim que se concentrou, vi passar pela mão dela um líquido incolor; em seguida, dos dedos para o copo.

– Saia do banho e peça que ela limpe seus chakras com essa água. Não beba; o líquido que você viu é o silício, produzido por minerais da terra e éter curativo. Sentir-se-á melhor.

Minutos depois, comecei a sentir fome. Uma fome desesperada!

– Calma! Primeiro a limpeza dos chakras.

Foi quase impossível suportar, mas com Meu Amigo me olhando, a vergonha de decepcioná-lo me deu forças.

Quando permitiu, sentei-me à mesa e comi tudo que Luiza trazia da cozinha: quase um queijo inteiro, um litro de leite, muitos pães, biscoitos e frutas.

Meu Amigo voltou e recomendou outra limpeza com o silício. Fui me acalmando e o mais impressionante é que não senti meu estômago pesar ou incomodar, como era de se esperar.

Meu amigo sugeriu repouso e, realmente, eu estava muito cansada.

Mais tarde, quando acordei, corri ao banheiro, com vômitos e indisposição intestinal. Foi horrível! Quem me visse, diria que eu sofria de infecção. Só quando a noite já ia alta é que melhorei.

Luiza queria levar-me ao médico, mas resolvi trabalhar com os recursos caseiros. Temia não saber explicar o que havia ocorrido e, mentir, eu não sei fazer direito, além de não querer. No final, tudo deu certo.

No outro dia, Meu Amigo visitou-me e escrevemos junto um relatório. Ouvi sua explicação:

– Eles queriam ver o efeito que o contato da energia da fome causaria numa pessoa encarnada. Sabiam de sua experiência de levar horas em desmembramento e a escolheram.

Com esta explicação, percebi a mentira que o Ministro A.L. havia contado sobre a permissão especial para visitá-los. É óbvio que tudo havia sido preparado para me usarem.

Bem, valeu como aprendizado!

Perguntei a Meu Amigo o que ele sabia sobre o bloco da fome.

– Sempre que a Casa das Soluções encontra uma forma de concretizar seus propósitos, perde adeptos.

O Ministro A.T. informou sobre como eles pensam em iniciar a utilização do bloco energético da fome: conduzindo pessoas encarnadas em desmembramentos como foi feito comigo, para testar os efeitos e se prepararem para auxiliar os Escolhidos a criar mecanismos de defesa.

Soubemos, através dele, que a má distribuição de alimentos é um dos incentivos do Plano Inverso que favorece o crescimento do bloco.

– E a preocupação que HF dizia ter com a fome no planeta Terra? – perguntei indignada.

Meu Amigo pediu-me que refletisse, pois a resposta era muito simples. De dentro do meu coração, ouvi com clareza: “Para me seduzir”.

Ele concordou e avisou que precisava retirar-se. Recomendou-me mais atenção na próxima vez. Quando me recuperei, recebi a visita do Ministro A.L.

– E então, ainda acha inteligente estar do lado oposto à vitória?

– As Casas Astrais não combatem vocês.

– Pelo simples fato de não nos apoiarem, já os entendemos como oponentes.

– Sentem-se ganhadores, vendo o planeta Terra decrescer, involuir?

– Temos parâmetros diferentes sobre evolução e crescimento.

– Outro dia, o senhor culpou as Casas Astrais pela existência dos mendigos...

– Mas você não acreditou. Foi apenas uma estratégia. O fim justifica os meios. Além do mais, se acreditasse em mim naquele dia, não haveria necessidade de levá-la à reunião. Eu a levaria ao bloco energético e daria o mérito do trabalho a seus amigos das Casas Astrais. Aí, abandoná-los-ia de vez. Esta noite, acompanhará a captura de hóspedes do umbral para nossa causa.

Fiquei triste, mas precisava testemunhar. Só sei falar ou escrever sobre experiências que vivencio. Pagaria o preço.

À noite, ao desmembrar encontrei um “soldado” da Casa das Soluções a minha espera. A única segurança era saber que me queriam encarnada. Com que finalidade, não sabia direito.

Seguimos no veículo dourado até o umbral e chegamos na “ala dos suicidas”. Os “soldados” saíram rapidamente do veículo, agarraram um homem e o trouxeram à força para dentro. Meu coração saltou e senti minhas pernas tremerem. Agora não. Respire! – pensei. E consegui. Pedi ao homem que se acalmasse e rezasse.

– Para quem? Para você? – respondeu, agressivamente.

Debateu-se até que entregou suas forças.

– Estamos aqui para seu bem. Não quer reencarnar?

– E esse negócio de más ações, mesa aberta, escolher pais, profissão?

Por estas palavras concluí que este homem conhecia o trabalho de assistência das Casas Astrais, para as pessoas que querem reencarnar.

– Nós somos diferentes. Preparamos tudo para você.

O homem, quando conseguiu acreditar, ficou radiante. O veículo dourado nos deixou no primeiro salão da Casa das Soluções.

A.P., meu conhecido da esfera material, agora desencarnado, veio receber-nos.

– Espere aí, Alberto.

– Esse não é meu nome! – retrucou o capturado.

– Vá se acostumando, pois descerá como Alberto; seus futuros pais já escolheram seu novo nome.

A.P. transmitia-lhe mais informações sobre seus futuros pais e depois se dirigiu a mim.

– O que fez com HF? Não sei o que eles viram em você. Só porque desmembra com consciência! Nossos paranormais fazem o que queremos.

– Exatamente por não terem consciência.

Olhou-me visivelmente irritado e disse:

– Quer saber do que mais? Pediram para eu deixá-la acompanhar o trabalho com Alberto, mas não estou com paciência para ficar escutando suas bobagens. É melhor ficar calada, entendeu?

Não respondi e isso o irritou. Segui-os em silêncio; Alberto estava encantado. Não perguntou nada. Bajulou A.P. o quanto pôde e isso o deixou muito satisfeito.

Entramos numa das salas de projeção e A.P. informou a Alberto sobre as imagens projetadas.

– Esta mulher está grávida de um dos nossos, que aceita ceder-lhe o lugar. Já o observamos e conseguirá encarnar de hoje a um mês. Só vai depender de você. Agora, vamos até a escola.

Lembrei-me da tal escola e das teorias para regressão.

– Pense bem. Se desistir, peça auxílio às Casas Astrais.

A.P. olhou-me mais do que irritado, mas o rapaz tirou minhas esperanças:

– Prefiro deste jeito. É mais fácil.

– E você, pode ir. O veículo dourado está esperando lá fora.

Voltei para casa pensando em “Alberto”. Ele não sabia o que teria de passar para encarnar; como julgou ser mais fácil?

No outro dia, a resposta a esta pergunta fluiu de meu interior:

“Quando escolhemos nossos caminhos, somos os únicos responsáveis por essa escolha e isto é demais para alguns.”

Quando contei à Luiza a experiência do desmembramento, teve uma ideia: há muitos anos eu havia ajudado a fazer uma creche na periferia de BH, que passou a ser um modelo para a região, e já havia muitas.

– Vamos visitá-la. Sei que hoje ampara mais de cem crianças. Que acha da ideia?

Precisava ver projetos de crescimento para somar forças e conseguir atravessar o que estava vivenciando. Temia começar a crer que o Plano Inverso se assenhoreava de tudo na esfera material; e isso com certeza me enfraqueceria.

– Não vê Halu? É exatamente isso que eles almejam: passarem por vencedores. É óbvio que você não vai mudar de time, mas lutará enfraquecida. Ainda tem muita gente que segue o caminho do crescimento.

Achei formidável o modelo de creche e via o dedo de Luiza a todo o momento. Construíram-na com os recursos da comunidade. Luiza disse que no começo foi difícil; à medida que os problemas iam surgindo, as pessoas desistiam do projeto. Mas quem ficou, fez acontecer.

Foi um dia ótimo e renovador. Quando voltei para casa, estava feliz de novo. A felicidade nos inspira a curar antigas dores.

## VI. Outro Capítulo

**R**esolvi em desmembramento fazer uma visita a seu João. Primeiro pensei em todos os passos e, ao desmembrar, passei a executá-los.

Chamei o canal transportador que, em seguida, estava em meu quarto. Segui até a primeira Casa Astral e, lá, localizei Otília, convidando-a ir comigo.

Expliquei-lhe as intenções e ela concordou. Pediu apenas que eu esperasse até que alguém a substituísse no salão de recepção. Decidimos ir de *aerobus*.

Na porta da casa de seu João, senti um arrepio percorrer minha espinha; as lembranças eram muito fortes.

Entramos e vi o obsessivo todo deformado, sentado no mesmo lugar de anos atrás.

Quase não acreditei quando o escutei:

– O que querem aqui? Não precisamos de vocês.

– Onde está seu João? – perguntei.

– Olha ele aí.

Segurei a mão de Otília. O que testemunhei, retirou de vez de meu coração qualquer sentimento de mágoa em relação a ele. Estava em desmembramento, sentado no chão. Muito envelhecido, totalmente cabisbaixo e depressivo.

Captando meu sentimento, olhou-me.

– Você é uma cliente? Volte outro dia, hoje estou muito cansado.

– O que o cansa é o tipo de trabalho que você desenvolve. Olhe para mim e segure minhas mãos.

Otília é simplesmente maravilhosa. Sua participação foi perfeita.

– Quem é a senhora? E esta moça? Acho que a conheço.

Fiquei sem saber se deveria dizer meu nome, mas o obsessivo denunciou-me. Como sabia que era eu? Tantos anos já se passaram...

– A sobrinha da professora? A menina rodeada de eguns? Sabe que não consegui esquecê-la? Até hoje tenho dúvidas se estava ou não obsediada.

Otília, com sua experiência, atuou rapidamente:

– Claro que não, João! Foi um engano. Mas ela superou, está tudo bem. Viemos aqui hoje para vê-lo.

O obsessor revoltou-se. Levantou do chão e começou a fazer caretas e murmurou palavras intraduzíveis.

Fiquei com medo, Otília silenciou e percebi que orava contrita. Em volta de nós, desceu uma luz que envolveu a mim, a ela e ao seu João.

Em seguida, vieram alguns guardiões das Casas Astrais, cantando um hino muito bonito em louvor a Jesus:

“A nós descei divina luz  
E em nossas almas acendei  
O amor, o amor de Jesus  
O amor, o amor de Jesus.”

O ambiente ficou todo iluminado. Um cheiro de perfume invadiu nossas narinas e eu vi o amor vencer; seu João chorava emocionado.

Embora atribuísse o socorro a seu “guia de direita”, que dizia também fazer parte de sua falange, uma fé sutil o tomou. O canal transportador nos levou às Casas Astrais. Passamos por uma sessão de limpeza nos chakras e no corpo sutil. Seu João chamava Otília de mãe Oxum, com carinho e entrega.

Lembrei-me de uma conversa que havia tido com Meu Amigo sobre símbolos da fé; “quando a fé é verdadeira, o caminho se abre para o crescimento”.

Depois, soube que o obsessor, revoltado, abandonou-o, refugiando-se em outra casa que o recebeu.

Com a assistência das Casas Astrais e o afastamento do obsessor, seu João mudou a direção de seus trabalhos. Algumas pessoas gostaram e outras não e foram embora, seguindo o obsessor.

Não mais encontrei seu João, mas tenho notícias sobre seu progresso.

Este episódio teve repercussão na Casa das Soluções; redobramos a vigilância sobre a Mag, mas não foi isso que nos impediu. Ela é imatura; ainda estava nos ganhos, nos lucros, nas viagens, na mente, no orgulho, no engano.

Logo após a experiência bem-sucedida, pedi à Otília a mesma assistência para Mag. Em resposta, recomendou-me que procurasse por seu mentor. Para encontrá-lo, utilizei o serviço de contatos oferecido pela

primeira Casa Astral; deixei meu nome e minha localização e, na tarde seguinte, ele me procurou.

Estava em casa preparando uma palestra, quando ele chegou:

– Eu sou E., mentor da primeira Casa Astral. Mag não aceita minha companhia, por isso não estou sempre com ela. Soube que teve uma ideia para fazê-la “acordar”.

Estava contente e impressionado com a qualidade do amor para com uma pessoa que não conhecia. Ao escutar essa observação, perguntei-lhe que relação tinha com Mag.

– Foi minha filha em diversas encarnações. Sinto-me responsável por ela.

Expus meu plano, E. ficou animado. Marcamos para aquela noite, pois era melhor agirmos logo, antes que a Casa das Soluções opusesse dificuldades.

Quando desmembrei, segui pelo canal transportador até a primeira Casa Astral, onde encontrei E. e seu João no salão-recepção. Os dois estavam animados. Ambos se sentiam responsáveis pelo desfecho da vida de Mag.

– Se tivesse me aprofundado, veria o engano. Eu a induzi a trocar a assistência de E. pela manipulação do Plano Inverso.

Quase chorei ao vê-lo falar. Minhas forças se renovaram. Mais uma vez constatei que até quem já serviu o Plano Inverso, quando conhece as Casas Astrais, as prefere.

Descemos do *aerobus* na porta da chácara. Encontramos, no portão, cinco obsessores que tentaram obstruir nosso caminho. Fomos socorridos por O., mentor das Casas Astrais, que recomendou que déssemos as mãos e elevássemos o pensamento à esfera superior.

Enquanto rezávamos, um canal de luz nos envolveu.

Atravessamos o portão dentro do canal e os obsessores não tiveram acesso a nós. Sempre dentro do canal, entramos na casa e encontramos Mag desmembrada e perto do corpo material, visivelmente confusa. Neste momento, o Ministro A.L. entrou pela porta, provocando e intencionando o combate. O equilíbrio de O. foi admirável. Tratou-o como amigo e em momento algum o agrediu.

– O que querem aqui? Mag não os convidou, não tem interesse em vocês, então, a que vieram buscar?

– Todos os que se interessam em conhecer os trabalhos das Casas Astrais estão convidados a crescer, envolvidos pela luz dos Avatares. Primeiro, convidamos seu João para somar-se a nós e formamos uma equipe. Quem sabe não a resgatamos também?

– E você, é um Avatar?

– Não, mas estou a serviço do processo de avatarização do planeta Terra.

Do que eles estavam falando? Registrei, para conversar com O. em outro momento.

– Mag essas pessoas querem que você nos abandone e, com isto, perca tudo o que adquiriu até então. Eu já lhe falei de sua conhecida Mércia. Ela lhe inveja, por isso, quer que nos deixe.

O. olhou-me, sugerindo calma. Mag dirigiu-se a mim, totalmente confusa:

– O que quer? Por que me procura? Eu nunca a convidei e já veio aqui duas vezes.

Tentei falar que na primeira vez fui levada pelo Plano Inverso, mas ela não queria escutar.

– Mag preste atenção! O Ministro a engana. Olhe a sua direita e veja seu corpo material na cama. Ele é um espírito perverso que já me usou e continuará te usando, se não se libertar dessa manipulação – seu João falou visivelmente emocionado.

Mag o reconheceu também:

– Seu João, até o senhor? Como eu não quis ser sua discípula, agora o senhor quer que eu perca tudo?

Olhamos para o Ministro A.L.; sorria seguro e satisfeito com a situação. Ela se preparava para nos mandar embora. Se não saíssemos, nos tornaríamos iguais a ele, desrespeitando o livre-arbítrio.

Antes de sair, ele me disse:

– Logo, logo, você estará de nosso lado.

De onde vinha essa certeza?

Voltamos para a primeira Casa Astral, desanimados, e cada um foi assistido por seu mentor.

Meu Amigo levou-me para as margens do rio da segunda Casa Astral. Fiquei um tempo em silêncio, abri o diálogo perguntando-lhe sobre a avatarização.

– Escutei O. falando sobre isso. O que significa?

– Conexão com a força avatávica, desenvolvida pelos Avatares e à disposição de quem quer concluir seu aprendizado na esfera material.

Perguntei-lhe se quem conecta essa força torna-se um Avatar.

Revelou-me que estamos todos vivendo um período onde a força avatávica está canalizada para o planeta Terra, favorecendo a avatarização coletiva. Mas, para isso, seria preciso que todas as pessoas se abrissem para o processo. Um a um, crescendo, até que todos nós conduzíssemos o planeta para tetradimensão; ao contrário do Plano Inverso que quer bidimensioná-lo.

– Você sabe que estamos no fim da era tridimensional e no início de uma nova era. Se o processo não se completar, o planeta regride e volta a ser bidimensional.

Para ilustrar, fez-me lembrar da era das Cruzadas, no começo do milênio.

– Viveríamos entre cercas fechadas de novo. Dentro delas, a falsa paz e, do lado de fora, guerras por todo canto.

– Meu Amigo, o que é mesmo uma era? Ouço as pessoas falando na Era de Aquário. O que é isso?

Ele olhou profundamente para as águas do rio e senti que estava emocionado. Virou-se para mim com uma serenidade impressionante e falou:

– As eras são momentos em que Deus se doa ao Universo. Cada planeta, a depender de sua condição e função, recebe uma porção de Deus. Essa porção leva um tempo para ser absorvida pelo planeta, pelas pessoas, encarnadas ou não. É a que faz com que nós, humanos, nos tornemos mais humanizados, espiritualizados e capacitados a expressar essa energia, transmitindo Deus ao mundo.

E acrescentou:

– O interesse do Plano Inverso é fazer com que as pessoas não entrem em contato com essa força provedora de vida espiritual. Assim, enfraquece a energia de Deus e fortalece o falso deus Baal-Feor.

A informação caiu pesada em meu peito; então existia um falso deus?

Meu Amigo estava sério, agora. Explicou que todos precisam executar a energia que vem de Deus. Só assim não perderemos totalmente o contato com Ele.

– Baal-Feor é um dos nomes do falso deus.

– Existe o demônio?

– Halu, a depender do tamanho que permitimos aos nossos tiranos terem, vamos rotulando-os. Daí nasce a expressão demônio.

– E Baal-Feor não é o maior de todos os tiranos?

Sua resposta impressionou-me.

– Assim como Deus é o criador e a criação, Baal-Feor é a inércia, a anticriação, o não desenvolvimento, a polaridade antagônica de Deus. Servimos a Deus e o Plano Inverso serve a Baal-Feor, embora se acreditem “livres” de líderes.

– Do mesmo jeito que iludem Mag, são iludidos por esta força, sem perceber.

Ele sorriu, concordando com a comparação. Resolvi esclarecer o equívoco com o Plano Inverso.

– É isto que fazemos o tempo todo, mas como Mag, não querem nos ouvir.

Meu Amigo precisava ir. Depois que comecei a visitar a Casa das Soluções era difícil contar vezes que ficávamos juntos e pensei em pedir para ficar um pouco mais, mas sabia que tinha outras tarefas.

Despediu-se, recomendando-me ler e pesquisar sobre Baal-Feor nos livros da biblioteca da Primeira Casa.

Essas lembranças deram-me ânimo novo. Precisava, depois da experiência com Mag. Quando contei à Luiza o frustrante desfecho, ela me disse não estar surpresa.

– Halu, quando uma pessoa descobre o ganho secundário de uma mentira, de uma doença, é muito difícil demovê-la. Mag está nesse estágio e não percebe que todo ganho secundário é falso.

Será que Luiza também já sabe sobre Baal-feor?

Quando contei minha conversa com Meu Amigo, ficou impressionada, embora também não estivesse surpresa. Fiquei de dar-lhe mais informações sobre o falso deus.

Resolvemos passar o dia passeando na cidade. Belo Horizonte é muito aconchegante; o clima é excelente, o que a torna deliciosa para passear. Embora sentisse muito a falta das praias da Bahia, estava contente com a cidade.

Chegamos a casa à noite. Estava cansada; era uma quinta-feira, dia de visita do Ministro A.L. Porém, com os últimos acontecimentos, não sabia se voltaria a me procurar.

Neste encontro, tomei consciência de que, toda vez que desmembrava, ele já estava no quarto, a minha espera. Coloquei a questão; tentou desconversar. Insisti com firmeza e ele se defendeu:

– Você pensa que estou lhe prejudicando?

– Penso. A partir de hoje, se lhe interessar contatar comigo, prefiro ir a seu encontro.

– Está bem. Só entrarei na casa, quando você já estiver pronta para seguir-me.

– Menos mal – aceitei.

Mas não esclareceu o que fazia no quarto enquanto eu dormia.

– Só agora você se sente incomodada?

Esse pessoal do Plano Inverso é mesmo invasor. Atuam como se fossem donos do mundo. Neste momento, lembrei-me de algumas pessoas que eram assim; pensam, refletem e decidem pelos outros sem consultá-los, e o pior é, que se justificam de maneiras absurdas, como o famoso: “sei o que é melhor para você, tenho mais experiência”.

No veículo dourado, disse-me que Mag não queria mais ver-me.

– Não perca seu tempo.

– Por que você perde o seu?

– Perder tempo, matar o tempo, não deixar o tempo se desenvolver é minha função.

Fixei meus olhos nos dele, tentando ver se acreditava no que dizia. Para mim, o absurdo era gigantesco. Olhando-o desta forma, percebi o que faltava nele e que Meu Amigo tinha de sobra em autoridade.

O Ministro, na verdade, era como o leão infértil na floresta; ruge alto, briga à toa, tentando se autoafirmar.

Meu Amigo é como os leões tranquilos, deitados à sombra da árvore, por saberem-se sem devaneios, reis da floresta. Este tipo de autoridade a que me refiro é interna, intrínseca ao comportamento.

Continuava escutando-o, sem chegar a uma opinião quanto a sua crença.

– Seu Amigo já lhe falou do falso deus?

Como ele sabia de minhas conversas com Meu Amigo?

– Leio sua mente enquanto dorme.

Reclamei sobre a absurda invasão e ele resolveu que agora não me incomodaria mais.

– Se a tivesse incomodado antes, já teria interrompido o processo. Hoje começo a perder as esperanças.

Não discuti com ele, mas doravante estaria mais atenta às suas possíveis intervenções. Pedi que voltasse a falar em Baal-Feor;

– Assim como seus amigos acreditam no Deus único, supremo, também acreditam nessa bobagem de um falso deus. Ambos não existem. O desenvolvimento humano é fruto de encontros energéticos casuais. Por isso, a Casa das Soluções quer conduzir esses encontros, para que não fiquemos à mercê da casualidade.

Os cérebros mais brilhantes que o mundo já tiveram são os principais líderes da Casa das Soluções. Só eles poderiam conduzir a humanidade.

Em sua opinião, se falhassem, não seriam pessoas comuns que acertariam. Perguntei quem eram.

– Se fosse uma de nós, lhe diria alguns nomes. Ficaria impressionada de como somos bem orientados, mas posso adiantar-lhe que todos já foram líderes destacados no mundo material. Conduziram massas, provocaram rebeliões famosas. Sempre extraindo do coletivo os destinados a formar a raça pura.

Chegamos a Casa das Soluções e entramos na sala dos Ministros. Sentei na cadeira que havia usado anteriormente e escutei o Ministro A.L. discursar:

– O bloco da fome causou em nossos visitantes os efeitos esperados. O projeto é viável.

Outro ministro o interpelou:

– E o problema dos vermes?

O Ministro A.L. ficou visivelmente perturbado com a pergunta e demorou a responder:

– Esse é o único risco, mas o departamento de materializações se incumbirá de resolver.

O interpelador insistiu:

– Você sabe que os Escolhidos acabam tornando-se incrivelmente fracos por não estarem em contato com experiências que desenvolvem anticorpos. O tiro pode sair pela culatra.

O Ministro A.L. usou a tela para contra-argumentar e no painel apareceram os tais vermes, muito pequenos, minúsculos, mas com uma capacidade inimaginável de elasticidade.

O medo do outro Ministro era pertinente. Existia o risco do tal verme, confeccionado no interior do bloco energético da fome, penetrar nos corpos materiais da esfera terrestre e comê-los de dentro para fora. Vi, na projeção, a ação do verme, devorando o coração de um homem. Gostaria de ressaltar que assistia a uma projeção, mas referia-se a um tema real: a fome e os vermes. Para obstruir a argumentação do colega, o Ministro A.L. concluiu:

– Para os Escolhidos, materializaremos a cura. Não se preocupem.

Eu me preocupei e perguntei como eles fariam para que a cura abrangesse apenas os Escolhidos.

– Os remédios podem ser caros, Halu. Os laboratórios precisam sobreviver.

(É óbvio. Só pode mesmo ser uma interferência do Plano Inverso, a questão dos medicamentos no Plano Material. Cada vez mais, pessoas morrem por não terem condições de adquiri-los do que pela doença em si. Assim, para não bidimensionar, nós, da esfera terrestre, temos muito que pensar e rever. Espero que não deixemos todas as reflexões para a última hora. Talvez não haja tempo. O Plano Inverso, como disse o Ministro, trabalha para matar o tempo, atropelar o tempo. Está mais do que na hora de acordar, tamanhas as evidências que estamos vivendo; vamos usar nossa inteligência e força antes de nos transformarmos em robôs da Tríplice Aliança da Sombra.)

Terminada a reunião, o Ministro A.L. colocou-se a minha disposição:

– O tempo é seu. O que gostaria de fazer?

Estava interessada em conhecer o Departamento das Materializações, mas já estava chocada suficiente. Fiquei indecisa e pedi-lhe, então, para levar-me aos arredores da Casa das Soluções. O veículo dourado sempre nos deixava no corredor e eu não conhecia outros espaços além das salas.

– Não há muito que ver. Só prédios altos onde trabalhamos e um especial destinado aos líderes.

– Nas Casas Astrais têm rios, lagos, pomares. Falei-lhe da natureza da Segunda Casa, especialmente do rio...

Ficou escutando em silêncio. Por frações de segundos, seu olhar caiu sobre suas mãos. Retomou a antiga postura, dando alguns passos à frente.

– Este espaço é estrategicamente perfeito para os objetivos da Casa das Soluções. As prioridades não são voltadas para a natureza, lagos e bobagens afins.

Era verdade. Precisavam das energias densas de Plutão e do umbral para recrutarem pessoas para sua causa.

Caminhava sempre à frente e eu o seguia. Passamos por um portão imenso; senti-me num presídio. Percebendo meus pensamentos, olhou-me, irônico. Sorri para ele, como quem sorri para um transeunte desavisado. O gesto foi espontâneo e vi que, apesar de pensarmos de maneira totalmente diferente, o Ministro deixou de ser um inimigo terrível, passando a ser um adversário iludido.

– Não, Halu, os iludidos são vocês, mas quero que goste de mim. Assim, quem sabe obtenho melhor resultado.

– E você, pode permitir-se gostar de mim ou de alguém?

Não respondeu. Atravessamos o portão e chegamos a uma espécie de rua com vários prédios enormes. Andamos por ela. Nada mais para ver. O céu do Plano Inverso é cinza; senti falta das cores e perguntei-lhe sobre o Sol. – Sem luz do Sol, Halu.

Sem luz nenhuma, pensei.

Voltei para casa no veículo dourado e combinamos para o sábado a visita ao Departamento das Materializações.

Na sexta-feira, fui fazer uma palestra, pois resolvi falar sobre minhas novas descobertas. Comecei o trabalho pedindo que as pessoas da plateia se pronunciassem em relação à ideia que faziam sobre o bem e o mal. Muitos falaram, mas ninguém chegou perto da realidade. Ressaltavam almas obtusas e sem direção. Alguns até acreditavam que o mal era formado por pessoas que desencarnavam alcoolizadas ou drogadas.

Quando falei sobre a organização dos líderes brilhantes e das intenções, ficaram surpresas. Principalmente quando relatei a beleza plástica e bem modelada de seus integrantes.

Fantasiavam pessoas disformes e feias e, em represália, quando acrescentei que muitos até se vestiam de branco, alguns se retiraram. Quem ficou ajudou-me a refletir e a elucidar algumas ações do “mal”, aqui, na esfera terrestre.

Na terça, quando desmembrei, esperei alguns minutos para a chegada do Ministro. Estava muito revoltado comigo.

– Quem a autorizou a distribuir informações sobre a Casa das Soluções? Não fale com ninguém sobre nós!

– Sendo assim, nossos encontros encerram-se aqui. Meu único interesse em acompanhá-lo é falar na esfera material sobre as ações e

estratégias do Plano Inverso.

Caminhou, dando voltas pelo quarto, e pude ver seu campo áurico, denso, com cores fortes e escuras.

– Pare de me examinar! – gritou, irritado.

Seus olhos estavam vermelhos e muito abertos.

– HF me avisou de sua ousadia. Há muito não perco a paciência. Sem visitas por hoje; levarei o caso à Casa das Soluções.

Foi embora. Era uma oportunidade para rever Meu Amigo nas Casas Astrais. Concentrei-me pedindo o canal transportador.

Fui encontrá-lo no salão da sétima Casa Astral. Sentamos para conversar e relatei-lhe o último episódio, aproveitando para saber sua opinião.

Desde quando comecei este trabalho, uma coisa me incomodava bastante. Por que HF e o Ministro A.L. às vezes falavam com tanta certeza que me fariam passar para o lado deles?

– Estão bastante convictos de ser o melhor para o mundo. E não aceitam rejeições. Quando informei ao Plano Inverso seu interesse em estudá-los, reagiram com alegria.

– E você? Você acha que posso me deixar seduzir?

– Até então, nada indica essa possibilidade.

Foi bom Meu Amigo ter me fortalecido. É horrível esta impressão de estar fazendo algo errado, é como uma sombra...

– Por causa de sua paranormalidade, ouviu muitas críticas e queixas e as introjetou no emocional. Com o tempo essa sombra desaparecerá.

Na sequência colocou sua certeza de que o Plano Inverso continuaria a receber-me, mas que não me enganasse, viriam negociações.

– Porém se não se sentir segura, não tenha pressa em se comprometer.

Voltamos a falar sobre as eras. Informou-me que estamos todos envolvidos com as últimas três, Áries, Peixes e Aquário, e relacionou-as com as fases do tempo: passado, presente e futuro.

Como as pessoas do planeta Terra não aprenderam a absorver Deus totalmente, ainda há, na atmosfera do planeta, energias que pertencem a Áries e Peixes. Este é o principal motivo das divergências com relação a Deus.

– Todas as pessoas encarnam para absorver a qualidade energética de sua era de origem. Algumas não conseguem captar a energia, no tempo darmático.

Ensinou-me que todos nós fazemos parte dessa porção de Deus. Nosso corpo-essência vem ao planeta Terra através dessa porção. Quando a introjetamos e expressamos toda a nossa porção individual. Estamos capacitados a dar seqüência a nossa eternidade em outro planeta.

– O Plano Inverso sabe disto?

Recebe essas informações como mitologia. Não estão interessados no que realmente acontece. Preferem conduzir “de hoje em diante”. Há séculos falam do “hoje em diante”.

Interessei-me em saber a quanto tempo existiam as organizações da Casa das Soluções e das Casas Astrais.

– Há muito tempo, Halu. A Casa das Soluções com este modelo, data do século CI. Mas já existiram outras formas de trabalho naquele espaço sobre Plutão. As Casas Astrais existem há cinco mil anos. Com o tempo e o retorno dos Avatares, foram se ampliando. Antes de Jesus Cristo retornar, eram dez Casas; ele as ampliou para 17.

Precisava circular um pouco e pensar nas últimas informações. Meu Amigo concordou e fomos passear no micro-transportador. Acordei com Luiza no quarto.

– Por sua expressão, sei que esteve com seus amigos.

Contei-lhe da fúria do Ministro. Ouviu e recomendou:

– Esta noite sonhei que aplicava alguns exercícios em você. Que acha de começarmos um trabalho corporal?

Não discuti. Luiza sempre sabe o que faz e já havíamos confirmado que esses sonhos eram, na realidade, resultados de suas pesquisas nas Casas Astrais. Esta parte do trabalho é responsabilidade dela; fazer-me estar pronta para dar conta de viver em dois mundos.

Preciso falar um pouco sobre isto:

Muitas pessoas me perguntam como consigo viver assim. Acredito que só sei viver, porque é assim. Não daria conta de ignorar o que está por trás do mundo e à frente do universo. A parte mais difícil é lidar com pessoas julgadoras que vivem rotulando-me.

Uma vez, aconteceu um caso que de tão diferente é, no mínimo, engraçado. Fui procurada por uma senhora. Pedia-me um encontro para leitura de aura. Informei que marcaríamos uma data, mas que poderia ser adiada. Ela contra-argumentou que tudo daria certo, porque iria pedir aos espíritos seus amigos.

Na véspera do dia marcado, meu chakra frontal (testa) abriu no corpo físico. Quando isto me acontece “vêm” temas importantes para escrever. Luiza comunicou-se com ela adiando o encontro.

A senhora não quis ouvir; disse que se estava marcado, deveria honrar meu compromisso. Em vão Luiza tentou esclarecer minha condição. A consulente chamou-me de irresponsável.

Graças a Deus, outras pessoas foram ver-me e fizemos junto uma excelente meditação e captação de energias sutis.

A senhora telefonou para marcar outra data. Quando a atendi tocou no assunto:

– Desta vez deu tudo certo!

– Sempre tudo está dando certo para alguém.

Meu Amigo é que me ensinou a responder assim, a fim de levar as pessoas a refletirem no que chamam de certo e errado.

Outra vez, um grupo de estudiosos pediu à Luiza que quando houvesse uma abertura de chakra, fossem chamados para participar das meditações. Quando aconteceu, pedi à Luiza para avisá-los. Todos vieram. Alguns meditaram conosco e outros saíram comentando que eu não deveria chamar ninguém nessas ocasiões, porque isso era exibicionismo.

Bem, assim é parte de minha vida; entre julgamentos e aceitação, no código das pessoas do planeta terra. Abri este adendo, para sugerir uma reflexão; é com posturas deste tipo que as pessoas incentivam os paranormais a buscar o modelo escolhido por Mag.

Na terça feira seguinte, ao desmembrar, lá estava o Ministro A.L. Retomou a postura de nosso primeiro encontro, meio simpático, meio didático.

– Vamos, temos algo importante a decidir.

Fez todo o trajeto em silêncio e não olhou para mim. Ao chegarmos à sala dos Ministros fui interrogada por um de seus companheiros:

– Você se projeta no astral para escrever sobre suas experiências. Está correta minha colocação?

– Não é apenas esse o motivo.

Interrompeu-me, laconicamente:

– Gostaríamos que escrevesse um livro sobre a Casa das Soluções. Naturalmente, sob nossa censura e direção. A partir de hoje, o Ministro A.L. dita e você escreve.

– Não saberei trabalhar assim.

– E o que você propõe?  
– Prefiro considerar o convite, se permitirem que eu escreva com meu livre-arbítrio, como faço nas Casas Astrais. Sem censuras.

– E quando você escreveria?

– Quando puder. Pensem se interessa desta forma.

Resolveram concordar.

Trouxeram-me de volta e Meu Amigo estava à minha espera.

– Não se iluda Halu. Eles tentarão conduzi-la. É recomendável a partir de agora concentrar-se unicamente na tarefa de ver, ouvir e registrar.

Sabia o que Meu Amigo queria dizer. Deixaria as intervenções para outro momento.

Quando reencontrei o Ministro A.L., aceitei a proposta de escrever se fosse mantida a liberdade de expressão.

– O que é mesmo liberdade de expressão? Você precisou da permissão de Seu Amigo para concordar.

– Liberdade de expressão significa precisar de um amigo para nos ajudar a expressar esta necessidade, sem ter que responder a perguntas irônicas.

Algo em minha colocação o fez rir muito. Bem, na sequência retomamos a possibilidade de eu conhecer o Departamento das Materializações.

– Seria importante, antes de você ir diretamente ao departamento, assistir aqui, no Plano Material, aos diversos trabalhos de materialização.

Perguntei como isso seria possível e ele me disse que providenciaria alguns endereços. Poderia até levar algum amigo para me fazer companhia.

Quando acordei, contei à Luiza as novidades.

– Vamos esperar Halu, a lista de endereços.

O Ministro A.L. apareceu e deu-me os endereços; todos os três eram em Salvador.

– Vamos ver sua disposição em continuar o trabalho.

Percebi que queria dificultar. Compreendi que com essa atitude media meu interesse.

Anotei os endereços e ele se foi. Fui conversar com Luiza:

– Voltar a Salvador, agora? Se for este o trabalho, tudo bem; daremos um jeito, mas antes de decidirmos, consulte Seu Amigo.

Assim que tive oportunidade, fui ao seu encontro. Estava na décima Casa Astral com C. Escrevia sobre a energia reprodutora.

Fiquei um pouco ali, ouvindo os dois falarem e uma saudade enorme envolveu-me. Quando terminar meu trabalho sobre o Plano Inverso, voltarei a estudar com eles. Senti-me em casa como antes e meu sentimento fez com que interiorizasse. Vi, por dentro dos meus pensamentos, uma cena em que eu e Meu Amigo estávamos juntos passeando em um lugar muito bonito; na beira de um mar com muitas cores. Quando passou, abri os olhos e os dois esperavam em silêncio meu movimento. A saudade aumentou; o respeito pelo movimento do outro; existe melhor forma de demonstrar carinho?

Sorri e fui direto ao assunto. Precisava respeitar o momento deles também.

Falei dos endereços das casas onde utilizavam o serviço de materializações.

Meu Amigo ouviu e falou:

– Procure aquele seu amigo Dos Anjos. Ele pode nos ajudar muito se acompanhá-la. Diga à Luiza para manter diariamente as sessões de trabalhos corporais.

C. segurou minhas mãos, dizendo que tudo daria certo:

– Estaremos todos em sintonia com a intenção de nossos propósitos. Assim seremos fortalecidos pelas forças superiores. É importante, Halu, escrever sobre esses fatos. Vá! Estaremos sempre juntos.

Nós três demos as mãos e ficamos assim, elevando nossos pensamentos, renovando minhas energias.

Eu e Luiza preparamos a viagem para Salvador. Muitos compreenderam sem muitas perguntas. Outros, apesar de Luiza explicar que precisávamos viajar para realizar um chamado da espiritualidade, argumentaram que devíamos fazer de outra forma:

– E qual sugere?

– Ah! Não sei, mas viajar agora? É o momento de retomarmos os trabalhos de grupo. Todos retornaram das férias e vocês viajam. Por que não foram antes?

Como explicar a quem não quer compreender? Tem gente que acha que pode conduzir a agenda da espiritualidade. Determinar os acontecimentos.

*Atenção!* Atitudes deste tipo atraem o Plano Inverso.

Como eu e Luiza há muito decidimos estar em dia com os compromissos com a espiritualidade, seguimos viagem. O tempo nos dirá se erramos ou acertamos.

– Por enquanto Halu, nós vamos fazer aquilo em que acreditarmos. É a única forma de concretizar alguma coisa.

Chegando a Salvador, procurei o Dos Anjos. Ele estuda as energias da natureza e cultiva ervas medicinais. Fizera alguns cursos com ele e nos tornáramos amigos.

Conversamos sobre meu novo trabalho. Ele ficou boquiaberto como a maioria das pessoas quando conto sobre meus desmembramentos. Dos Anjos é um homem bom. Ouviu-me com carinho e aceitou o meu convite.

– Conte comigo. Seus amigos das Casas Astrais, como você diz, hão de rezar e olhar por nós. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

– Para sempre seja Louvado! – Rezamos e tratamos de ver a lista.

O Ministro pediu-me que respeitasse a ordem dos endereços e o primeiro era na periferia. Entramos em contato com os donos da casa e descobrimos que se intitulavam “Vence-Tudo”.

Seríamos recebidos em uma semana. Dos Anjos gostou, porque assim teríamos tempo para nos prepararmos melhor. No dia e hora marcados chegamos à casa de trabalho Vence-Tudo. Era uma casa simples, de periferia; na sala havia umas 15 pessoas em pé, muito juntas, em círculo. No centro do círculo estava um homem vestindo uma capa preta e segurando um tridente maior do que ele. Seu rosto estava pintado de vermelho e falava com uma voz bastante grossa.

– Peçam o que quiserem, mas o que receberem, dividam comigo. Eu sou o Vence-Tudo.

Apertei a mão de Dos Anjos. Ele estava com os olhos fechados e rezava com muita contrição.

De repente, Vence-Tudo gritou:

– Quem é Halu?

Fiquei sem saber o que fazer. Ele repetiu a pergunta.

– Sou eu, respondi tentando não tremer a voz.

– Aqui tem algo para você!

O que seria meu Deus? Apertei mais ainda a mão de Dos Anjos e pedi a meu Jesus que olhasse por mim naquele momento. Minha respiração voltou ao normal e senti uma força incrível tomar conta de meu corpo.

Calmamente, esperei Vence-Tudo se aproximar. Largou o tridente e pegou, com uma das mãos, uma vareta de uns quarenta centímetros aproximadamente. Parou diante de mim rindo zombeteiramente, repetiu a frase e acrescentou:

– Tenho algo para você. Ajoelhe-se para receber.

Demorei a entender sua ordem. Repetiu, gritando, irritado.

De longe, via-se que Vence-Tudo estava acostumado a ser temido.

– Tô mandando ajoelhar!

A força que estava em mim, sustentou minha intenção:

– Se preferir eu vou embora, mas não posso ajoelhar para você.

– Então não entrego o que lhe trouxe.

Fiquei calada, objetivando não irritá-lo ainda mais. Percebeu meu desinteresse e reagiu com surpresa:

– Não quer? Não acredito, mas agora, resolvi que vai ajoelhar!

Neste momento pude ver o que tinha na outra mão: um livro. Fiquei impressionada. Ele percebeu e abriu o livro para eu ver. Não havia sequer uma página escrita. Uma capa dura encobria um monte de folhas de papel. Folheou diante de meus olhos. Procurei Dos Anjos; ele olhava fixamente para o “livro” aberto.

– Tá impressionada? Tô esperando ajoelhar!

As pessoas da assistência vieram falar comigo:

– Ajoelhe moça; Vence-Tudo não aceita ser desrespeitado. De repente, notei que quem falava comigo era alguém já desencarnado e que atrás dele estava A.P., da Casa das Soluções. Olhei para ele e falei:

– Meu livre-arbítrio, lembra-se?

– É com você e ele. Estamos aqui só para assistir – respondeu.

Vence-Tudo bateu com a vareta em meu ombro e gritou:

– Ajoelha tô mandando!

Não sei o que deu em mim. Até hoje, de verdade, eu não sei, mas, com muita força, tirei a vareta das mãos dele e a quebrei.

O choque foi coletivo. Eu estava tranquila, como se tivesse feito a coisa mais normal do mundo. Dos Anjos arregalou os olhos, mas não conseguiu pronunciar uma única palavra.

Silêncio total. A.P. e seu companheiro olhavam-me como se olhassem para algo que nunca tinham visto.

Não senti nada, apenas agi. Um amor supremo tomou conta de mim. Olhei para todos da assistência e orei por eles, por mim e por Vence-Tudo. O torpor coletivo esperou que eu terminasse de rezar.

Quando reagiram, Vence-Tudo estava possesso. Só então, percebi que ele era a manifestação de um obsessão.

– Desgraçada, como ousa? Diga a Juvenal que vou embora e só volto quando ensinar essa desgraçada a me respeitar. Quebro a cara dela e verão quem é Vence-Tudo.

Deu um longo suspiro, contorceu o corpo, grunhiu e se foi.

O silêncio era total. Juvenal, voltando a si, perguntou quem havia desrespeitado daquela maneira o Vence-Tudo. A assistência incumbiu-se de me apontar e dar o recado a Juvenal. A.P. e o amigo foram-se dizendo que se eu havia arrumado encrenca, então que desse a conta do recado. A.P. estava feliz. Confirmei que não gostava de mim.

Juvenal me chamou em particular. Estranhei, pois não estava zangado. Levou-me até seu quarto, e minha estranheza aumentou. Era ornamentado por uma porção de estátuas e objetos assustadores. Meu assombro foi ainda maior quando vi uma cobra presa em uma gaiola.

– Moça, a senhora não conhece essas coisas; por que veio aqui?

Então me lembrei de que o “livro”, na mão de Vence-Tudo, havia sumido com ele; quando Juvenal “voltou”, estava com as mãos vazias. Meu corpo arrepiou inteiro, mas a força ainda estava em mim.

Contei-lhe a verdade sobre a maneira pela qual obtive seu endereço.

– Puxa! Minha casa então é conhecida e respeitada pelos espíritos!

Esclareci a ele sobre o Plano Inverso. Falei uns vinte minutos sem parar. Ele me escutou e depois disse:

– Não tenho sua força. Estou acomodado pelo medo. Vence-Tudo “pegava” minha mãe. Quando ela morreu, herdei. Não sou dono de minha vida.

– Juvenal, ele fez você acreditar nisso, mas não é assim.

Lembrei-me de Meu Amigo: “ver, ouvir e registrar”. Mas o que fazer? Não conseguia me omitir. De repente, ouvi uma voz, dentro de meu coração: “E quando foi que a incentivei a se omitir?” Sorri internamente e continuei a conversar com Juvenal:

– É... Mas... Tem outra coisa, sabe... Eu sou, hã..., homossexual e ninguém me dá emprego por causa disso. Meu amigo... Ainda é pior que eu. Qualquer pessoa que olha para ele, nota logo. Como vamos nos sustentar? Vence-Tudo recebe o dinheiro da consulta e me dá uma parte. Moro num apartamento que não é de luxo, mas como e me visto bem.

O velho problema de sempre. O Plano Inverso sempre ataca nas fraquezas das pessoas. Juvenal sentia-se humilhado por sua preferência sexual e essa humilhação o intimidava a buscar resolver seus problemas

financeiros. Aí vem o Vence-Tudo, que além de ser o sustento material, ainda faz com que todos temam e respeitem Juvenal, por medo dele.

O que dizer ao Juvenal? Dos Anjos bateu na porta e entrou.

Estava completamente assustado.

– Está tudo bem, “Dos Anjos”. Estamos conversando.

– É, estou dizendo a ela para se arrepender, que o Vence-Tudo tira a praga que rogou. Já aconteceu isso outras vezes. A pessoa pediu perdão diante da imagem dele e ele deixou para lá – ponderou.

– Juvenal, eu preciso ir. Pense no que lhe falei. Converse com o seu amigo, se tiverem forças, arrumem uma maneira de resolver o problema e se afastarem do obsessor. Ele está se aproveitando de seu medo.

– Vamos, Halu, já passou da hora.

Dos Anjos tinha razão. No entanto, saí com a impressão de que Juvenal ia pensar.

Eram aproximadamente 21 horas quando saímos da casa e coisas impressionantes começaram a acontecer: estranhamente, nenhum taxi parava a nosso chamado. Andamos por mais de uma hora. Pensamos em pegar um ônibus e dirigimo-nos ao ponto onde nos informaram que era o fim da linha. O próximo e último ônibus sairia às 23 horas. Eram exatamente 22h20min horas.

Dos Anjos colocou que o mais sensato seria esperar. Eu e ele esperamos conversando com o fiscal. Estávamos obviamente assustados.

O ônibus chegou e saímos nele. Um quilômetro depois, quebrou. Procurei um telefone público para ligar para Luiza; quando encontrei, estava quebrado. O motorista e o cobrador ficaram no ônibus e seguimos andando com o fiscal em busca de auxílio. Estávamos muito distantes de casa, do centro da cidade, de tudo. Para chegar até a casa do Vence-tudo, viajamos duas horas.

Bem, o jeito era andar. O fiscal estava com medo, pois aquela região, segundo ele, era um reduto de ladrões perigosos. Espantosamente não temi os ladrões e acho que Dos Anjos também não.

A força voltou a fortalecer-me e comecei a cantar mantras que havia aprendido nas Casas Astrais. A tensão foi se dissipando e, sem que pedíssemos, um carro parou junto de nós. Uma Kombi nos ofereceu carona.

Pronto, tudo em paz, sorri, segurando a mão de Dos Anjos.

Quando telefonei para Luiza, encontrei-a ainda acordada, um pouco assustada, esperando-me.

Pedi uma carona, pois a Kombi nos deixou na estação rodoviária; era mais de uma hora da madrugada e não achamos nenhum taxi que quisesse levar Dos Anjos para a estrada do aeroporto, onde morava. Luiza prontamente socorreu-nos e, às 02h30m, conseguimos chegar a casa, onde acabei de contar minha experiência com Vence-Tudo.

Luiza estava chocada. Preparou-me um banho com água de laranjeira e insistiu para fazermos um trabalho corporal. Dormi cansada e acordei no outro dia com expectativas. Telefonei para Juvenal e conversamos um pouco. Ele estava assustado e temia represálias de Vence-Tudo. Realmente o obsessor voltou a procurar-me.

Na tarde seguinte, saindo da casa da minha tia, peguei um táxi em direção a casa onde, eu e Luiza, estávamos hospedadas. Uma quadra antes de chegar, o pneu furou e resolvi ir andando.

Ao atravessar a rua, vi um cachorro enorme vir em minha direção e, atrás dele, o Vence-Tudo. Sempre ouvi dizer que os animais captam a presença dos espíritos e naquele momento eu tive certeza. O cachorro parou em minha frente, latindo e rangendo os dentes. Ora olhava para mim, ora para o Vence-Tudo. Confesso que me assustei bastante. Em segundos o *aerobus* chegou e ficou nos circundando.

Feliz, vi Nelson, o condutor, que vinha em meu auxílio. O cachorro disparou a correr e sumiu. Nelson parou o *aerobus* e veio para perto de mim. O Vence-Tudo voltou e ameaçou-me:

– Ainda não foi desta vez, mas voltaremos a nos encontrar!

Nelson tentou conversar, mas ele não estava disposto.

– Preciso trabalhar Halu, cuide-se.

Entrei em casa e só aí me dei conta do tremor de minhas pernas. Contei a Luiza e ela se ofereceu para acompanhar-me quando precisasse sair. Desde que cheguei a Salvador, intuí que deveria deixá-la fora das visitas às casas de materializações. Agora vi o que minha intuição queria dizer-me: Luiza, livre desta perseguição, poderia ajudar-me muito mais.

Precisava terminar logo com a tarefa e telefonei para Dos Anjos:

– Vamos continuar nosso trabalho?

Combinamos encontrar-nos para entrar em contato com o pessoal do segundo endereço. Desta vez o bairro não era tão distante. Dos Anjos incumbiu-se de marcar o dia de nossa visita.

Como ficou acertado, chegamos à “Casa das Forças Verdadeiras” em um sábado às 18 horas.

Era uma casa grande, com quintal e jardim, em um bairro perto do centro da cidade.

Não nos causou espanto; a reunião era na maior sala da casa. Aproximadamente vinte pessoas participavam do ritual. Ela era quadrada com grandes bancos de madeira encostados nas paredes, de onde as pessoas da assistência acompanhavam a reunião. No centro, estava uma mulher sentada numa poltrona. A reunião estava começando; bateram palmas e cantaram uma canção, todos juntos, até que a moça na poltrona manifestou uma entidade que se apresentou como “Dona da Fortuna do Mundo”.

Quanta coisa existe que eu não conheço, falei para Dos Anjos. Eu já tinha ouvido falar, mas achava ser exagero das pessoas que relatavam essas experiências.

– É preciso ser humilde para estar aberto para aprender coisas novas, senão agimos de forma irresponsável, negando a experiência de outras pessoas até que o fato nos surpreenda.

A “Dona da Fortuna do Mundo” levantou e veio até a assistência cumprimentar as pessoas. Quando parou diante de mim, deu uma gargalhada assustadora.

– É você, tenho certeza. Olhe, Vence-Tudo está lhe esperando. Ele não esqueceu!

Então, havia comunicação entre eles... E por que não?

Continuou a cumprimentar as pessoas, algumas com tanta intimidade que respondiam da mesma forma.

– Quem precisa de meus trabalhos hoje? – perguntou, gritando de maneira vulgar, rebolando e balançando os braços como se dançasse.

Um cliente se manifestou:

– Eu, “Dona”! Lembra daquele relógio que você me deu? Sumiu, não sei onde foi parar. Você tomou de volta? Está zangada comigo?

– Não, meu amor. A prova disto é que lhe trago o relógio e quem o roubou. Apontou para mim.

Todos me olharam e eu não compreendi o jogo, até que ela veio em minha direção, colocou a mão no bolso de minha camisa e tirou de lá o relógio. Sua risada ecoava pela sala; nunca ouvi nada igual!

A princípio pensei que todos haviam visto a encenação como uma brincadeira, igual à mágica de tirar moedas de nossas orelhas, mas não foi assim. O dono do relógio voltou-se para mim, aos gritos:

– Como é isto, sua ladra? Você se danou, porque sou protegido por “Dona”. Só não a levo para a delegacia porque a polícia não vai acreditar e, além do mais, prefiro resolver do meu jeito!

Vi que não adiantava argumentar. Percebi claramente que ele e todos na sala sabiam que não era verdade a acusação da “Dona da Fortuna do Mundo”, mas não ousariam discutir com ela.

Levantei para ir embora e ela chamou minha atenção:

– Pode ir metidinha; aqui tem a gente, lá fora o Vence-Tudo. O que você prefere?

Em minha casa ele não entra porque sabe que eu não gosto de ninguém em meu pedaço. Enquanto estiver aqui, fica protegida.

Ela me queria ali para me humilhar diante dos outros e autoafirmar sua força.

Mais uma vez, vi, no fundo da sala, A.P. que esperava minha decisão. Sem nada dizer, toquei o braço de Dos Anjos, levantei-me e me retirei. A “Dona da Fortuna do Mundo” não acreditou e gritou:

– Pega Vence-Tudo! É toda sua essa metida a besta. Ela se acha melhor do que os outros aqui – disse, para instigar as pessoas presentes contra mim.

Saindo, encontramos Vence-Tudo. Difícil descrevê-lo: estatura alta, mãos fortes, usava uma capa preta comprida com golas enormes, olhos injetados de raiva e energias muito baixas.

– O que você anda procurando? E o que tem a ver com o livro?

– Halu, Halu, você está olhando assim para onde? O obsessivo está mesmo aqui?

Dos Anjos, como o nome sugere, é uma pessoa limpa. Antes destas experiências, achava impossível a existência de mal tão perverso. Acalmei-o e andei em direção ao ponto de táxi. Ainda era cedo. Não permiti que o medo tomasse minha razão. Vence-Tudo nos seguia xingando, às vezes atravessando meu caminho para impossibilitar meus passos.

– Quem é você, desgraçada? Não sabe o que sou capaz de fazer?

Os mantras saltaram de minha boca. Aceitei a sugestão de meu sentimento e comecei a cantar. Entramos num táxi e deixamos Vence-Tudo gritando e fazendo gestos obscenos.

Luiza ficou impressionada com o relato. Como foi que a “Dona da Fortuna do Mundo” materializou o relógio? E a troca de informações que existe entre eles?

– É um exército cujo comandante é o Plano Inverso e o general Baal-Feor.

À noite, desmembrei e fui encontrar Meu Amigo que, como sempre, esclareceu-me a situação:

– O Plano Inverso deseja assustá-la e bloquear seu desenvolvimento espiritual pelo medo. É um recurso muito usado por eles.

Contou-me que eles observam as pessoas até que descubrem uma fragilidade qualquer para se instalarem. Concluí que eles ainda não tinham encontrado a minha.

– E você, já encontrou Halu?

Não soube responder. Fui meditar sobre a questão. Para ampliar minhas condições de reflexão, pedi a Meu Amigo que falasse mais sobre essas fragilidades.

Começou dizendo que os preconceitos são as principais e frisou que preconceito significa o julgamento antes da experiência.

– Preconceito, Halu, traz a dedução antes do acontecimento se concluir. Desta forma aborta-se o conceito, a experiência, a concretização, causando a inércia, o não acontecimento. Assim quer Baal-Feor.

Pedi que exemplificasse e ele citou alguns comportamentos como orgulho e vaidade em demasia; condenar a atitude dos outros sem aprofundar no contexto das pessoas, discriminações, enfim, todo tipo de comportamento que as induz a se afastarem da compreensão mútua.

Meu Amigo se foi e deixou-me meditando. No outro dia, eu e Luiza fomos à praia. Olhando-a alegre entrando no mar, me veio uma imagem tenebrosa e uma energia me impulsionou a correr até ela, como se alguma coisa estivesse para acontecer. Quando cheguei, ela me olhou com tanta tranquilidade que dispensei o pensamento e entramos juntas na água. Fomos seguidas por Rafael, filho de Luiza, e ficamos ali, brincando ao sol. À noite saímos todos para jantar. O dia foi tão bom que me desliguei do Plano Inverso.

No meio da noite, acordei muito assustada; sonhei com um acidente horrível onde Luiza se machucava muito. Quando me recompus, uma luz acendeu em minha cabeça:

– Eles acharam meu ponto fraco: Luiza!

Levantei da cama horrorizada. E se eles fizessem alguma coisa com ela? Não me perdoaria. O pavor foi tomando conta de mim. Corri até seu quarto e, sem conseguir me conter, acordei-a.

Luiza tem uma calma impressionante para lidar com situações difíceis: escutou-me falar sobre meu pavor por quase uma hora e disse sem nenhuma crítica na voz:

– Você precisa refletir sobre isso. O que você vê em mim, que lhe indica que não sei me defender?

Suas palavras me causaram um impacto enorme. Luiza continuou:

– Desde quando você começou a me informar sobre o Plano Inverso, eu venho me preparando para não ser seduzida. E, Halu, a melhor forma de se defender é não andar armado. Isto eu já aprendi.

Voltei para o quarto com muitas coisas para pensar. O dia me flagrou refletindo e mais tarde procurei Dos Anjos. Ainda faltava um endereço. Desta vez era em um bairro de classe média alta.

No caminho para a “Casa de Assistência da Verdadeira Luz”, contei a Dos Anjos o meu sonho e a reação de Luiza. Ele até anotou as palavras dela.

– Preciso pensar nessa história de andar “desarmado”; esta sua amiga sabe das coisas!

Desta vez, a casa era muito bonita, quase uma chácara. Notei que os participantes eram todas pessoas de nível social importante.

Chegamos cedo, pois avisaram a Dos Anjos que, exatamente às vinte horas, fechariam o portão e que de forma alguma se poderia entrar após essa hora. Dos Anjos achou-os bem organizados.

Fomos convidados a entrar no salão do ritual. Todos se sentaram nos sofás. Em uma ponta da sala havia uma cadeira vazia. Apenas um abajur iluminava o ambiente. Uma mulher de aproximadamente quarenta anos, muito fina e educada, sentou-se na cadeira e anunciou:

– Aviso a todos que estão abertos nossos trabalhos.

Um senhor percorreu a assistência com um incensador aceso, limpando as energias dos visitantes.

Minutos depois a mulher entrou em transe. Com uma voz delicada, a entidade se apresentou como “Irmã Magnífica”, uma freira da espiritualidade a serviço da caridade na Terra.

Falava mansamente. O homem dos incensos agora convidava as pessoas a cumprimentarem a Irmã Magnífica. Quando chegou minha vez ela me olhou sem me abraçar e falou um pouco mais alto:

– Meus irmãos, esta irmã está com ideias confusas sobre o mundo espiritual. Rezemos todos, uma prece para ela.

Segurou minhas mãos e com a voz mansa, mas pulso forte, indicou que eu deveria sentar-me em sua cadeira. Delicadamente, declinei da oferta. Ela não insistiu. Quando terminou a prece, voltei para meu lugar.

Dos Anjos estava boquiaberto. Devo confessar minha surpresa; não esperava aquela situação.

Terminados os cumprimentos, “Magnífica” pediu a todos, silêncio absoluto. Senti uma presença a meu lado e notei o Ministro, em pé, atrás do sofá. Ele olhou para mim e sorriu. “Magnífica” anunciou a todos a presença do nobre irmão Ministro A.L., que a auxiliaria nos trabalhos. Balançou as mãos com força e, ao terminar o movimento, um lindo arranjo de flores do campo apareceu em suas mãos.

– Oh!

A reação foi mesma em todos. Olhei para as pessoas; estavam encantadas com o fenômeno. “Magnífica” distribuiu as flores entre os presentes e discursou:

– Vocês são os Escolhidos pelos mestres da espiritualidade. São pessoas especiais. Estão protegidos de qualquer infortúnio. Vocês, seus filhos, suas empresas. Deixem tudo por nossa conta. – Levantou-se e saiu por uma porta.

Seu ajudante informou que logo distribuiria fichas para o atendimento individual. As fichas tinham preços diferentes, a depender do tempo de consulta que ia de cinco a vinte minutos. E o preço mais baixo já era muito alto. O Ministro aproximou-se de mim.

– Entre e ouça o que ela tem a lhe dizer.

Consultei Dos Anjos e juntando nosso dinheiro, não dava nem para a ficha de cinco minutos.

O Ministro voltou a orientar-me:

– Não tem problema. Peça ao ajudante para falar de você. A entidade a receberá.

Dirigi-me ao ajudante e expliquei a situação. Ele foi falar com “Magnífica” e mandou que eu esperasse na varanda onde outras pessoas aguardavam sua vez.

Foram servidos água e refrigerante, tudo muito simpático e alegre.

Eu e Dos Anjos encostamo-nos ao muro e uma moça veio em nossa direção puxando conversa:

– Ela já lhe conhecia? Nossa! Adivinhar sua questão sem você abrir a boca.

– Você se refere à prece que a entidade pediu para mim?  
– E não? Eu fiquei toda arrepiada. E as flores? Que poder! Ela vai me ajudar. Uma de minhas primas veio aqui. O marido a havia abandonado. “Irmã Magnífica” o fez voltar para casa e hoje está acabado, doente. Ela disse a minha prima que era castigo por tê-la abandonado.

Como discernir quem sabe se defender? A sedução é tão grande! Bastou um fenômeno para a moça se encantar.

Meu Deus, onde está a lucidez das pessoas?

Enfim chegou minha vez. Dos Anjos esperou do lado de fora, só era permitido uma pessoa por vez.

Lá dentro, “Magnífica” assumiu outro comportamento; estava muito bem informada sobre mim. Falou de minha família, de meu trabalho e me disse que se não aceitasse ajuda da Casa das Soluções, desencarnaria em seis meses, pois estava começando a desenvolver uma doença muito séria. Somente eles poderiam me salvar. Escutei sem discutir e ela terminou a entrevista.

Sem nenhuma perturbação, cheguei a casa e contei à Luiza a experiência. A Casa das Soluções já está infiltrada em todos os lugares. É preciso ter muito discernimento, estar centrado, não se deixar impressionar por fenômenos, muito menos por ofertas aparentemente maravilhosas. A cobrança vem depois e é muito alta.

Dos Anjos me narrou alguns casos que há muito seu professor lhe contara e que só agora conseguira acreditar em sua veracidade.

É muito comum esta estratégia de ameaçar com morte, doenças, falência. Se o consulente não estiver seguro de sua saúde e competência, embarca na intenção do Plano Inverso. Introjeta a informação a tal ponto que acaba por fazer sintomas de doenças, atrapalharem-se nos negócios, promovendo prejuízos. É muito fácil fazer as pessoas acreditarem que são incompetentes e que podem adoecer. Difícil é fazer uma pessoa descobrir e desenvolver seu potencial interno.

A tática do Plano Inverso é: “Eu tenho, você não tem”; “Eu sei e você não sabe”.

Não quero dizer aqui que todas as pessoas, que conhecem e fazem materializações, são ou estão dirigidas pelo Plano Inverso. O importante é não confundir fenômenos psíquicos com evolução espiritual, pois são duas coisas completamente diferentes. Às vezes, andam juntas: às vezes, não.

Terminada a missão em Salvador, eu e Luiza voltamos para Belo Horizonte. Logo que chegamos, o Ministro retomou as visitas e combinamos o dia em que me levaria para o Departamento das Materializações.

– O departamento é muito grande. Você o visitará mais de uma vez.

No dia combinado, em desdobramento, acompanhei-o ao departamento. Era uma espécie de laboratório, dividido em pequenas salas.

– Aqui, estudamos formas para manipular o ectoplasma. Descobriram que o ectoplasma pode transportar, em segundos, objetos de um lugar para outro, e até mesmo se transformar em nossos objetos, a depender da experiência e condições do paranormal ao manipular essa energia.

Em cada sala havia uma tela de projeção parecida com a da sala dos ministros, só que em tamanho menor. Em frente à tela, um “indutor” acompanhava o trabalho da entidade no Plano Material.

– Esta aqui é “Magnífica”, que você conheceu em Salvador.

– Como vai, Halu? Cumprimentou-me com naturalidade. Soube que não acreditou que fosse adoecer. É talvez não. Quem sabe, não é mesmo?

Perdeu o olhar angelical. Seu nome não era “Magnífica”. Tudo encenação para seduzir. Em poucas palavras, contou-me que seu interesse real era influenciar altos negócios no Plano Material. Isto a divertia.

O Ministro levou-me a outra sala e me apresentou o antigo “indutor” de seu João. Ele me disse que influenciou muitos políticos através de seu induzido.

Também conheci o “indutor” de Mag. Apesar dela não saber, ele a acompanha pela tela de projeção. O Plano Inverso são tem uma direção definida; atua de várias formas. Não há filosofia a seguir e a desenvolver, a não ser impedir as pessoas de conectar seu potencial interno. São os falsos paternalistas que resolvem tudo.

Voltei para casa. Na próxima visita, conheceria a outra ala do departamento.

Acordei precisando ver o Meu Amigo com sua serenidade, para acalmar meu coração. Passei o dia escrevendo os relatórios das experiências, ansiando pela noite para visitá-lo. Quando o encontrei, aprendi uma coisa:

– Plutão já foi um planeta fértil como o planeta Terra. Não só ele, mas todo o sistema solar. Atualmente, neste sistema, só a Terra oferece todas as condições para o desenvolvimento espiritual nesta etapa da trajetória.

Houve uma época em que todos os planetas eram povoados e as civilizações eram parecidas, com objetivos comuns.

Meu Amigo ensinou-me que se circulava entre os planetas, por meio de naves espaciais. Exemplificou com os continentes; como se cada planeta fosse um continente.

– E por que ficou assim?

– A ação de Baal-Feor.

Quanto mais escutava, mais me surpreendia com o Plano Inverso.

– Eles sabem disso?

Meu Amigo confirmou:

– Ainda não houve neste sistema solar um crescimento espiritual coletivo. Apenas isto neutralizaria a ação de Baal-Feor.

Quando os Avatares convidam as pessoas para a avatarização, visam ao crescimento coletivo da galáxia. Até hoje, só algumas pessoas, em cada era, conseguiram avatarizar-se e seguiram para outras galáxias.

O. veio a nosso encontro; precisavam de Meu Amigo na décima Casa Astral. Ele atendeu ao chamado e O. acompanhou-me até o Plano Material para outra limpeza em meus chakras.

Acordei cheirando a eucalipto. Minhas mãos estavam um pouco oleosas. Otilia, do canal transportador, orientou-me a tomar um banho e esfregar todo o corpo com as mãos. Aquele óleo renovaria minhas energias e me manteria com mais conforto nos próximos desdobramentos conscientes.

No sábado, fui conhecer a segunda ala do Departamento das Materializações; outro laboratório. Pela primeira vez, encontrei outras pessoas em desdobramentos na Casa das Soluções. Exatamente cinquenta pessoas. Entre elas, Mag.

Eram orientadas a fazer exercícios respiratórios para induzir os pulmões a produzir ectoplasma, inspirando profundamente e prendendo o ar. A agressão é tão intensa que o cordão umbilical balança muito forte e envolve o corpo etérico.

O elemento ar é muito importante nos desdobramentos; atua no interior do cordão, favorecendo a comunicação entre o corpo etérico e o corpo material.

Repetiam diversas vezes o exercício até que, ao expirar, liberassem ectoplasma na condição densa que propicia a materialização. Traziam nas mãos tubos de ensaio para armazenar o ectoplasma que seria usado em seus

trabalhos na esfera material. Essa parte é feita pelos Ministros, que canalizam o ectoplasma no momento apropriado.

– Alguns, aqui, desdobram conscientes como você e fazem este treinamento no corpo material. São os melhores; produzem materializações fantásticas. Quer fazer parte do grupo?

Eles não desistem facilmente. Mas tinha um assunto que eu gostaria de abrir com Ministro A.L.

– Soube, através de Meu Amigo, que já houve vida humana nos outros planetas do sistema solar...

– No processo de seleção, o planeta Terra ganhou. Foi o vencedor. Você deveria copiá-lo; não se diz por aí que vale a pena copiar o que é bom?

Respondi que nunca havia concordado com esta expressão. Se copiarmos o bom do outro, não observamos nosso próprio bom.

Disse-me que ainda tinha tempo. Como não me interessei como ele havia sugerido, pela segunda ala do Departamento de Materializações, levou-me a uma sala específica para projeções. Pediu-me que o aguardasse e saiu, retornando com um pequeno aparelho nas mãos. Sintonizou-o com o painel e a imagem surgiu, demonstrando um lugar lindo, com cachoeiras, mares e paisagens encantadoras. Uma sequência de imagens de natureza.

– Isto é registro de muitos milênios atrás, de nosso sistema solar. Nesta época, bilhões de pessoas estavam encarnadas. Ainda não havia começado o processo de seleção da Casa das Soluções.

Ele chamou o processo de impedir a vida de se expressar de “seleção”. Pensei no mito do paraíso. Mito? Ao ver aquelas imagens, jamais chamaria o paraíso de mito. Hoje vi que um dia ele existiu.

O pensamento sequenciava-se em minha cabeça sem nenhum comando, como imagens consecutivas, e perdi o contato imediatamente com o Ministro. Ao abrir os olhos, vi que estava assustado.

– Não conte a ninguém que lhe mostrei a projeção. Não sei por que fiz isso.

– Eu sei! Seu inconsciente quis fazer com que você revisse as imagens, sem estar sendo obsediado por alguém mais experiente.

Não fui eu quem falou; ou foi? Concluí que uma força falou através de mim, para mim e para ele.

– Vamos embora, você é louca. Não repita isso nunca mais.

Este foi nosso último encontro. Soube que se ofereceu para reencarnar. Optou por trabalhar na esfera material.

Contei à Luiza sobre as imagens que vi dos outros planetas.

– Meu Deus, Halu, que notícia forte! Vida e comunicação ativa em todo o sistema solar. Que maravilha! Há de ser assim de novo.

Sua alegria me contagiou e refleti mais profundamente na questão. Pensei em quantas pessoas esperam anos e anos para conseguir uma encarnação. Se voltasse a ser como antes, esse problema teria fim; haveria mais espaço, mais recursos.

Quase um mês se passou até que a Casa das Soluções voltasse a fazer contato. Desta vez, através de uma mulher.

– Pode chamar-me de Embaixatriz.

A Embaixatriz parecia uma estrela de cinema representando muito mal um personagem; tudo nela era excesso e, de certa maneira, o conjunto não combinava.

Seu rosto de beleza impressionante, não combinava com a dureza do olhar que, por sua vez, não combina com a voz, exageradamente melodiosa.

No entanto, se sua pretensão era passar uma postura de imponência, conseguia, também exageradamente; beirava a agressividade. Sua figura lembrava-me uma mãe superiora de uma escola que estudei.

– Terminou a avaliação? O que achou?

Preferi não responder. Ela continuou falando:

– Descobrimos seu segredo; seus amigos limpam seus chakras e retiram as energias que a Casa das Soluções injeta em você. Está vendo? Nem eles confiam em você para esta missão. De agora em diante, ou você realmente atua sozinha ou acabou o acordo; volto amanhã para saber sua resposta.

– É óbvio que tencionava provocar discórdia entre eu e meus amigos, mas descobriram outro ponto fraco meu: todo paranormal é muito criticado e rotulado. Assim como existem pessoas que nos supervalorizam, outros nos maltratam e desconfiam de tudo que fazemos.

Conheci uma moça que parou de me vender roupas a prazo quando descobriu que eu era paranormal. Havia um ano que eu comprava na mão dela e nunca tivemos problemas.

– Paranormal um dia ataca. É só esperar para ver, mas comigo, não!

Outra vez, a mãe de uma amiga proibiu-a de receber qualquer favor ou presente que viesse de mim.

– Esse pessoal é muito interesseiro, faz favor para ir se infiltrando...

Procurei Luiza para conversar. Meu peito estava denso, pesado e doído. A Embaixatriz mexeu no vespeiro e revivi, no sentimento, todas as experiências de desconfiança. Luiza me abraçou em silêncio e deixei-me ficar ali, até que percebi que começava a sentir pena de mim.

Reagi. Levantei, lavei o rosto e disse à Luiza:

– No fundo de meu coração, eu sei que você e meus amigos confiam em mim; mas eu preciso passar pela experiência. Vou concordar com a proposta da Embaixatriz.

Procurava mesmo ver-me diante de situação; era uma oportunidade real de autoconhecimento, de confronto comigo própria.

Se eu cedesse ao Plano Inverso, é porque precisava de aprendizado. Senão, confirmaria minha escolha pelas Casas Astrais.

Quando a Embaixatriz voltou, encontrou-me em desdobraimento e eu a segui até a Casa das Soluções.

Tinha uma sala só para ela, com tela de projeção particular e um veículo dourado à disposição. Passou a tratar-me com intimidade como se fôssemos grandes e velhas amigas. Isto me desconcertou. Ela passou a tratar-me tão bem que até sua postura não era mais agressiva. Percebi o jogo e fiquei alerta. Era difícil relaxar em sua presença. Às vezes, levava minutos para responder a perguntas simples.

– É, Halu, a orfandade é terrível. Já tive essa sensação.

Traduzia com perfeição meu sentimento. Mas era temporário; tinha de ser.

– Halu, você lembra-se do Eurico? Vamos visitá-lo, está na creche.

Tudo havia dado certo para Eurico e dar certo é não se deformar no processo de regressão induzida. Estava com 14 anos. Encarnaria nos próximos quatro meses.

Eurico, agora garoto, estava firme em seu propósito. Desde o dia em que desencarnou, ele revia diariamente, as cenas de seu último desencarne para alimentar a tal fome de justiça.

– Hoje, Eurico vai visitar a futura mãe. Vamos acompanhá-lo. Como já sabemos, a futura mãe de Eurico é sua antiga empregada Marlene, que agora trabalhava para filha dele.

Descemos todos do veículo dourado. A expressão de Eurico era de ódio absoluto. Entramos na casa; havia uma luz acesa.

– É na biblioteca – falou Eurico e correu para ver de perto. Quando viu o genro, gritou desesperado: – Aguarde-me ladrão, esta casa é minha! Você vai ver o que o espera!

O genro estava lendo. Quando me aproximei, reconheci o *Evangelho Segundo o Espiritismo*. Estava entregue à leitura quando a esposa entrou na biblioteca para chamá-lo:

– Pare com essas bobagens, Orlando. Você agora só vive com esse livro nas mãos.

– Você também deveria ler. O mentor que acompanha mamãe sugeriu que eu estudasse este livro. Disse que todos nós precisamos saber que o mundo espiritual existe.

– Você já é mole para os negócios; lendo essas bobagens vai acabar virando sacerdote! Os outros da companhia já o chamam de Papai Noel. Se o virem lendo esse livro, então...

– Penso em me afastar da diretoria e voltar a trabalhar com meu pai. Prefiro o jeito pelo qual ele lida com os empregados e com os negócios. Lá, em nossa empresa, sinto-me mais útil e mais feliz.

Ela se foi, ele retornou à leitura. A Embaixatriz estava visivelmente irritada.

– Seus amigos já andaram por aqui!

O garoto Eurico estava tão possuído pelo ódio que não percebeu nada. Desviou sua atenção para a filha da encarnação anterior e saiu atrás dela, xingando-a.

Reencontramo-nos no quarto da futura mãe, a Marlene. A Embaixatriz tocou em sua testa e, em segundos, ela saiu do corpo. O impacto foi tão grande que a Embaixatriz precisou segurá-la. Eu fiquei perplexa e chamei a atenção do Eurico:

– Você deixa fazerem isso com sua mãe?

– Que mãe? Está delirando? Ela é minha empregada. Está fazendo o que estou mandando. Não vê?

A Embaixatriz olhou para ele, severamente.

– Você sabe que precisa camuflar esses pensamentos e sentimentos, pois podem induzir ao aborto.

Ele contestou no mesmo tom:

– Ela já está com cinco meses.

– Enquanto não encarnar, Eurico, eu já lhe falei!

A dor de estômago e o mal-estar que sentia no começo das visitas ao Plano Inverso voltaram. Essa era a primeira consequência de atuar sem a ajuda dos meus amigos.

Marlene despertou e, quando olhou para Eurico, falou maternalmente:

– Você é meu filho, eu sei que é. Não vejo a hora de carregá-lo nos braços.

Eurico, agora todo sorrisos e atenção, abraçou Marlene e falou:

– Mamãe, você precisa comer mais e descansar para eu nascer forte.

– Ah! Meu filho, eu vou ver o que posso fazer. É tanto trabalho nesta casa que não tenho tempo. Você mesmo pediu que eu não saísse daqui, lembra-se?

A cena era chocante. Realmente treinaram bem o Eurico.

A embaixatriz saiu do quarto deixando os dois. Entendi que devia acompanhá-la. Voltou à biblioteca e colocou as mãos nas têmporas de Orlando que ainda estava lendo.

– “Preciso tomar esta empresa das mãos da família de minha mulher”!

Ela repetiu essa frase diversas vezes, até Orlando balançar a cabeça e lagar o livro de lado. Subiu ao quarto e nós o acompanhamos.

– De repente, fiquei com dor de cabeça – disse. – Preciso de um comprimido.

– Foi essa leitura. Essa coisa mórbida de espíritos. Morreu, meu filho, acabou!

– Não estou bem certo disto.

Andou até a sala à procura do remédio e pensava consigo mesmo: esta família é tão limitada. Às vezes penso se não deveria conduzir as coisas de forma a tirar a empresa deles. Juntaria as duas empresas e ficaria mais forte no mercado.

Balançou a cabeça de novo, tentando afastar o pensamento.

– Vamos buscar o Eurico, ele não pode perceber esta intenção do genro. Precisa encarnar acreditando no que oferecemos a ele.

Lembrei-me da história e vi que a filha do Eurico não estava grávida. A Embaixatriz disse-me que ela havia perdido a gravidez. A moça destinada a encarnar para casar com Eurico, não conseguiu camuflar as intenções para o inconsciente da futura mãe.

– Eurico soube, mas acredita que haverá outra gravidez. Não haverá. A rejeição foi tão forte por parte de Irene que não poderá ter mais filhos por consequência do aborto. Eurico terá que ser mais forte em seus propósitos.

Reunimo-nos o veículo dourado. Deixaram-me em casa e seguiram para a Casa das Soluções. Aproximei-me de meu corpo material. Ao ver as contrações em meu rosto, soube como meu corpo estava recebendo aquelas informações. Respirei, emembrei e acordei. Fui até o banheiro lavar o rosto. Estava com olheiras e senti muitas saudades de meus amigos; quando voltaria a vê-los?

Para me harmonizar fui esperar o Sol Chegar. O lusco-fusco do céu espelhava minha tristeza. O sol, chegando devagarzinho, amarelando o dia, inspirava-me o momento de retornar para meus amigos.

No próximo encontro com a Embaixatriz visitamos um hospital psiquiátrico da esfera material.

– Se você não fosse tão determinada, seus pais teriam lhe internado numa casa destas. Os paranormais que se afastam da Casa das Soluções sofrem muito por não aprenderem a impor o medo nas pessoas.

Continuou desfazendo de meus amigos. Queria me confundir; retirar a responsabilidade das pessoas julgadoras e preconceituosas e culpar meus amigos pelas experiências que tive com esses “donos da verdade”, aliás, Deus me perdoe, parecidas com o pessoal do Plano Inverso.

– Moça, me tire daqui, pelo amor de Deus. Não sou louco!

Um rapaz, aparentando uns vinte anos estava me vendo e pedia ajuda.

– Eu vi que você é um espírito, me dá um passe, me ajuda!

Olhei para a Embaixatriz. Curiosamente ele não a via.

– Pode me escutar? Falei para ele.

– Sim, claro.

Informei que não estava em condições de pacificá-lo, mas que entrasse em contato com seu sentimento, colocasse um perfume nos chakras e ensinei a região dos mesmos.

A Embaixatriz nos observou em silêncio. O rapaz foi para seu quarto fazer o que eu havia recomendado.

– Vamos acompanhá-lo, Halu.

Entramos no quarto e o rapaz estava meditando. A enfermeira chegou e colocou a bandeja em cima da mesa. Observou-o; o rapaz terminou de meditar e pegou o algodão e o perfume para fazer como eu havia orientado. A enfermeira observava atentamente. Depois saiu do quarto. A Embaixatriz decidiu que devíamos acompanhá-la.

Entrou na sala das enfermeiras e comentou com uma colega.

– O “vidente” está piorando. Vou falar com o médico para aumentar a dose do medicamento. Estava no quarto rezando a esta hora; depois passou perfume no algodão e esfregou na cabeça e no peito. Ah! Meu Deus, tire meu braço, minha perna, mas não me deixe enlouquecer! Vou anotar no prontuário.

A Embaixatriz deu uma gargalhada sonora. Eu fiquei nauseada. Quis voltar para o quarto e ela me alertou.

– Você só vai piorar as coisas, mas pode ir.

Não acreditei. Saí e ela me seguiu. Entrei no quarto, o rapaz estava contente.

– Fiz como você falou. Acalmei-me e o mal-estar passou.

Estava contando a reação da enfermeira quando ela e a colega entraram no quarto:

– Volte para a cama, vamos! Já é tarde.

O rapaz queria ser compreendido.

– Não sou louco. Você me viu limpando os chakras. Tem uma moça aqui; ela me ensinou. É verdade, acredite em mim.

As duas levaram-no à força para a cama e lhe deram uma injeção. Pedi que ficasse em silêncio, mas o efeito da droga fez com que repetisse minhas orientações.

Saí do quarto, tonta, arrasada. Lembrei-me das vezes em que Meu Amigo passou por esta experiência comigo e o compreendi. Em meu coração, meu amor aumentou, mas a revolta também.

– Quer ver mais? Vai ver sim, é preciso!

Olhei para ela resignada. Sabia que quanto mais rápido terminasse de conhecê-los, melhor.

Ela riu de meus pensamentos.

Entramos no quarto de uma garota de uns oito anos. Alcancei onde ela queria chegar. Acordou a menina com um toque no umbigo. A garotinha olhou para mim; também não via a Embaixatriz. Por que será? Olhei para ela e tive mais cuidado desta vez:

– Você é médica?

– Não. Não fale de mim com ninguém. Não vão compreender você.

– Por quê?

– Eles não acreditam que eu exista – falei como se já estivesse desencarnada, mas naquele momento eu estava no corpo imaterial, em desmembramento; continuei: – Vão pensar que você está doente.

– Já pensam, mas se eu não falar dos Anjos, aí é que as pessoas não vão saber que eles existem.

Eu me vi na cena, conversando com Meu Amigo. A emoção tomou conta de mim e chorei com muita força.

– Quando você acabar de chorar, me conta uma história?

– Preciso ir você é uma menina linda. Vai precisar de coragem. Reze e escreva cartas para Jesus, que ele recebe e lhe responde, mas não conte a ninguém sobre as cartas, faça segredo. Quando você estiver grande, pode contar.

Deixei-a brincando e fomos embora. A Embaixatriz explicou-me por que não a viam.

– Estou desprendendo uma energia que não permite que os paranormais me vejam. Nós, da Casa das Soluções, só somos vistos se quisermos, senão atuamos na invisibilidade.

Cheias de estratégias, artimanhas...

Encontramos a enfermeira no corredor, contando ao médico sobre o rapaz. Meu Deus, quanta ignorância. Até quando haverá no planeta Terra pessoas que acreditam que os processos paranormais são doenças!

No dia seguinte, contando à Luiza a visita ao hospital, ela ficou tão indignada que comentou:

– Essa enfermeira está precisando provar de seu próprio remédio. Está pedindo isso. Observe Halu; rezar e perfumar o corpo; é loucura. E barganhar com Deus partes do corpo, o que é?

Luiza tinha razão. Não havia pensado nisso!

“Meu Deus tire meu braço, minha perna, mas não me deixe enlouquecer.”

Luiza se referiu a esse discurso, questionando a “sanidade mental” que esta enfermeira crê possuir. Pensando bem, os doentes entram e saem dos hospitais e, logo, o rapaz também sairá. Virá outro para fazer companhia a ela; é isto que precisa acabar. Algumas pessoas ficam anos em determinados lugares, por não suportarem a solidão, arrumam com o que se distrair.

*Atenção!* Alerta ao planeta Terra! Está na hora; para algumas coisas a hora até já passou!

A Embaixatriz me fez retornar ao hospital psiquiátrico. Pude observar que muitas pessoas internadas como loucas, alucinadas, não o eram realmente. Pedi à Embaixatriz para não liberar a tal energia, e passaram a

vê-la também. É claro que com tanta droga, agressão e incompreensão, o desequilíbrio vai se instalando.

– Esta tortura pode acabar a qualquer momento. Bastaria seus amigos usarem o recurso da invisibilidade e ninguém seria chamado de louco.

Entendi a estratégia para negar a existência da espiritualidade; quem entrar em contato com a alma e senti-la, é louco, doente.

São muitas as consequências quando se entra em contato com a alma; não é somente ver espíritos. Há uma ampliação na censura e ficamos mais lúcidos quanto às pessoas e suas reais atitudes. É óbvio que isto não interessa ao Plano Inverso.

Meu Deus, que inversão de realidades! O lúcido é louco; a fantasia, a obstrução, é o equilíbrio... Isto sim, é que é perder a noção de realidade.

A Embaixatriz permitiu meus pensamentos e por fim colocou:

– É decepcionante, não? Você pensou da mesma forma que eu, há muitos anos. Por isto resolvi me colocar à disposição do Plano Inverso. Pelo menos diminui a tortura das pessoas. Veja como sua alma está torturada, igual a minha antes de servir à Casa das Soluções.

Não acreditei no que ouvia. Então, a solução é negar, alienar? Crescer, desenvolver é difícil, mas decrescer, involuir, é muito mais. Voltei meu pensamento para ela. O que teria acontecido para levá-la a servir o Plano Inverso?

– Você gostaria de saber? Está bem, dedicaremos um tempo a isto. A partir de amanhã, você vai conhecer minha história.

E a Embaixatriz contou-me de suas lutas nos períodos em que esteve encarnada no planeta Terra. Falava-me de suas dificuldades como se o sofrimento existisse somente para ela.

Em alguns momentos, tentei argumentar que a dor é inerente a todo processo de desenvolvimento; quando crescemos ou nos transformamos, conceitos muito enraizados resistem ao processo de mutação, dando origem à dor, que se vai quando compreendemos que a função de um paradigma é abrir espaços rumo ao desconhecido e ser renovado a cada descoberta.

Fez-me escutar sobre sua mãe em sua última experiência terrena; até aquele dia importunava-se com as dificuldades que a mesma enfrentara no começo do século, quando o potencial da mulher ainda não havia encontrado espaço para florescer neste mundo.

Em vão, tentei pontuar as conquistas das mulheres nesse sentido. Queria fazê-la enxergar que, enquanto ela era seduzida pelo Plano Inverso,

outras mulheres corajosas enfrentavam a questão, diminuindo as diferenças.

Sem poder escutar-me, conduziu a conversa para a questão da ignorância religiosa. Lamentava por amigos e amigas perseguidos pela Inquisição. Ela estava, inclusive, encarnada no nefasto episódio rotulado como “A noite de São Bartolomeu” na França, onde pessoas foram perseguidas e famílias dilaceradas, em nome de Deus e de Jesus Cristo.

– Seguir os Avatares só traz esse tipo de “ganho”. O planeta Terra não está preparado para o amor e a fraternidade. Basta alguém ressaltar a bondade, para que grupos se reúnam para desacreditá-lo e difamá-lo. Você, Halu, sabe do que eu estou falando.

Fiquei olhando para ela, sabendo em meu interior que o que dizia era verdade. A história aí está para dar sustentação a esta afirmação: Sócrates, envenenado; Reich, preso; Gandhi, assassinado; a todo o momento tentam desacreditar Mandela, enquanto outras pessoas, que nada fizeram e nada farão em prol do crescimento coletivo, recebem louvores e proteção. Ainda pior é que, para manter os falsos profetas, o mundo rechaça os verdadeiros.

Passei a compreender naquele momento e hoje sei que é exatamente nesse confronto, e nesse limiar, que um mestre se revela.

A estrada se bifurca: ficamos com o falso profeta que nada fez nem para si nem para ninguém, sustentando a bandeira deste que, justamente por nada fazer, não nos incomoda e de certa forma nos ajuda a maquilar nossas imperfeições; ou enfrentamos o autoconhecimento em busca da verdadeira espiritualização apesar das dificuldades. Dificuldades estas causadas pelos falsos profetas e seus seguidores, que não permitem existir pessoas cujo comportamento acabe por denunciar a covardia intrínseca de quem ainda não quer caminhar para a luz.

Olhei para a Embaixatriz, compreendendo que diante de mim estava uma guerreira cansada e revoltada contra seus próprios mestres, por eles iludida, fazendo-a projetar na luz e Avatares suas imperfeições.

Sem conseguir evitar, deixei o sentimento me conduzir; possuída por um amor maior, ajoelhei ali mesmo na sala da Embaixatriz, na Casa das Soluções, e agradei a Deus por minha lucidez e pela ajuda de meus amigos que não me deixaram cair na armadilha da sedução.

Foi tão forte o que senti que, esquecida de onde estava, entreguei-me totalmente à força da luz. Quando pude abrir os olhos, vi, em volta de meu corpo, um campo de luz que tomava toda a sala. A energia manifestou-se na

cor verde que, por aprendizados anteriores, sabia ser o campo de luz do éter das Casas Astrais.

A Embaixatriz encontrava-se no centro desse campo, toda encolhida, lembrando-me um feto. Nesse momento, muitas pessoas entraram pela porta e uma enorme confusão instalou-se no ambiente; alguns entraram em êxtase, assumindo uma postura de beatitude. Outras gritavam de dor, queixando-se de queimaduras.

Ainda mobilizada internamente pela força do amor, deixei-me ficar ali, orando.

Por dentro de minhas orações, escutei a voz de Meu Amigo, indicando-me a presença do canal transportador que viera junto com o campo de luz para buscar-me.

Cheguei às margens do rio da segunda Casa Astral, onde ele me explicou o ocorrido:

– Você hoje recebeu uma aula espetacular sobre a “intenção da alma”. A verdadeira intenção da alma da Embaixatriz não é servir ao Plano Inverso. Revoltada com o próprio Plano Inverso, embora, ainda hoje, não tenha total lucidez para reconhecer seus verdadeiros algozes, atua contra o crescimento espiritual, tentando impedi-lo como forma de diminuir seu sofrimento.

A revolta aumenta e naturalmente também a dor, pois a intenção da alma é desenvolver-se. Neste conflito, entre a alma e as confusas deduções do mental, sofre o emocional.

Concluiu dizendo que quando a Embaixatriz e os demais seguidores do Plano Inverso confrontam-se com seus verdadeiros algozes, rendem-se ao amor e passam a trabalhar com Avatares.

– Quem são esses verdadeiros algozes? – perguntei.

– Na sequência de suas entrevistas na Casa das Soluções, eles a levarão para conhecê-los.

Em seguida, explicou-me sobre a presença do campo de luz na sala da Embaixatriz. Ele havia sido atraído por minhas profundas conclusões e pela verdadeira intenção da alma da Embaixatriz.

Estávamos ali para que ela me convencesse a contribuir com o Plano Inverso, mas tudo o que ocorreu no final da entrevista comprovou a verdadeira intenção de sua alma.

Lembrei-me da confusão que ocorrera na sala e pedi a Meu Amigo para me explicar.

– A Embaixatriz, tocada pela intenção de sua alma e das energias mobilizadas pelo campo de luz, entrou num processo de regressão espontânea. Está revendo, agora, através desse processo, sua trajetória até então.

Sobre os que gritaram, queixando-se de dor, explicou-me que, quando uma pessoa, encarnada ou não, rejeita a Deus e ao contato mais profundo com a verdadeira intenção de sua alma, ao contatar a energia da cura, acham-na tão desagradável que reagem dessa forma.

– Você viu que alguns ministros do Plano Inverso receberam essa energia muito bem. Eles já vinham refletindo sobre suas ações e o contato com o campo de luz fortaleceu a verdadeira intenção de suas almas. Amanhã você irá visitá-los. Agora precisa retornar ao corpo material para descansar e elaborar as lições deste desdobramento.

O contato com a Embaixatriz denunciou meu despreparo e fui tomada por uma raiva enfurecida. Vi o ódio dentro de meu peito me levando a uma profunda decepção com o mundo, com as pessoas, e desacreditei do crescimento.

Uma dor profunda assenhoreou-se de meus dias; tudo o que via e ouvia enfraquecia-me e passei a andar nas ruas por horas seguidas em busca de alguma coisa que me trouxesse de volta a crença de que as pessoas encarnadas no planeta Terra queriam realmente o crescimento espiritual, a fraternidade e a comunhão.

Nessas caminhadas, confrontei com o exercício da hipocrisia; as pessoas se reuniam em volta de uma boa ação, discutiam horas sobre o assunto e, quando se cansavam da questão, deixavam-se envolver pela alegria e passavam a atuar como se verdadeiramente tivessem realizado uma boa ação em prol de alguém.

Orei, buscando Meu Amigo e por minha consciência soube que ele não queria me influenciar com sua fé e sua força. Era o momento de me amparar nos recursos próprios de minha alma e de meu coração.

Sentia que lá bem dentro de mim estavam esses recursos, mas precisaria de um imenso mergulho para ir a seu encontro, porém me faltavam forças.

A Embaixatriz sumiu, todos sumiram e eu comecei a sumir também. Suspendi os trabalhos que vinha realizando e as críticas que recebi por isso enfraqueceram-me ainda mais.

O que eu iria dizer para as pessoas? Sem respostas para minhas perguntas, fui me entregando à densidade.

Luiza observava-me; sabia-me em duelo interno. E que duelo!

Assim, andando pelas ruas, encontrei Kaô, um senhor idoso, muito sábio, que lia as energias e previa acontecimentos através de cartas de baralho. Conhecemo-nos em um parque:

– Eu sou Kaô, procure-me se precisar.

Surpreendida com a oferta, anotei seu endereço e ele se foi.

A dor e a frustração não diminuíram com o tempo e aprendi com Luiza a verbalizar o que sentia.

– A dor do mundo, Halu, está sobre seus ombros. É um peso muito grande. Se você conseguir canalizar esta dor para o trabalho, ela a transformará na força vital para seus propósitos.

Escutei Luiza e fui procurar Kaô.

Mara, sua sobrinha, organizava a agenda e marcou-me para um sábado às 11 horas. Cheguei adiantada e fiquei aguardando.

A casa de Kaô era aconchegante; andei pelo quintal e a simplicidade do ambiente elevou minhas energias.

Vi uma cliente ir embora e dirigi-me a ele que pareceu nem perceber minha presença. Voltou para a sala de atendimento e deixou-me esperando outra vez. Duas horas se passaram e outra cliente chegou. Kaô veio recebê-la e nem me olhou. Minutos depois, sua sobrinha veio me dizer que minha hora já havia passado.

– Mas, eu nem falei com ele! Está havendo algum engano.

– Engano nenhum! O recado para você é esse mesmo.

Perguntei se poderia marcar outra hora e combinamos para o próximo sábado à mesma hora. Desta vez, Kaô deixou-me esperando até às 16 horas. Senti fome e comi algumas frutas de seu pomar.

– Titio não gosta que se peguem frutas sem sua autorização!

Preferi não retrucar e quando ele me recebeu, tentei me desculpar. Ele explicou:

– Existe o tempo certo de se colher frutas e você as colheu no momento propício.

Perguntei-lhe se haveria outra hora certa para colhê-las e ele sabiamente mobilizou minhas impressões internas com a resposta:

– Quando sentir fome. Este é sempre o momento propício da colheita, pois o fruto não ficará em exposição. Você conhece urucum? Eu estou

precisando colher urucum. Não hoje, no próximo sábado. Quer ir comigo?

Urucum é uma planta usada na Bahia e anos atrás o era em uma fórmula doméstica de bronzeador. Disse-lhe assim que a conhecia e marcamos outro encontro.

Minha depressão melhorou e consegui me animar para os encontros com Kaô.

No sábado seguinte, encontrei-o na porta de sua casa, com algumas sacolas plásticas na mão.

– Bom Dia! Vamos!

Acompanhei-o até a estação de trem e viajamos por uma hora em silêncio. Kaô desceu do trem e informou-me:

– É por aqui; soube que perto da lagoa tem muito urucum.

– Você sabe para que lado da estação fica a lagoa?

– Você não conhece urucum? Então, vamos.

Escolheu a estrada à direita da margem dos trilhos e eu o segui. Andamos mais de cinco quilômetros quando, então, resolvi abordá-lo:

– Será mesmo deste lado da estação a tal lagoa?

– Não sei, tanto faz!

Pensei que ele devia estar louco e olhando ao redor vi uma senhora varrendo o quintal de sua casa. Pergunte-lhe sobre a lagoa:

– De onde você veio? A lagoa fica do outro lado da estação.

Olhei para Kaô que estava tranquilo e em paz, carregando as sacolas plásticas vazias. Voltei à mulher.

– A senhora sabe se por aqui tem urucum?

– De onde você veio? Olhe para baixo! Da estação até lá adiante a estrada é toda plantada de urucum.

Desci meus olhos até o chão e confirmei as palavras da mulher; andei por quilômetros numa plantação de urucum e não vi.

– Então, moça, quer a lagoa ou o urucum?

A mulher entregou ao tom de sua voz a responsabilidade de demonstrar sua estranheza.

Muito sem graça, respondi:

– O urucum!

Kaô entregou-me as sacolas. Colhi o urucum e voltamos para sua casa sem dizer uma palavra. Despediu-se, agradecido, e marcou-me para o próximo sábado.

Esta experiência me fez pensar sobre o que eu andava procurando: o que o Plano Inverso já havia disseminado ou uma forma de convidar as pessoas a elevarem suas energias a ponto de se desligarem das atuações deste mesmo Plano Inverso?

Escutei a voz de Meu Amigo:

– Você retomou o caminho, Halu, continue a andar.

Há três meses eu não sorria de verdade.

No encontro seguinte, contei a Kaô sobre meu contato com a espiritualidade e estranhamente ele não ficou surpreso. Recomendou-me voltar aos encontros com o Plano Inverso para concluir meu trabalho.

Retornei para minha casa e meus relatórios e Luiza me convidou para fazer alguns exercícios de liberação de tensão e a limpeza de meus chakras.

– Luiza quando Meu Amigo limpava meus chakras, era menos sofrido, este contato com o Plano Inverso.

– Não foi você mesma que aceitou a proposta da Embaixatriz para continuar sozinha sem a ajuda de Seu Amigo?

Lembrei-a de que não tinha outro jeito; era uma imposição da Embaixatriz. Se não aceitasse, ela não me permitiria mais o contato.

– Será, Halu?

Meu rosto esquentou e eu me senti ruborizar; Luiza mais uma vez tinha razão. Não retruquei sobre a proposta da Embaixatriz, pois precisava provar alguma coisa a mim mesma. Era isso que Kaô queria me mostrar com a “terapia do urucum”; eu estava tão preocupada em achar a lagoa que não provei conhecer a planta.

À noite, ao desmembrar, encontrei a Embaixatriz esperando-me.

– Resolvemos deixá-la resolver sozinha. Você só nos interessa se estiver inteiramente entregue. Pelo que percebo ainda quer nos ver e, enquanto quiser, haverá oportunidade de ser recrutada.

Lembrou-me sobre Eurico e convidou-me a acompanhá-la até a casa da filha dele. O motorista do veículo dourado falou comigo pela primeira vez:

– Está de volta, não é? Se eu fosse você, não ia querer ter lembranças tão claras dos desmembramentos; você não tem desculpas para não acreditar no que realmente acontece.

A Embaixatriz, então, disse conhecer um modo de me ajudar a só me lembrar do que quisesse. Preferi mudar minha maneira de agir com eles,

fazendo como Meu Amigo me sugeriu desde o começo: observar e registrar, não combater para não ser reduzida ou enfraquecida.

Com essa mudança de postura, conseqüentemente o sentimento de humilhação foi trocado por um pouco de humildade. Minhas forças voltaram. Emergiu de meu interior uma nova disposição e recordei o olhar sereno de Kaô.

– Halu, estamos sabendo desse novo amigo que você arrumou; para nos acompanhar, terá que deixá-lo também.

Sem hesitar, falei de maneira amigável, mas com firmeza:

– Não recebo orientação de vocês. Minha presença aqui foi combinada para a realização de um trabalho: escrever sobre Casa das Soluções.

– Então, nem você confia em si! Pensei que a desconfiança era só de seus amigos, quando limpam seus chakras para extrair as energias que a Casa das Soluções infiltra em você!

Não retruquei, pois percebi seu jogo, tentando atingir meu ego.

Seguimos em silêncio até a sala da casa de Irene (a filha de Eurico, antes de desencarnar). Ele estava lá. Agora já tinha regredido a um garoto de três anos de idade, mas não havia perdido o olhar frio de adulto irado. Sua presença instigava um conflito qualquer. Sua expressão simbolizava muito bem a qualidade de sua aura.

– Cadê minha futura mãe?

– Você não está vendo, Eurico? Ela foi mandada embora pelas pessoas desta casa, seus antigos parentes.

– E onde ela está?

– Não se preocupe com isso. Vá andar pela casa e procure fixar na lembrança os rostos que vê. Não se deixe enganar pelo processo de regressão.

Eurico se foi e a Embaixatriz colocou-me a par dos acontecimentos: com o desenvolvimento da gravidez, a antiga filha de Eurico despediu Marlene. Isso não estava nos planos da Casa das Soluções, mas havia induzido Marlene a repetir o nome Eurico para a nova encarnação, o que ajudaria bastante a mantê-lo ligado à vida anterior.

Agora, o caminho era priorizar a fixação na casa e nos antigos parentes, pois no processo de encarnar, as lembranças anteriores ficam reclusas no inconsciente:

– Havendo a fixação, quando ele retornar a esta casa ou encontrar estas pessoas, será incitado pelas remotas lembranças a manter-se por perto à

espera do momento ideal para fazer valer sua vingança.

Eurico veio a nosso encontro e o veículo dourado levou-nos até Marlene que, agora, hospedava-se na casa de uma tia que a amparou nesta difícil etapa de sua trajetória.

O “menino” não acreditava no que via. Seus olhos estavam assustados. Pela primeira vez, confrontou-se com o que o esperava; ainda acostumado com o luxo e conforto da última encarnação, desesperou-se ao ver a casa humilde onde viveria.

Todos na casa estavam dormindo.

– Não quero mais, assim não! Mudou tudo! E o que vocês me prometeram?

O Eurico garoto estava possesso. Ali, na sala da casa de Marlene, percebi algumas mudanças em meu comportamento: estranhamente, não senti pena de Eurico e não fiz nenhum movimento impulsivo para socorrê-lo.

O que senti nada tinha a ver com frieza ou coisas do gênero. Meses depois, aprendi com Meu Amigo que havia amadurecido e, mais amadurecida, eu poderia fazer algo realmente concreto para o processo de crescimento coletivo.

O “menino” corria de um lado para o outro em desespero. A Embaixatriz segurou-o fortemente pelos braços e, sacudindo-o, quase gritou:

– Vamos parar com isso! Não temos tempo a perder. Há quase um ano investimos em você. Quer ver o que acontece se desistir?

O garoto meio homem respondeu que sim. A Embaixatriz estava irritada e secamente convidou-me a acompanhá-los.

O veículo dourado levou-nos para uma ala do umbral onde só havia crianças do tipo de Eurico.

Desci do veículo e embora a cena fosse chocante, consegui manter-me em meu propósito de observar e registrar.

Crianças envelhecidas, falavam e traçavam planos como adultos; uma espécie de Casa das Soluções mirim.

As “crianças”, ao reconhecerem a Embaixatriz, fugiram visivelmente assustadas.

– O que você veio fazer aqui? O que fizemos de errado agora? Quando vai acabar nosso castigo? Estamos com fome e com frio!

– Vim mostrar a este senhorzinho aonde leva a desobediência.

As crianças, muito assustadas, viram em Eurico a oportunidade de sair dali e falavam todos ao mesmo tempo:

– Eu fico no lugar dele! Faço o que você quiser. Leve-me. Eu juro, prometo!

Eurico estava apavorado! Ela levou-o dali para o veículo dourado, ordenando que eu aguardasse sua volta para me buscar.

A princípio temi ficar ali, mas vi que, naquele lugar, havia coisas importantes a serem observadas.

Vendo-me só, as crianças aproximaram-se, questionando sobre meu cordão umbilical etérico. Expliquei minha condição de encarnada em desdobramento.

– Por que você veio aqui? – perguntou uma garota.

– Escreverei um livro sobre tudo isto!

– Então diga, em seu livro, para as pessoas pensarem muito antes de mudar seus planos. Isso prejudica muito a quem vai nascer – e a garota falou um pouco sobre si própria: – Dois meses antes de encarnar, aquele que seria meu pai abandonou minha futura mãe e, por medo de encarnar sem pai, desisti. Minha mãe morreu de parto prematuro e foi para outra ala do umbral.

A menina temia sair dali, encontrar a mãe e sofrer represálias por sua desistência.

– O pessoal da Casa das Soluções não aceita falhas e não me ajudam. Deixam-me aqui e tenho muita fome, muito frio e muito medo.

– Eu cheguei até a nascer! – acrescentou um dos garotos – mas minha mãe deixou de gostar de mim assim que me amamentou. Éramos inimigos em uma encarnação anterior, encarnei para cobrar algumas coisas, mas quando vi que ela me reconheceu, enfraqueci em meus propósitos, deixando-me morrer engasgado. A Casa das Soluções não gosta de medrosos.

Perguntei se já haviam ouvido falar sobre a creche das Casas Astrais.

– Isso existe mesmo? Sempre vem um rapaz aqui para nos convidar, mas a Embaixatriz diz que ele mente e nos levará para um lugar ainda pior.

– E vocês ainda acreditam no que diz a Embaixatriz?

– Acreditamos que ninguém dá nada sem pedir algo em troca.

No meio da conversa, um garotinho nos interrompeu:

– Você já esteve lá, na creche dessa Casa Astral?

Por dentro de um rosto infantil, enxerguei todo o cansaço do sofrimento daquele pequeno homem. Senti sua força e compreendi que ele desejava sair dali.

Meu primeiro pensamento foi concentrar-me para chamar o canal transportador, mas percebendo a impulsividade, chamei o garoto e ensinei-o a concentrar-se. Ele se sentou no chão e fez como eu havia recomendado. Era tão forte sua vontade que, em segundos, o canal de luz fechou-se sobre ele e o levou.

Mais um trabalho de deslocamento espontâneo realizado pela sétima Casa Astral, cuja função é conduzir, para as Casas Astrais, qualquer pessoa em desmembramento ou desencarnada. Basta, para isso, que haja a vontade interior do interessado.

– Para onde você o mandou? – as crianças repetiam em alvoroço.

– Vocês querem segui-lo?

Intencionava ensiná-las a concentração, mas não escutavam minha pergunta. O objetivo daquelas “crianças” era liberar a agressividade contida pela postura ainda mais agressiva da Embaixatriz.

Entre em contato com meu coração e não permiti que aquele fluxo de energia densa se infiltrasse em meus chakras. Experimentei uma nova sensação, que meu sentimento descrevia como um desencontro com o denso, favorecendo o encontro com o sutil.

A Embaixatriz chegou num veículo dourado.

– O que houve aqui?

Ninguém respondeu.

Resolvi acatar a disposição coletiva. Não permitiria que a Embaixatriz, revoltada com a perda do garoto para as Casas Astrais, me usasse para impor mais medo àqueles seres.

Muito desconfiada, seguiu-me até o veículo dourado, deixando as crianças a reclamar por comida, agasalho e atenção.

– Vou levá-la para conhecer melhor este espaço!

Descemos em um campo árido e muito denso, onde fomos abordados por uma mulher:

– Onde está minha assassina? Quando me levará até ela?

– Esta é a mãe da garota que morreu de parto prematuro.

Falou-me em voz baixa a Embaixatriz e voltou-se, arrogante, para a mulher:

– Quando você resolver reencarnar vai reencontrá-la.

– Não quero! Só aqui este encontro me interessa. Quero machucar aquela desgraçada em todos os dias de minha morte!

– Estou avisando que ela se prepara para encarnar e se não a acompanhar, perderão o contato para sempre.

Após ouvir essa informação, a mulher rendeu-se:

– Está bem, que seja assim, então!

– Preste atenção! Você só a encontrará na Terra, depois de encarnada. Eu a induzirei a reconhecê-la, está bem?

Para saciar seu ódio, a mulher concordou imediatamente. Seguimos todos para a Casa das Soluções.

Mais tarde, já em minha casa, a Embaixatriz explicou-me que todas aquelas crianças eram ou produtos de partos prematuros ou natimortos. Elas desistiram da encarnação por causa de mudanças nos planos, e a abrupta interrupção ainda as mantinha com as necessidades intrínsecas à matéria.

Perguntei-lhe de que maneira dar-se-ia o encontro entre a mãe revoltada e a filha medrosa. Sua resposta deixou-me profundamente impressionada;

– No que depender da Casa das Soluções, jamais se encontrarão. Medos e ódios deste tipo, nós aproveitamos de outra forma; essa mulher jamais terá filhos. Ela será induzida a encarnar estéril e todo seu ódio será canalizado para qualquer criança que não aceite a ajuda da Casa das Soluções e prefira os iludidos das Casas Astrais. Uma criança como você, Halu! Ela será induzida a acreditar que essa criança é a tal filha que tanto odeia e de quem quer se vingar.

Em silêncio, esperei que se fosse e orei a Deus por todas as crianças encarnadas e desencarnadas que sentiam fome e frio, pedindo forças ao universo que levasse a elas lucidez e clareza para irem à busca de seu alimento. Também compreendi alguns encontros que se deram, ao longo de minha vida, com professores, enfermeiras e amigos de meus pais que sentiam, por mim, uma aversão gratuita, às vezes, um ódio que não dava para entender.

Lembrei-me de um professor que foi agressivo comigo desde a primeira vez em que me viu. Numa de suas aulas, colocou-me para fora da sala e exigiu minha expulsão da escola, apenas porque eu estava conversando com uma colega. Foi necessária a intervenção de outros professores para que a diretora não me expulsasse. Mesmo assim precisei fazer essa matéria em outra turma, com outro professor.

Nessa tarde, recebi a visita do Meu Amigo. Desde o pacto com a Embaixatriz que eu não o via. Irrompi num choro, onde as emoções se alternavam exigindo passagem. Conscientemente sabia o quanto eu havia sido infantil sob a falsa capa de guerreiro.

– O verdadeiro guerreiro não combate.

Escutei-o repetir por dentro de um sorriso de aprovação. Ele estava satisfeito comigo.

– Trago notícias de seu trabalho no umbral. O garoto está bem, em uma das classes de Otília.

Por que será que as pessoas, até mesmo as crianças, insistem em proliferar o denso?

– Para se conviver com a felicidade, necessário se faz estar totalmente identificada com a responsabilidade da vida. Quando a alma amadurece, abre-se um espaço para essa conquista.

Descansando no som de suas palavras, agradei por ter um amigo tão sábio.

Pedi-me então que deitasse e trabalhou carinhosamente meus chakras.

– Somos uma equipe, Halu, este é meu trabalho. Quando se trabalha sozinho, priva-se o outro de sua função.

Esta lição de humildade tocou fundo em meu coração e massageou meu ego. Meu Amigo, então, se foi.

Acordei no meio da noite, suando frio, com o coração disparado, trazendo a lembrança de um pesadelo horrível. Sentei-me na cama e, subitamente, uma sensação estranha me abateu. O pesadelo era muito diferente, tanto na forma como no conteúdo. Levantei com nítida sensação de que alguém havia estado em meu quarto enquanto eu dormia. De repente, a sensação transformou-se em certeza: alguém havia realmente estado ali.

Fui até o quarto de Luiza, que dormia profundamente. Não tinha mais ninguém na casa. Voltei para meu quarto, perturbada pela experiência, mas voltei a dormir.

Alguns minutos depois, quando me dei conta, estava em pé, na porta, gritando por socorro. Alguém ou algo me impedia de olhar para trás. Totalmente confusa, abri a porta para Luiza que acordou assustada com meus gritos.

Eu havia sonhado com alguém me dando uma ordem. Não conseguia me lembrar de todo o conteúdo do sonho, no entanto, o teor da ordem era

ultrajante. A sensação de vergonha, perante um absurdo, me confirmava esta certeza.

Como o dia estivesse amanhecendo, saímos para andar em uma praça em frente a nossa casa.

As sensações acompanharam-me por todo o dia. Atribuí ao estresse e ao impacto causado pelos confrontos com o Plano Inverso, mas não era só isso.

À noite, acompanhando a Embaixatriz em uma de suas funções, compreendi o que havia acontecido comigo na madrugada anterior.

Fomos até a casa de Marlene, desta vez sem o garoto Eurico. Ela estava dormindo. A Embaixatriz tocou com o polegar e o dedo médio na testa dela e ditou o comando:

– O pai deste filho que você está esperando é o marido da sua última patroa; por isso, você escolheu o nome Eurico. Vai ser um menino. Procure sua ex-patroa.

Fiquei ali, assistindo à indução da Embaixatriz, no processo de sonhar de Marlene; este comando foi repetido muitas vezes.

– Vamos ver, agora, se o trabalho foi produtivo.

Marlene acordou e ao ver seu rosto e suas condições emocionais, concluí o que havia acontecido comigo na véspera; só que com ela funcionou.

Saiu do quarto correndo, gritando pela tia:

– Achei a solução, achei! Encontrei um pai rico para meu filho. O sonho me revelou.

Repetiu para a tia as palavras da Embaixatriz:

– Mas, Marlene, há exames que comprovarão o contrário.

– E a senhora acha que eu vou dar chance a eles para exames? Se exigirem, ameaço fazer escândalo se o exame se confirmar positivo. Deixe estar, vou pensar. Este sonho resolveu meus problemas.

Vendo Marlene refeita, a tia voltou a dormir, deixando-a a andar pela sala “escutando a Embaixatriz e pensando alto”.

– Amanhã mesmo vou procurar minha patroa. Eu sei que ela tem dúvidas sobre o comportamento do marido. Quantas vezes, ela me obrigou a ficar acordada até tarde, para servi-lo durante seus estudos na biblioteca? Amanhã mesmo!

A Embaixatriz não cabia em si de satisfação e olhou para mim, esperando um elogio qualquer. Não expressei nada. Pensei em, no próximo

encontro com Meu Amigo, pedir que me ensinasse uma forma de neutralizar este tipo de interferência.

Assistindo ao trabalho realizado com Marlene, não tive dúvidas quanto à sensação, da noite anterior, de que alguém havia estado em meu quarto enquanto eu dormia. Também percebi a diferença sutil do “pesadelo” que tive, em relação a outros pesadelos.

Os sonhos ou pesadelos induzidos pelo Plano Inverso não nos trazem a sensação de lembranças quando acordamos. É como se estivéssemos escutando uma gravação. O peso energético destes tipos de sonhos não vem de nosso interior. Nós não conseguimos focalizar os símbolos e o enredo.

– Quer aprender essa técnica?

A Embaixatriz tirou-me de meus pensamentos.

– Com que objetivo?

Olhou-me, irritada, e, sem saber como, minha sensibilidade captou seu pensamento. Entendi que o Plano Inverso, levando-me em sua companhia, intencionava impressionar-me com seus poderes, incitando-me a querer adquiri-los.

Nisto fundamentava-se sua crença de que, a qualquer momento, conseguiriam seduzir-me.

– O nascimento de Eurico está previsto para daqui a uma semana. Gostaria de assistir?

Sem esperar minha resposta, marcou o encontro.

Quando acordei, encontrei um bilhete de Luiza avisando-me que precisara sair. Sozinha, recebi a visita de Meu Amigo que veio orientar-me sobre essas interferências nos sonhos.

– O processo de sonhar, distribui-se em 15 camadas. Na décima primeira, inicia-se a montagem dos símbolos selecionados pelo campo mental, para retratar a mensagem oriunda do inconsciente. Neste momento, o corpo material, começando a acordar, torna-se receptivo aos estímulos externos. É aí que atua o Plano Inverso.

– O processo eu compreendi, mas como podemos impedir?

– Saber da existência desse tipo de interferência produz em nossos sensores, automaticamente, um alerta. O segundo passo é observar a forma e as sensações dos sonhos; se trouxerem a impressão de se ter ouvido uma gravação, como você detectou, convém registrar e meditar na mensagem recebida. O inconsciente defenderá naturalmente seus interesses e, naturalmente, estará sempre em contato com o sentimento, orando para

produzir energias sutis em volta do corpo, impedindo assim a aproximação do Plano Inverso.

Meu Amigo despediu-se, insistindo para que eu me mantivesse sempre em contato com meu sentimento. Esta força manteria acesa minha crença, o que facilitaria a continuação de meu trabalho.

Fiquei com meus pensamentos; lembrei-me de Marlene que, àquela hora, devia estar junto à ex-patroa, dando seguimento a seu plano.

Resolvi visitar Kaô. Assim que me viu, conduziu-me a seu quintal e escolheu para mim, algumas ervas.

– Este chá aliviará a tensão que está endurecendo sua musculatura. Músculos tensos produzem energias densas, o que não lhe faz bem.

Aceitei os cuidados de Kaô e mergulhei em minhas sensações; senti-me envelhecida e meu sentimento encontrou, em meu emocional, marcas consequentes das últimas experiências. Olhando-me com profundidade, Kaô conduziu-me a um tronco de árvore e recomendou-me correr a mão, ora no tronco, ora num galho jovem.

– São as experiências do tronco que permitem a formação de novos galhos, novos frutos e novas experiências ainda para serem vividas. Querem separá-la de mim. Não se preocupe comigo, sei me defender e posso ajudá-la. Tome seu chá e volte quando precisar.

Recolheu-se em sua casa, deixando-me com o tronco, com o galho, com suas últimas palavras ecoando em meus ouvidos. Então, ele sabia de tudo!

O chá distensionou-me e voltei para casa. Logo mais, encontrar-me-ia com a Embaixatriz para acompanhar o nascimento de Eurico.

Ao desmembrar, saí de meu quarto e encontrei-a na sala, à minha espera.

Assim é melhor, pensei.

– Não sei por que insisto com você. Será mesmo que seu único objetivo é escrever sobre nós da Casa das Soluções? São tantos os benefícios que podemos lhe oferecer!

– E Marlene, conseguiu seus propósitos? – perguntei, tentando desviar sua atenção em mim.

– Surpreendentemente, Orlando assumiu a paternidade sem discutir. Irene, sua esposa, em estado de choque, ainda não reagiu. Marlene está contente e a Casa das Soluções aguarda os próximos acontecimentos.

Também estava surpresa. O que havia acontecido? Seguimos até o hospital e, na entrada, encontramos alguns ministros da Casa das Soluções em pânico:

– Deu tudo errado! Precisamos agir em conjunto. No caminho, Eurico foi resgatado pelo canal transportador das Casas Astrais. Temos que impedir o nascimento!

Olhando para mim, gritou alucinado:

– Não se aproxime de nós! Vá procurar seus amigos. Já soubemos de sua interferência no umbral!

– Vamos, não há tempo agora! – outro retrucou.

Sozinha, entrei no hospital e de longe avistei Otília minha amiga da creche das Casas Astrais. Encontrei-a junto de uma senhora encarnada, que orava fervorosamente a prece de Cáritas. Otília pacificava-a.

Veio a nosso encontro um senhor desencarnado que intuí ser o mentor espiritual dessa senhora. Deixando-a com ele, Otília e eu nos retiramos.

– Tenho algum tempo para explicar-lhe: aquela senhora é Yolanda, mãe de Orlando, o ex – genro de Eurico. É espírita convicta e muito leal às energias do bem.

Otília continuou dizendo que Yolanda fora informada sobre as intenções da Casa das Soluções e, durante esses nove meses, foi preparando o filho para a experiência. Ambos já sabem que esta é uma reencarnação de Eurico. Aceitaram a mentira de Marlene e, assim que a criança nascer, Yolanda se encarregará de educá-la, recebendo-a em sua casa e responsabilizando-se por Marlene.

– Isto põe fim às intenções da Casa das Soluções! – falei alegremente.

– Isso mesmo, Halu! Vamos, ainda temos muito trabalho pela frente.

No caminho, contou-me que a experiência que Eurico passara no umbral mudara suas disposições internas e que ele, em silêncio, pediu a ajuda das Casas Astrais.

– Como foi que Eurico soube sobre as Casas Astrais? – perguntei à Otília.

– Você mesma diversas vezes falou sobre nós perto dele, lembra-se? Principalmente no dia em que ele desencarnou.

– Pensei que Eurico não havia me escutado!

– Por isso é tão importante falarmos sobre o bem, mesmo que não haja uma aceitação imediata. As palavras ficam no campo magnético das pessoas e, num determinado momento, florescem para o mental escutar.

Assim aconteceu com Eurico. Evocou silenciosamente o apoio da luz ao ser trazido para encarnar e o canal transportador o resgatou.

Entramos na sala de parto. Marlene encontrava-se anestesiada e dopada, repetindo palavras sem sentido, pelo menos para mim. Os médicos entraram seguidos pelo pessoal da Casa das Soluções.

– Como conseguiram entrar aqui? – perguntei à Otília.

– Veja o anestesista, como está irritado em função de problemas de ordem pessoal; está liberando energias inferiores. Foi por essa “porta” que entraram!

Pensei como era difícil o trabalho das Casas Astrais, pois tudo parecia favorecer o inferior. Otília recomendou-me silêncio. Em seguida, o mentor de Yolanda entrou na sala e somou-se à Otília numa prece. Então, aconteceu novamente! O canal transportador especial, trazendo Eurico e favorecendo a vida.

Em segundos, o bebê estava nas mãos dos médicos e, pelo olhar de Otília, soube que tudo dera certo.

Os “trabalhadores” da Casa das Soluções retiraram-se visivelmente irritados.

Segui com o mentor Pascal até a sala onde estavam Yolanda e Orlando:

– Graças a Deus, meu filho, o mal será menor. Apesar de esta criança ter pedido ajuda no último momento, não podemos esquecer que existe ódio em seu coraçãozinho, por todos nós. Seremos pacientes e a espiritualidade sutil nos ajudará.

Antes de voltar para casa, passei no berçário para ver Orlandinho, ex-Eurico. Dormia tranquilo com os outros bebês. Uma nova oportunidade encarnatória; desta vez com orientação espiritual adequada; o que será que ele faria com isto?

Vamos acreditar e orar, junto com Yolanda, por todas as crianças que encarnam todos os dias, para que suas almas encontrem o caminho para a luz e para o desenvolvimento e que sejam adultos com muita capacidade de amar, assim como Yolanda e Orlando.

Algumas semanas se passaram sem as visitas à Casa das Soluções. Meu Amigo vinha ver-me quase todos os dias, preparando-me para as novas experiências, e profetizava que na próxima vez viria alguém muito mais adaptado ao Plano Inverso, portanto, mais competente.

Sugeriu-me que procurasse Kaô e eu lhe perguntei se o conhecia. Respondeu-me que sim e informou-me ser Kaô uma alma evoluidíssima que voltara ao planeta Terra para trazer conhecimentos. Disse-me ainda que, se eu continuasse na estrada que escolhi, futuramente aprenderia muitas coisas com ele, depois de terminado meu trabalho com a Casa das Soluções.

Dias depois, voltei à casa de Kaô. Contei-lhe coisas sobre minha vida, minha parceria com Luiza e nosso trabalho; interessou-se por minhas experiências com os chakras. Contei-lhe sobre as aberturas e da aproximação com o inconsciente e com os registros acásicos, como a principal consequência das mesmas.

– Halu, eu acredito que posso ensiná-la a usar melhor seus chakras. Peça a orientação de Seu Amigo.

Interiorizei e orei, recebendo, neste momento, a resposta:

– Vá em paz, Halu. Você está em boas mãos.

Kaô ensinou-me alguns exercícios e, à medida que passei a introduzi-los em meu dia-a-dia, o conhecimento começou a fluir em minha mente. Numa manhã acordei com um profundo conhecimento de astrologia e cabalas judaicas.

Meu Amigo informou-me que, em outras vidas, eu havia trabalhado com isto e, agora, o conhecimento havia voltado.

Contei a novidade à Luiza, que ficou bastante interessada e, por isso, passamos a ficar horas conversando sobre o tema.

Os dias seguiram em paz, até que se acabaram minhas “férias”.

Numa tarde de fevereiro, estudando meus escritos, recebi a visita do Conselheiro Sênior. Assim ele se apresentou; nunca soube seu nome, porém, nunca esqueci seu título. Ele não o permitia.

– Sou o Conselheiro Sênior da Casa das Soluções há aproximadamente quatrocentos anos. Você torna-se importante por seu tipo de paranormalidade. Sei que é clarividente, ouvinte, etc.

E começou a discursar sobre mim.

– Você não percebe o quanto pode ser útil à causa da Casa das Soluções? Há muitos anos, pessoas como você, trabalham para as Casas Astrais e o máximo que conseguem é alguns adeptos e muitas críticas e perseguições. Eu a levarei para conhecer o departamento das Reformulações Cristãs.

Sem dar tempo para perguntas, retirou-se, deixando-me, por dias, com o Departamento das Reformulações Cristãs no pensamento.

Uma noite, ao desmembrar, encontrei-o na varanda do prédio. Um pequeno veículo nos esperava. Olhou-me, desaprovando qualquer coisa que não identifiquei antes de sua explicação:

– Seu cordão umbilical etérico está infestado de éter. Quanta bobagem!

O veículo deixou-nos na portaria de um prédio imenso. O Conselheiro mostrou-me um quadro onde estava o nome de grandes líderes do planeta Terra, inclusive o de Jesus Cristo.

– Escolha o nome e eu a levarei ao andar correspondente.

Escolhi Jesus Cristo. O Conselheiro tocou em meu chakra frontal e perdi imediatamente os sentidos e a noção de tempo e espaço.

Quando recobrei a consciência, estava em uma sala enorme com uma grande biblioteca e muitas pessoas trabalhando.

– Aqui você encontra todos os registros deixados por Jesus, na Terra. Estas pessoas trabalham nas interpretações de suas lições, segundo os interesses da Casa das Soluções. Sobre aquilo que não pode ser modificado por estar muito bem explicado, induzimos as pessoas poderosas, na Terra, a retirarem o trecho específico de sua respectiva obra.

Compreendi, assim, de onde vinha o conhecimento bíblico dos Ministros da Casa das Soluções. O Conselheiro esclareceu-me que apenas uns poucos Ministros conheciam aquele departamento. Muito desconheciam esse trabalho de reformulação.

Perguntei por que e ele respondeu:

– É preciso ter maturidade para entender uma atitude destas. Se não compreenderem, criarão problemas, podendo inclusive nos abandonar. Muitos precisam acreditar em Jesus, então, nós o usamos como símbolo e reformulamos suas lições.

– E você acha que eu tenho maturidade suficiente para entender uma coisa destas?

– Você? Claro que não! Mas acabará desistindo, pois se você transcrever ensinamentos das Casas Astrais que não interessem à Casa das Soluções e houver repercussão de seu trabalho, preparamos alguém para distorcer, como já fizemos com muitos outros. Como pode ver, até mesmo com seu Jesus Cristo.

Olhei para o Conselheiro Sênior; estava sereno, cômico de seus atos. O que o fez, ficar tão avesso ao crescimento? Quem seria seu líder?

Captando meus pensamentos, perdeu a serenidade:

– Eu não tenho nenhum líder. Faço o que quero. Se não quero, não faço!

Resolvi andar pela sala e vi muitos livros; inclusive, vários daqueles títulos eu já conhecia das Casas Astrais. Eram livros de estudos e pesquisas que, ali, eram distorcidos e transformados. Escolhi um deles ao acaso: *Assim na Terra como no Céu*.

Reformulação: “É preciso acumular tesouros na Terra para termos direito a tesouros no céu. A Terra é a selva e o céu é dos vencedores, portanto dos fortes”. Uma ponta de depressão sinalizou em meu emocional.

– Conselheiro, preciso voltar para meu corpo material.

– Nenhuma objeção. Amanhã, voltaremos a nos encontrar para marcarmos uma nova trajetória em sua vida.

Não discuti. Voltei para casa e acordei em silêncio. Pedi à Luiza que me levasse a algumas livrarias. Comprei alguns livros escritos recentemente e notei a falta de lucidez, a modificação dos valores, das verdades. As prateleiras estavam cheias de manuais intitulados de autoajuda sugerindo, sutilmente, formas de diferenciação. Ao terminar de me inteirar sobre a leitura que selecionara, Meu Amigo chegou a meu quarto através do canal transportador.

– Halu, lembre-se do que Otilia lhe ensinou: as palavras ficam no campo magnético e, quando o ouvinte se abre, o conhecimento flui. Não se preocupe.

Retruquei que se o Plano Inverso transformava tudo, então para que escrever e ensinar? Desta forma, não estávamos fornecendo material para reformulações que desviariam a humanidade de sua trajetória?

– A cada geração nascem muitas pessoas para ressaltar a verdade dentro das distorções. Não se preocupe com o futuro. Realize seu trabalho, dia-a-dia. Amanhã haverá alguém para falar e trabalhar.

Lembrei-me então deste ensinamento de Jesus: “Cada dia traz seu próprio problema”.

– É importante você saber que muitas pessoas desistem de trabalhar para as Casas Astrais neste estágio de sedução da Casa das Soluções.

Explicou-me que, na necessidade de eternizar seus escritos, seus intelectos, muitas pessoas passam a divulgar somente o que não será censurado pelo Plano Inverso e omitem informações e conhecimentos importantes para o desenvolvimento do planeta.

Acrescentou, ainda, que de agora em diante eu teria de ter, além de muito equilíbrio e fé, muita coragem. E se foi.

Fiquei orando, pedindo a Deus ajuda para o que estava por vir. Minha intuição indicava aborrecimentos a caminho.

Alguns dias se passaram e alguns problemas aconteceram para abalar nossa tranquilidade; chegaram até Luiza alguns comentários a meu respeito que a deixaram muito aborrecida.

Uma pessoa, que não me conhecia nem meu trabalho, se encarregou de espalhar notícias sobre um “preto velho” que, segundo ela, manifestava-se através de mim, o que nem de longe correspondia à verdade.

Segundo esta pessoa, até as crianças estavam mudando seus comportamentos em virtude da convivência com “meu preto velho” e distorções de todo o tipo começaram a surgir.

O Conselheiro Sênior esclareceu-me o que estava acontecendo:

– Isto é só uma amostra do que podemos fazer. Você vai continuar resistindo?

Não respondi e ele se foi.

Luiza entrou no quarto e me fez um convite.

– Vamos sair para jantar? Precisamos relaxar um pouco.

Achei a ideia ótima e saímos para jantar num restaurante perto de casa. Voltamos antes de terminar o jantar, muito aborrecidas uma com a outra.

Conversando, escutei Luiza dizer uma frase, que ela não havia pronunciado, de acusação a minha pessoa. Achei-a injusta e a desarmonia instalou-se entre nós.

No outro dia, foi a vez de Luiza escutar de mim algo que eu não disse e jamais diria.

Meu Amigo veio em nosso socorro:

– Cuidado, Halu, o Plano Inverso está prestando atenção a sua conversa com Luiza e manipula o som, pra que vocês “ouçam” o que não foi falado.

– Como isso é possível?

Meu Amigo explicou-me que esta é uma prática muito comum e antiga do Plano Inverso para gerar confusões e desarmonias. Este era um dos trabalhos do Departamento de Reformulações.

No outro dia, foi a vez do Conselheiro Sênior visitar-me.

– Está pronta para seguir-me?

– Aonde vamos?

– Inscrevê-la como Ministra da Casa das Soluções.

Não precisei verbalizar. O Conselheiro se foi, rindo ameaçadoramente.

Na tarde do dia seguinte, eu e Luiza estávamos estudando astrologia. De repente, senti uma fome emergente e Luiza desceu para comprar-me um lanche na padaria. Minutos depois, com enorme susto, eu a vi atravessar a parede do quarto, chorando desesperada:

– Halu, eu morri atropelada! Sua fome foi uma isca para me atraírem e me matarem.

Meu coração disparou. Perdi a cor e o equilíbrio.

– Ainda precisava fazer algumas coisas, Halu. E agora? Vamos, atire-se daquela janela! É o mínimo que você pode fazer por mim, assim me auxiliará no mundo espiritual.

Eu nada dizia. Não conseguia raciocinar.

– Eles, os do Plano Inverso, querem me levar! Eu não sei me defender. Venha me ajudar. Onde está o canal de luz que você descreve? E seus amigos? Ninguém veio me buscar! Socorro, eles vêm atrás de mim! – E pulou da janela.

Joguei-me da cadeira no chão rezando e chorando, pedindo ajuda a Deus e a Jesus. Onde estava Meu Amigo?

Alguns segundos depois, ouvi a porta se abrindo e vi Luiza entrar, tranquila, carregando uma sacola da padaria. Ao ver-me, empalideceu:

– O que você tem Halu? O que aconteceu?

Corri para ela, sem compreender o que estava acontecendo. Dentro de meu choro, contei o que havia acontecido. Já falei sobre o temperamento de Luiza; serena como sempre, conduziu-me até minha cama e fez uma limpeza em meus chakras. Fui me acalmando e adormeci. Neste sono, desmembrei, chamei o canal transportador e encontrei-me com Meu Amigo nas margens do rio da segunda Casa Astral. Ouvi dele esta explicação:

– O ectoplasma é um fluido liberado pelos espíritos ou pelos encarnados. Com esse fluido, nós, das Casas Astrais, preparamos medicamentos, confeccionamos bisturis, tubos de ensaio e outros utensílios necessários ao nosso trabalho. Na Casa das Soluções, no Departamento de Reformulações e Materializações, o ectoplasma é utilizado para materializar objetos. Lembra-se da pétala de rosa que HF deixou em seu quarto?

Continuou dizendo que já aperfeiçoaram tanto essa técnica, que conseguiram criar imagens de pessoas por alguns segundos. Assim construíram a imagem de Luiza.

– Vamos para o hospital da primeira Casa Astral.

Entramos em um quarto, onde ele me apresentou dona Joana, uma senhora recém-desencarnada.

– Dona Joana, a senhora poderia contar seu acidente para Halu? Ela está aqui, estudando esse tipo de fenômeno.

Deixou-nos a sós e a pobre mulher passou a contar-me parte de sua história.

Havia perdido um filho, ainda jovem, num acidente de carro havia vinte anos. Através de uma amiga, passou a frequentar um centro e tornou-se espírita.

Alguns anos depois, seu filho desencarnado passou a ser mentor espiritual daquele centro. Embora percebesse semelhanças com seu filho na médium manifestada, tinha dúvidas. Queria vê-lo, mas não era uma vidente.

Anos a fio, orou em silêncio pedindo para ver o filho e ocupou-se tanto com este desejo que foi ficando obcecada, afastando-se dos estudos, das pesquisas e até mesmo das preces. Ia ao centro com o único objetivo de ver seu filho, até que três meses atrás teve uma experiência que a levou ao suicídio:

Morava num apartamento e viu o filho aparecer na janela. Este disse que o centro e a médium mentiam, mistificavam, e que ele na verdade estava sofrendo, precisando dela, e a induziu ao suicídio.

Agora, ela estava ali, sendo socorrida no hospital da espiritualidade onde o próprio filho lhe explicou o que realmente havia acontecido: um truque! Uma manipulação do ectoplasma, como havia acontecido comigo.

Percebi que dona Joana precisava descansar e, ao sair do quarto, encontrei Heitor, seu filho, que me pediu que o aguardasse na praça; visitaria sua mãe e iria em seguida a meu encontro.

Na praça, encontrei alguns médicos da espiritualidade, amigos de minha alma. Falamos um pouco e anotei algumas recomendações para cuidar melhor de meus chakras.

Heitor encontrou-me a sua espera.

– Seu Amigo falou-me sobre você; desmembra com consciência para relatar a nossa existência à esfera material.

Também estava informado sobre meu contato com o Conselheiro Sênior:

– Eu o conheço. Sofri sua perseguição. Não conseguiu atingir-me diretamente e vingou-se em minha mãe. Estou consciente da “porta” que ela

abriu para ele, mas ainda estou indignado.

Concordei com ele. Como não achar indigno um ato de covardia?

Passei a escutar sua história.

Na encarnação antecedente a esta última, ele foi seduzido pelo Conselheiro Sênior. Desencarnou e, ao passar pelo umbral, ouviu falar nas Casas Astrais e pediu ajuda.

Voltou a encarnar, escolhendo ficar vinte anos na esfera material e desencarnar num acidente. Não entrou nos detalhes de sua escolha. Algum tempo após o desencarne, passou a trabalhar no centro, para ajudar sua mãe a espiritualizar-se. Esta tarefa fazia parte de seu resgate.

Durante anos, tentou mobilizar em sua mãe a crença na eternidade, mas sua alma, ainda imatura, foi buscar provas ingênuas. Neste período, Heitor começou a ser visitado pela Casa das Soluções, até que o Conselheiro Sênior assumiu a tarefa de seduzi-lo.

– Logo que o vi, lembrei-me dele em outras vidas. Havia prometido nunca me abandonar e, agora, retomava o contato, mas nada conseguirá de mim.

– O que você pretende fazer agora?

– Acompanhar minha mãe nos trabalhos de mesa aberta e continuar minha tarefa junto a ela, inspirando-a a espiritualizar-se e amadurecer. Depois, seguiremos juntos em outra experiência encarnatória.

Meu Amigo veio ao nosso encontro. Chegara minha hora de voltar à esfera material. Já em casa, trabalhou em meus chakras e senti-me mais vitalizada. Acordei bem-disposta e expliquei calmamente à Luiza o que havia ocorrido. Ela se lembrou, imediatamente, de alguns casos que havia acompanhado num hospital psiquiátrico onde estagiou.

– Muitos “doentes”, Halu, dizem com muita convicção terem visto, dentro do quarto, médicos ou enfermeiras que não se encontravam no hospital naquele dia, será?

– Quem sabe, Luiza? Por que não?

Se houvesse abertura nas pesquisas científicas, muita coisa já estaria esclarecida.

Estava na hora de visitar Kaô. Quando me viu, pediu-me para lhe contar as últimas experiências. Como sempre, ouviu-me em silêncio. Em seguida, foi até seu quarto e trouxe-me um texto sobre espíritos vampirescos, que descrevia alguns tipos de obsessores.

O Conselheiro Sênior enquadrava-se no tipo mais sofisticado.

– Inspirado neste conhecimento é que se originou a lenda dos mortos-vivos, homens vampiros e coisas do gênero.

– Pude observar que a lenda é bem fiel aos fatos reais.

Kaô sorriu de minha colocação e concordou. Voltou a seu quarto e trouxe-me alguns cravos-da-índia.

– Vamos fazer doce? – perguntei brincando.

– Halu, estes cravos liberam um odor que é captado somente pelo mundo espiritual. Os espíritos baixos, inferiores, não suportam esse cheiro. Não use em vão, mas deixe com você; talvez venha a precisar.

Notei que os cravos eram maiores dos que eu conhecia, mas não obtive nenhuma informação quanto a isto. Levei-os para casa e resolvi colocá-los em meu travesseiro.

Uma noite de maio, ao desmembrar, encontrei o Conselheiro Sênior andando pela casa.

– Hoje, você vai conhecer mais sobre nosso poder.

O que vi neste encontro é indescritível. O Plano Inverso está em todo lugar; na política, nos hospitais, nas escolas, nos falsos líderes religiosos, enfim, em toda parte.

Neste dia, concluí que o crescimento é mesmo individual. Quem estiver esperando por uma salvação coletiva, muito há com que se decepcionar. O mais seguro é sempre conectar o coração, o sentimento, a sensibilidade e o bom senso para saber qual caminho trilhar.

Mais do que nunca, oro a meu Cristo, a meus amigos das Casas Astrais, para me ajudarem a crescer e amadurecer e para não ser seduzida pelo ego.

Nosso ego desestruturado é o principal responsável por atrairmos o Plano Inverso.

Cada vez mais, compreendo por que Jesus insistiu em ensinar a humildade; há sempre uma oportunidade de se adquirir uma túnica nova. Difícil é resgatar uma dívida criada por uma túnica.

Os humildes de coração estão livres dos escravizadores da alma; estes agentes são o orgulho, a vaidade e a arrogância desmedida. Livres destes agentes, não correm o risco de serem capturados pelo Plano Inverso. A sede de vantagens, o menor esforço, os exageros financeiros, as conquistas rápidas, são as estradas mais curtas para a morte e a escravidão. E a desonra é o pior veneno que podemos infiltrar em nossa alma. Obrigada meu Jesus, pelo que nos ensina e pela estrada que deixaste para ser seguida. Oro por

mim e por todos que verdadeiramente descobrirem que o fácil só leva ao efêmero e é o efêmero que morre mais rápido, causando mais dor.

O Conselheiro Sênior interrompeu minhas reflexões:

– Vamos, tem uma coisa para você aqui.

Seguimos pelo corredor, caminhando em silêncio. De vez em quando, seu olhar perscrutava-me, tentando perceber como eu estava me sentindo.

Minha tranquilidade era tão real que o deixou desconfiado e isto aumentou minha segurança.

– O que temos para você está aqui na creche. – Senti um frio correr minha espinha e percebi que ele havia conseguido deixar-me na expectativa e este estado emocional traz a ansiedade. Respirei buscando centramento.

Ele abriu a porta e vi, sentada em uma cadeira, uma garota de aproximadamente seis anos, chorando copiosamente.

– Leve-a, ela é sua!

Saiu, deixando-me sós com a criança. Aproximei-me e tive a sensação de já conhecê-la. Mas de onde?

– Você vai me levar para minha mãe? Falou, interrompendo o choro.

Foram instantes dramáticos; sabia que precisava acalmá-la, mas não podia mentir.

– Não se preocupe, farei tudo para ajudá-la. Vamos embora daqui.

Segurei minha mão e saímos da Casa das Soluções. Concentrei-me pedindo o canal transportador para a primeira Casa Astral.

Assim que chegamos, procurei Otília, a coordenadora da creche. A garotinha falava sem parar:

– Nós moramos numa fazenda, mamãe, papai, meu irmão e eu. Mamãe gosta mais de meu irmão do que de mim e me deixou sozinha. Que lugar é este?

Sem saber como conduzir a situação, desconversei:

– Vou lhe apresentar à tia Otília e ela vai saber o que fazer para localizar sua mãe. Não se preocupe.

Desde que saímos da Casa das Soluções, a menina não voltou a chorar. Entreguei-a à Otília.

A Casa das Soluções me deu um descanso; um mês inteiro sem visitas ou perseguições. Aproveitei para dedicar-me às lembranças sobre cabalas judaicas. O conhecimento fluía de meu pensamento. E, apesar de desconhecer como havia aprendido, eu sabia aquelas leis e conceitos.

– São os registros fluindo de sua alma. Em encarnações anteriores, você sedimentou esses conhecimentos que agora estão emergindo.

Passei a ter encontros diários com Meu Amigo, que me ajudou a aprofundar nos mistérios cabalísticos. Nesta época, conheci Empédocles, um antigo mestre grego, conhecedor dos quatro elementos (terra, fogo, água e ar). Novas lições sobre esse tema foram-me ministradas por ele.

Um dia, estudando na varanda, senti a presença do Conselheiro Sênior. Procurei-o por toda parte, mas não o encontrei. Então ouvi suas risadas.

– Está vendo? Você só vê o que lhe é permitido ver. Onde estou poderosa?

Desprezei sua ironia e voltei a meus estudos.

– Quer saber o que aconteceu aos Ministros que quiseram salvá-la? Coitados! Aprenderão a escolher melhor na próxima vez. Não é assim que você fala?

O que queria ele?

– Quero marcar um encontro com você. Hoje à noite, mandarei alguém buscá-la.

Concentrei-me e chamei por Meu Amigo. Ele chegou pensativo:

– Já soube do convite, Halu. Você pode aceitar.

– Pretendo. A não ser que você sugira o contrário.

– Ore bastante e não se envolva mais do que o necessário. Eles não podem lhe fazer mal, mas podem causar-lhe alguns incômodos. Estaremos alerta e unidos no pensamento e no sentimento.

Luiza chegou à varanda enquanto eu me despedia de Meu Amigo. Embora não pudesse vê-lo, já conseguia identificar quando eu estava em contato com meus amigos espirituais. Coloquei-a, a par dos últimos acontecimentos.

– Halu, existe alguma possibilidade de você não “voltar”?

Esclareci que o processo de desmembramento é intimamente protegido pela alma e pelo cordão umbilical.

– Posso voltar com alguns incômodos, como das outras vezes em que você me ajudou, quando eu retornava da Casa das Soluções.

Quando desmembrei, naquela noite, fui para a varanda e, antes do veículo chegar, pude observar as estrelas.

Em desmembramento, os sentidos ficam ampliados e podemos enxergar o mundo com maior nitidez. Entreguei-me à natureza e senti a

energia do vento entrando por meus chakras. Vivi por alguns momentos a leveza dos ventos.

A presença do veículo do Plano Inverso não conseguiu arrebatá-me desse movimento. Fui levada à sala do Conselheiro Sênior. Ele não se levantou para me receber. Percebi de imediato que desistira de me seduzir. Senti-me aliviada e, pela primeira vez, mais à vontade.

Indicou-me um lugar para sentar e pediu-me que aguardasse alguns momentos. Aproveitei para olhar sua sala de trabalho; havia muitas telas de projeção, uma grande mesa no centro e muitas cadeiras. Tão diferentes dos laboratórios de estudos e pesquisas das Casas Astrais. Não tinha nem mesmo uma planta, nada que lembrasse a natureza.

Voltou, trazendo com ele um garoto.

– Lembra-se do Ministro A.L.? Ficou tão revoltado consigo próprio, que resolveu encarnar.

Olhei para o menino, ainda um homem. Pensei em dizer-lhe alguma coisa, mas sua expressão de ódio paralizou-me.

– Não existe lugar para erros em nossa comunidade. Quando alguém fracassa em uma missão é severamente punido. Mas, o perdedor tem o direito de escolher seu próprio castigo e A.L. resolveu reencarnar.

– Quanto mais o escuto, menos o entendo. Não almejam a vida eterna em carne? Como pode então ser um castigo, reencarnar?

– Queremos a vida eterna em carne e também a liderança do planeta. Do jeito que ainda é, corremos muitos riscos como passar necessidades, ter que trabalhar etc. Por isso, viver no planeta Terra é um castigo.

O pequeno A.L. nada dizia. Percebi que ele se sentia humilhado. Tentei sorrir-lhe, mas rejeitou o contato.

Antes de sair da sala, falou sem se voltar:

– O que me consola, é o que está lhe aguardando!

– Cale-se! – gritou o conselheiro.

Não me assustei com as palavras do pequeno A.L., mas a maneira como foi tratado pelo Conselheiro abateu-me. Quando retornou à sala, contou-me que A.L. encarnaria como irmão do Eurico.

– As mudanças provocadas na última hora podem levar Eurico para longe de nosso auxílio e A.L. encarregar-se-á de levantar o ódio do irmão contra a família.

– Por que você está me contando tudo isso?

– Para você entender que seus amigos não venceram. Eles não ganharam essa batalha.

Algo, naquele momento, me disse que o Plano Inverso investe muito mais em desfazer o trabalho das Casas Astrais, do que investe em seus próprios projetos. Envolvida por este pensamento, ouvi uma voz ecoar na sala:

– Destruí-los é nossa meta principal!

O Conselheiro estava calado, observando-me ironicamente:

– Não, não fui eu quem falou!

Com um sorriso maligno, pediu-me que o acompanhasse.

“A inocência é a melhor forma de proteção.” Lembrei-me deste ditado da sabedoria de minha avó.

– Já esperávamos vocês. Seu Amigo está à espera no jardim, Halu. Vamos, Viviane.

Seu olhar pedia-me para não insistir com perguntas. As duas ficaram conversando e eu sabia que Meu Amigo esclareceria minhas dúvidas.

Encontrei-o examinando o éter curativo da primeira Casa Astral (éter curativo é a medicação utilizada nas pessoas que desencarnam trazendo sequelas do corpo material). Foi direto ao assunto:

– Viviane é a Embaixatriz. Lembra-se de seu último encontro com ela?

Soltei o pensamento e ele me transportou ao dia em que orei na sala da Embaixatriz, atraindo fluidos das Casas Astrais e lembrei-me de que ela havia entrado em regressão espontânea. Depois desse dia não a vi mais.

– O Conselheiro a substituiu passando a lhe acompanhar. Esperavam que ela “reagisse” segundo o código deles, mas ela não se coadunava com os interesses dos outros Ministros. Era apenas uma pessoa revoltada; quando houve a oportunidade, a alma reagiu.

Continuou dizendo que a mãe que ela procurava referia-se à última encarnação e que acreditava ainda estar encarnada.

– E esta mãe, onde está?

– Já voltou para a esfera material. A Embaixatriz agora vai descansar. Otília vai pacificá-la, e limpar seus chakras. Isto a preparará para compreender sua real situação.

Continuou dizendo que havia dias a pequena Viviane tentava sair da Casa das Soluções, mas os Ministros prometiam levá-la a sua mãe, na

tentativa de ganhar tempo e restabelecê-la. Como não tiveram êxito, entregaram-na.

– E por que a mim?

– Eles acreditavam que você receberia a missão como um estorvo.

Eu ainda não havia compreendido.

– Veja bem, Halu, foi você quem a tirou de lá. Pode ser que a pequena Viviane crie laços com você e se aproxime de seu caminho.

Fiquei feliz com a possibilidade e perguntei a Meu Amigo quais eram as oportunidades disto acontecer. Sua resposta calou-me fundo:

– Muitas, pois Viviane foi uma grande amiga sua. Vocês estiveram juntas numa encarnação anterior.

Como sempre acontece a cada revelação, meu sentimento conduziu-me a instâncias profundas de minha memória e recordei-me de Viviane. Fomos amigas, mas crenças internas nos separaram.

– Afastaram-se por algum tempo, Halu. Agora, vocês retomarão essa amizade. Terão tempo para isso, quando você concluir seu trabalho e, ela estiver em condições de confrontar as lembranças e a estrada que escolheu para chegar até aqui.

Na noite seguinte, o veículo do Conselheiro Sênior voltou para me buscar. Esperei que perguntasse por Viviane, mas em momento algum tocou no nome dela. Tentei mobilizá-lo para isso, perguntando por A.L.

– Tudo o que você podia saber sobre ele já lhe foi dito. Hoje, você vai ver a punição de A.P. Com este, fomos mais severos, pois ele teve duas chances de trazê-la para a Organização e falhou.

O Conselheiro referia-se a meu encontro com A.P. enquanto ele estava encarnado, e depois ao nosso encontro já na Casa das Soluções.

– Lembra-se do Vence-Tudo? Depois que você e aquele seu outro amigo estiveram na casa dele, ficou desmoralizado. A “Dona da Fortuna do Mundo” encarregou-se de espalhar que ele não tinha mais forças, pois vocês o enfrentaram sem terem sido castigados.

O que queria o Conselheiro, reacendendo episódios de um ano atrás?

Neste momento, HF entrou na sala. Estava diferente, parecia envelhecido, curvado. Sua antiga beleza estava desfigurada. Assustei-me ao vê-lo.

– HF agora assumiu o posto de A.P. Este foi seu castigo. Somente para os Ministros é que estão disponíveis as energias de restauração do perispírito. Sigam agora, para não haver atrasos.

Não trocamos uma palavra, até chegarmos à esfera material, na casa de Juvenal, o médium que trabalhava com Vence-Tudo. Embora fosse madrugada, estavam reunidos para um “trabalho”. Havia pessoas sentadas e outras em volta de Juvenal, auxiliando-o com pós, pratos e pequenas garrafas de barro. Concluí que HF levava-me para ver um dos rituais de Juvenal.

– Não se preocupe! Vence-Tudo resolve qualquer coisa. Andaram dizendo que minhas forças enfraqueceram. É mentira! Vocês vão ver o resultado deste trabalho.

– Quero ver, Vence-Tudo! Prove que você ainda é poderoso.

Juvenal manifestado ria alto, balançava-se, cantava, fumava cigarrilhas e bebia uísque sem parar.

– Por que você me trouxe aqui?

HF deixou-me sem resposta. Escutei a voz de Meu Amigo orientando-me:

– Mantenha a calma, Halu. Estamos acompanhando você.

HF olhou-me visivelmente irritado, mas mesmo assim continuou calado. Sabendo da presença de Meu Amigo das Casas Astrais, tranquilizei-me.

Quando terminou o ritual, Vence-Tudo se despediu das pessoas que o assistiam e abandonou o corpo de Juvenal. Para minha surpresa, o Vence-Tudo agora era A.P.!

– Este foi meu castigo. Satisfeita agora? Pensa que na Casa das Soluções eles permitem erros? Eu vou ter que pagar; este é meu Carma. Terei que substituir o Vence-Tudo em suas funções.

“Mais uma compreensão errada sobre um conceito de desenvolvimento espiritual”, pensei. Carma é um aprendizado que temos dificuldade em concluir e nunca um tipo de castigo.

– HF me acompanha para preparar os modelos de imagens para rituais como este. Minha antiga função lembra-se?

HF fez um sinal para A.P. e ambos se foram. O ódio do ex-ministro HF era tão grande que nem me olhou. Depois desse dia, nunca mais o vi.

Mais uma vez, ouvi a voz de Meu Amigo.

– Siga o Juvenal!

Entreí no quarto onde Juvenal conversava com seu companheiro. Apesar de ser médium, não captou minha presença.

Meu Amigo já me explicara anteriormente que para se perceber a presença de uma pessoa em desmembramento, o médium precisa manter seus chakras muito limpos, o que não era o caso de Juvenal.

– Álvaro, o Vence-Tudo está diferente! Eu sinto. Você não notou nada?

– O importante é que agora ele cobra mais caro por seu trabalho. Hoje arrecadamos o dobro do que de costume. Se continuar assim, logo compraremos nosso carro.

– Mas Álvaro, ele está diferente. Quando vai embora, sinto-me mais fraco do que antes.

– Ele disse que está usando melhor suas energias. Não se preocupe, nós nunca ganhamos tanto em apenas uma noite!

– Os trabalhos também mudaram; ele pede materiais diferentes... Não sei, será que é o Vence-Tudo mesmo?

– Ora, Juvenal! Que diferença faz?

Muita. Eu só me submeto ao Vence-Tudo por causa de uma dívida que minha mãe tinha com ele. Se for outro, acabou minha dívida. Não preciso mais continuar nesta vida.

– Para fazer o quê? Não me venha outra vez com aquela história de motorista de táxi! Olha quanto dinheiro a gente está ganhando. Vamos dormir e pare de pensar bobagens.

Meu Amigo enviou-me o canal transportador e, antes de entrar, pude ver a chegada de muitos obsessores, cuja função eu soube depois, era proteger o “sono” de Juvenal e avisar caso alguém das Casas Astrais aproximasse dele. A mesma coisa que faziam com Mag.

Ao sair, encontrei Meu Amigo e juntos fomos para as margens do rio da segunda Casa Astral. Eu precisava descansar e refletir.

Na manhã seguinte, acordei triste e desanimada. Luiza veio ao meu encontro e me ajudou a elaborar os acontecimentos com lucidez.

– Cada qual é responsável por suas afinidades, Halu. Você não viu a Viviane? Ela escapou do “castigo” do Conselheiro Sênior por não estar mais afinada com a Casa das Soluções.

Mais uma vez, agradei a Deus a presença de Luiza para me dar os dados da realidade. Ouvindo-a, superei a angústia que sentia por causa de Juvenal. Havia entristecido ao vê-lo à mercê do Plano Inverso. Porém, como disse Luiza, afinidade é afinidade. Se ele reunir forças, não permitirá que seu companheiro o impeça de aprofundar. Essas forças estão no coração

e no amor que desenvolvemos por nossos semelhantes. Ergui-me da tristeza e fui escrever meus relatórios.

À noite, ao desmembrar, vi o canal transportador. Feliz, segui ao encontro de Meu Amigo. Então, ele explicou-me que eu voltara a me lembrar de meus desmembramentos para as Casas Astrais por já saber lidar melhor com a qualidade de energia do Plano Inverso, não permitindo que impregnassem meus chakras.

– Pensei que você havia suspenso minhas lembranças para que eu trabalhasse melhor na Casa das Soluções.

– Aprofunde neste pensamento e veja se eu invadiria seu livre-arbítrio dessa forma. Quando a Casa das Soluções se aproximou para buscá-la, você, para conhecê-los em profundidade, abriu-se para eles. Agora, que já os conhece, sabe selecionar as energias que se adequam a seus chakras.

Aprofundando, concluí que as energias são combustíveis que nos levam ao encontro de nossas buscas. Ao sentir ódio pelos Ministros, claro, afastava-me dos caminhos para as Casas Astrais. Até o dia em que trouxe Viviane, raros eram os encontros com Meu Amigo. Precisei ir muitas vezes às Casas Astrais, para a limpeza de meus chakras e os banhos nas águas do rio. Decidi que antes de entregar-me a tristezas, ódios e desânimos, elaboraria os fatos ocorridos, procurando a energia da lucidez para me ajudar e, assim, minhas lembranças das visitas às Casas Astrais voltaram a se normalizar.

Ainda nesta noite, vivi uma experiência impressionante e revigorante; quando terminei meus pensamentos, Meu Amigo fez uma pergunta que me instigou:

– Você não gostaria de saber onde está o Vence-Tudo?

Sem precisar resposta, seguimos para o hospital da primeira Casa Astral. Vence-Tudo era um senhor de nome Antônio Andrade.

Enfraquecido pela humilhação da “Dona do Mundo”, aos poucos foi afastando-se da energia do ódio e entregando-se a uma profunda tristeza. Essa depressão acabou por levá-lo ao umbral, onde foi visitado pelos guardiões das Casas Astrais. Aceitando ajuda, foi conduzido ao hospital onde agora, recebia tratamentos.

Meu Amigo contou-me que, quando encarnado, Antônio Andrade desenvolveu um ódio tão profundo pela mãe de Juvenal que ao desencarnar, aproximou-se de uma seita que o convenceu a transformar-se no Vence-

Tudo para cobrar suas dívidas. Agora, já lúcido, retomava sua verdadeira identidade. Escutei-o falar:

– Na seita, aprendemos a respirar blocos de fumaça e vamos perdendo a memória. Assim, escutamos os chefes encarnados e desencarnados ditarem um tipo e um nome para a gente. Dizem que somos eguns, espíritos sem força, e que seremos transformados em falanges poderosas para trabalhos de materialização. É uma loucura, mas, aqui, disseram-me que vou melhorar.

Perguntei se recordava de mim.

– Não sei. Acho que sim, mas não sei de onde.

Despedi-me e voltei à esfera material. Acordei contente e fui imediatamente contar à Luiza sobre o Vence-Tudo, ou melhor, sobre o senhor Antônio Andrade.

Contando a experiência da noite anterior, escutei uma frase vinda de meu coração que fez muito sentido para mim. Espero que faça sentido para todos que estão lendo este livro: *Não existe distância entre a treva e a luz que não seja percorrida em segundos de amor.*

Alguns dias se passaram, até que voltei a ser visitada pelo Conselheiro Sênior. Estava em meu quarto, estudando cabalas quando senti sua presença.

– Visitamos muitas pessoas. A todo o momento aceitamos adeptos. Alguns demoram a se convencer, outros, não. Você é um pouco resistente; isto a torna interessante para nós.

Deu uma volta em meu quarto, olhou para meu caderno e sorriu com sarcasmo.

– Desde o princípio dos tempos, os pesquisadores, astrólogos, navegadores, estudam as cabalas. Para que servem estes estudos?

– Para conhecer a alma, a lei da sincronicidade que favorece as descobertas... São tantas as funções!

– Nós sabemos manipular esse conhecimento e o passamos a nossos seguidores para serem utilizados em outros fins, mais úteis à vida terrestre; por exemplo: como ter sorte através dos números, alcançar bens materiais através da união de alguns nomes, e outras funções.

– Ou seja, retiram do homem a capacidade de lutar por seu crescimento. Será que o Plano Inverso não compreende que é somente através do trabalho, do estudo, do esforço que o homem ultrapassa seus limites?

– Sonhos e ideais interessam a poucos, minha jovem!  
– Se é assim, prefiro estar entre esses poucos! Nem sempre a maioria está com a razão.

– Já sei que nossas palavras e promessas não a atingem. Não vamos perder tempo. Toda semana, segundo o calendário terrestre, nos reunimos para trocar informações sobre nossas tarefas. Você está convidada a nos assistir.

– Qual o objetivo do convite?

– Fornecer-lhe material para o livro que vai escrever sobre nós. Quando você aceitar, serei avisado e virei buscá-la.

Ele se foi e eu voltei para o estudo das cabalas. Nenhuma ansiedade. Estava realmente aprendendo a lidar com eles.

À noite, quando desmembrei, levei a questão ao Meu Amigo. Ele já sabia sobre o convite.

– É mais prudente, Halu, antes de aceitar, conversar com Tenório.

Tenório era o Ministro A.T., dissidente da Casa das Soluções. Ele estava se recuperando, na segunda Casa Astral, nos trabalhos de mesa aberta. Esse trabalho tem como objetivo levar as pessoas a refletirem sobre sua última encarnação e a trajetória escolhida quando desencarnaram.

Meu Amigo marcou o encontro para a noite do dia seguinte. Durante aquele dia, selecionei algumas perguntas para fazer a Tenório, conforme o combinado nos encontros às margens do rio da segunda Casa Astral.

Ele ainda estava fraco e temia que a Casa das Soluções o sequestrasse. Para aliviá-lo do temor, Meu Amigo afirmava que não havia como isso acontecer.

– Estou sempre assim. Ainda temo que minhas fraquezas me levem de volta.

– Ter humildade de reconhecer as próprias fraquezas é a melhor maneira de se proteger das seduções.

Meu Amigo é sempre formidável! Suas palavras têm a medida e o peso exatos. Tenório sorriu mais seguro.

Falou-me sobre, segundo ele, o pior castigo que a Casa das Soluções impõe a quem fracassa em sua missão, ou tenta deixá-los:

– Eles nos levam ao Vale das Sombras. Lá, nossos medos mais terríveis transformam-se em realidade, além da fome, sede e frio que sentimos, por estarmos longe das energias restauradoras.

Explicou-me que estas energias são retiradas dos corpos materiais da esfera terrestre e armazenadas em tubos de ensaio especiais.

– Essas energias saciam nossas necessidades.

Meu Amigo esclareceu-me que, como não produzem energia própria, precisam desse recurso para se manter atuantes e energizados.

– Eles induzem as pessoas a sentimentos baixos de raiva e mágoa e esperam que elas transpirem. O fluído do suor é levado para alimentar os servidores da Casa das Soluções.

Tenório interrompeu-o para dizer que esse “alimento” era distribuído segundo a hierarquia. Os Conselheiros e Ministros recebem fluidos específicos que os deixam especialmente belos, para melhor seduzirem tanto os desencarnados, quanto os encarnados, que, por serem médiuns e paranormais, podem vê-los.

Eu quis saber mais sobre o Vale das Sombras:

– Gostaria de visitá-lo, Halu? – perguntou-me Meu Amigo.

Compreendi que ele queria algo mais com esta pergunta; objetivava estimular Tenório a trabalhar seus medos.

– Se eu for com vocês, vou mostrar a eles que não temo mais aquele lugar – disse ele.

– Se você está com essa disposição, iremos. Creio, porém, ainda não ser o momento exato para visitar o Vale. Precisa amadurecer seu medo, eliminando sua vulnerabilidade. O medo não trabalhado deixa-nos vulneráveis, à mercê da influência do Plano Inverso em nossas vidas. Esta é a principal porta de entrada para o Eu inferior.

Tenório refletiu sobre estas palavras de Meu Amigo. Concordando, disse que aqueles ensinamentos haviam modificado suas disposições internas. Agora, queria ir, tencionando trabalhar-se como foi aconselhado.

Acertamos os detalhes, seguimos no *aerobus* até o Vale das Sombras. Ao desembarcar, senti uma sensação estranha no chakra cardíaco. Em seguida, enjoei, lembrei-me de meu corpo material e pensei que ia adoecer. Esse pensamento foi aumentando e se estabeleceu como certeza. Olhei para Meu Amigo, apavorada, dizendo que estava doente. Precisava voltar à esfera material e pedir à Luiza que me levasse ao médico. Ele me tranquilizou, lembrando-me estar sofrendo as influências locais. Tudo estava em ordem com meu corpo material. Ao tomar consciência desse fenômeno, o medo foi passando e me acalmei.

Tenório estava lívido, olhando para vários lugares e apontando.

– Você não está aqui! Nem você!

Meu Amigo foi socorrê-lo.

Olhei adiante e vi pessoas desencarnadas, correndo assustadas, gritando por comida e bebida. Outros tapavam os olhos com as mãos, gritando, tentando negar o que viam e ouviam. O lugar era pesado demais e voltamos para o *aerobus*. Meu Amigo deixou-me em casa e acordei trazendo comigo a lembrança de um pesadelo com cobras e assaltos.

Quanto a meus medos, sempre tive pavor de adoecer e ter que ficar num hospital. Aliás, experiência que havia sofrido muitas vezes em função de problemas na garganta e de febre reumática. Meu Amigo aconselhou-me a amadurecer o medo para, através de alguns trabalhos terapêuticos com Luiza, avaliarmos essas questões.

Quando me recuperei da experiência, ele me avisou que Viviane queria rever-me. Acreditava que poderia ajudar-me para o encontro com a cúpula da Casa das Soluções. Encontrei uma Viviane mais bonita, livre daquela severidade que impunha a seus gestos. Mais uma vez, testemunhei a eficácia das forças oriundas da alma; acende uma luz dentro dos olhos, que nos faz enxergar o ideal, o motivo para evoluir eternamente.

Viviane abraçou-me. Foi um abraço saudoso que fez emergir mais ainda as lembranças de minha memória sobre o tempo que nós estivemos juntas numa encarnação anterior. Dedicamos algum tempo às nossas lembranças e saudades e, fortalecidas, viramos uma equipe. Somamos forças para me preparar para o próximo trabalho.

Viviane esclareceu-nos um ponto importante:

– São quatro as principais preocupações da Casa das Soluções: primeira é manter os paranormais afastados de qualquer contato com a espiritualidade sutil; a segunda é estimular a troca da crença no espírito, pelas imagens de ídolos que se quebram e podem ser substituídas; a terceira é provocar mais encarnações do que as das Casas Astrais, ou seja, para cada criança encarnada por aqui, eles providenciam quatro, por lá; a quarta e última preocupação é preparar pessoas encarnadas e desencarnadas para dominar o planeta Terra.

Os três primeiros objetivos, eu já conhecia, embora ao vê-los assim conceituados, tenha me assustado um pouco. Mas, o quarto objetivo...

– Explique melhor, Viviane: dominar a Terra?

– Quando você começar a participar das reuniões vai entender as estratégias. Ouça com atenção: a Casa das Soluções espera que seja

encontrado, pelos encarnados, um planeta com as mesmas condições que a Terra. Para lá, incentivarão a emigração da cúpula da esfera material, aqueles a quem chamam de Escolhidos, reservando a Terra para os escravizados.

Loucura! Pensei. Todos loucos! O expoente da loucura!

– Possuídos, Halu. A obsessão, quando não tratada, leva à possessão – esclareceu Meu Amigo.

– Mas, possuídos por quê? Ou por quem? – E lembrei-me imediatamente de Baal-Feor, o falso Deus!

Escutando meu pensamento, Viviane olhou-me firmemente nos olhos e por sua vez perguntou:

– Esse falso deus, Baal-Feor, existe mesmo?

Sentindo o seu momento, Meu Amigo segurou suas mãos e respondeu com outra pergunta:

– Você já consegue acreditar no Deus verdadeiro?

Ela olhava ora para mim, ora para ele, e, percebi, esperava a resposta emergir de sua alma. Falou sem nenhuma censura:

– Ainda não sei no que acredito, mas sinto-me mais livre para acreditar naquilo que quiser.

– A liberdade é o ponto de partida para se chegar à luz.

Muito prática, Viviane escutou e voltou ao assunto:

– A escravidão vem sendo incentivada pela Casa das Soluções desde o início dos tempos. Agora, pretende reunir toda a experiência acumulada, para finalizarem esse grande empreendimento.

Sem conseguirmos mudar tão rapidamente a energia, olhamos para ela sem nada dizer. Captando nossa dificuldade, falou entre risos:

– Quem sabe, minha forma de amar a Deus não esteja na praticidade de resolver logo as situações?

– Esse aprofundamento é necessário para que você chegue a uma conclusão.

– O que preciso concluir?

– Sempre temos o que concluir, mas sugiro que, por enquanto, reflita sobre o sentimento que a está estimulando para ajudar Halu nesta tarefa.

Voltou a olhar para mim e o que vi em seus olhos reconheci como amizade. Mesmo quando estava na Casa das Soluções, a sinceridade já era um traço da personalidade de Viviane.

Ela respondeu a Meu Amigo:

– Por ela! Não é por ódio a eles, mas também não é por mim ainda. Sei apenas que quero ajudá-la e que estou fazendo um bem, aproximando-me da luz. Ainda não a vejo em mim, mas posso enxergá-la através de vocês.

Meu Amigo sugeriu que andássemos para fazer circular a energia e resolvemos passear em volta do lago da primeira Casa Astral. Caminhamos alguns minutos em silêncio, que foram interrompidos por uma ideia de Viviane.

– O que vocês acham de eu acompanhá-la nesses encontros?

Eu e Meu Amigo nos olhamos e ela continuou:

– Deem-me uma oportunidade.

Explicamos a ela que, nas Casas Astrais, as pessoas são livres para ir e vir, como quiserem.

– Não precisamos deixar Viviane. Basta saber se a Casa das Soluções concordará com sua presença.

Interrompeu-me para dizer que não tinha dúvidas quanto a isso, pois deduziriam ser um pretexto para ela voltar.

Fiquei de esperar a visita do Conselheiro Sênior para pedir a autorização. Demorou alguns dias e, enquanto isso eu continuei meus estudos sobre as cabalas, pois concluí que esses conhecimentos nos ajudam a manter-nos sincrônicos com o universo e, principalmente, a prevenir acidentes e desvios desnecessários no processo encarnatório.

Ao ouvir-me falar sobre a intenção de Viviane, o Conselheiro Sênior riu tanto que até vibrou:

– Então, ela quer voltar?

Não respondi. Ele estava convicto:

– Está bem. Diga que a receberemos de volta.

Em vão tentei argumentar que Viviane iria apenas acompanhar-me.

– Vocês não a conhecem. Aguardem uma surpresa. Viviane? Voltou até a usar seu antigo nome? Ela é muito esperta; soube enganá-los com perfeição!

Confesso que a segurança do Conselheiro mobilizou-me. Será que ele tinha razão? Bem, logo saberíamos, pois o encontro seria na noite seguinte.

Viviane chegou um pouco antes da hora marcada.

– Estou arrependida, Halu, das coisas que fiz contra você. Quantas vezes eu entrei neste quarto, para espalhar energias densas em seus chakras, que a impossibilitariam de desmembrar para as Casas Astrais.

– Não se culpe Viviane. Você não é responsável por meus chakras terem recebido essas energias.

– Mas você as repelia; vomitava, passava mal...

– Assim fui aprendendo a repelir totalmente qualquer energia que não combine com meus fluidos naturais.

Perguntou por Luiza e confessou sua admiração por ela. Enquanto conversávamos, o veículo do Conselheiro chegou.

Concentrei-me em Viviane; ela não estava à vontade.

– Quer desistir?

– De jeito nenhum, Halu. Preciso acabar logo com isso!

Do que ela estava falando?

Chegamos à Casa das Soluções e não havia ninguém a nossa espera no portal, como era de costume.

– Entendi a mensagem – disse Viviane.

– Como conheço o caminho, esperam que eu a conduza. Vamos aguardá-los aqui.

Esperamos em silêncio. Algum tempo depois, o Conselheiro veio nos buscar.

– Como está, Embaixatriz? Estávamos a sua espera.

Viviane não respondeu ao cumprimento. Desse momento em diante, compreendi que deveria tomar a frente da situação.

– Como combinamos Conselheiro, Viviane veio me acompanhando.

– Claro! Claro! Vamos.

Seu incômodo era visível. Mas sua determinação foi maior. Percebi-a fazendo exercícios de liberação de tensão.

– Aprendi com Seu Amigo. Assim, mantenho-me distante do Eu inferior.

O Conselheiro Sênior parou de andar e olhou para ela. Ficaram se olhando por longos minutos. Ele estava muito irritado, ela permanecia calma, inteira em seu propósito.

Uma alegria invadiu meu peito e foi minha vez de sustentar o olhar do Conselheiro. Sempre em silêncio, voltamos a caminhar e segurei a mão de Viviane para trocarmos forças.

Entramos na sala de reuniões da cúpula do Plano Inverso. Era uma sala grande, com projetores e cadeiras dispostas em forma de U. Em frente a cada cadeira, havia uma mesa com uma senha correspondente a cada conselheiro.

– Não se ocupe em gravar os números das senhas. Serão trocadas ao final da reunião!

Em nenhum momento, tal ideia passou por minha cabeça. “Os conselheiros precisam proteger-se”, ouvi na sequência.

Tratavam-se por números e algumas vezes usavam gestos para confidenciar informações.

Sentamos no meio da sala. Começaram a reunião, levantando o primeiro objetivo da Casa das Soluções: manter os paranormais distantes da espiritualidade sutil.

– O ex-ministro HF descobriu uma forma de conduzir os sensitivos para o sacrilégio.

Outro conselheiro numerado retrucou:

– HF insiste na fórmula adoração – sacrilégio. Já ficou provado que não dá certo. Quando passam por qualquer sofrimento desnecessário, abandonam as seitas.

O primeiro insistiu em apresentar a descoberta de HF:

– A ideia é interessante e original.

Ligou um aparelho e ouvimos a voz de HF:

(“O que vocês vão ouvir é uma gravação, Halu. Nem aos outros ministros é dado saber o dia e hora das reuniões. Embaixatriz! Mantenha-se na condição de convidada de nossa convidada” – e isto só nós escutamos.)

Viviane corou e voltou aos exercícios de respiração.

Era um discurso sobre adoração.

“Adorar os mitos, os mestres e principalmente as imagens dos ídolos é o primeiro movimento do iniciado. Adoram usar coisas que os diferenciam dos demais. Sentem-se importantes quando são aceitos como discípulos e orgulham-se de possuírem, em casa, imagens, estátuas, enfim, uma forma de estender seu poder para dentro de casa. A fórmula consiste em mantê-los em estado de adoração permanente. Assim, quando iniciarem os sacrilégios, nem perceberão, por estarem em idílio com o objeto da adoração. Principalmente as imagens que podem ser quebradas e substituídas facilmente. Faremos isso, introduzindo textos ou frases que terão de ser repetidas muitas vezes ao dia, para que introjetem nossa intenção. Através da repetição constante, será cristalizado o estado de adoração. Sentem-se leves, espiritualizados e não percebem serem induzidos ao sacrilégio.”

Minha coluna vertebral estava gelada. Toda vez que percebo a chegada do medo, mobilizo uma descarga de éter curativo, que meus chakras

armazenam. Assim, me preparei para enfrentá-lo. Fiz alguns exercícios respiratórios e me recompus.

Os conselheiros estavam satisfeitos com o trabalho de HF.

– Vamos investir nesta ideia e você, escritora, não se esqueça de colocar isto em seu livro, para inspirar alguns “mestres”, nossos discípulos, a quem não temos total acesso por serem médiuns fracos.

– Não esquecerei, pois assim chamarei a atenção dos seguidores desses “mestres” para as estratégias de manipulação de suas crenças.

Todos riram juntos. Em seguida começaram a criar as tais frases: “Eu sou poderoso”; “Eu mando no que quero”; “O mundo está debaixo dos meus pés”, e coisas do gênero.

Terminada a reunião, pediram que eu saísse, na pretensão de falarem a sós com Viviane. Ela não aceitou.

– Sairei com a convidada principal.

Não insistiram e fomos embora.

Acompanhei Viviane até a primeira Casa Astral. Ela estava estressada. Seu mentor levou-a para uma sessão de pacificação e eu fui para casa.

O Conselheiro voltou a me procurar um mês depois.

– Quero que você conheça nossa experiência...

Ditou um endereço, recomendando-me que comparecesse a um encontro, naquela mesma noite. Busquei a ajuda de Meu Amigo, que fez questão de acompanhar-me.

– Utilizarei um canal transportador especial. Logo que você chegar, irei a seu encontro. Quando me avistar, venha ficar ao meu lado, assim, também ficará envolvida pelo canal de luz.

O endereço correspondia a uma residência. Uma senhora me atendeu, perguntando quem havia me informado sobre o encontro.

– Um conselheiro da Casa das Soluções – respondi e aguardei o efeito de minhas palavras.

– Um irmão espiritual? Ora, venha logo! Preciso apresentá-la aos demais.

Entramos em um salão, onde fui apresentada como uma pessoa “especial”, por ter contato com os “mestres espirituais superiores”. Minutos depois, Meu Amigo chegou, conforme o combinado.

– Fique em silêncio. Caso eu seja visto por alguém, fale o menos possível.

Aconteceu o previsto; uma moça aproximou-se:

Estou vendo uma luz imensa a seu lado. Você está acompanhada.

Ela vestia-se toda de lilás, até o enfeite do cabelo. Seus ombros eram suspensos, passando uma ideia de contenção, e tinha o estômago e a barriga bastante dilatados. Seu olhar não olhava para lugar nenhum.

Ela precisa de umas sessões de *grounding*, pensei.

– Quem a acompanha?

Totalmente embaraçada, respondi que era meu mentor espiritual. Nossa conversa atraiu outras pessoas e as perguntas se multiplicaram:

“Qual o nome dele”? “O que ele faz”? “Você vai Dar consultas”?

O dono da casa veio a nosso encontro, pondo fim ao assédio. Achei-o muito estranho; vestia uma túnica e usava os cabelos compridos, amarrados para trás. Parecia maquilado, embora trouxesse o rosto lavado.

– Nossa irmã está aqui pela primeira vez... – e segurou com força o braço da moça que via a luz a meu lado.

– A luz que você viu é a do Mestre Morian. Ele vai falar-nos hoje. Fui avisado em sonho. Há novos mantras a serem divulgados para a expansão da consciência.

Olhou agressivamente para mim e depois para Meu Amigo, deixando claro que o estava vendo. Não só seu olhar era agressivo, mas todos seus gestos.

– Precisamos entrar. Conduzam a recém-chegada para a primeira fila.

Tocando em meu braço e disfarçando a dor, a vidente conduziu-me para uma fila de cadeiras, escolhendo uma para mim. Meu Amigo acompanhou-nos.

– Se é o Mestre Morian, ele está ao seu lado, pois a luz a acompanhou; falou baixo para não ser escutada e retirou-se, deixando-me com Meu Amigo.

– Concentre suas energias no chackra básico (cóccix) e faça contato com seu sentimento.

As pessoas foram sentar-se e todos os lugares ficaram ocupados. O líder do grupo acendeu um incenso, diminuiu a iluminação e anunciou:

– Eis que chega Mestre Morian.

Todos ouviram estalos no ar e a sequência foi realmente impressionante: é preciso estar muito lúcido e conectado com a energia do Amor para não ser seduzido. Muito importante se faz aprofundar e saber detectar o objetivo das manifestações e comunicações espirituais, para não se envolver com o Plano Inverso.

Vi, então, o Conselheiro Sênior manifestar-se no líder.

Aqui, abro um parêntese para algumas explicações:

Tive a graça e a oportunidade de conhecer Mestre Morian na décima quarta Casa Astral e soube, inclusive, através de Meu Amigo que o iluminado irmão já morava em outro planeta. Em ocasiões especiais, vinha à décima quarta Casa, para trazer ensinamentos oriundos de pesquisas em seu planeta de origem, cujo nome é Vergon, planeta imaterial, da galáxia de Signitaurus.

Fui informada, ainda, que há alguns anos, Mestre Morian havia desenvolvido um trabalho através de um estudioso pesquisador, encarnado em nosso planeta com a missão de estudar e transmitir conhecimentos avançados. Moacir Uchôa era seu nome. Na época destes acontecimentos, Moacir ou General Uchôa, como era conhecido, ainda estava encarnado, porém muito doente e já não transmitia os ensinamentos do iluminado Morian, por ter terminado sua tarefa nesta encarnação.

Muitos seres extraterrestres estão encarnados aqui em nosso planeta para desenvolver trabalhos de crescimento e transmitir informações preciosas. São almas de boa vontade que aceitam passar por todo o processo de encarnação para decodificar com o próprio corpo o estágio de evolução em que nos encontramos e a melhor maneira de nos ajudar.

Conhecendo, portanto, Mestre Morian, posso afirmar, com toda a certeza, que o Conselheiro Sênior não é de modo algum o iluminado amigo e que a Casa das Soluções jamais recebeu sequer sua visita.

O próprio Mestre Morian afirmou-me isto, algum tempo depois da noite em que se deu a tal reunião. Algumas páginas à frente eu relatarei esse encontro.

Voltando à reunião, o líder, que manifestava o Conselheiro Sênior, ensinou ao grupo uma série de palavras a serem repetidas várias vezes, com o objetivo de “expandir as consciências”.

Não me contendo, pronunciei-me:

– O irmão que está manifestado no médium poderia nos esclarecer o que chama de expansão da consciência?

O mistificador ignorou minha pergunta e continuou a entoar os “mantras”. Uma pessoa, perto de mim, apressou-se a esclarecer a atitude do “mestre”:

– Ele é assim mesmo. Não responde a nenhuma pergunta.

Ao final da reunião, já de volta à consciência, o líder explicou antes que as pessoas se dispersassem:

– A novata fez uma pergunta a Mestre Morian e ele pediu-me que explicasse em seu lugar.

Disse, então, que expandir a consciência seria ampliar as condições de captar o mundo espiritual e até mesmo os de outros planetas.

– Você poderia falar mais sobre a espiritualidade que o acompanha?

– O que você gostaria de saber? – Perguntou, tentando manter a calma.

Todos prestavam atenção a nossa conversa.

– Sobre os objetivos desses espíritos, em relação a nós, os encarnados.

– Não nos cabe questionar ordens superiores. Seria uma falta de respeito. Esses espíritos vêm de longe para nos trazer informações e não devemos ocupar seu tempo com perguntas menores. Logo, logo, você aprenderá como deve se comportar em relação a um mestre espiritual.

Suas palavras foram carregadas de ironia e desprezo. Em seguida, passou a orientar seus discípulos:

– Esses “mantras” precisam ser repetidos seis vezes ao dia. Não importa onde estiverem: dirigindo, em filas de banco, não tem problema! Convençam outras pessoas a aprender também. Assim, reuniremos forças para sermos levados para outros planetas no momento certo.

Resolvi ficar calada. Tudo o que podia ser feito, eu fiz. Quando alguém está aberto para compreender, não se precisa de muitas palavras. Se estiver ali alguém interessado em aprofundar, prestaria atenção aos pontos levantados.

Meu Amigo sinalizou-me que precisava ir. Encaminhei-me para a saída e, já fora da casa, tive a intuição de aguardar um pouco. Momentos depois, a vidente veio em minha direção.

– Estava pedindo aos espíritos para encontrá-la. Para onde você vai? Eu gostaria de falar-lhe. Está de carro? – Extremamente ansiosa, falava tudo ao mesmo tempo.

– Não tenho carro e vou para o Sion.

– Ah! Então eu te levo. Vou para aqueles lados. – Levou-me até seu carro e, muito atrapalhada, procurava pelas chaves.

É o tipo de pessoa que deve atrair muitos problemas, por ser muito aberta e ansiosa, pensei.

– Eu sou médium, mas ainda não consegui desenvolver bem minha vidência. Fiz alguns trabalhos com o mestre Hebron. Ainda faço, mas são

tão difíceis! E você, quem é?

Apresentei-me como uma estudiosa da Bíblia e da espiritualidade sutil.

– Você tem muitos poderes?

Ela estava muito equivocada e não dava para esclarecer meus propósitos numa conversa de 15 minutos. Anotei meu telefone em um papel e lhe entreguei pedindo que me procurasse.

Luiza aguardava-me aflita. Contei-lhe sobre a mistificação e o peso energético do lugar.

– Como é que as pessoas se deixam iludir assim?

Estávamos envolvidas na conversa, quando o telefone tocou.

– Halu, é para você. É Letícia.

– A vidente que me deu carona.

– Alô, Halu! Olha, o Mestre Hebron mandou eu me afastar de você.

Disse que você segue uma linha doutrinária primitiva. Disse também que os espíritos que a acompanham são até bonzinhos, mas inúteis à causa da Terra.

– Letícia, quando foi que ele disse isso tudo?

– Agora. Assim que cheguei, ele me telefonou e deu as ordens. Ele sabe de tudo. É um médium poderoso, mas mesmo assim, quero encontrá-la. Estou ligando agora porque estou muito nervosa e com medo. Posso ir até sua casa?

Ela estava assustada. Como negar? Uma hora mais tarde, recebi sua visita. Seu corpo tremia bastante.

– Bati com o carro duas vezes. É ele, sei que é!

Tentei mostrar-lhe o quanto ela estava ansiosa e que esse, provavelmente, fora o motivo de ter batido com o carro, mas não havia espaço para palavras. Pedi-lhe que deitasse e limpei seus chakras com alguns óleos. Pacificada, dormiu em seguida.

Subi para dormir também e quando Letícia desmembrou, eu estava a sua espera. Levei-a até a primeira Casa Astral e seu mentor veio recebê-la.

– Se ela não tivesse dormido em sua casa, eles a teriam impedido de chegar até aqui.

Letícia estava confusa. Falava sem parar sobre seus medos. O mentor levou-a para fazer exercícios de balanceamento energético.

Encontrei-me rapidamente com Meu Amigo que me orientou a perguntar à Letícia sobre os “trabalhos” realizados por Hebron. Disse-me

que ela precisaria ser muito forte para vencer o medo que tinha dele, pois estava bastante envolvida.

– Esses falsos espiritualistas vão envolvendo as pessoas em seus rituais, devagar. Quando o seguidor está totalmente confiante, começam a falar mais claramente sobre seus objetivos. Quem concorda, segue em frente. Quem discorda, fica assim, confuso como Letícia.

Voltei imediatamente para a esfera material. Precisava acordar antes de Letícia para ampará-la; pois ainda não conhecia Luiza e com certeza não ficaria à vontade.

Acordou mais disposta, trazendo um sonho com hospital e médicos.

– Foi o auxílio que você recebeu de seu mentor espiritual, nas Casas Astrais.

Nunca tinha ouvido falar das Casas Astrais. Entreguei a ela cópias de meus relatórios onde descrevo muitas passagens e lições de meus amigos.

– Estou com medo. Hebron deve saber que dormi aqui em sua casa. E o que vou dizer a meu marido? Ele nunca gostou de Hebron e das reuniões. Se eu contar que vim aqui pedir para você me ajudar, vai me cobrar às vezes que pediu para eu me desligar desse grupo.

Luiza entrou na sala ainda a tempo de escutar suas palavras:

– Você vai precisar ter humildade para reconhecer que escolheu um caminho mais longo para chegar à espiritualidade sutil.

Letícia olhou para Luiza e retrucou:

– Como eu escolhi o caminho mais longo?

– Tenho acompanhado Halu há alguns anos. Está claro que todas as pessoas chegam às Casas Astrais. A diferença está no caminho trilhado. Algumas conectam direto; outras estabelecem o contato quando buscam forças, ajuda, para conseguirem sair do jugo de mestres espirituais e de suas seitas estranhas ao crescimento.

Letícia suspirou fundo recebendo as palavras de Luiza.

– Preciso ir para casa. Conversarei com meu marido e serei sincera. Posso trazê-lo aqui?

Se ele quiser vir, vamos recebê-lo.

– O que eu digo que vocês fazem? Qual sua religião?

– Diga-lhe que somos pessoas comuns que estudam as lições da espiritualidade sutil. Mostre a ele meus relatórios.

– Só isso?

– É o que somos e o que temos – falei, sentindo o coração leve por ter aprendido a me apresentar.

As pessoas, quando se aproximam de um paranormal, só trazem rótulos para enfeitá-lo. Eu me sentia muito desconfortável com isso. Por esta experiência, concluí estar lidando melhor com essas situações.

– Você poderia falar-me sobre os trabalhos que fez com o Hebron?

Seu rosto ruborizou e, entre dentes, ela falou.

– São experiências muito íntimas. Não posso revelar, quer dizer, não sei se consigo...

Atrapalhada e extremamente envergonhada, declarou tratar-se de experiências com a energia sexual. Segundo Hebron, tais práticas faziam abrir a mente para a conquista de energias poderosas.

– E você, conseguiu conquistar as energias poderosas?

– Eu, particularmente, não. Mas meu marido recebeu uma grande promoção na empresa onde trabalha. Hebron disse ser resultado de nossos trabalhos.

Será possível que ainda exista gente tão ingênua num mundo como este?

Luiza perguntou se ela acreditava no que Hebron afirmara e ela respondeu que achava que sim, mas, em outros momentos, reconhecia o mérito do marido. Ela estava, na verdade, muito confusa e muito envolvida com seu mestre, quem sabe até emocionalmente. Carência é um estado que abre muitas portas.

Letícia se foi, prometendo manter contato. Alguns dias mais tarde, recebi pelo correio meus relatórios que ela havia levado. Procurei seu mentor para saber o que tinha acontecido: depois da conversa com o marido, este a obrigou a afastar-se de Hebron, de nós e de tudo que estivesse ligado à espiritualidade. Letícia, assustada, concordou.

– Hebron aceitou isso? – perguntei.

– Ainda não. Todas as noites, ele a visita em desmembramento e faz ameaças que a deixam apavorada. Ela tem acordado sempre com pesadelos e o marido vai encaminhá-la a um psiquiatra.

– Você não pode ajudá-la? – perguntei, já conhecendo a resposta.

– Ela não me recebe. Teme que Hebron cumpra suas ameaças. Procurei aproximar-me do marido, mas é materialista convicto e fecha todos seus chakras para não captar intuições e aspirações, enfim, não foi possível o contato.

Procurei Meu Amigo e pedi sua ajuda em uma tarefa: resolvi procurar o marido de Letícia. Ele prometeu ajudar-me, deixando claro, porém, que seria de minha responsabilidade.

– E como você vai me ajudar?

– Orando e transmitindo éter curativo para o ambiente em que vocês estejam conversando, caso ele a receba.

Falei com Luiza sobre minha ideia e ela prometeu ir comigo, caso o marido de Letícia me recebesse. Telefonei a ele, pedindo à governanta que atendeu, para falar diretamente com ele. Através dela, soube chamar-se Aureliano. Quando veio ao telefone e eu me apresentei, sua voz esfriou e ele falou laconicamente:

– Minha esposa será tratada por um médico. Vocês já fizeram muito mal a ela. Está totalmente desequilibrada.

– Sr. Aureliano, eu não pertencço ao grupo de Hebron, nem a grupo algum, aliás. Eu e Luiza, que é psicóloga, estudamos os comportamentos da alma.

– Você não é médium também?

– Por telefone é difícil explicar a complexidade deste contexto. Procurei o senhor porque conheci sua esposa e sei o que está acontecendo com ela. Consulte seu coração, e, depois disso, se ainda não quiser ver-me, não o procurarei mais.

– Tudo o que não é ciência não me interessa. Letícia precisa de remédios. Nunca mais permitirei que ela ou meus filhos participem de qualquer coisa religiosa.

Era inútil tentar dizer para Aureliano que Letícia era um dos Escolhidos, pelo Plano Inverso, para esse tipo de tarefa, ou seja, afastar as pessoas da espiritualidade sutil.

Letícia é muito volúvel e é vidente. Pessoas assim vão a muitos lugares em busca de comprovação do caminho que seguem. Sendo vidente poderia, num desses lugares, encontrar a espiritualidade sutil, o que não é nada interessante para eles.

Aureliano desligou o telefone, xingando-me e ameaçando chamar a polícia se eu insistisse em meu propósito.

As pessoas misturam tudo, confundem tudo. É preciso ter discernimento para não julgar e rotular as pessoas antes de conhecê-las realmente. Julgar as pessoas por breves contatos é o mesmo que avaliar um livro pela capa.

Esta experiência me enfraqueceu. Precisei muito de Luiza para me fortalecer.

– Você não vê Halu, este desfecho já estava previsto pelo Conselheiro Sênior. Ele quer afetá-la.

Neste momento, Viviane desceu pelo canal transportador.

– Luiza está certa. Essa é uma estratégia. Querem convencê-la a afastar-se de seus amigos. É assim que pensam: se Halu não vai seguir nossas ideias, então vamos enfraquecê-la para que não construa nenhuma.

Fui orar para meu Jesus; para o bom homem que morreu porque propôs a cura através do amor. Não deixarei o Plano Inverso enfraquecer-me e neutralizar-me. Fiz os exercícios de liberação de tensões e pedi à Luiza para limpar meus chakras. Logo estava recuperada, o que foi ótimo, pois, nesta mesma noite, o veículo do Conselheiro Sênior veio buscar-me sem nenhum aviso prévio. Consultei meu coração e resolvi embarcar nessa nova experiência.

O Conselheiro estava no portal, esperando-me.

– Não avisamos antes, porque decidimos esta reunião minutos atrás.

Para mim, era óbvio que esse não era o motivo real.

– O que você achou de minha aparição como Mestre Morian?

– Mistificação, você quer dizer; seria melhor se você trilhasse o caminho que ele trilhou para ter o potencial que ele tem e não precisar iludir as pessoas.

– Você acha que aquelas pessoas estão preocupadas em saber se eu sou ou não quem eu digo ser? Elas querem *status*; contar aos amigos que participam do trabalho com Mestre Morian. O que fazemos é aproveitar o prestígio que alguns mestres avatarizados possuem no planeta Terra e nos apresentamos como se fôssemos eles.

Antes de entrar na sala ainda citou outros nomes como Saint-Germain, Hilarion, Irmão Barsa, Dr. Fritz, Dr. Bezerra de Menezes, entre outros irmãos da espiritualidade, respeitadíssimos e que já se somaram a médiuns equilibrados da esfera material para realizar trabalhos importantes. O mais incrível é que lendo *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, vemos que ele insiste em procurar se aprofundar nas mensagens dos espíritos, evitando ser enganado por obsessores. As pessoas encarnadas têm grande responsabilidade nestas mistificações.

Quem sabe o Conselheiro não está certo? Em busca de *status*, sem esforço, acabam por render homenagem a obsessores. Até porque os

verdadeiros mestres não se manifestam em qualquer lugar e a todo o momento, como se ouve falar por aí. Esses mestres são muito ocupados e sua principal tarefa é no mundo espiritual, posto que estão desencarnados. Meu Amigo, por exemplo, não é sempre que pode me receber. Quase sempre marcamos nossos encontros com antecedência.

Entramos na mesma sala da reunião anterior.

– Hoje, discutiremos sobre nosso segundo objetivo: transferir a crença no espírito pela crença nas imagens que podem ser quebradas e facilmente substituídas. Tem a palavra o Ministro D.A. Sua responsabilidade é com as imagens religiosas.

Ligou o gravador e escutei a voz do tal ministro. Este eu não conhecia pessoalmente.

“As religiões não nos trazem problemas. As pessoas, para alcançar seus desejos, fazem penitências, sacrifícios, autoflagelo, desviando-se da trajetória do trabalho. Fazem grandes peregrinações e, se não alcançam as graças pedidas, acham que não são merecedoras ou, então, trocam a imagem de sua devoção por outra que foi mais eficaz para alguém, para algum “milagre” que chegou ao conhecimento dela. Mas quanto às religiões novas, algumas resistem a cultuar imagens, outras, não querem copiar as imagens antigas. Para solucionar o primeiro problema, estamos conduzindo os mestres religiosos a venderem para seus discípulos fitas protetoras ou papéis com desenhos poderosos que os livrarão do mal, enfim, substituímos as imagens por amuletos. Quanto ao segundo problema, ainda está sem solução. Pedimos que um conselheiro visite essas novas seitas para nos dizer o que fazer”.

Terminada a gravação, a discussão iniciou-se.

– As pessoas com poucos conhecimentos são mais fáceis de serem induzidas. Continuo apostando em influenciar intelectuais e estudiosos a sentirem vergonha e a temer serem confundidos com a plebe por acreditarem em Deus e nos espíritos.

Outro retrucou:

– Assim não é mais possível. Você viu cientistas respeitados escreverem livros, admitindo a existência da espiritualidade. Estão muito próximos dos idealistas das Casas Astrais. Se essa aproximação se confirmar, teremos mais trabalho. Perderemos muitas batalhas.

O primeiro voltou a falar:

– Então, é preciso inventar uma seita, bem camuflada, de verdades inquestionáveis para atraí-los.

– Mas, Conselheiro 61, vão aprofundar e estudar; são pessoas acostumadas a isso e verão que não temos fundamento.

– Aí é que está! Abandonarão e retomarão a postura anterior: a crítica e a perseguição a quem se atrever a misturar ciência e espiritualidade.

Discutiam abertamente, como se eu não estivesse ali. Num dado momento, perguntaram-me se eu não gostaria de fundar essa seita. Fiquei olhando para eles, certa de estar diante do absurdo.

– Acreditamos Halu, que se lhe oferecermos algo grandioso, você não rejeitará. Pense bem; fundar uma seita!

– Já existem muitas seitas na esfera material. As pessoas não precisam de mais nenhuma.

– Você ficará rica, milionária! Poderá ajudar seus pobres.

Não vale a pena continuar narrando os minutos que se seguiram. Propostas tão tolas que somente um desavisado seria seduzido. Vejam só! Quando os estudiosos ou intelectuais, como são rotulados, descobrissem a falsidade ideológica, eu seria a primeira a ser fulminada. Em minha opinião, a principal fragilidade do Plano Inverso é acreditar que as pessoas não sabem pensar. Até acho que algumas dispensam esse potencial; mas, Graças a Deus, não são todas.

– Quando descobrirem, você já estará muito rica e, então, temerão atacá-la.

– Meu objetivo aqui é escrever sobre Casa das Soluções e esta ajuda vocês já estão me dando.

– E você não está fazendo nada por merecer!

– Quando combinamos, não havia preços a serem pagos.

– Deixem-na. Vai ajudar-nos muito, escrevendo esse livro. Procuraremos outra pessoa, de preferência dissidente de religião ou seita muito conhecida pela maioria das pessoas.

Saí dali, pensando nas últimas palavras que ouvira e lembrando-me de muitas pessoas sérias que divulgam a espiritualidade sutil. Todas têm um traço comum em suas histórias: a dificuldade de trabalhar, de reunir pessoas para escutá-las. Naquele momento compreendi por quê. Até nisto o Plano Inverso interfere.

Veio, a minha memória, um trecho da conversa que tive anos atrás com Dos Anjos, o mesmo que me acompanhou nas visitas sobre materializações

em casas de trabalho da esfera material. Na memória revivi seu conselho:

– Cuidado com as “embalagens”. Muitas vezes as artimanhas nos seduzem. Jesus Cristo era um homem simples, assim como todos os seus verdadeiros seguidores. Não digo que vamos andar descalços por aí, ou sem condições para sobreviver. Chamo a atenção para os trabalhos muito sofisticados que mais parecem desfile de modas do que encontros espirituais.

Dos Anjos é um homem simples e, em sua simplicidade, preveniu-me contra os falsos profetas que conduzem as massas para lugar nenhum. E o pior é que a maioria das pessoas no planeta Terra preocupa-se tanto em enfeitar-se para ser melhor aceita, que só aceitam o que, por sua vez, também está bem embalado.

*Meu Deus tenha misericórdia de nós! Jesus Cristo dai-nos a paz!*  
Cheguei a casa ainda mobilizada pela força dessas palavras e cantei uma oração que aprendi com Dos Anjos:

Misericórdia, meu Deus  
Misericórdia, Senhor  
Eu vos peço por piedade  
Misericórdia, oh Senhor.

Somei a força de minha fé com a força destas palavras e acordei com o coração em paz, embora tivesse tomado consciência dos outros projetos da Casa das Soluções. Passei o dia em oração. Convidei Luiza para meditar e juntas, oramos muito, pedindo estabelecimento da paz e da verdade.

No começo da noite, Amonrheb, um dos meus amigos da espiritualidade veio convidar-me para passearmos junto ao rio da terceira Casa Astral. Fui ao seu encontro.

– Estava orando, no mesmo momento que você e Luiza, e sintonizamos as mesmas vibrações – disse.

Naquele momento, soube que não é preciso nenhum aparato para se alcançar a sintonia com a luz; uma prece, uma oração entregue a Deus é o suficiente para canalizarmos boas energias e encontrarmos espíritos sutis como Amonrheb.

– Estou captando, Halu, algumas preces para serem lidas, objetivando neutralizar a ação da Casa das Soluções. As pessoas não sabem, mas, sem querer, mobilizam o lado escuro do universo. Por desconhecimento, juntam

sons que não se combinam, embora possam parecer harmoniosos, que atraem forças primitivas e isto não é saudável para o planeta.

Quando terminar minhas captações, chamarei outros irmãos para lermos juntos, terminando esta etapa. Você gostaria de transcrevê-la para a esfera material?

Algo me tomou e um choro antigo invadiu meus olhos. Não era tristeza; era saudade. Saudade de pessoas como Amonrheb, de um mundo como aquele das Casas Astrais.

Amonrheb abraçou-me com ternura e eu fiquei ali, alimentando-me no ombro amigo do mestre cheio de graça e humildade, sentindo-me pequena para a função. Resolvi que devia preparar-me para estar à altura do convite que recebera.

– Precisamos marcar alguns encontros para estudarmos alguns temas para seu livro. Pensei em convidá-la a apresentar os objetivos da espiritualidade para o Brasil, o que acha? – perguntou-me.

A proposta animou-me e marcamos os horários, segundo o calendário terrestre, e a disponibilidade de Amonrheb. Começaria na semana seguinte.

Pela manhã, acordei trazendo um sonho que repetia uma história real. Às vezes, isto acontece comigo; sonho com épocas e fatos de minha vida e revivo as mesmas experiências, sentimentos e emoções.

Assistindo uma palestra, na décima segunda Casa Astral, pelo irmão G., aprendi que tais sonhos têm a função de lembrar-nos fatos já vividos, mas não compreendidos por falta de maturidade.

Sonhei com meus 16 anos, época em que, por necessidade, trabalhei como ajudante de caminhoneiro. Passei um ano inteiro viajando pelo Brasil, podendo, assim, conhecê-lo. Costumo brincar, chamando essa época de “meu estágio no INAMPS”. Na estrada, enfrentei diversas dificuldades; encontrei pessoas doentes, sem nenhum recurso e, assim, aprendi com meus amigos da espiritualidade a tratar alguns casos, a limpar chakras e a identificar obsessores e suas ações. E a ter na rua, no mato, nas ervas do mundo brasileiro, minhas primeiras lições com éter curativo e sua ação. Vi-me, no sonho, descarregando produtos no Ceasa em Brasília, no Rio Grande do Sul e em São Paulo, enfim, por todo o país. Esvaziávamos o caminhão de cebola, colocávamos madeira no lugar e seguíamos viagem.

Naquela época, realmente, não compreendi por que a vida estava me conduzindo para aquela experiência. Será que a compreendi agora, com o convite de Amonrheb?

Estava feliz. Avisei Luiza que retomaria alguns trabalhos; há um ano eu não fazia palestras e queria voltar a falar com as pessoas, a contar sobre minhas descobertas.

Luiza ficou feliz ao ver minha disposição.

– Até que enfim, Halu, o Plano Inverso a “desamarrou” – falou brincando, mas percebi a realidade.

Há exatamente um ano, havia suspenso alguns trabalhos por não me achar em condições de realizá-los. Era isso, então? Pude ver claramente que enquanto entristecia com a ação do Plano Inverso, fiquei parada, sem trabalhar, sem divulgar a existência das Casas Astrais, sem defender meu ideal.

Naquele momento, fui para meu quarto e comecei a escrever *Caminhos de um aprendiz* e Luiza retomou o contato com pessoas que queriam me escutar. Uma decisão que me fortaleceu bastante. E, quando o veículo do Conselheiro veio buscar-me, eu estava tranquila, cumprindo apenas um trecho de minha vida. Deixei de ficar me preparando para encontrá-los, à mercê da Casa das Soluções. Parti. No portal, encontrei o Conselheiro visivelmente aborrecido.

– Não mandamos avisá-la por que...

– Conselheiro, não precisa justificar nada. Está bem, assim. Se alguma vez coincidir com outras atividades, não comparecerei e vocês saberão o porquê.

O Conselheiro ficou calado e sinalizou o caminho. Entramos na sala onde havia outros conselheiros.

– Nossa convidada reassumiu suas antigas funções. Você torna-se cada dia mais interessante. O que pretende dizer nessas palestras? Espero que não seja sobre nós – disse.

– Há muitas maneiras de se falar, incentivar as pessoas a fazerem o bem, e isso não deixa de ser um modo de denunciar a existência do mal – respondi.

Mas, não fora eu quem falara; embora as palavras saíssem de minha boca, vinham de minha alma. Meus ouvidos ficaram ali, escutando e aprendendo ao mesmo tempo. Descobri que minha alma sabia lidar com situações que eram difíceis para meu mental e, principalmente, para meu emocional.

Trocaram um olhar e o Conselheiro Sênior endossou minhas palavras:

– O estudo das cabalas e o contato com as Casas Astrais a ensinaram a libertar a alma. Acho melhor abortarmos o projeto.

– Não vamos desistir, retrucou o outro conselheiro.

– Temos um trabalho juntos. Vocês não querem que eu divulgue seus ideais? Eu acredito que as pessoas precisam saber de sua existência. Vamos dar seguimento a esse propósito?

Um silêncio pesado cobriu a sala. Sentei na cadeira que me foi designada e esperei. Olhei para minhas mãos e lembrei-me de Luiza falando algo sobre mãos: “Quando estamos inseguros ou aflitos, apertamos uma mão contra a outra e não temos controle sobre os olhos. Quando estamos seguros e tranquilos, nossos olhos buscam nossas mãos, que energeticamente se unem, produzindo uma força que aumenta nossas disposições internas”.

Ela estava certa. Apesar de estar com a cúpula do Plano Inverso, não me sentia mal. Suas energias não conseguiram me abater.

Enquanto isso, conversavam em códigos, gestos, sinais secretos. Enfim, resolveram prosseguir com a reunião.

– Nosso terceiro objetivo, como todos sabem, é favorecer quatro vezes mais encarnações do que as Casas Astrais. Assim, colonizaremos a Terra com os nossos e vocês sentir-se-ão inadequados, sem espaço, solitários. Muitos, por não suportarem a solidão, convencem-se a tornarem-se nossos seguidores. Embora, a princípio não concordem com as atividades, serão cúmplices, parceiros inertes.

Pegou um pequeno aparelho e ligou a tela. Como num cinema, passei a assistir a captura de pessoas. À medida que as imagens iam surgindo, o Conselheiro explicava:

– Alguns dos nossos trabalham, seguindo pares de namorados em seus encontros íntimos para incentivar a relação sexual. Principalmente, aqueles que não estão utilizando algum método contraceptivo.

Na tela, apareceu um quarto ocupado por um casal. Junto deles, um obsessor emitia energias escuras para a região genital do rapaz, que insistia com a moça para fazerem sexo.

– Não quero, não estou tomando nada...

– Não chegaremos a tanto. Confie em mim.

Agora o obsessor se chegava a ela, transmitindo mais energias da mesma forma. Venceu o obsessor.

Um toque no aparelho e a imagem mudou. Projetava um espaço do umbral, onde um discípulo da Casa das Soluções sequestrava uma mulher que corria alucinada, gritando por comida e água.

– Vamos, venha comigo; eu sei aonde tem! – E puxou-a para dentro do veículo.

A imagem mudou e apareceu a tal mulher, deitada numa cama, num quarto da Casa das Soluções. De repente, novamente a imagem do casal retornou. Mais um toque no aparelho e em cada lado da tela era projetada uma imagem; a da mulher capturada e a do casal ao fim da relação sexual. Momentos depois se formou o cordão umbilical etérico, unindo os três. O cordão era de cor marrom. Pude observar que nenhum dos três percebia o que estava acontecendo. Olhei para os conselheiros; como podiam interferir tanto nas vidas das pessoas?

– Ela ainda não sabe o que quer. O trabalho agora consiste em prepará-la para encarnar.

Outro conselheiro o interrompeu:

– Se algo sair errado pode-se provocar um aborto. Tanto a mulher pode se recusar a encarnar, provocando um aborto espontâneo, como o casal pode não querer ter o filho e fazer o mesmo.

O Conselheiro Sênior retomou a palavra:

– Não é sempre assim que atuamos. Você acompanhou o caso de Eurico, por exemplo, mas, às vezes, não temos outra opção. Para ser sincero, esse método nos dá menos trabalho e colonizamos o planeta com almas mais fáceis de serem manipuladas. Precisamos manter a vantagem; quatro vezes mais que vocês.

Eu estava calada. Não me desesperei como das outras vezes e amadureci neste encontro. O Conselheiro pediu para acompanhar-me até em casa, pois tinha outro assunto para conversar comigo.

– O Hebron não está satisfeito com você. Perdeu uma forte colaboradora de sua organização. Ele vai se vingar. Não simpatizo muito com ele, se precisar de ajuda... bem, já avisei.

Vim, a saber, que Hebron é uma pessoa influente em Belo Horizonte. Tem muitos amigos e onde pôde, falou de mim e, principalmente, de meu trabalho. Soube até que o fato de eu ter nascido no Nordeste, na Bahia, era um motivo para desacreditar-me e tentar me humilhar. Como se diz na Bahia, o vento levanta poeira, onde há poeira. Não encontrando nada que

pudesse desabonar-me, usou o preconceito, comportamento comum em pessoas com profundas falhas de caráter.

O tempo encarregou-se de devolver a Hebron suas sementes. Depois que Letícia deixou sua casa, outras mulheres foram obrigadas por seus maridos a deixá-lo também. Aureliano encarregou-se de semear o descontentamento. A instituição de Hebron, fundamentada em apoios financeiros, faliu e ele mudou-se para outro país.

Viviane recuperava-se nas Casas Astrais e encontrou João Andrade e Tenório nas sessões de mesa aberta da segunda Casa Astral.

Um dia, fui vê-los e fiquei muito contente de verificar o desenvolvimento de todos. Para aumentar minha alegria, chegou o dia de começar os encontros com Amonrheb.

Assim, dividia meu tempo; entre palestras, atendimentos, e a escrita do livro *Caminhos de um aprendiz* e ao desmembrar para as Casas Astrais, fui redescobrimo o Brasil.

– O Brasil foi o maior projeto das Casas Astrais para o Segundo Milênio.

Amonrheb abriu nosso diálogo com essa informação. Levou-me à biblioteca da primeira Casa Astral e mostrou-me mapas antigos, datados de 1100, onde estava demarcada a área do Brasil, e para meu espanto, desde essa época, já o chamavam por esse nome.

– Quero apresentá-lo a um amigo. Nós o chamamos de Humberto, seu nome na última encarnação. Ele trabalhou no Brasil desde a época que você vê no mapa.

Apertei a mão de Humberto e vi em seus olhos algo maravilhoso; não sei dizer o quê, exatamente, mas era uma força que unia seus olhos a suas mãos.

– Por longos anos trabalhei, escrevendo sobre o que meus olhos viam. Por isso, você percebeu esta união.

Sua voz era sonora, poética e totalmente atualizada.

– Não tem muito tempo que voltei para casa – disse, referindo-se às Casas Astrais. Sinto-me muito bem ao falar do Brasil. No começo do Segundo Milênio, na Era das Cruzadas, previa-se a desunião total entre os homens. Os homens constroem as nações; o que seriam estas, senão frutos divididos entre a dor e o orgulho? Deste sentimento nasceu uma organização que chamamos de “Movimento para a União do Mundo”. Este movimento atravessou os séculos. Só voltei à esfera material engajado neste

ideal, no começo de 1300. Eu e outros, naturalmente, demos sequencia ao trabalho – falou.

Fez uma pausa e continuou:

– Nesta época, tinha-se notícia de um enorme território, depois da linha limite do horizonte. Muitos contavam como lenda. Outros, não duvidavam de sua existência e, juntos, trabalhamos para nos aproximarmos dessas terras. Os homens também estavam divididos; uns almejavam o poder, outros mantinham o propósito da associação: unir o mundo. Eu fazia parte desse segundo grupo. Acreditávamos que, se a humanidade tivesse a oportunidade de um recomeço, faria diferente.

Fez outra pausa e, depois, continuou a falar:

– Depois, voltei à Terra, na metade do século XV e tive a graça de estar na nau que redescobriu o paraíso, a pátria do Terceiro Milênio. Quando a revi, pisei em suas praias e banhei-me em suas águas; não era eu Adão, mas, sim, Caim voltando para casa, resgatando o paraíso para meus pais. E meus pais, naquele momento, eram antigos companheiros que iniciaram aquele ideal há mais de trezentos anos.

– Sentiu-se pai de si próprio.

Estas palavras de Amonrheb tocaram-lhe fundo o coração.

– Naqueles dias, ainda não acreditava na eternidade da alma. Se acreditasse, o júbilo seria maior.

Emocionado, continuou falando:

– Entre tantos desencontros e desavenças, cumpre o Brasil seu papel. Lá, unem-se todas as nações do mundo e todo brasileiro tem duas pátrias; a de origem e a que ajudou a originar; o mundo novo que era sonhado, desde a época das Cruzadas. Um novo sangue brotou da *Terra Brasilis*. Este é o verdadeiro ecumenismo. O velho mundo desdobra-se, mas se rende diante da possibilidade de ser pai e mãe. Não só de um povo, mas de uma civilização. Isto hoje é o Brasil; a possibilidade de unir os homens através do coração e fazer deste planeta a materialização esperada no Cruzeiro do Sul.

Ouvi-lo falar, fez-me pensar muitas coisas; na mistura das raças, doutrinas, culturas e pude ver por seus olhos; o Brasil como um altar, onde as outras nações deixavam suas oferendas. O sangue brasileiro correu em meu corpo material e precisei me juntar a ele.

Acordei totalmente renovada, amando meu país e compreendendo a responsabilidade de ser brasileira, e contei à Luiza sobre o encontro. Ela

sentiu-se contagiada pela história.

– Halu, por que você não pede a esse novo amigo para ajudá-la a escrever minuciosamente essa história?

– Quem sabe Luiza.

E os projetos de trabalho multiplicaram-se em minha cabeça e em meu coração.

Horas depois, quando estava escrevendo meus relatórios, percebi a presença do Conselheiro Sênior ao meu lado.

– Que querem seus amigos, contando-lhe essa história?

– Veio convidar-me para outra reunião?

– É bom que seja assim. Você conhecerá dois projetos para o Brasil e poderá comparar.

Então, eles também tinham um projeto para o Brasil? Pude perceber que nosso país é importante para o crescimento do mundo.

– Todos os países são importantes.

O Plano Inverso ressaltava o óbvio como grande descoberta.

– Você agora vai compreender a função do Brasil dentro da organização interplanetária. À noite, mandarei o veículo buscá-la. No último encontro, entendi que precisaria marcar nossos contatos.

– Estarei pronta, Conselheiro – respondi, laconicamente, desejando sua partida.

O Conselheiro Sênior se foi, muito desconfiado. De minha parte, precisava voltar a meus escritos. A conversa com Humberto permanecia clara na minha memória e eu não queria perder esse momento.

À noite, ao desmembrar, segui para o veículo. Como de costume, encontrei-o no portal a minha espera.

– Hebron está em maus lençóis. Andou atuando por conta própria. Arriscou-se demais, não temos culpa. Se tivesse seguido nossas orientações, nada disto teria acontecido.

Minha alma sinalizou e abri minha boca:

– Quem se submete a ser discípulo, um dia quer ser mestre, senhor de si e dos outros que puder subjugar.

Olhou-me espantado.

– Você sintetiza as coisas com muita propriedade.

– A alma sabe! Voltei a dar passagem para ela.

Encontramos os demais e os fatos repetiram-se sem novidades. Cumprimentamo-nos e o Conselheiro Sênior notificou a todos que o motivo

da reunião era o quarto principal objetivo da Casa das Soluções, ou seja, preparar pessoas encarnadas e desencarnadas para dominar o planeta Terra.

– Para que um mundo sem governantes? A massa não sabe aonde ir. Precisa ser conduzida e nem todos têm o gene da sabedoria. Você quer comparar-se com aquela mulher que viu ser capturada no umbral? Acha-se igual a ela? – perguntou.

– Para vocês, o que é igualdade? Eu, ela, todos temos as mesmas possibilidades de desenvolver o potencial interno, só que alguns levam um tempo maior para isso. Mas a relação com o tempo não nos torna diferentes para Deus.

– É melhor deixá-la calada. Ela não veio aqui para falar – queixou-se outro conselheiro.

– Selecionamos o Brasil para ser a terra dos Escolhidos. Preparamos pessoas que já foram grandes líderes para voltar à Terra e reconquistá-la. – E enumerou-os: – Napoleão Bonaparte, Benedito Mussolini, alguns czares que não querem ver seus nomes revelados, o papa Constantino, Stalin e muitos outros.

– Todos estão encarnados no Brasil?

– A maioria está. Os demais estão espalhados pela América do Sul.

Fiquei pensando na natureza pacífica de nosso povo; como o Plano Inverso esperava criar um levante a ponto de dominar o planeta?

– Através da fome. Aquele bloco de fome que você visitou, lembra-se? É uma arma poderosa. Sendo o Brasil um país basicamente agrícola, temos grandes chances de dominar o mundo no Terceiro Milênio.

Havia algo errado naquele discurso. Até então, nunca havia pensado que eles pudessem mentir naqueles encontros. Mas desconfiei e estava certa.

– Ela é muito esperta e sensível! O plano não funcionou. – intuiu um Conselheiro.

– Cale-se, Conselheiro 2!

– Não adianta, eu próprio avisei que ela perceberia! Não importa! – O Conselheiro Sênior fez uma pausa e retornou: – Pretendemos usar o Brasil para reunir adeptos para nossa causa. Para isto, nos estabelecemos em Brasília e estamos fazendo, dessa região, um palco para chamar a atenção dos que estão em planetas mais poderosos do que a Terra, para que possam vir dominá-la. Como nós favoreceremos o contato, eles nos transformarão nos líderes de nossa Terra.

Precisei de algum tempo para decifrar o absurdo.

– Hebron era um dos que captavam pessoas e recursos para criarmos em Brasília um campo de força – continuou.

– Se são superiores, por que iriam querer dominar planetas menores? Será que vocês não os estão julgando segundo seu próprio código interno? – estranhei.

– Você não entende. Sabemos da existência de outros planetas materiais em galáxias distantes.

Até aí nenhuma novidade. Meus amigos das Casas Astrais já me haviam falado desses planetas.

O Conselheiro Sênior continuou:

– Estes seres virão à Terra para entronar o Imperador do Mundo. Ambicionando ser esse Imperador, todos os líderes da Terra reencarnaram.

Meu Deus! Eles confundem tudo! Que interpretação mais absurda das profecias!

Mais eloquente que os outros, o Conselheiro Sênior falava, alucinado:

– É óbvio que esse imperador será controlado por mim, quer dizer, pela Casa das Soluções.

– Pelos conselheiros! – gritou seu companheiro.

– Já que falamos na cidade, vamos levá-la para lá? Você já esteve em Brasília?

Lembrei-me de minha passagem por Brasília. Meus olhos arderam e meu nariz sangrou. Meu patrão caminhoneiro associou ao clima da região. Passamos por Brasília, levando um carregamento de cebolas, muitos anos atrás.

Embarcamos no veículo e sobrevoamos a região: linda, com sua paisagem maravilhosa. Tanto verde e a natureza revelando-se pelas cores, pelos cheiros. Olhei meus companheiros de viagem.

– Aqui, inspiramos o estabelecimento de crenças para fortalecer nossos propósitos. Por isso, o primeiro objetivo principal é importante. Com HF no comando, tudo será melhor – falou um de meus companheiros.

– A.P. é muito primitivo para este tipo de gente. HF é mais refinado, perfeito para mistificações. A maioria dessa gente aí de baixo acredita seguir mestres famosos. Para isto, as Casas Astrais são formidáveis – acrescentou o Conselheiro Sênior sarcasticamente.

Outro conselheiro saiu do silêncio para dizer que havia alguns de nós ali, também, mas era minoria, como sempre.

– As Casas Astrais conseguem trazer alguns para cá, mas não conseguem estragar nosso projeto. Lembra-se que quiseram trazê-la, também?

Minha cabeça rodou e uma lembrança irrompeu em minha consciência.

Há muito tempo, um senhor amigo de minha família quis levar-me a Brasília. Meus pais conheceram-no em um centro espírita na cidade baiana de Cachoeira. Alguém recomendou os trabalhos desse Centro e eu fui levada a ele para ser “curada” de minha mediunidade, lá, informaram a meus pais que eu não era doente. Esse senhor aproximou-se, querendo conhecer-me melhor, e eu passei a frequentar o Centro. Todas as semanas, às terças-feiras, eu viajava de Salvador para Cachoeira. Após algum tempo, ele procurou meus pais e convidou-nos para ir a Brasília. Esse Alguém era Moacir Uchôa. Meus pais não aceitaram o convite e afastaram-me do Centro, preferindo as incursões aos psiquiatras que também não acharam nada errado em mim.

Não conheci Moacir Uchôa na esfera material, mas encontrei-o na esfera espiritual.

– Esse aí, de quem se lembrou, é da turma de vocês lá das Casas Astrais. Nessa época, atuamos através de seu pai para evitar que chegassem até ele. Precisamos impedir a chegada dos conhecimentos de seus amigos.

Neste momento, senti necessidade de retornar a meu corpo material e, então, levaram-me para casa. Ao acordar, entreguei-me às lembranças. Era o ano de 1973. O Sr. Barroso falava, no Centro, sobre a necessidade de se levar para Brasília médiuns que conectavam a espiritualidade sutil. Não sei se consegui levar alguém daquele Centro. As pessoas são muito arraigadas a suas propriedades.

Voltei a ver o Sr. Barroso, dois anos depois, já em outro Centro, fazendo a mesma coisa; convidando as pessoas para morarem em Brasília.

Assim que meu pai soube de nosso reencontro, proibiu minha avó de levar-me ao Centro, de novo, e tomou aversão ao Sr. Barroso, sem saber o porquê.

Não sei quantas pessoas como o Sr. Barroso, ligadas ao movimento de crescimento, foram para Brasília, mas, segundo afirmações da Casa das Soluções, todas as que lá estão, precisam refletir muito sobre os líderes que seguem.

“Orai e vigiai para não ser cúmplice, ou omissos, de projetos anticristãos”.

Para não entristecer, resolvi acreditar que as pessoas abririam os olhos ainda a tempo. O problema é que é tão fácil seguir a Casa das Soluções, porque usa de sedução para angariar adeptos a sua causa e, quando algo sai errado, os desprezam e abandonam como fizeram com Hebron e outros.

Luiza acordou e estranhou a luz acesa em meu quarto. Veio até mim e encontrou-me presa a meus pensamentos e lembranças. Contei-lhe sobre o que acabara de saber.

– Halu fortaleça-se com seus amigos. Trace uma trajetória e siga em frente. Conheça a Casa das Soluções, mas não permita que eles abalem seu estado emocional a cada encontro. Quando for a eles, vá como testemunha apenas e depois escreva seu livro. Denuncie, atue e não entristeça.

Luiza, como sempre, estava certa. Sempre que eu estava contente, fortalecida pelos contatos com meus amigos, eles vinham buscar-me para minar minha alegria.

– Vá tomar um banho e volte a dormir. Ficarei com você. E tratem de deixá-la em paz! Falou, olhando para os lados.

Sorri de sua atitude e fiz como recomendara.

Dias depois, voltei a encontrar-me com Amonrheb e Humberto na Biblioteca da primeira Casa Astral. Abri o diálogo, contando sobre minha última entrevista com os conselheiros, e Humberto levantou alguns pontos:

– No Brasil, todas as raças e credos encontram-se. A construção de Brasília objetivava entregar a Terra Nova ao povo novo para nela ser criado o núcleo do Mundo, através da síntese de todas as culturas, pela miscigenação, pela troca entre elas de tudo que possuem e dar origem ao povo do Terceiro Milênio. A ideia é transferir o sangue da Terra para o coração sem senhor e este sangue reconheceria Deus no semblante de todo semelhante. Isto só a miscigenação pode favorecer.

– Essa história do Imperador do Mundo tem a ver com as profecias?

Foi a vez de Amonrheb falar:

– Sim Halu, o mestre Jesus Cristo, antes de voltar a seu planeta de origem, avisou que voltaria à Terra durante o processo de transformação. Assim, muitos querem mistificá-lo. Esse título, de Imperador do Mundo, foi inspirado, pela Casa das Soluções, aos paranormais imaturos e preocupados com títulos e rótulos.

Humberto interrompeu Amonrheb para dizer que toda vez que um título de imperador se impôs sobre o humano, a Terra sofreu seus piores períodos.

– É importante ressaltar a lucidez nas pessoas, para que o bom senso as afaste das guerras e destruições.

– E sobre os planetas superiores? Tencionavam dominar a Terra? – perguntei a Amonrheb e suas palavras acalmaram-me.

– A Terra é um planeta berçário, onde todas as civilizações que hoje se encontram em níveis superiores começaram sua trajetória, por isso, conhecem a importância deste território do universo. Quando interagem conosco, encarnados ou desencarnados, é para auxiliar-nos em nossas buscas, sinalizando estágios de crescimento.

– Você disse que Jesus voltou a seu planeta de origem; você sabe qual ele é?

– Canaã é o seu nome. – Deu uma parada e voltou a falar nos conselheiros. – Eles mantiveram contato com o planeta intraterreno. Um breve contato, mas acreditam, erroneamente, que é mais evoluído que a Terra.

“No centro da Terra, há uma civilização tão densa que não consegue emergir à superfície. O máximo que conseguiram, até hoje, foi causarem desequilíbrios na natureza, provocando o fim de algumas civilizações na superfície da Terra”.

Lá vou eu de novo! Escutei meu pensamento.

– Amonrheb, para compreender melhor, eu posso visitá-los?

– Vamos começar a prepará-la para conhecê-los.

Deste encontro, combinamos outros úteis a minha preparação. Humberto, acostumado a descobertas e desbravamentos, participaria da equipe. As Casas Astrais providenciariam tudo.

A civilização intraterrena tem vida material, como nossa da superfície, porém com enormes diferenças: aprendi que a temperatura ambiente atinge 70°. Isto faz com que a pele dos habitantes seja muitas vezes mais grossa que a nossa. Através dessas informações que recebia, fui me preparando para o contato. Iria, em desmembramento, como fazia para ir às Casas Astrais e à Casa das Soluções.

O Conselheiro Sênior voltou a procurar-me e marcamos novo encontro. A cúpula da Casa das Soluções queria “esclarecer alguns pontos que não tinham sido evidenciados”.

Quando nos reunimos, retomaram a ideia de um Imperador do Mundo.

– A.P., muito tempo atrás, criou a imagem do Imperador. Já foi passada para a esfera material, você não a viu?

– Só ouvi falar nisso, aqui com vocês.

– Essa imagem precisa ser mais bem divulgada. Você não gostaria de colocá-la em seu livro?

– Conselheiros, vamos esclarecer um ponto; nesse livro, inclusive, transcreverei, integralmente, nossas conversas.

– Não tem problema. Muita gente vai achar que você desperdiçou a oportunidade de sua vida e vão querer substituí-la junto a nós.

– Não pensam que perderiam adeptos? Realmente, vocês subestimam demais a inteligência das pessoas. Aí está a fragilidade da Casa das Soluções.

– E se ela estiver certa? – corroborou um dos conselheiros.

– É a hora do tudo ou nada. Não temos mais tempo para sonhos. Plutão precisa ser alimentado com as energias que os sofrimentos liberam. Precisamos de outra guerra interplanetária.

Ao ouvi-lo falar, não sei por que, lembrei-me de seitas primitivas que escolhiam, entre os habitantes, moças virgens ou crianças para oferecer à divindade para aplacar a sua ira.

O Conselheiro Sênior e os outros ouviram meu pensamento e ele declarou:

– O princípio é o mesmo.

É verdade. É preciso muita pureza para seguir quaisquer leis, confundindo-a com leis divinas. E concluí que os seguidores de mistificações são como crianças imaturas incentivadas a não crescer.

– Este é o sacrilégio! – completou a informação.

– E vocês, o que são além de crianças menores, iludidas em suas fábulas?

Minha alma falara outra vez por minha boca e deslocara-se para meus olhos. Minha visão ampliou-se e pude vê-los melhor; crianças que passaram no tempo, mas não permitiram que o tempo passasse por elas, deixando-lhe seus ensinamentos.

Minha alma, agora, instalou-se em meu coração e fez com que eu tivesse vontade de colocá-los no colo e fazê-los dormir. Depois que eles descansassem, eu os acordaria para crescer e trabalhar e crescer e assim por

diante. Envolvida por minha alma, dei por mim, ouvindo gritos. Os conselheiros estavam num canto da sala e gritavam:

– Pare, isto dói! Pare miserável!

“Quando você entregou-se ao chamado da alma, preencheu-se de amor e liberou, por seus chakras, éter curativo. Como eles não possuem um código para receber esse elemento, sentem dor”, escutei Meu Amigo falar, dentro do meu coração, esclarecendo-me.

Saí da sala e fui embora, sozinha, para casa.

Entreguei-me ao novo projeto; conhecer a civilização intraterrena. Precisei aprender alguns exercícios respiratórios, como recurso para viajar ao centro da Terra.

– Esteja preparada. Pode ser a qualquer momento.

Quis saber se tinham um líder e como era ele.

– Difícil descrevê-lo, Halu. Veja só; ele é o líder de uma civilização mais materializada do que a Terra. Os seres sutis dessa civilização trabalham-se para conseguirem desenvolver os órgãos dos sentidos. São quase cegos, surdos e mudos. Como possuem a pele muito grossa, só estabelecem contatos físicos através de forte atrito. Toda a percepção se dá através dos cheiros, que se forem suaves, ou incomoda-os ou não são detectados.

São estes os seres superiores que dominariam a Terra para entronizar o Imperador do Mundo? Pensei no ledó engano da Casa das Soluções.

Voltamos a falar no líder atual.

– Este já encarnou na superfície, mas não se adaptou. Não conseguiu exercer o poder que queria e preferiu ficar “comandando os inferiores” – esclareceu que é assim que se refere aos outros de sua espécie. – Ele é paranormal!

– Como seria um paranormal dessa civilização?

– Halu, ele é paranormal em relação a seus semelhantes, então, possui os órgãos dos sentidos mais ampliados, a pele mais lisa, precisando de algumas proteções por causa disso.

Comparei-o a mim, sentindo cheiros que a maioria não sente; vendo seres que a maioria nem acredita existir.

– A diferença é que ele não deseja que os outros aprendam a desenvolver seus potenciais, no caso, a começar pelos órgãos dos sentidos. Assim, são dominados mais facilmente.

Voltei a refletir: já pensou uma força para impedir os seres de aprender a respirar, enxergar, ouvir? Perguntei se o tal líder conseguiu seu intento.

– Claro que não! O crescimento é individual e a liberdade é uma energia que está em todos os pontos do universo.

– Então, há outros paranormais?

– Quando o líder descobre, manda executar. Vou levá-la a uma ala do umbral que você desconhece. Vai prepará-la para confrontar com essa civilização.

Deixamos este trabalho para outro dia.

Esta passagem interessou muito à Luiza. Ela leu e releu meus relatos da noite anterior.

– Halu eu tenho muitas perguntas a fazer, mas esperarei seu retorno amanhã de manhã. Quem sabe as respostas virão nos próximos relatórios?

A extensão de seu interesse levou-a a trabalhos nas Casas Astrais que estudam esta passagem de dimensão e, quando desmembrei, lá estava Luiza me esperando para acompanhar-me na visita à ala dos recém-chegados da civilização intraterrena.

Amonrheb chegou com o *aerobus* e partimos todos juntos. Ao nos aproximarmos do espaço em questão, senti calor, muito calor.

– São os fluidos liberados por eles.

Descemos do *aerobus* e percebemos um silêncio pesado. De repente, alguma coisa passou por mim. Assustei-me. Parecia um réptil em pé, com formas mais ou menos humanas.

– Como nós, o perispírito tem a forma do corpo material.

Ouvi alguns ruídos que não consegui decodificar prontamente. Olhei para Luiza que, calada, expressava seu susto.

– Está tentando comunicar-se! Entrem em contato com o sentimento dele e compreenderão o que está querendo dizer.

Segurei a mão de Luiza e juntas nós interiorizamos e escutamos:

– Logo poderei encarnar na superfície. Estou me aprontando.

A paixão invadiu-me. Ver seu esforço para se desenvolver, acordou em minha alma outras forças. Segurei suas mãos e falei:

– Tudo vai dar certo, confie!

Olhei fundo em seus olhos e senti que havia compreendido a intenção de minhas palavras.

Luiza também estava muito emocionada e fomos todos recuperar-nos da experiência às margens do rio da segunda Casa Astral. Assim que

chegamos Luiza deitou-se e atingiu um estado de relaxamento como caísse em sono profundo.

– Muitos deles, ao desencarnar, conectam a luz do crescimento e são, por ela, transportados para aquela ala do umbral.

Ficam ali, um tempo, convivendo com energias que, para eles, são mais sutis do que as energias intraterrenas. Quando se adaptam, são auxiliados pela primeira Casa Astral a encarnar na superfície.

– Todos nós seguimos esse processo?

– Não necessariamente. Estes seres são os remanescentes de antigas civilizações que não acompanharam o processo evolutivo. Por exemplo: a Lemúria foi uma civilização que ocupava o mesmo espaço que a superfície da Terra ocupa hoje. Quem não transmutou até o último momento afundou junto com ela, outros conseguiram adaptar-se, dando sequência a vida.

O silêncio se instalou.

– Lá também existe o processo de reencarnação; os mais sutis reencarnam na superfície. Quem permanece em nosso estágio de vibração volta a reencarnar no exterior da Terra – completou.

Tinha muitas perguntas, mas precisava elaborar essa experiência. Estava na hora de retornar à esfera material. Acordei calada, pensando em tudo. Luiza trouxe, em sonhos, lembranças do que viveu junto de mim e de Amonrheb.

– Tudo isto é muito forte, Halu – disse e recolheu-se.

Passei o dia todo meio “fora do ar”. Não estava triste, mas muito mobilizada. À tarde, Meu Amigo veio pacificar-nos, fortalecendo nossas energias.

No outro dia, fomos passear no parque Mangabeiras, ver a natureza, respirar ar puro para a próxima jornada. Muitas revelações ainda viriam pela frente. Meu coração dizia: “Compreender todas as pessoas tornava-se tarefa difícil pela multiplicidade das qualidades de essências viventes em nosso planeta”.

Em lições anteriores de Meu Amigo, mais de uma vez ouvi falar que a principal função do planeta Terra é receber todas as pessoas em seus diversos níveis de consciência. A última experiência mostrou-me a amplitude destas diversidades.

A sequência dos dias e de meus aprendizados trouxe-me mais uma vez o Conselheiro Sênior.

– Eles passaram a nossa frente. Eu é que deveria levá-la para conhecer os fugitivos.

Precisei concentrar-me para entender o que ele estava falando.

– Fui informado que você conheceu um rebelde da civilização intraterrena. Viu como castigam os fugitivos? São poderosos demais, transformam-nos em monstros.

Ainda não estava compreendendo todo o conteúdo da conversa.

– Quando eles fogem do umbral intraterreno, perdem a forma humana e são transformados naquilo que você viu. Horrível, não é?

Resolvi que deveria apenas escutar. Ficou óbvio que a Casa das Soluções não tinha informações corretas sobre a civilização intraterrena. Concentrei minha atenção em seu discurso; desta forma não conseguiria penetrar meus pensamentos.

– Possuímos registros anteriores a esta civilização que ocupava a superfície da Terra antes da Era Glacial. São lindos, maravilhosamente belos. Como nós, seus amigos também possuem esses registros. Se fogem às ordens do líder, eles são severamente castigados, como eu disse, até transformados em monstros.

– Você já viu o líder dessa civilização?

– Temos os registros.

– Estou perguntando, Conselheiro, se você já viu o líder, ou qualquer outro da civilização intraterrena.

– Não! Já tentamos ir até lá, mas, os que foram não voltaram. Não sabemos o que aconteceu, por isso, preferimos esperá-los sobre Plutão e quando vierem dominar a Terra, não ofereceremos resistência. Pelo contrário, estamos preparando as pessoas para aprender a tornarem-se súditos dessa civilização. Os Escolhidos estarão diretamente ligados ao Imperador do Mundo, entronizados pelos dominados.

Esperou minha reação, mas não conseguiu perceber nada em mim. Não sei como aprendi, mas naquele momento, consegui manter-me neutra, impassível,

Posteriormente, Meu Amigo ensinou-me que esse estado emocional é favorecido pela carga neutra de nossas células. Assim, ficamos indevassáveis, a melhor forma de proteção. O Conselheiro Sênior continuou sua explicação:

– Mantemos alguns fugitivos presos e pretendemos devolvê-los como prova de amizade.

- O que é que você está falando, Conselheiro!
- Hoje à noite, o veículo virá buscá-la e você verá com seus próprios olhos.

Graças a Deus ele se foi e suas últimas palavras confirmaram a teoria do ponto neutro. Para não ir até o eu inferior, juntei minhas mãos ao coração e orei para meu Jesus, pedindo forças e iluminação para enfrentar a experiência que a noite me traria.

Como sempre, o veículo do Conselheiro Sênior veio buscar-me. Percebi uma sensação nova no corpo imaterial, vinda do cordão umbilical etérico. Concentrando-me nessa sensação, ouvi a voz de Meu Amigo: “São fluidos do éter da décima Casa Astral. Não permitem a entrada, em seus chakras, de energias densas do espaço que vai conhecer”.

- Então, ainda não aprendi a selecionar antes de atrair energias afinadas com meus fluidos naturais? – perguntei.

“Você compreenderá, Halu, confie!”

O Conselheiro Sênior aguardava-me no portal.

- Vamos trocar de veículo. Iremos a Plutão!

Seguimos por um corredor até então desconhecido para mim e descemos uma longa rampa. O corredor foi afunilando e passei a andar atrás do Conselheiro Sênior, até chegarmos a uma base onde estavam estacionadas três grandes naves espaciais.

Eu já havia tido algumas experiências com naves espaciais; desde criança eu as via no céu. Esse foi um dos motivos para meus pais insistirem, junto aos psiquiatras, sobre minha necessidade de remédios e tratamentos.

Aqui, faço outro adendo: um agradecimento à revista Planeta. Ainda criança, eu compreendi muito do que acontecia comigo, através de seus artigos. É muito importante facilitar o acesso às informações.

O Conselheiro Sênior escolheu uma das naves, dizendo ser a mais indicada.

- As outras são para sobrevoar a esfera material. Você já viu a operação. Como elas são imateriais, somente os médiuns clarividentes conseguem vê-las.

- Naquele momento, compreendi o porquê das muitas vezes que vi essas naves; ao mostrá-las, ninguém as via, tomando-me por uma alucinada.

Meu Amigo, como sempre, tinha razão; o éter curativo chegou a meu corpo emocional, limpando os resíduos de tristeza que aquela experiência estava levantando.

Entramos na nave; era oval, com muitos painéis coloridos onde luzes vermelhas e laranja alternavam-se. Uma nuvem alaranjada espalhou-se no interior do veículo, assim que este foi ligado.

– Este gás nos favorecerá o traslado.

Senti um pouco de enjoo e mais uma vez recebi outra carga de éter curativo. O Conselheiro Sênior desconfiou:

– Pensei que você perderia a consciência.

– Quase aconteceu, estou muito tonta.

Era verdade. O enjoo passara e, em momento algum, fiquei inconsciente, mas sentia-me completamente atordoada, como se estivesse embriagada por álcool. Alguns minutos depois, melhorei, mas um pouco da tontura permaneceu até o dia seguinte.

Silenciosamente, a nave saiu da base e tomou um rumo à direita de onde estávamos. Logo pude ver o nosso céu. As estrelas animaram-me e procurei ficar o mais lúcida possível. O interior da nave devia ter aproximadamente 3,5 m de altura e 5m de largura. Tive a impressão de estar no interior de um ovo.

Muito concentrado nos botões e alavancas, o Conselheiro Sênior manteve-se calado durante todo o trajeto. Senti medo, pois não confiava em sua competência. Ele captou meu movimento e ficou satisfeito com o meu medo.

Lembrei-me de Luiza falando sobre a energia do desaforo: “É uma energia densa, mas que nos dá força para cumprirmos determinadas missões”. Imbuí-me dessa energia para espantar o medo.

– Acompanhe a viagem por esta tela.

Era uma espécie de televisão. Escolhi a televisão como exemplo, por ter canais. A depender do canal, a projeção modificava-se. Focalizei um por um e cada um deles trazia a imagem de um planeta desta galáxia. De repente, tudo ficou escuro.

– Estamos chegando a Plutão.

“Atenção, Halu, não perca o contato com seu sentimento. Se o medo vier, lembre-se que no período pré-encarnatório você foi preparada para essa experiência. Busque energia em seus chakras. Luiza está aqui conosco”. – Quase sorri e voltei a atenção para o externo, mais fortalecida.

É muito pouco o que posso descrever agora sobre Plutão. Estava totalmente escuro e terrivelmente quente. Quando andei, lembranças antigas foram mobilizadas, todas desagradáveis e dolorosas; tanto emocional como

fisicamente. Coloquei a mão no coração, apacando o movimento pessoal e projetando-me no coletivo. Cenas de guerras, pessoas decapitadas, corpos dilacerados, vieram a minha cabeça sem nenhum comando.

Senti-me como se fosse uma antena captando essas imagens. Minhas mãos estavam trêmulas e perdi um pouco a noção de espaço físico e penetrei no espaço dimensional. Sabia-me no inferno.

Conheci a energia-dor e a descrevo como uma consciência individualizada, que se comunica através do sofrimento. As lembranças pessoais e as cenas do coletivo provocaram-me o sofrimento necessário para conseguir comunicar-me com essa energia, face a face. Ela é lânguida. Sua função é registrar, em nossa alma, as experiências que nosso mental refuta por ser imaturo. Isto aumenta a intensidade do cunho desta energia.

O que posso dizer é que travei diálogo com a dor e soube, através dela, que toda vez que se manifesta e ela não é compreendida, Plutão a atrai para seu interior, deixando a raiva no espaço por ela antes ocupado.

– O que está acontecendo com você? Parece até que está num jardim. Olhe só sua expressão!

Essas palavras causaram-me um choque energético e comecei a tremer. Sem saber o que sentir, fui atingida pela dor em sua manifestação de incompreensão.

Refeita do choque, acompanhei o Conselheiro Sênior passo a passo. Um barulho e reconheci os ruídos que escutara no umbral.

– Estão por aqui. Vou atraí-los!

Tirou do bolso do avental, um tubo de ensaio. Ao abri-lo, exalou um cheiro horrível e os seres apareceram em nossa volta. Falavam todos ao mesmo tempo. Era impossível entender o que diziam.

– Com o castigo, perderam a linguagem humana.

“Entre em contato com o sentimento deles, Halu.”

A linguagem do sentimento é universal; só não a conhece quem perdeu o contato com seu próprio sentimento.

“Onde estamos? Queremos ir para a superfície. Viver aqui é como estar no lugar de onde viemos. Ajude-nos, por favor.”

– São quase animais. Se não fosse a forma semi-humana, diria que é uma espécie de réptil.

“Depois que formos embora, concentrem-se, todos juntos e peçam o auxílio da luz divina. Serão transportados para a superfície, onde há alguns como vocês.”

– O que está fazendo? Acha que a entenderão?  
– Você entendeu Conselheiro?  
– Não estava prestando atenção. Às vezes você é tão tola. Vamos, já viu o bastante.

Notei que alguns se acalmaram e outros nos seguiram, cortando nosso caminho.

– Já experimentamos levá-los para encarnar na superfície e o resultado foi assustador.

“Meu Deus, escute o que diz o Conselheiro”, pensei alto.

– Se Ele existisse, ouviria; como não existe, ouça você: foi horrível, uma aberração, levaram meses para morrer. Os médicos da esfera material ficaram apavorados.

– E depois que desencarnaram o que houve?

– Um fracasso! Por isso, não repetimos mais a experiência. Fomos obrigados a entregá-los às Casas Astrais, pois davam muito trabalho. Assim, perdemos alguns. Mas ainda temos muitos e sempre chegam mais.

Experimentei outra manifestação da energia-dor e conceituei-a como rejeição.

Entramos na nave e voltamos à Casa das Soluções. Eu estava diferente; sentia-me envelhecida, calada. O Conselheiro despediu-se no portal, mas não guardei suas palavras. Estava totalmente dispersa do externo. Não fui para casa; acho que sozinha não iria a lugar nenhum.

Meu Amigo apareceu e levou-me para as margens do rio da segunda Casa Astral. Eu precisava de algo, mas não sabia o que e para quê. Era um vazio interno, pedindo para ser preenchido. Ouvi Meu Amigo dizer:

– Você está pronta para vivenciar, com profundidade, um momento feliz. Quando vivemos a dor e a compreendemos integralmente, ela naturalmente desintegra-se, deixando um espaço totalmente vazio. Vamos. Eu sei o que poderá preenchê-lo.

De *aerobus* conduziu-me ao umbral, para a ala dos representantes da civilização intraterrena.

– Não precisa descer. Olhe para fora; muitos dos que você viu em Plutão já estão aqui.

Insisti em descer do *aerobus*. Meu Amigo concordou. Precisava confirmar suas palavras, não por desconfiança, mas para me aprofundar no momento feliz.

Os recém-chegados estavam juntos. Fiz um esforço enorme e, enfim, a comunicação aconteceu: “Estamos bem. Nossos companheiros já nos ensinaram como funciona”.

Como não podia correr para fora, corri para dentro e vi meu coração expandido. Meu êxtase era enorme. De repente, acordei na esfera material, vendo uma luz lilás em volta de meu corpo. Estava tão feliz que pude sentir Deus e, naquele momento, eu soube que tudo, tudo, era Deus. E a felicidade é a energia que nos faz ter a confirmação desta realidade.

Luiza entrou no quarto:

– O que está acontecendo? Algo me atraiu para perto de você. Halu, o quarto está frio; é éter, não é?

Sorri em resposta. O momento não precisava de palavras. Sentou-se na cama e ficou ali, partilhando meu momento feliz.

Passei o dia todo sem conseguir ingerir sólidos. Chás e sucos foram o suficiente. No começo da noite, consegui relatar à Luiza os acontecimentos da noite anterior.

Saí da cama para tomar banho e isso me cansou bastante. Sentia muito sono e necessidade de ficar quieta.

O Conselheiro Sênior veio convidar-me para outra reunião, mas não aceitei. Durante um mês inteiro, ao desmembrar, ia para as margens do rio da segunda Casa Astral, contemplá-lo.

Na esfera material, pedi à Luiza para levar-me à praia. Viajamos para a Bahia e passamos o mês em Cacha Preggo, uma praia na ilha de Itaparica, meu lugar preferido para contemplar o mundo e a filosofia das estrelas.

Quando já estava pronta para voltar ao trabalho, compareci a um chamado de Viviane e Tenório. Queriam conversar sobre a civilização intraterrena. Tenório tomou a palavra:

– Como estávamos enganados! As Casas Astrais tentaram diversas vezes esclarecer este ponto, mas nada do que sai daqui interessa aos conselheiros.

– E se vocês forem conversar, não acreditariam?

– Muito menos! Pensariam que fomos enviados por seus amigos e que aceitamos a tarefa para galgar altos postos. Eu mesmo já pensei assim, quando alguém retornava para nos buscar. Não adianta Halu. É preciso abrir-se, para a luz da compreensão entrar.

Enquanto Tenório falava, Viviane permanecia em silêncio; queria alguma coisa. Olhei para ela incentivando-a a falar e quando pôde levantar,

gritou:

– Por que Deus não nos dá uma prova irrefutável de sua existência?

Tenório respondeu:

– Viviane, quantas provas irrefutáveis os conselheiros nos deram, para nos convencer de suas verdades? Agora estamos vendo que até eles estão iludidos. O irrefutável é uma exigência do racional, mas a razão é regida pelo conhecimento. Apresentam algo que conhecemos e modificam nomes e conceitos e aceitamos como irrefutável.

Viviane, olhando-me, revelou:

– Estou pensando em reencarnar. Quero voltar à esfera material para dar espaço a esse dilema. Aqui, tudo nos inspira à luz; já está pronto, porém, não participei dessa construção, por isso não consigo ver essa luz em mim.

– Viviane, muitas pessoas têm essa sensação que você agora experimenta; nem todos conseguem traduzi-la com a clareza que sua inteligência mostrou.

A luz é um elemento que retiramos de nossas trevas pessoais e a esfera material é o lugar ideal para esta vivência – transformar trevas em luz.

Deixei-os no trabalho de mesa aberta e segui para me apresentar na Casa das Soluções. O Conselheiro Sênior havia me convidado e decidi que compareceria sozinha. Assim, dispensei o veículo. Daquele dia em diante, decidi que, antes de ir à Casa das Soluções, respiraria o éter das Casas Astrais.

Esperei alguns minutos e o Conselheiro Sênior veio me buscar.

– Pensei que seguiria sozinha. Já conhece o caminho.

Não queria tanta intimidade, mas não disse nada. Assim que entrei na sala, outro conselheiro me abordou.

– Você acredita em coincidência?

– Não! Acredito na sincronicidade.

– E qual é a diferença?

– Nenhuma, só semelhanças. Quando duas ou mais pessoas buscam a mesma coisa, a energia, que canalizam, é a mesma; por isso, encontram-se. A mesma fórmula também é válida para o inverso; quando buscam coisas diferentes, jamais se encontram.

– Tanto faz! O que eu quero saber é a relação de sua ida a Plutão com o desaparecimento de muitos fugitivos.

– Não são fugitivos. São vítimas da incompreensão do líder da civilização intraterrena e de vocês, por estarem buscando a luz do crescimento. Seus corpos etéricos tinham a mesma forma que os antigos corpos astrais, do mesmo jeito que os nossos.

– Quanta bobagem! Não conseguimos decifrar tudo o que dizem, mas descobrimos que foram castigados.

– O castigo aconteceu enquanto estavam encarnados. Foram executados por terem conseguido desenvolver os órgãos dos sentidos, o que só é permitido ao líder.

– Como você ficou sabendo de tudo isso? Ah! Claro, as bobagens que seus amigos enfiaram em sua cabeça! Mas, você não respondeu a minha pergunta; o que aconteceu em Plutão? Como conseguiu tirá-los de lá?

– Não fui eu quem os tirou. Apenas sugeri que se concentrassem e pedissem ajuda à luz de Deus.

– Você acha que pode nos enganar? – gritou.

Uma força de determinação levantou dentro de mim.

– Peço aos conselheiros que voltem a conversar amistosamente. Não preciso mentir, não há motivos para isto. A limitação de vocês não é de minha responsabilidade. Se não for possível conversarmos normalmente, interromperei aqui nossos encontros.

Quando terminei de falar, surpreendi-me com o que disse e a maneira como disse. O Conselheiro Sênior exibiu sua elegância:

– Meu colega está muito cansado; há um mês que tenta desvendar esse mistério. Não são para você esses gritos e sim para a situação. Pensamos que você pudesse nos ajudar a esclarecer, mas o que vejo e ouço confirma que sabe menos do que nós. Tudo não passa de coincidência.

– Sincronicidade. Corrigi laconicamente.

Eles estavam realmente confusos. Não sabiam o que havia acontecido e não conseguiam acreditar em minha explicação.

– Por via das dúvidas, você não irá mais lá!

– Posso ir com meus amigos das Casas Astrais.

Riram alto, desfrutando meu desconhecimento.

– Assim como seus amigos conseguem produzir combustível com o éter para ir a lugares que nós não conseguimos chegar, nós também temos nossas exclusividades. Aquele gás laranja que você viu no interior da nave, este, eles jamais produzirão.

Quis saber por quê.

– Pergunte a eles. Vai ser bom para você confrontar com a fraqueza, ou fragilidade, como você preferir dizer, de seus amigos.

Terminada a reunião, voltei para casa. Quando encontrei Meu Amigo, ele me explicou:

– Naquele dia, magnetizamos seu cordão umbilical etérico para introduzir éter curativo, para que seus chakras não fossem invadidos pelo gás laranja. A matéria-prima daquele gás, Halu, é o fluido liberado pelos corpos materiais em putrefação, de pessoas que não aceitaram seu desencarne.

“Quanta coisa ainda desconheço!” Foi meu primeiro pensamento. Tentei imaginar como isso era possível e não conseguindo, pedi a Meu Amigo que falasse mais a respeito.

– Não aceitando o desencarne, não entregam o corpo material à Terra e magnetizam a energia para o corpo etérico. Os da Casa das Soluções seduzem ou capturam essas pessoas para extrair essa energia, que, misturada a outras, produz o gás laranja. Isto Halu, traz muitos problemas para as pessoas em questão, pois desintegra parte dos registros que estão em suas memórias e, assim, perde-se parte de seus inconscientes individuais.

– Somente essa energia nos leva a Plutão?

– Não. Quando encarnamos, simplesmente passamos por lá. Esse planeta faz parte da trajetória de todo encarnando.

– Como será que o Plano Inverso descobriu essa fórmula?

– O líder deles, Baal-Feor. Deus, através dos Avatares, também nos ensina a extrair do éter condições para viajarmos a outros planetas. Você notou que a Casa das Soluções não tem canal transportador? O éter é o elemento básico para sua confecção.

A seguir, Meu Amigo informou-me que a perda desses registros cria lacunas no inconsciente individual, queimando aprendizados já concluídos ou em conclusão. A consequência mais séria é a necessidade de refazer algumas encarnações para preencher essas lacunas.

– É assim que a Casa das Soluções pretende manter as pessoas escravizadas, para em suas novas encarnações servirem aos que eles chamam de Escolhidos, os que viverão eternamente encarnados. Erroneamente acreditam que a civilização intraterrena dará poderes ao Imperador do Mundo para eternizar as pessoas na esfera material. Essa é a dedução da Casa das Soluções sobre a eternidade.

E ainda intitulam-se Casa das Soluções! As pessoas da esfera material precisarão abrir-se para acreditar na imortalidade e, com isso, seguir pelo canal transportador depois do desencarne. Agindo assim, entregam o corpo material para a terra reaproveitá-lo.

“És do pó, ao pó voltarás.”

“Dê a César o que é de César e a Deus, o que é de Deus.”

“Meu reino não é deste mundo.”

Eu e Luiza saímos de Cacha Pregos, e, antes de voltarmos para Belo Horizonte, passamos alguns dias em casa de amigos em Salvador.

Foi então que alguns processos começaram a acontecer comigo; perdas momentâneas de memória, regressões espontâneas a vidas passadas, visões de lugares subterrâneos.

Levava horas meditando profundamente, ouvia sons que vinham de muito longe e, uma noite, sem nenhum aviso, assim que desmembrei apenas com tempo de ver brevemente meu corpo material na cama, fui puxada para baixo. Foi uma experiência impressionante! Até hoje, quando a menciono, sinto arrepios por todo o corpo. Fui puxada para baixo e vi-me atravessando o chão do quarto, passando pelos apartamentos abaixo e continuando a descer, entrando, por fim, terra adentro. Estava, apesar de tudo, inacreditavelmente calma. Havia uma força presente, dizendo-me que tudo estava bem. Continuei descendo e em momento algum tentei interromper o movimento. Várias lembranças vieram a minha mente: anos atrás, em meu convívio com Dos Anjos, ele teve várias visões. Em uma delas, foi-lhe dito que eu precisaria estar preparada para algumas experiências e que ele deveria ajudar-me. Uma dessas preparações consistia em que eu deveria ficar dentro de um buraco de três metros de profundidade, durante 36 horas seguidas, sem ver a luz do Sol.

Fiz como fora orientada por Dos Anjos, e passei por horas extremamente difíceis, onde revivi muitos trechos de minha vida.

Dos Anjos estranhava o tipo de iniciação que suas visões recomendavam para mim, mas consultando seu mentor espiritual, confirmou a veracidade das informações. Na época, seu mentor lhe disse:

– Ela compreenderá mais tarde. Agora é hora de prepará-la.

Naquele momento, sendo atraída pela Terra, compreendi a experiência do passado.

Era como se a Terra me recebesse, tendo uma intimidade com minha energia e abrindo-se para me dar passagem. Continuei descendo e a

velocidade aumentava, a ponto de sentir-me totalmente diluída no vento. Momentos depois, a velocidade foi diminuindo e comecei a sentir um calor intenso.

“Estamos com você, Halu. Introduziremos éter curativo por seu cordão umbilical etérico.”

Sem saber se era ouvida, respondi que estava tudo bem.

Havia chegado a algum lugar; lembro-me de pedras enormes. Um “céu” marrom como se estivesse coberto por terra. Andei alguns passos e vi aproximarem-se de mim alguns seres iguais aos que vira no umbral, na ala dos representantes da civilização intraterrena. Então, eu soube onde estava! Eles não me viam, mas sabiam que eu estava por ali.

Senti o cheiro suave do éter.

Pareceu-me que ficaram nervosos e irritados. Depois ouvi um som que entendi ser um chamado e os seres desapareceram por entre as pedras. Olhei para o chão e notei a terra por demais escura. Tudo muito primitivo.

Os seres voltaram e, com a visão mais adaptada, pude vê-los melhor. Tinham aproximadamente 1,50m, duas pernas, tronco e dois braços, um pouco mais curtos com relação aos nossos. A maior diferença estava na pele, muito mais grossa do que a nossa, parecendo couro. A cabeça, completamente redonda, como uma bola. Os olhos incrustados debaixo da testa, sem sobrancelhas. Não tinham nariz ou pelo menos, nada que se assemelhasse a um. Só pude ver a boca, quando se comunicaram, pois fechada não dava para distingui-la. Tinham muitos dentes, todos iguais, como um pente. As mãos tinham quatro divisões que deviam ser os dedos. Sobre a cabeça, possuíam um pêlo grosso e volumoso. Andaram a minha volta. Não sabiam o que estava ali. Mais uma vez ouvi um ruído bem alto e voltaram a desaparecer entre as pedras.

Escutei passos vindos em minha direção, por minhas costas. Ao virar-me, levei tamanho susto que quase me descontrolei. Havia um deles olhando-me nos olhos e trazia uma cobra enrolada no pescoço.

“Não tenha medo, Halu. Se você mantiver a calma, nada poderá fazer-lhe mal. Entre em contato com o sentimento dele para compreender o que vai falar e se entregue à força que a acompanha.”

Ouvindo essas palavras, senti uma força tomar-me. Vinha de dentro para fora.

Foi a consciência de meu mestre que a trouxe aqui. Ele deu-me poderes para enxergá-la.

Aqui abro outro adendo, para esclarecer: Quando “ouvimos” a linguagem do sentimento, captamos a intenção das palavras. O que elas querem dizer, não as palavras propriamente ditas.

“Você vem da superfície. Parte de você ficou lá e seu instinto está aqui.”

Meu corpo etérico está aqui. Na superfície adquirimos um corpo de éter que torna os nossos instintos mais elaborados – pensei. Neste momento, a cobra ficou irritada; soltou silvos e virou a cabeça, ficando cara a cara com ele.

“Meu mestre não quer que você fale. Apenas escute o que eu vou dizer.”

Não obedeci e perguntei quem era seu mestre. Pelo que pude entender, o mestre comunicava-se com ele através da cobra.

Quero lembrar que embora eu estivesse em desmembramento, a civilização intraterrena é material.

“Esta é a serpente sagrada. Seu nome é Dan. Sou o único que ela visita para trazer as leis do mestre. Venha comigo.”

Virou-se e andou a minha frente. A cobra virou-se algumas vezes para olhar-me. Tive certeza que me observava. Não era uma cobra comum, ou pelo menos o que conhecemos como cobra aqui no planeta Terra.

Entramos numa espécie de caverna.

“É aqui que moro.”

A cobra saiu de seu corpo e enrolou-se em uma espécie de totem.

– Por que seu mestre trouxe-me aqui?

“Ele quer que você conheça esta civilização.”

– Por quê?

“Não sei. Talvez ele mesmo lhe diga.”

– Onde ele está?

“Ele é uma energia sem corpo e sem tamanho. Ele é o caminho para o descanso. Quando nos chama, morremos e passamos a fazer parte dele. Acaba-se o sofrimento.”

“Eles buscam o fim; a não vida; as trevas!” – A força falou dentro de mim e fez-me falar para fora:

– O Deus da Luz e da Força Eterna ama-os e reconhece-os como filhos. É possível viver sem martírios. Há outras esferas onde a vida se expressa de forma mais evoluída. O amor existe e os seres podem amar-se. Esta é uma lei universal que chega até vocês através da força divina.

Meus ouvidos escutaram, surpresos, minhas palavras. Definitivamente, não era eu. Pelo menos, não este eu com quem convivo conscientemente.

A cobra desesperou-se; pulou no chão e ameaçou-me.

“Prepare-se para o retorno.”

E fui arremessada para cima numa velocidade impressionante. Via apenas terra a meu redor, embaixo de mim e sobre minha cabeça. Terra e mais terra! De repente, a velocidade diminuiu e pude ver... Ossos, ossos soltos, muitos ossos. Quando saí na superfície estava no Cemitério do Campo Santo em Salvador. Vi o canal transportador para as Casas Astrais. Muito desvitalizada, fui abrangida e levada por ele para um espaço que já conhecia. Meu Amigo colocou-me sob um foco de luz lilás e falou-me baixinho:

– Estamos na décima sétima Casa Astral. Esta luz é composta dos fluidos dos Avatares. Logo você se recuperará. Fez um excelente trabalho, Halu.

Adormeci e, quando acordei, estava no quarto da casa onde me encontrava hospedada. Abri os olhos e encontrei os olhos de Luiza e os do dono da casa observando-me.

– Está tudo bem, Halu? O que foi que houve?

Quando pude levantar-me da cama, contei a todos minha experiência.

Passei alguns dias sentindo ansiedade. Tive uma crise de inflamação na garganta e, logo após, voltamos para Belo Horizonte.

Por noites seguidas, sonhei com a civilização intraterrena. Levei algum tempo para recuperar-me. Para liberar a energia acumulada pela experiência, escrevi muitos relatórios sobre tudo o que vi e vivenciei.

Sei que muitas pessoas já sabem sobre a existência dessa civilização e acreditarão em mim. Outras nunca ouviram falar a respeito, mas acreditarão também. Sei que muitos a tomarão como ficção e, para estes, o tempo poderá aproximá-los da condição de crer.

Foram dias difíceis. Atravessei-os, contando com meus amigos espirituais, amigos encarnados e com Luiza, braço forte e coração morno, para amparar-me à luz da psicologia e à sombra das críticas que recebia por acompanhar-me. Sempre a luz de seus conhecimentos, ajudando-me a fazer essa passagem pelo mundo material, posto que vivência eterna é a espiritual.

Amadureci muito e fui cada vez mais desaprendendo a pressa, apesar da emergência de transmitir estas informações. Voltei ao trabalho e Meu

Amigo esclareceu alguns pontos:

– Existem forças, Halu, que se somam à alma humana para realizar trabalhos. É a força que estava com você naquela visita.

– Senti-me como se estivesse entregando uma mensagem para aquela civilização. Vocês tiveram notícias de lá?

– Ainda não. As notícias chegam através deles mesmos, quando desencarnam e conectam a luz do crescimento divino.

– E quando isso não ocorre, o que acontece quando desencarnam?

– Eles têm seu próprio umbral. Mantém-se lá e, na primeira oportunidade, voltam a encarnar. Mas essa civilização tende a se extinguir. Há um número limitado de habitantes, como falei anteriormente, sobreviventes da Lemúria, que não tetradimensionaram. Não foram para planetas mais evoluídos que a Terra e submergiram.

Na sequência, explicou-me que, cada vez mais, um número maior desses habitantes chegava ao umbral para adaptar-se e reencarnar na superfície.

Se houver outra catástrofe, quem não estiver pronto para tetradimensionar e seguir para planetas mais evoluídos, pode submergir para o interior da Terra.

– Halu, os conselheiros procuraram as Casas Astrais para saber de você.

– Como posso informá-los que poderemos retomar os encontros.

Meu Amigo encarregou-se de fazer chegar até eles esta informação.

– Estou pensando em contar a eles sobre a civilização intraterrena.

– Eles já sabem Halu. Quando a décima quarta Casa Astral se reuniu, captou a informação para comunicar, a todas as esferas, sua visita. Enviamos para eles uma cópia de seus relatórios e eles ainda não se pronunciaram.

Na outra tarde, recebi a visita do Conselheiro Sênior e logo notei algo diferente nele.

– Halu, você tem certeza sobre o que escreveu?

– Absoluta! Conselheiro.

– Meus colegas acham que é mentira para nos enfraquecer.

– E você, o que acha?

– Não sei. Tenho medo de minhas dúvidas. Antes de ler seus relatórios, eu acreditava que sabia o que estava fazendo como Conselheiro da Casa das Soluções. Agora, já não sei mais e isto é terrível!

Perguntei por que e ele me respondeu visivelmente assustado:

– Acho os Avatares infantis, sonhadores, idealistas, utópicos, por isso não consegui segui-los. Mas se a Casa das Soluções estiver equivocada, o que me resta?

– Reencarnar, Conselheiro.

E coloquei para ele as palavras de Viviane, conceituando a esfera material como um espaço neutro para se trabalhar a busca pela verdade.

– Não, não quero! Para mim, o pior do encarnar é ter que viver um longo período dependente de quem não conheço. E se minha mãe me maltratar? E se meu pai me rejeitar? Não quero estes sofrimentos para mim.

– Nas Casas Astrais, você pode escolher seus pais segundo as afinidades coletivas.

– E quem iria querer ser meus pais?

– Procure Viviane e Tenório para conversar. Eles estão preparando-se para voltar à esfera material.

Fomos interrompidos pela chegada de outro conselheiro:

– Escutamos tudo! Estávamos desconfiados de você; a loucura das Casas Astrais o contagiou. Vamos comigo! Uns dias em Plutão vão clarear suas ideias.

Concentrei-me e orei, pedindo ajuda a meus amigos, enquanto eles discutiam.

– Vocês não podem tratar-me assim! Sou o Conselheiro Sênior, seu superior! Quem decide castigar com Plutão sou eu, e não escolherei esse castigo para mim.

– Quando se deixou contagiar, deixou também de ser o líder. Vai seguir comigo, ou precisarei chamar reforços?

A energia pesou no ambiente e senti uma forte dor de cabeça. O socorro veio logo; Viviane e Tenório apareceram no canal transportador.

Tenório dirigiu-se a ele:

– Quer acompanhar-nos, Conselheiro, ou melhor, Zerabulon? Lembra-se? Esse é seu nome.

Zerabulon mostrou-se receoso:

– Estou em dúvida sobre o que quero fazer!

Foi a vez de Viviane ajudá-lo:

– Nas Casas Astrais é permitido ter dúvidas e crenças ainda não sedimentadas. Acredita-se que são assim mesmo os estágios de evolução e nos ajudam a esclarecer os pontos obscuros. Somos livres para irmos aonde

desejamos. Na Casa das Soluções as dúvidas não são permitidas, Zerabulon!

O outro conselheiro, encurralado, sentenciou:

– Se for com eles, melhor não nos procurar nunca mais!

Viviane o desmascarou:

– Você sabe que não é verdade! Até eu e Tenório, se quisermos voltar, seremos recebidos. Sabe muito bem como é difícil conseguir adeptos no alto escalão, pois não somos iludidos, sabemos os reais interesses. Agora precisamos voltar; vem conosco, Zerabulon?

– Tem certeza que serei bem recebido e não me castigarão nas Casas Astrais?

Viviane e Tenório não se deram ao trabalho de responder a essa pergunta. Todos, na Casa das Soluções, sabem que não existe castigo nas Casas Astrais. Essa, inclusive, é uma das críticas que sempre fazem à forma de trabalho de meus amigos.

– Eu vou! Chega disto tudo. Acho que a civilização intraterrena não tem poder nenhum. Somos todos uns iludidos!

E foram-se os três juntos.

“Não se preocupe, Halu, o outro conselheiro irá logo embora. Escutemos o que tem a dizer depois dessa perda.”

– Não pensem você e seus amigos que isto nos enfraquece; somos muitos no mundo todo! Agora resolvi. Breve, vou levar você para conhecer o verdadeiro poder da Casa das Soluções!

Foi-se, completamente transtornado. O., um de meus amigos, entrou em meu quarto recomendando-me convidar Luiza para sair. Com o apartamento vazio, fariam uma limpeza, retirando as energias provocadas pela discussão.

– Andando, sua dor de cabeça também passará. Não voltem antes de trinta minutos.

Chamei Luiza e fomos passear no parque Mangabeiras. Conversamos sobre a existência de outros planetas e ela perguntou-me qual foi a experiência mais forte que tive com extraterrestres.

– A mais forte foi a civilização intraterrena, por todo o contexto que você já conhece, mas.... Passei por uma experiência, anos atrás, também muito forte. Só depois é que eu soube que eram seres de outro planeta.

“Eu estava com 16 anos e trabalhava como ajudante de caminhoneiro. Uma vez adoeci da garganta e tive febre alta no meio de uma viagem. Para

completar, o caminhão quebrou na estrada. Eu não conseguia andar, pois estava muito fraca e a febre não cedia com os antitérmicos que meu patrão me deu para tomar. Ele resolveu encostar o caminhão e notou que havia uma estrada para dentro do mato. Decidiu, então, esconder o caminhão ali:

– Macarrão, eu vou buscar ajuda. A próxima cidade está a oito quilômetros. Deus há de ajudar.

Seu nome era Jair e chamava-me Macarrão porque eu era muito magra e branca. Depois que ele partiu, vi um homem alto chamando-me pela janela. Levantei e saí do caminhão. Andei para dentro do mato, seguindo o tal homem que me fez entrar em uma casa esquisita. Deitei numa cama e ele passou a cuidar de mim. Lembro-me também de uma mulher cuja cor dos olhos era lilás. Eu nunca havia visto olhos daquela cor. Passei a tarde e a noite nessa casa. Deram-me remédios e eu adormeci. Quando acordei, pela manhã, estava em pé, junto ao caminhão. Acordei Jair que me olhou espantado:

– Você quer matar-me do coração, Macarrão? Por onde andou?

– Eu estava numa casa ali para dentro...

– Que casa? Eu andei por isso tudo e não vi nenhuma casa!

Fomos juntos até onde estaria a tal casa e não a encontramos. Jair estranhou o aspecto da terra do lugar; era um círculo enorme desnivelado.

– Era aqui, Jair, tenho certeza.

– E cadê a casa? E as pessoas que a ajudaram?

– Não sei. Só os vi ontem. Não sei como cheguei até o caminhão hoje de manhã.

– Vamos, Macarrão, você estava com febre e delirou.

– Não foi não! Eles me deram remédio e eu fiquei boa.

Mas não adiantou. Jair olhava o chão assustado e não quis se aprofundar no assunto. Fechou a questão, dizendo que era muito “esquisito”.

Luiza achou ótima essa história:

– Seus amigos confirmaram que essas pessoas eram de outro planeta?

– Sim. Disseram-me que precisei de ajuda e pediram a eles, pois estavam sobrevoando a região. Eu necessitava medicação urgente. Eles tinham os remédios e socorreram-me.

Passado o tempo necessário, voltamos para casa, ainda falando sobre seres de outros planetas.

– Como a casa está leve! – comentou Luiza.

Concordei com ela e fui para meu quarto trabalhar em meus relatórios.

Os dias seguiram normalmente. Fui às Casas Astrais visitar Zerabulon. Ele estava no hospital da primeira Casa.

– Estou doente, Halu. Se não estiver, vou ficar – disse-me com muito medo.

– Não há possibilidade de isso acontecer. Só se você entregar-se a essa depressão. Precisa andar para fazer circular a energia.

– E se eles me sequestrarem? Existe um serviço assim. Mandam alguns obsessores ficarem no portão do hospital. Se passarmos do portão, levam-nos contra nossa vontade.

O hospital da primeira Casa fica nos limites do umbral para facilitar o socorro a quem resolve vir para ser tratado. Um grande portal é a fronteira entre os espaços.

– É só você não passar do portão; já conhece os jardins, ficam para o outro lado.

– Na verdade tenho vergonha de andar por aí e encontrar pessoas a quem prejudiquei.

– Adoecer é mais fácil, não é?

Saí de seu quarto, sabendo dos momentos difíceis que Zerabulon enfrentava. Havia sido líder da Casa das Soluções, exercido o poder sobre todos, mas não desenvolveu nenhum potencial de sua alma. Esses potenciais é que nos ajudam a sermos humildes e a humildade fortalece-nos para podermos perdoar nossos próprios erros. Zerabulon estava no meio de suas construções; de um lado, o umbral que poderia sequestra-lo para castigá-lo e, do outro, suas antigas vítimas.

Quando se perdoar, conseguirá encará-las para descobrir o que fazer por elas e, assim, resgatar a autoconfiança.

Acordei, no outro dia, com Luiza na porta do quarto.

– Halu, eu estou ouvindo uma gritaria, mas olhei pelo terraço e não vi nada!

Luiza tinha razão: ouvi vozes e gritos. Imediatamente Meu Amigo entrou no quarto:

– Halu, os conselheiros reuniram mais de mil obsessores e estão vindo nessa direção.

Rapidamente, corri ao terraço. A cena era no mínimo mórbida; os conselheiros vinham na frente, chamando:

– É por ali, vamos julgar os culpados!

Alguns gritavam alucinados:

– Vamos julgar, quero primeiro o médico que me matou!

– Eu vou atrás do motorista, aquele irresponsável. Chegou a sua vez, vingança!

– O que está havendo, Halu? Eu ouço o barulho, mas não consigo identificar as palavras.

Luiza estava impressionada e contei a ela o que estava acontecendo.

– E o que vamos fazer? – perguntou-me, assustada.

Olhei para Meu Amigo e percebi que ele estava orando.

– Vamos orar Luiza!

Coloquei as mãos no peito e pensei em Jesus. Voltei a olhar Meu Amigo, admirando sua concentração. O barulho dos gritos aumentava com a aproximação do grupo.

Às vezes é muito difícil ser paranormal. Eu escutava nitidamente tudo que diziam. Meu coração foi se acalmando e consegui entregar-me à prece. Senti a presença de outros amigos das Casas Astrais e vi Otília, Omar, Eron e Rúbia que vieram para nos ajudar. Uma cortina de luz envolveu todo o prédio e senti o ar esfriar por causa da presença do éter. Tudo isto me ajudou a me aprofundar na prece e apostei no sentimento que chamo de amor universal. Olhei para Luiza que tinha os olhos fechados e o semblante muito tranquilo.

Então, a situação inverteu-se: ao aproximarem-se da cortina de luz, alguns obsessores entraram num sono profundo e foram levados por guardiões da primeira Casa Astral. Outros se sentiam muito mal e culpavam os conselheiros por trazê-los para a dor.

– Mentirosos! Vocês é que são assassinos. Recuem, recuem!

Os mais revoltados assumiram a liderança e os conselheiros foram embora em seus veículos. Quando tudo normalizou, Meu Amigo explicou-me que assim como a energia densa me faz mal, o éter curativo incomoda os obsessores, que se afastam rapidamente.

Este foi o desfecho do ataque do Plano Inverso; defendemo-nos com éter curativo, que agiu em alguns que estavam abertos para a cura e estão sendo cuidados no hospital espiritual.

O Conselheiro Sênior agora era outro que assumira o comando e o título. Após alguns dias, veio procurar-me.

– Até agora, só erramos com você. Estudando melhor seu caso, descobrimos que seu problema é a ignorância. Você é semianalfabeta e, por

isso, mantém-se presa aos valores das Casas Astrais.

Olhei para o novo Conselheiro Sênior, intrigada. Conhecia, e de muito tempo, aquele discurso. Todas aquelas palavras pertenciam ao vocabulário de meu pai. Depois que me tornei adulta e ele não pôde mais impedir minha busca por Jesus e pelo mundo espiritual, um dia, saiu-se com essa, que na época atingiu-me bastante. Concluí o segundo grau sem problemas, mas não me senti atraída por nenhum curso universitário que não fosse o de filosofia. Esse curso me foi vetado por meu pai, por achar que levava a nada, e, além de não me ajudar, tampouco não permitiu que ninguém de minha família ajudasse. Tentei morar com meus tios, mas quando ele descobriu, criou tantos problemas que resolvi sair de lá e morar num pensionato. Assim, o sonho de cursar filosofia ficou cada vez mais distante.

Comecei a estudar com meus amigos da espiritualidade e preferi seus ensinamentos, pois preenchiam minha busca de saber.

Às vezes, encontrava meu pai na casa de familiares e ele sempre buscava levar a conversa para a mediunidade e espiritismo. Na época, muito jovem e despreparada, caía na armadilha. Conseguia reunir todos a sua volta para dizer que mediunidade era esquizofrenia misturada com ignorância.

– Um bom tratamento psiquiátrico e um bom curso universitário, como medicina, engenharia ou direito, cura isso imediatamente. Essa menina, que infelizmente é minha filha, é esquizofrênica e semianalfabeta. Não estudou. Coitada, por isso consegue envolver-se com esse novo tipo de literatura de cordel.

E ria-se, satisfeito. Isto sempre me doía muito e eu voltava para o pensionato com o coração pesado e chorando muito.

O que queria o novo Conselheiro Sênior com aquelas palavras, tão iguais?

Minha boca abriu-se e eu falei sem nenhum comando mental:

– Novo Conselheiro Sênior, eu não tenho mais vinte anos. Meus olhos estão mais abertos e meu coração cresceu um pouco.

Vendo descoberta sua intenção, desarticulou-se:

– Veremos “doutora pasta-vazia”.

Era assim mesmo que meu pai me chamava, quando me despedia no meio de seu discurso.

– É muito importante que as pessoas estejam atentas a esta forma de atuação do Plano Inverso; eles a usam com muita frequência, quando

encontram pessoas discutindo e induzem-nas a trocar pareceres que reacendem antigas feridas. Assim, estimulam a humilhação, aproveitando todas as formas de preconceitos ainda estabelecidos nas pessoas, na sociedade. Preconceito social, econômico, cultural, racial, sexual etc.

Os dias passaram e a Casa das Soluções não voltou a me procurar. Uma tarde, eu estava atendendo algumas pessoas, e entre elas estava um médico psiquiatra, que me disse:

– Ouvi muito falar de seu trabalho e vim procurá-la porque acredito que seus conhecimentos podem ajudar-me.

Ele havia sido recomendado por uma pessoa que frequentava muito meus trabalhos.

– Meu caso já me levou a procurar todo tipo de ajuda e cada crença me diz uma coisa diferente. Acredito que já estive perto de descobrir, mas não sei como.

Ele trazia um quadro clínico muito raro: estava perdendo a mobilidade dos músculos e apresentava modificações na arcada dentária. Tinha sensações estranhas, não conseguia ler ou estudar. Sentado, piorava bastante, sentindo-se melhor deitado.

Ao pesquisar sua aura, identifiquei a presença de energias totalmente estranhas para mim. Seus chakras estavam todos desalinhados e tinha muitos blocos energéticos em volta da cabeça.

Ele era extremamente inteligente. Acabara de defender tese nos Estados Unidos e ganhara prêmios e méritos por suas descobertas.

Ouvindo-o falar, percebi que era muito orgulhoso e vaidoso de suas conquistas. Estes sentimentos, se não forem bem canalizados, levam à empáfia e à imponência que, juntas, tiram a lucidez da inteligência.

– Preciso de um tempo para estudar e compreender o que vi em seu campo áurico. Como encontrei energias que não conheço, vou consultar os meus amigos da espiritualidade. Assim que tiver uma posição, entro em contato com você.

– Não demore, meu caso é urgente. Também conto com sua descrição.

Foi-se, deixando-me preocupada. Na mesma noite, ao desmembrar, levei o caso ao Meu Amigo. Ele escutou-me em silêncio e alertou-me:

– Consulte seu coração. Será uma tarefa bastante difícil. Haverá uma batalha entre você e esse rapaz, entre você e a qualidade de energia com que ele está envolvido – concluiu, dizendo que nada tinha a acrescentar.

Insisti a respeito das energias desconhecidas.

– Elas vão apresentar-se para você e, se estiver prevenida, será pior, dê ou não continuidade ao atendimento. Se resolver seguir em frente, aguarde as manifestações e não as provoque.

Passamos a falar sobre outros assuntos e discutir outros casos. É claro que estranhei o comportamento de Meu Amigo, mas resolvi seguir em frente.

Pedi à Luiza que entrasse em contato com ele e marcasse um encontro. Para simplificar passarei a chamá-lo de Doutor.

Intuí que precisaria que alguém o acompanhasse em nossos encontros e começamos a trabalhar.

– Ainda não tenho muito para lhe dizer, Doutor. Seus chakras estão precisando de alinhamento. Para isso, marcaremos algumas sessões, e quanto às energias estranhas que vi em seu campo áurico, precisaremos de tempo para compreendê-las melhor.

– Ficarei curado?

– Acredito em autocura. Utilizaremos alguns de meus conhecimentos e esperaremos os resultados. Virão algumas manifestações e depois delas, veremos como prosseguir.

– Você não consultou seu guia espiritual? Ele não lhe disse nada?

Sua acompanhante intercedeu a meu favor:

– Doutor, é assim mesmo. Você sabe que as coisas levam um tempo.

Enquanto ela falava, alguma coisa na barriga dele chamou minha atenção; era muito saliente e parecia abrigar alguma coisa. Deixei os dois discutindo e concentrei-me em sua barriga. Minha vidência atuou e vi, dentro dele, uma enorme cobra. Levei um susto e fiz um movimento de recuo.

– O que foi que você viu em minha barriga, Halu? – perguntou.

Pedi alguns minutos e saí da sala para respirar um pouco. Meus pensamentos fluíram: “É óbvio que é uma energia em forma de cobra. Mas por que será? Para assustar-me? Não, não! A energia tem aquela forma, assumiu a expressão da cobra”.

Voltei para a sala e encontrei o Doutor sentado. Meus pensamentos não paravam de fluir e algumas perguntas vieram-me à cabeça. É assim que trabalho: entrego-me e o conhecimento vem a minha mente.

– Você é extremamente ciumento?

– O que essa pergunta tem a ver com meu quadro?

– Por favor, responda!

Olhou-me de um jeito estranho, mas respondeu:

– De uns tempos para cá, passei a ser. Sinto que estou cada vez pior. Até seguir a minha mulher eu já segui.

– Deite-se, por favor.

– Eu já ia mesmo lhe pedir isso. Não consigo ficar sentado, o mal piora.

Quando deitou, lembrei-me que essa era a postura confortável da cobra.

– Por favor, doutor, levante-se e ande pela sala.

– Aonde você quer chegar, Halu?

– Quero vê-lo andar.

Levei-o para o terraço onde havia mais espaço. Ele andava com dificuldade; suas pernas e braços não obedeciam a seu comando.

Como se não tivessem intimidade com o tronco. – Este pensamento iluminou minha mente e concluí:

– É certo; a energia da cobra no tronco! Os membros não sabem conduzir ou, ainda, não interessa a essa energia vê-lo em pé. A energia vertical faz o homem captar o éter.

– Eles me olhavam, atentos ao fluxo das palavras. Acalmei-me e outra pergunta brotou da minha intuição:

– Doutor, por acaso o senhor já foi picado por cobra?

– Não, nunca!

– Já, sim, várias vezes!

Sua acompanhante e esposa falou quase ao mesmo tempo que ele.

– Decidam, por favor. Sim ou não?

Trocaram um olhar e ela tomou a palavra:

– Você precisa se decidir se quer curar-se ou não. Eu não aguento mais este seu quadro!

Ele, então, resolveu contar-me:

– Há alguns anos, fiz algumas experiências. Acho Halu, que também sou paranormal e deixei que várias cobras me picassem para sentir o efeito que produziria.

E passou a explicar que não foram todas ao mesmo tempo, mas uma em cada experiência. Após a picada, esperava alguns minutos, sentia os efeitos do veneno e tomava o soro antiofídico.

– Senti êxtases maravilhosos ao longo dessas experiências. Descobri muitas coisas que me levaram às teses e aos prêmios.

– Eu vi uma energia em forma de cobra em sua barriga.

Sua esposa sentou-se, assombrada.

– Meu Deus! Eu desconfiava que fosse por aí. O que você vai fazer Halu? – perguntou ela.

– Ainda não sei, mas precisamos separá-la dele.

– Se isso acontecer, minha inteligência vai diminuir?

Quase não acreditei em sua pergunta. Ele explicou:

– Em minhas pesquisas descobri que as cobras podem passar inteligência para o homem. Elas não sabem o que fazer com essa energia, mas se a entrega a um ser humano, coisas maravilhosas podem ser realizadas!

Olhamos para ele; estava fascinado!

– Doutor, se continuar a vir aqui, eu vou trabalhar para tirar essa energia de você. Se preferir ficar com ela, não volte mais!

– Você não compreendeu. Quero que você a tire de mim, mas não quero que tire o que ela me deu.

– Eu não sei o que ela lhe deu. Vamos ou não dar prosseguimento ao trabalho?

Respondeu que sim e colocou-se à disposição. Consultei meus antigos relatórios dos aprendizados com Dos Anjos e começamos a trabalhar.

Na terceira sessão, ele apresentava marcas vermelhas como queimaduras ou assaduras nas axilas e virilhas.

– Estou impressionado, Halu. Minha barriga diminuiu muito durante estes dias. Minhas calças estão folgadas na cintura. Todos estão comentando.

– E a mobilidade dos membros, melhorou?

– Melhorou um pouco. Só uma coisa piorou: ficar sentado ou em pé aumenta o mal-estar.

Expliquei-lhe sobre o éter, sobre verticalizar e sobre a postura horizontal da cobra que tem um sentido: afastá-la do éter.

– Mas, Halu, desde a Antiguidade a cobra é o símbolo da cura.

– Não estou discutindo esse ponto, mas ter sua energia no corpo o curou ou adoeceu?

– Você tem razão. Vamos continuar.

As sessões continuaram e a melhora do Doutor era visível.

Quando olhava sua barriga, via apenas pequenos anéis. O tratamento aproximava-se do fim. Então, ele passou a faltar ou a adiar as sessões.

Meu Amigo comentou sobre o caso:

– Se não retirar até a última centelha, a energia volta a se recompor.

Transmiti a ele a informação. Faltando umas duas sessões para a conclusão do trabalho, ele desapareceu, não voltou mais.

Mandei-lhe uma cópia do livro que eu estava escrevendo, na época, *Caminhos de um aprendiz*.

– Acho que dá um excelente filme de ficção, Halu. Vá procurar por Spielberg – disse irônico.

Sem entender seu comentário, desliguei o telefone e nunca mais tive notícias dele.

O novo Conselheiro retornou:

– Fomos nós que o orientamos. Ele não sabe, é claro! Não acredita no mundo espiritual. Pensa ser tudo poder da mente, mas não é sobre ele que quero falar. Este caso serviu para lhe mostrar que podemos ser úteis para a humanidade. A energia da cobra ampliou muito a inteligência do Doutor.

– Qual a relação de vocês com a cobra? – perguntei, e associei os fatos: – Primeiro a cobra enrolada no corpo do líder da civilização intraterrena e, agora, esse caso.

– A cobra reúne em sua energia os quatro elementos: terra, fogo, água e ar, que são fundamentais à vida no planeta Terra. Assim como o éter fortalece o espírito, a energia da cobra torna a energia humana mais materializada, a ponto de dificultar o contato com a alma. – Horizontalizar, Halu, para facilitar a ação dominadora do Imperador do Mundo. Enquanto as Casas Astrais trabalham para as pessoas verticalizarem, dando sequência ao processo evolutivo, a Casa das Soluções quer ver a humanidade horizontalizar novamente. Por isso o chamamos de Plano Inverso.

A seguir, fez-me mais uma de suas propostas:

– Você faz como o Doutor e interrompe o processo, antes da energia da cobra integrar-se à sua. Eu a acompanho e aponto o momento de parar.

– Aonde eu arrumaria as serpentes? – perguntei, tencionando fazê-lo falar sobre o projeto.

Animado com minha pergunta, declarou:

– Halu, nós temos gente espalhada por todo o mundo. Introduzi-la será muito fácil. Já fizemos isso outras vezes, como quando conheceu a Magnífica, o Hebron etc. Naqueles trabalhos só entram pessoas selecionadas e quem as seleciona é direta ou indiretamente influenciado por nós.

Senti o perigo, mas precisava seguir adiante.

– Vou parar no momento que achar que devo?

– Claro! Claro! Agora mesmo eu vou à Casa das Soluções, mas volto em seguida. Aguarde-me!

O medo tomou conta de mim e orei. A oração traz o éter que me prepara para momentos difíceis.

## VII. Capítulo Quase Final

O novo Conselheiro retornou, trazendo-me o endereço.

– Vá hoje mesmo. Não precisa marcar hora. Peça para falar com o guru Thamés Aded, ele vai recebê-la. Quando estiver a sós com ele, repita esta frase: “Quero conhecer o Senhor dos Mistérios. Se convencer-me, serei sua discípula.”

Fez-me escrever a frase no mesmo papel do endereço.

– É importante que diga essas palavras; queima muitas etapas exigidas por ele, para aproximar as pessoas do Senhor dos Mistérios.

Acrescentou que, na hora em que eu dissesse a frase, HF o hipnotizaria, levando-o a ver-me como uma futura grande colaboradora.

– Você é inteligente. Ele não a identificará de imediato. Seu envolvimento com as Casas Astrais está denunciado em sua aura e em seus chakras. Ele captaria a presença do éter e a mandaria embora. Deixe HF fazer o trabalho dele.

O novo Conselheiro Sênior estava contente e eu precisava estar conectada a minha crença para não me envolver demais.

O endereço era de uma chácara. Não passei pelo segurança. De dentro da guarita ele me informou:

– Para entrar, tem que ter autorização do escritório.

Retruquei que precisava falar com o guru Thamés Aded e que um amigo pessoal do guru havia me fornecido o endereço.

– Vá ao escritório e não insista, por favor!

HF que me acompanhava à distância, neste momento aproximou-se e entrou na guarita, pondo as mãos sobre a cabeça do rapaz, tentando influenciá-lo. Não adiantou. O rapaz balançou a cabeça com força, demonstrando perceber o que acontecia.

– Vá embora moça. Se eu tocar o alarme e abrir o portão, seis grandes cães vão atacá-la. Falou trincando os dentes.

Dei as costas e fui embora, agradecendo a Deus pelo ocorrido. Teria mais tempo para preparar-me e, confesso, fiquei feliz em ver HF fracassar ao tentar hipnotizar o segurança. Foi uma prova que ninguém está totalmente indefeso contra as incursões do Plano Inverso.

HF estava possesso!

– Quem, esse guardinha, pensa que é? Ele vai ver! Hoje mesmo vai se arrepender por não ter aberto o portão.

O que faria? Comprovei que HF se alimentava com a energia da vingança. Ele continuou falando e traçando planos contra o rapaz.

Em casa, à noite, o Conselheiro veio visitar-me.

– Desculpe-nos o transtorno. Não imaginávamos que o segurança não aceitaria os comandos de HF. Em todo caso, não posso deixar de parabenizar o guru. É isso mesmo. Segurança é segurança. Aprenda a lição.

– Então, você não vai deixar HF vingarse do rapaz?

– HF precisa treinar. O tempo que passou como Ministro afastou-o deste tipo de trabalho e o rapaz será um excelente exercício para ele retornar a sua antiga forma. Por outro lado, o segurança precisa ser testado e conhecer seus limites para ampliá-los. Não se meta nisso, Halu. Seu papel é outro.

Desta vez, trouxe-me o endereço do escritório e orientou-me como proceder.

No dia seguinte, fortalecida pelo encontro com meus amigos espirituais, dirigi-me ao escritório. A porta foi aberta por uma moça extremamente bonita. Olhos grandes, espertos, um sorriso nos lábios e muito atenciosa.

– Pois não? Posso ajudá-la?

– Gostaria de marcar uma entrevista com o guru Thamés Aded.

– Pois não! Posso fazer isso para você, entre.

A sala do escritório lembrou-me a sala dos conselheiros, embora diferente. No chão, sobre o carpete, havia um caminho circular em forma de mandala.

– Siga-me. Pise exatamente onde eu pisar.

“Diga-me com quem andas e eu te direi quem és.” – Esta frase surgiu em meu pensamento. Olhei para meus pés e o olhar da moça impressionou-me.

– Esta é a primeira exigência para se marcar consulta. Se não quiser, não precisa. É só sair pela porta.

“Tudo isso é para impressionar, Halu. Não tem fundamento real!” – Era a voz de Meu Amigo. Ele estava acompanhando-me. A moça voltou a andar e, mais calma, segui seus passos. A exigência consistia em andar sete vezes ao redor do círculo, repetindo em voz alta esta frase:

– Guru Thamés Aded, socorra-me. Recorro a vossa divindade em busca de auxílio.

Senti-me ridícula, mas exigência é exigência, como disse o Conselheiro. A moça olhava-me desconfiada.

– Agora vamos ao próximo passo – falou: – transformá-la numa *First Star*. O guru, como emissário de Deus, não pode cobrar por seus trabalhos, mas há contas a serem pagas; este escritório, a chácara, enfim, muitas despesas para melhor servir às pessoas que o procuram.

Caminhou até uma estante e trouxe cinco *kits* completos para “alcançar a sabedoria”. Eu me tornaria uma *First Star* quando vendesse todos os *kits*. Receberia 25% de comissão que serviriam para comprar alguns aparatos que o guru me recomendaria.

– Como vê, pensamos em tudo para tornar viável seu desenvolvimento.

– E se o guru não passar nada para mim?

– Melhor ainda. Você usa esse dinheiro como quiser.

Cada um custava cem dólares. Eu precisaria encontrar cinco incautos que quisessem, por esse dinheiro, comprar um livro de receitas de comida natural, uma caixa contendo quatro incensos e um envelope com quatro bolinhas de sais para banho: o conteúdo do kit. Entregou-me alguns prospectos e um talão de pedidos.

– Quando concluir sua tarefa volte aqui com o dinheiro e eu lhe darei os cinco *kits* e este button de *First Star*. Indique-nos a suas amigas. Assim, você receberá 10% do que elas venderem. Montaremos sua equipe. Quando você tiver dez buttons de *First Star*, lhe daremos o de *Big Star* e terá sua consulta com a divindade “Thamés Aded”.

Ele é um deus difícil de alcançar! – pensei, levantando-me para sair.

– Nem tanto, fique onde está. – Ouvi a voz de HF atrás de mim.

O que não havia funcionado com o segurança, foi eficaz para a moça do escritório. HF pôs-lhe as mãos nas têmporas e a hipnotizou.

Precisou de cinco minutos; a moça entrou em sono profundo e, quando acordou, olhou-me espantada.

– Com você faremos diferente. Pensei melhor: leve este button de *Big Star*. Mostre ao segurança da chácara e ele a deixará entrar. Não diga a ninguém, nem mesmo ao guru, como o conseguiu. Confio em você. Agora vá, preciso fechar o escritório. Estou morrendo de dor de cabeça.

Saí com o button na mão, escutando as risadas de HF.

– Que coisa mais ridícula! Não conhecia o método de Zanelo. Tenho que dar-lhe os parabéns. É por isso que a sua volta só tem pessoas fáceis de conduzir e enganar.

Ria alto, contente com o amigo dele.

– Vou inspirar alguns de meus seguidores para esse método. Maravilhoso! Maravilhoso!

Mostrei o button de Big Star para Luiza:

– Halu, se não fosse trágico, seria cômico.

Esperei o final de semana passar e voltei à chácara. Ao ver o button, o segurança foi todo sorriso.

– Ah! Agora sim! Você estava mesmo com pressa de ver o guru. Será recompensada, vai ver. Ele é a presença de Deus na Terra, eu tenho certeza. Fechei meu Centro para ser segurança dele. Eu sou médium, também, mas o guru.... Vá, vá! Depois conversamos.

A chácara lembrou-me um hotel fazenda. Pequenos chalés de madeira rodeavam a Casagrande, onde se lia: *Ashram da Divindade Thamés Aded*. Entrei no *ashram* e fui recepcionada por outra moça.

– Diga o seu nome de *Big Star* para que as energias do *ashram* a reconheçam e a recebam.

– Mércia.

– A moça levantou os braços e, erguendo os olhos, cantou:

Recebe, oh Senhor  
Recebe, oh Senhor  
Esta filha que dificuldades atravessou.  
Lutas venceu  
Estradas desbravou  
Para chegar aqui!

Abraçou-me com força e beijou-me repetidas vezes.

– Você chegou a casa. Encontrou sua família.

Pegou um molho de chaves e levou-me para um dos chalés. Era um quarto com banheiro, decorado com posters do guru nas paredes, ao lado dos dizeres: “Eu sou seu pai amantíssimo. Traga-me suas dores e eu as devolverei em graças”.

– Tome um banho. Utilize estes sais de ervas purificadores.

Acendeu um incenso e voltou a orientar-me:

– Vista esta túnica. Hoje, você almoça com a gente.

Eu estava completamente atordoada e sem graça.

– Vamos, solte essa felicidade do peito. Nós a amamos, nós somos sua família perdida. Descanse e deixe tudo por nossa conta.

Saiu deixando-me sozinha. O que fazer meu Deus?

HF entrou no quarto, maravilhado com a retórica.

– Perfeito! Viu como é bom ser uma pessoa especial? Isto é só o começo. Se quiser, pode ter um *ashram* destes só para você.

– Preciso mesmo vestir esta roupa?

– É só uma formalidade! O que custa?

Custava muito, mas evitei discutir com ele. Tomei o banho de ervas e senti sono. Deitei na cama, adormecendo imediatamente. Sonhei com um homem muito pequeno, quase um anão.

– Eu sou o Senhor dos Mistérios. O que quer de mim?

– Se me convencer serei sua discípula – respondi com firmeza. No sonho eu sabia o que estava fazendo.

– Venha, acompanhe-me.

Eu o segui e ele me levou a um tanque cheio de serpentes.

– Olhe com atenção.

Mergulhou no tanque, caminhou entre as cobras e pegou uma:

– Essa é especial!

Beijou-a e, acariciando seu corpo, colocou-a no colo.

Então perguntei:

– O que é ser sua discípula?

– Inocularéi em você o veneno de todas as serpentes e colocarei o mundo a seus pés. Poderá regê-lo como quiser. Prefere as Casas Astrais, não é? Terá o poder de destruir a Casa das Soluções e implantar no mundo as Casas Astrais como você quer.

– No momento em que eu destruísse a Casa das Soluções, estaria destruindo tudo o que aprendi com as Casas Astrais. Como poderia implantá-las, como disse, na esfera material? E desde quando, o amor é implantado?

Olhou-me por longos minutos:

– O que você quer aqui?

– Conhecê-lo e divulgar sua existência.

– Eu quero você para mim! Diga o que quer para ser minha discípula.

Aí, o sonho ficou ainda mais estranho: revivi surras que havia levado de meus pais. Era como se tudo estivesse acontecendo de novo; eu sentia

inclusive a dor física. As palavras saíram fluidamente de minha boca:

– A dor corrói a vítima e aproxima o algoz da luz. Quem sofre a dor está ao lado do bem. Quem provoca a dor é manipulado pelo mal. A única forma do mal aproximar-se da luz é provocando a dor maldosa aos discípulos do bem – falei sem pensar.

Revivi outras dores, difíceis: a dor da acusação, a dor da mentira, a dor da incompreensão e da inveja. Acordei com o corpo e alma doloridos. Não consegui me levantar da cama e fiquei ali, sentindo as dores de todas as surras ao mesmo tempo. A porta abriu-se e a moça recepcionista entrou para buscar-me.

– Está na hora do almoço!

– Não tenho fome e nem coragem para me levantar.

– O que você tem? Seus braços estão vermelhos. Que marcas roxas são essas em seu rosto?

Assustada, corri para o espelho do banheiro; estava com hematomas no rosto, nos braços e nas costas. O que havia acontecido?

– Alguém entrou no quarto enquanto eu dormia?

– Claro que não! Nunca aconteceu uma coisa dessas antes.

– Quantas pessoas estão aqui?

– O segurança, eu e os servidores da chácara, pessoas humildes que nem sabem o que é um *ashram*, e o guru Thamés Aded.

– Leve-me até ele, agora!

Falei de forma a não permitir negativas. Ela me olhou seriamente e pediu que eu a seguisse. Troquei a túnica por minhas roupas e fui conhecer a “divindade”.

Era um homem estranho; alto, cabelos grisalhos e olhos castanho-claros, quase verdes. Trajava um terno preto que contrastava com sua pele muito clara.

O guru Thamés Aded é um homem totalmente seduzido pelo poder e seduzia as pessoas, que o procuravam, com muita facilidade. Havia nele uma força estranha, altamente magnetizadora.

Sentei-me à mesa para acompanhá-los no almoço. Todas as suas discípulas vestiam uma túnica branca, usavam os cabelos penteados para trás e estavam exageradamente maquiladas. Seus discípulos, em número muito menor, eram rapazes muito jovens e bonitos, com rostos femininos, trajando calças e camisas brancas.

A sala de jantar era encantadora e cheia de aromas, com uma mesa circular no chão. Sentamo-nos nas almofadas e passamos a servir-nos. O guru era vegetariano.

– Coma à vontade, Halu. No final da refeição você fará a oração de agradecimento.

– Guru, o que aconteceu a ela? – perguntou um dos discípulos.

– Antes de chegar aqui, Halu passou muitos anos assistida por uma espiritualidade inútil que a expôs a grandes sofrimentos. Quando tomou nosso chá especial, suas cicatrizes profundas reapareceram na superfície da pele para que ela pudesse lembrar tudo que passou durante sua vida e não procurasse mais as utopias.

Todos me olharam esperando ouvir alguma explicação. Como eu nada disse, almoçamos em silêncio.

Preciso revelar o medo que senti durante aquele almoço. Os pratos exóticos confundiam-me. E se houvesse neles algum produto estranho como no chá?

Queria ir-me embora, mas precisava continuar. Estava muito perto do final. Como defesa, escolhia os pratos depois dos discípulos. O guru Thamés Aded percebeu minha estratégia. Olhou fundo em meus olhos e sorriu com o canto dos lábios. Embora nada falasse, captei seu sarcasmo.

Senti o olhar perscrutador dos discípulos sobre mim. Eles estranhavam alguma coisa; minha presença ou minha maneira de estar presente; talvez as duas coisas.

Ao terminarmos o almoço, foi-me trazida uma folha de papel onde estava escrito: “Oração em agradecimento à refeição.” Seguiu o texto:

“Eu sou especial para a força que rege o mundo,  
Pois deu-me seu alimento.  
Para agradecer a força, entrego-me como discípulo.  
Entrego-me ao guru Thamés Aded,  
Um dos guardiões da força neste mundo.  
Guru Thamés Aded,  
És também o senhor do alimento!”

Li como se lê uma bula de remédio. Os discípulos entreolharam-se e todos ao mesmo tempo olharam para o guru.

– Dalila! Ensine nossa convidada a orar.

Dalila olhou-me como se eu tivesse cometido uma grande gafe. O mal-estar era geral. Sem precisar ler, repetiu a oração, com os braços abertos em direção ao guru, falando o mais alto que podia. Os outros discípulos somaram-se à Dalila. A histeria coletiva liberou uma energia densa, causando-me náuseas.

Terminada a sessão de idolatria, o guru chamou-me para conversarmos em particular. Seguimos caminhando pela chácara.

– Não existem mentiras e verdades, desde que possamos transformar uma mentira em verdade ou vice-versa. A idolatria, que tanto a repugnou, faz aquelas pessoas muito felizes. Elas são plantonistas aqui. Muitas têm maridos que estão sempre viajando e já não as querem por perto. Aqui, elas encontram atenção e, às vezes, até sexo.

– E os rapazes?

– São adolescentes cujos pais não se preocuparam em encaminhá-los para a vida adulta, rejeitando-os em seguida. Eles encontraram em mim a continuação da paternidade que conheceram durante a infância. Enquanto estão aqui, sentem-se úteis e seus pais ficam livres de suas presenças.

– Eles pagam para servi-lo?

– Sim, claro! Tudo tem um preço. Eu não os suportaria se não fosse por muito dinheiro. São inúteis, de pouca inteligência e querem privilégios sem nenhum esforço. Tudo isso encontram aqui, mas o que eu tenho para você é diferente; quero transformá-la em minha assistente. Daqui a alguns anos, irei para os Estados Unidos, onde galgarei um posto maior dentro da organização e a deixarei como minha substituta.

Acreditava que iria seduzir-me. Continuamos a caminhada e ele me falou da fortuna material que adquirira como guru e do poder energético oriundo das serpentes.

Ao ouvi-lo falar nas serpentes, lembrei-me de meu pesadelo, mas mantive-me em silêncio.

– Eu tenho certeza que a serpente Babilônia gostará de tê-la como discípula!

Tirou do bolso uma chave incomum que me disse ser de ouro. Entramos em um chalé. No centro da sala, havia uma imagem de uma cobra, toda em mármore, com dois metros de altura. O guru tirou as sandálias ao entrar, mas não me pediu que fizesse o mesmo. Entrei calçada. Os olhos da serpente, duas pedras vermelhas, impressionavam bastante. Em

volta da imagem, havia algumas bacias de porcelana, com conteúdos diferentes em seus interiores. O guru explicou-me:

– Esta contém sangue de sapo, esta outra, sangue de porco...

Numa terceira bacia havia cédulas de dólares que o guru explicou serem doações de visitantes. As demais bacias estavam vazias.

– São destinadas a sangue humano; para tornar-se discípulo da serpente Babilônia, passa-se por um ritual. Amanhã à noite, faremos o ritual de oferta para algumas pessoas que querem candidatar-se ao discipulado. Você quer assistir?

Perguntei-lhe se seria obrigada a candidatar-me também.

– Claro que não. À Babilônia não interessa discípulos que não a sigam por amor e entrega absoluta. Não lhe vou esconder que para amá-la é preciso conhecê-la e, desde que você chegou aqui, está fazendo esse percurso. Amanhã, conhecerá antigos discípulos e novos candidatos. Ouça o que eles têm a dizer. A energia de Babilônia estará presente ao ritual e, quem sabe, tudo isto a ilumine, Halu.

Meu repúdio tornou-se presente, apesar de meu silêncio, e aconteceu uma coisa incrível! Um pequeno tremor tomou conta da sala e meu corpo ficou arrepiado. O guru, temeroso, disse-me:

– Não enfrente Babilônia! Ouve esse silvo? Ela está zangada com você!

Realmente, eu ouvia alguma coisa, uma espécie de chiado. As feições de Thamés Aded foram-se modificando; seus olhos pareciam querer sair da órbita. Era como se algo tomasse seu corpo. Ele falou-me entre dentes:

– Desde quando fostes conhecer a Casa das Soluções, escutas meu chamado! O que mais queres ver? Já te mostrei toda a fonte de meu poder; conheceste o planeta intraterreno, governado por mim. Deixe-me entrar em você e conhecerás a glória do poder, a realeza da dor e a força do ouro. Teu Deus só me permite viver neste planeta, rastejando aos pés dos homens. Nego-me a aceitar essa humilhação! Governarei quantos mundos eu puder, através da alma que ele doou ao homem e negou a mim. Há quatro mil anos, acumulo energia de seres semelhantes e estou fortalecida. Diga a quantos quiserem saber, que Babilônia é uma serpente que possui consciência e raciocínio. Tomarei o planeta Terra das mãos de teu Deus e separarei sua parte material. As Casas Astrais serão totalmente inúteis, pois aqui, o homem morrerá e mesmo antes de morrer, terá seu corpo copiado para nele voltar a viver. Não todos os homens, mas apenas os escolhidos por

mim, que sou a parte feminina e criativa de Baal Feor! – Meu corpo estava paralisado. A sala voltou a tremer e uma das bacias vazias, deslocou-se até meus pés. Passei a orar e pedir, a meu Jesus, forças para sair dali.

Enquanto o guru contorcia-se no chão, escutei a voz de Meu Amigo:

“Essa parte de seu trabalho está chegando ao fim. Não se impressione com o que escutou; para cada pessoa, essa energia tem um discurso articulado que faz parte do jogo de sedução. Aceite o convite para assistir o ritual. Nós estaremos com você.”

O guru Thamés Aded voltava ao normal e estava visivelmente estressado.

– Ajude-me a levantar, por favor.

Ajudei-o a erguer-se e notei que seu corpo estava gelado, suando muito, com a respiração desregulada. Ao sairmos do chalé, trancou a porta com a chave de ouro. Logo à frente, estavam os discípulos à espera. O guru pediu auxílio e dois deles o levaram a seus aposentos. Os demais estavam curiosos para saber o que ocorrera no interior do chalé.

– Vocês não sabem? – Estranhei o fato.

– Nunca entramos lá. Somos discípulos recepcionistas, diretamente ligados ao guru Thamés Aded, disse um deles com muita arrogância.

Havia certo *status* em ser discípulo direto do guru.

– Somos especiais, por isso partilhamos da intimidade do guru. Ele disse que quem não é por ele escolhido, é preparado por ele naquele chalé para missões externas. São pessoas que não têm evolução suficiente para partilhar de sua intimidade.

Senti compaixão por aquelas pessoas, cegas pela vaidade, seduzidas pela carência e subjugadas pelo orgulho.

– Preciso telefonar, podem me ajudar?

– Não! Responderam em coro. Na hora do jantar, você pede ao guru e ele decide. Agora à tarde, você acompanhará nosso trabalho.

Fomos todos para uma sala, onde eram desenvolvidas essências para perfumes e sais de banho. Não consegui me incluir no grupo. Além de assustada, preocupava-me com Luiza, sem notícias minhas há muitas horas.

No começo da noite, fomos avisados que o guru Thamés Aded nos aguardava na sala de refeições. Encontramo-lo disposto, totalmente refeito do desgaste energético produzido pela manifestação de Babilônia.

Olhou-me e disse, laconicamente:

– Mais tarde, a sós, responderei todas suas perguntas.

Compreendi que não poderia comentar, diante dos discípulos recepcionistas, o que ocorrera dentro do chalé.

Falei-lhe sobre minha necessidade de falar com Luiza.

– Escreva sua mensagem e a discípula Dalila telefonará para ela.

Tentei retrucar, mas o guru não prestava mais atenção em mim. Entregou-se aos cuidados e carinhos de seus discípulos; um, servia-lhe chá, outro, frutas... Thamés Aded parecia um paxá. Dalila trouxe-me o papel e escrevi o recado. Só restava confiar que a mensagem realmente chegaria à Luiza.

Terminado o jantar, acompanhei o guru a seus aposentos e lá, travei o diálogo mais intrigante de minha vida até então:

– O que Babilônia quis dizer quando afirmou que mesmo antes de morrer, os Escolhidos teriam um corpo semelhante pronto para reencarnar?

– Processo de clonagem que consiste em copiarmos, quantas vezes quisermos, um corpo físico material.

– Isto é um absurdo!

– Nossos cientistas já estão prontos para essa preciosa tarefa!

Algo diferente aconteceu com o guru; seu olhar e suas mãos encontraram-se na mesma direção. Estava totalmente fascinado, extasiado pelas expectativas.

– Sem demora, viverá o homem sempre dos 25 aos cinquenta anos! Para que reprisar a infância, esse estágio mórbido de dependência do coletivo? E para que viver além dos cinquenta? O amadurecimento induz a reflexões e isto não nos interessa.

A força de meu sentimento sinalizava a aproximação do desânimo. Coloquei a mão esquerda sobre meu coração, unindo criatividade e amor, para não entrar na sintonia vibratória do guru Thamés Aded, que fascinado, continuava a falar:

– Deixaremos o envelhecimento e a morte para quem insistir em não obedecer ou não aceitar Babilônia como força regente. Veremos se as Casas Astrais incentivarão encarnações para, certamente, futuros mártires. Quem há de querer ser mãe ou pai, processo doloroso e cansativo de gestação?

– Você está me fazendo uma pergunta?

– Sim, estou.

– Não posso responder. Não consigo imaginar o mundo através da autoreprodução. Por que haveria as pessoas de dispensar o amor materno e paterno?

– Pobre Halu! Há mais de três mil anos o Moisés do mar Vermelho já pedia e ensinava às pessoas a honrarem pai e mãe. Desde esses tempos que essa qualidade de amor está enfraquecida pela ação de Babilônia, que dominará Demetér, energia material do planeta Terra.

Eu estava lívida. Embora pudesse perceber que o guru era um visionário, o que ele dizia poderia ser verdade. Estará a humanidade tão dispersa, a ponto de não perceber a escravidão que se avizinhava?

– Em todo o mundo, Babilônia fez discípulos e a região do Brasil é a que mais dificulta suas intenções.

– Por causa da religiosidade do povo?

– Não. A maioria das religiões, talvez sem querer, acaba induzindo as pessoas para o caminho de Babilônia. Principalmente, aquelas que desestimulam o ato sexual.

Perguntei-lhe por quê.

– Por dois aspectos: o primeiro é a ociosidade comum ao povo do Terceiro Mundo. Quem trabalha para viver, não acumula bens materiais, o que estimula a conexão com o amor ao próximo e a si próprio. O segundo aspecto é a miscigenação, que fortalece energeticamente o enraizamento de culturas e costumes, o que dificulta a padronização do comportamento. Em função disso, é aqui no Brasil que Babilônia se manifestará com mais frequência.

Pensei em falar que as forças do bem, nesta parte do planeta, também se manifestavam com maior frequência, mas era óbvio que ele já sabia, bem como sua mestra, a serpente Babilônia.

– Hoje você dorme aqui e daqui só sairá quando acabar o ritual dos convidados a discípulos. Tenho certeza que você sairá como uma discípula fervorosa. O amor de Babilônia é maravilhoso.

Deu a entender que nosso encontro estava encerrado. Não havia mais espaço para perguntas. Entregou-me um livro, recomendando que eu utilizasse as horas que tinha até o ritual, para estudá-lo.

Enigmáticamente, não consegui dormir. Minha intenção era ir para as Casas Astrais, buscar ajuda e amparo de meus amigos espirituais, mas quando começava a dormir, acordava subitamente assustada.

Não demorei a concluir que havia alguma coisa impedindo-me a entrega ao sono profundo que propicia a projeção para o campo astral. Não relutei e me lembrei de que o pensamento é livre e me entreguei à espirituosa condição de pensar.

Assim que meu pensamento tomou conta do ambiente, a força de meu sentimento expressou-se e pensamento e sentimento, juntos, ensinaram-me a linguagem telepática. Desta forma, entrei em contato com meus amigos espirituais.

Alguém já disse que a necessidade é criativa; confirmei ser uma verdade. Alguém também já disse que a exposição a uma situação limite cria um covarde ou um herói. Naquele momento, senti-me uma heroína, por ter aprendido a sentir meu pensamento. Aprendi a diferenciar a revisão ou releitura dos registros mentais, do ato de pensar. São duas coisas totalmente diferentes. Erroneamente, antes desta experiência, eu acreditava que decorar a mente com pensamentos alheios era o que nos permitia o pensamento.

Agora sabia que, para sentir o pensamento, precisamos neutralizar-nos de qualquer suposto saber. É ignorando os paradigmas impostos pela sociedade que nos tornamos sábios, para tecer conjuntamente com nossas experiências pessoais nossos próprios paradigmas.

“Halu, essa é a fórmula para neutralizar nossa alma do veneno da serpente Babilônia.” – Escutei a voz de Meu Amigo, dentro de meu pensamento, e mantive o diálogo na certeza de estar sendo ouvida.

“Você sabe se Luiza recebeu meu recado?”

“Sim, Halu, recebeu. Fique tranquila. Prepare-se para o ritual; preciso preveni-la que será uma experiência muito forte. Babilônia tem certeza que vai atraí-la para o Plano Inverso.”

“E o que você acha Meu Amigo?”

“Eu tenho certeza de que você cumprirá sua tarefa. Agora, tente descansar. A telepatia é uma forma de comunicação maravilhosa, mas consome muita energia, o que neste momento não é interessante. Mantenha a calma. Nós a estamos acompanhando.”

Passsei a noite dormindo e acordando. Amanheci cansada e, antes de clarear o dia, a discípula Dalila veio buscar-me para a “caminhada de redenção matinal”. Notei a ausência de muitos discípulos e ela me informou que alguns iam para suas casas depois do jantar e só retornavam para o almoço do dia seguinte.

– Nós, que ficamos aqui, já nos entregamos de corpo e alma para o guru Thamés Aded.

A caminhada era acompanhada de cânticos e exercícios respiratórios muito exagerados. Alguns caíam no chão com tonturas por causa da hiperventilação e deduziam estarem recebendo forças poderosas do orvalho

da Mãe Natureza. Não sabiam que a Mãe Terra Demeter, que tanto aclamavam, estava ameaçada pela serpente Babilônia a quem realmente serviam e desconheciam, por obra da fé absoluta que dedicavam a seu guru.

– Vamos você está atrasando o grupo! – estimulava-me Dalila, contrariando minha intenção de não me cansar ainda mais.

O dia passou exatamente igual ao anterior. No meio da tarde, o guru chamou a todos e os dispensou:

– Hoje todos vocês precisam dormir nos seus lares. Meditarei à noite e enviarei, energeticamente, forças poderosas para que vocês, estando em seus lares, distribuam-nas para seus familiares. Assim ficarão protegidos de qualquer mal que porventura possa lhes acontecer.

– Adorado guru, posso ir para a casa de um amigo? O senhor sabe, minha família me rejeita. Não é justo atrair bênçãos para eles.

– Claro, meu filho. Eu lhes dou minha força e meu poder. Vocês distribuam com quem os amam como vocês me amam.

Tais ensinamentos foram recebidos com júbilo. Agiam como se houvesse muita sabedoria na mordacidade do guru. Após a despedida, esvaziaram a sala, deixando-nos a sós. Eu estava muito cansada e era com muito esforço que mantinha os olhos abertos.

– Meus discípulos não a deixaram dormir e descansar. É importante esse esvaziamento de energias vitais-materiais para o ritual de logo mais.

Eu já tinha desconfiado disso e precisava me refazer de qualquer modo. De repente, uma ideia surgiu em minha mente e falei espontaneamente:

– Estou me sentindo amolecida, acho que estou febril. Sempre que não durmo, isso acontece. Se eu adoecer, posso participar do ritual?

Ele me olhou desconfiado e demorou a responder:

– Talvez seja melhor descansar um pouco. Se precisar, tenho antitérmicos em meus aposentos.

Consegui deixar minha mente limpa de qualquer pensamento. Sentia-me perscrutada. Ele me olhava, tentando descobrir o “truque”. Não consegui e assim conquistei duas horas para descansar.

No começo da noite foi me buscar para o chalé de Babilônia. Lá encontrei umas vinte pessoas, todas com o rosto coberto. Deram-me um capuz também. O salão estava com pouca iluminação, o que eliminava qualquer possibilidade de identificar os presentes.

– A seus lugares.

Reconheci a voz do guru Thamés Aded. Em volta da imagem de mármore estavam as bacias de porcelana vazias. Para cada visitante havia uma. Ao ouvirem o comando, cada um caminhou até sua bacia, formando um círculo em volta da imagem.

– Babilônia, atira sobre nós teu veneno! Cura-nos do medo da vida e seremos adoradores da morte! Sem medo de viver, morreremos e renascemos a cada 25 anos, homens-soldados a teu serviço. Renegamos o Deus que te renegou. Não mais andarás rastejando no chão, nem tu, nem os seres semelhantes a ti. A energia das serpentes substituirá no corpo dado pela terra, a alma doada por Deus. Babilônia, nós a amamos e a reconhecemos como nossa única e verdadeira mãe.

Depois dessas palavras, a sala tremeu como se fosse desprender do chão. O barulho das bacias de porcelana chocando-se aumentava o terror.

– Vamos dar as mãos e repetir:

“Babilônia, és tu a dona do mundo e de minha vida.”

Embora eu estivesse no círculo, não repeti a frase. “Porque não quero, porque não faço parte deste grupo e porque não comungo com este ideal”. Isto era o que eu sentia vivo em meu pensamento.

Misteriosamente, gotas de água caíam sobre nossas cabeças e a reação grupal mostrou que a materialização surtiu o efeito desejado. Agora, todos estavam contritos; as palavras eram verbalizadas com uma força intrínseca ao som. Ficavam no ar, favorecendo o clima para a total entrega das almas.

Com minha sensibilidade, percebi uma troca energética em ondas magnéticas entre os presentes e a imagem de mármore da serpente.

Agora estavam todos em silêncio. De repente, o guru Thamés Aded desvinculou-se do grupo e foi para o centro do círculo, já tomado por Babilônia. Falava entre dentes, silvando como cobra, embora sua voz fosse doce e sedutora, quase feminina:

“Meus amados servidores, aceito-os em meu seio encoberto de tesouros que os cobrirão com a vida eterna. Coloquem suas mãos sobre os órgãos genitais e, a partir de hoje, só terão relações sexuais com quem eu mandar. Vocês saberão quando eu estiver mandando e, através deste ato, seduzirão mais discípulos para minha causa. Quando sentirem a língua gelar será minha energia querendo se expressar. Não tenham medo, não relutem. Para selar este pacto, vamos dar continuidade ao ritual.”

Neste momento, Thamés Aded, tomado por Babilônia, dirigiu-se à imagem, retirando dela uma pedra. Para minha surpresa, voltou com uma

serpente em uma das mãos e uma pequena navalha na outra. Chamou um dos presentes por um número e mandou que se ajoelhasse e abrisse a boca; cortou a língua do iniciando com a navalha e mandou que ele cuspsse em sua bacia de porcelana, enquanto era picado pela serpente. Todos, com exceção de mim, passaram por este tratamento.

– Você não terá outra oportunidade. Ninguém vem duas vezes a este ritual iniciático. Se não aceitar hoje, não terá outra chance. Eu estou lhe dando a vida eterna. Estou lhe dando a condição de ser reconhecida pelo Imperador do Mundo quando ele se estabelecer sobre o planeta.

– Não. Eu não quero.

Babilônia não insistiu. Eu já sabia que ela só queria discípulos servindo-a de boa vontade.

– Então não a quero também. Esquecerei teu rosto. Envelhecerás e morrerás como os comuns.

Agora todos estavam deitados no chão gritando de dor. Pensei: meu Deus, e se estas pessoas morrerem?

– Está enganada. Você é que está morrendo a cada segundo junto com suas células.

Caminhou para a imagem e retornou trazendo uma seringa. Injetou um líquido nas pessoas que foram se reanimando aos poucos. Babilônia despediu-se. O guru Thamés Aded tocou uma sineta e acendeu a luz do chalé. Algumas pessoas vieram de fora para ajudar a conduzir os iniciados para outros chalés.

Depois, soube que aquelas pessoas já haviam passado por aquele ritual e vinham ajudar seus novos “irmãos”.

– Halu, você é decepcionante! Pessoas do mundo inteiro querem a honra de estar diante de Babilônia e se tornar discípulas dela. Você a rejeitou. Como pagamento por sua estadia aqui, inclua-nos em seu livro. O Conselheiro Sênior conversou comigo sobre suas intenções. Vá para casa. Não poderá dormir aqui hoje, perturbaria os iniciados com as más emanções do éter.

Terminado o discurso, virou as costas e se foi. Já era tarde. Como chegaria a casa? Estava longe do centro da cidade. O segurança me conduziu ao portão. Voltei a escutar a voz de Babilônia:

“Entrego-te à própria sorte, se te acontecer algo ruim, não me culpe, pois te ofereci minha casa. Culpe teu Deus e teus amigos. A partir de hoje não perderei meu tempo contigo e te entrego definitivamente a eles. Não

mais procure a Casa das Soluções; as portas de lá também estão fechadas. Colherás os frutos de meu abandono. Não é fácil seguir teu Deus sem minha interferência. Enquanto te seduzia, não fechava a porta de meus tesouros. Verás o quanto é difícil ganhar o pão de cada dia. A malícia é a ferramenta que facilita as aquisições e, sem ela, o que será de ti, Halu, quando confrontares o quanto o coração das pessoas não se interessa pelo amor que praticas, pelo bem que almejas. A solidão te visitará, sentir-se-á só com teu Deus e com teus amigos. Tomá-la-ão por louca. Sem minha energia, espelhará a impureza de quem te olhar e chamarão a ti de impura. Sentirás saudades de mim, porque sou eu, Babilônia, quem alimenta as almas com a raiva. Sem este alimento, sempre que agredida, entristecerás por quem te agride. Quererás levá-lo para teu Deus e quem há de querer seguir-te nessa estrada tão longa e estreita do crescimento espiritual? Adeus, Halu, tu nunca mais sentirás uma gota de minha presença em teu sangue, em tua alma. Transpirando éter, tua pele queimará sempre que alguém denso e desarmônico se aproximar. Terás lucidez para enxergar a luz e sofrerás por todos os que estiverem na escuridão. Assim escolheste: trocaste meu conforto, meu tesouro, meu fascínio, para seguir aqueles que o mundo condenou. Sem minha presença, estarás condenada à pureza da luz. Sofrerás, quando quiser dividir teu amor e não encontrar quem o queira. Chorarás, quando quiseres curar e os doentes preferirem a doença. Quem há de querer a cura de teu Deus, impregnada de amor verdadeiro? Já estou-me esquecendo de ti e não serei eu a culpada por tuas dores e teus sofrimentos. Entrego-te a teu Deus da Luz e da Força Eterna e conhecerás a dor do bem, a dor do amor, a dor dos humildes e terás como pagamento a chaga dos humilhados.”

Enquanto ouvia a despedida de Babilônia, caminhava noite adentro; seguia para casa. Encontraria Luiza, alma generosa que restabeleceria minhas forças. Andava sobre uma pequena estrada de asfalto entre a mata e pensava: deixei o mal para trás. Descobri e fui descoberta pela Lua, que iluminava a estrada para eu caminhar. Pensei: a Lua não está aqui por mim, mas como estou em sintonia com ela, recebo seus benefícios. A cada passo à frente, algo de mim ia ficando para trás; algo que entregava de boa vontade. Depois de quatro horas de caminhada o cansaço desapareceu e senti um profundo amor por tudo o que via. Reconheci-me andando no mundo. Eu era um ser a mais com meus encontros e desencontros. Soube que teria minha parte no mundo.

O Sol chegou e encontrou-me andando. Inacreditavelmente não estava cansada. Uma força amorosa me conduzia para casa e, quando cheguei, encontrei Luiza na mesa do café. Não trocamos uma palavra. Deixei que me recolhesse em seu abraço e comi de tudo um pouco. Passei o dia contando à Luiza minhas experiências. Ela ouvia-me atentamente.

– Eu estarei ao seu lado e dividirei toda solidão contigo.

Telefonei a um amigo querido e contei-lhe sobre a condenação e sentença que havia recebido de Babilônia.

– Conte comigo, Halu. Essa praga não te alcançará; não se fecha para a luz. Para a luz se abre, para iluminar.

Deitei e dormi muito bem a noite inteira. Quando desmembrei, dirigi-me às Casas Astrais e encontrei Meu Amigo a minha espera.

– O trabalho agora é outro, Halu. Você levará esta informação para todas as pessoas e lembre-se sempre que sua função é contar o que viu e ouviu. O que cada pessoa vai fazer com isto não é sua responsabilidade. Quanto às palavras de Babilônia, não dê importância, não tema a luz. O mundo condenou os Avatares, mas já se arrependeu. Não se sinta solitária por seguir os mandamentos do Deus da Luz e da Força Eterna. Não se assuste com as palavras do mal. São ameaças que, se recolhidas na alma, trazem o medo; se acolhidas no coração, fortalecem a compaixão. Diga à Luiza e a todos seus amigos do Plano Material que nós os amamos e estaremos sempre com eles, fortalecendo-os em suas lutas, inspirando-os através da intuição e os convidando para vir nos conhecer. Para isto orem com o amor de suas almas e antes de dormir, através de preces, chamem o canal transportador das Casas Astrais e serão conduzidos até nós.

Agora você precisa descansar. Até o próximo trabalho.

## VIII. Mensagem

Amigo leitor,

Sou uma alma viajante e entre um embarque e um desembarque, escrevo meus diários e os transformo em livros para repartir, com você, experiências que me ajudaram muito a escolher o amor de Deus às ofertas do orgulho e da vaidade sem limites. Por acreditar que o mundo há de encontrar a luz, é que me dedico tanto a este trabalho. Como disse, sou uma alma viajante e já estou engajada em outro percurso. Aprendi com meu novo companheiro de viagem que o caminho que percorro nesta nova trajetória é conhecido pelos psicólogos como inconsciente, e pelos antigos mestres bíblicos, como Mar Eterno.

Essas novas viagens começaram por sonhos onde uma carpa me convidava a conhecer o “dono do segredo do mundo”, mas para isso precisaria decifrar três enigmas que me abririam as portas para viajar pelo inconsciente coletivo ou pelo continente do Mar Eterno.

Estou viajando, navegando nas mãos do tempo e ancorando-me nas almas de boa vontade, que dividem comigo a responsabilidade deste trabalho.

Com carinho por todos os mares eternizados pelo amor divino,

Halu Gamashi

## Um Universo no Mundo

A capacidade de comunicação cósmica humana é infinita. O Homem é o ser terreno com mais capacidade de se comunicar por causa do seu campo eletromagnético.

O campo eletromagnético humano alcança no mínimo oitenta quilômetros de distância. A depender do que estamos fazendo e sentindo este campo se modifica. Quando estamos em repouso, em descanso, relaxados, ele assume uma condição circular girando em torno do nosso corpo. Quando estamos em foco para uma única atividade ele se transforma em um corredor horizontal ora a nossa frente, ora completamente a nossas costas. Fato é que o campo eletromagnético está sempre em movimento.

Completamente individual, atrai e refrata energias de outros campos eletromagnéticos humanos, dos campos eletromagnéticos dos animais, do campo eletromagnético de cada elemento da natureza (terra, água, fogo e ar), do campo eletromagnético do Sol, da Lua e dos demais planetas que giram em torno do Sol. Existe uma comunicação específica para cada contato. Este contato pode ser denso ou sutil, a depender das qualidades e equilíbrio das energias estabelecidas no interior do campo eletromagnético humano. A percepção da existência destes contatos depende de diversos fatores.

Eu estudo o campo eletromagnético humano desde os meus dezoito anos. Nasci com a condição de enxergá-lo. Tenho no histórico esta condição desde os meus cinco anos de idade. A medida em que fui crescendo esta condição foi-se ampliando.

O campo eletromagnético é conhecido por diversos nomes, inclusive Campo Áurico. Precisei estudar, conhecê-lo para conseguir manter o equilíbrio, não me desestabilizar por enxergar uma realidade que comumente as pessoas não enxergam.

Com isto aprendi que o grau de percepção da existência deste campo eletromagnético ou campo áurico depende de diversos fatores que, na minha opinião pessoal, o principal fator é o conhecimento. Todas as sensações positivas, negativas, confortáveis, desconfortáveis são uma reação deste contato.

Essas reações nos informam a qualidade de energia que está mais próxima dos nossos chakras.

Na minha experiência, pessoas que já despertaram para o autoconhecimento percebem esta comunicação pelo fato de conhecer a sua existência. A mente precisa de conhecimento para traduzir a sensibilidade. O desconhecimento e a falta de autoconhecimento impedem a mente de traduzir sensibilizações. Quando estudamos e descobrimos o campo eletromagnético e sua capacidade de atrair e retrain energias dos diversos campos eletromagnéticos aqui já citados, as sensações são facilmente traduzidas e quanto mais aprofundamos no conhecimento deste campo, mais descobrimos a intensa comunicação que existe entre nós, todos os seres que estão ao nosso redor, inclusive esta comunicação mais distante com o sol, a lua e os planetas que giram em torno do sol.

O Homem é o imã da Terra. A forma como as energias se organizaram para construir o metabolismo psíquico e orgânico humano comprovam claramente que o Homem é o ser que mais catalisa, absorve, refrata todo tipo de energia.

Helena Blavatsky e outros estudiosos que a precederam deixaram os conhecimentos sobre os Akashas.

Akashas são micro-celulas de conhecimento. Cito como exemplo os “pen drives”, pequenos compartimentos que armazenam muita informação.

Os Akashas são “pen drives” que caminham soltos, fluidamente pelo planeta Terra. Quando a informação inserida neste “pen drive” tem similaridades com a procura, com a busca, as energias inseridas no campo eletromagnético humano os atraem para dentro do campo e em um dado momento a mente humana absorve estas informações. Freud chamou esta captação de *insight*, outros de intuição.

Por tudo isto, o conhecimento da existência e comportamento do campo áurico ou campo eletromagnético auxilia o Homem a entender como e porquê da manifestação do *insight*, de uma intuição. Tudo começa com sensações. Quando o Akasha já está circulando no campo eletromagnético humano e enquanto não está totalmente percebido e utilizado, ainda é “um corpo estranho” circulando pelo campo eletromagnético. Esta presença ainda estranha é percebida pelas sensações que podem ser de irritação ou angústia. Quando é captada e utilizada deixa de ser um corpo estranho e se estabelece harmonicamente deixando de causar estas incomodas sensações.

O que chamam de gênio são pessoas que se “comunicam” com Akashas a todo momento. A excentricidade que se percebe nos gênios é por estarem constantemente em contato com estes “corpos estranhos”, traduzindo-os para alcançar harmonia. O autoconhecimento é uma forma de educação para estabilizar as comunicações que existem entre campo eletromagnético pessoal e todos os outros campos eletromagnéticos que o campo pessoal comunica e interage.

Veremos agora, passo a passo, como se estabelece o contato entre o campo eletromagnético humano e o campo eletromagnético do Sol, da Lua e dos Planetas que giram em torno do Sol.

O campo eletromagnético do Sol é o combustível mais potente de toda a Via Láctea. A inteligência deste campo supera a simples capacidade de atrair e refratar energias. O Sol capta a energia de todos nós, de todas as naturezas que existem no Planeta Terra, a energia de todos os outros planetas que giram em torno dele e organiza estas energias em blocos energéticos.

Alguns destes blocos são distribuídos para o Planeta Terra através da Lua. Os demais são distribuídos por ele mesmo. A cada oito minutos o Sol envia para a superfície da Terra infinitos blocos energéticos. Estes são os Akashas do Sol.

Os Akashas do Sol, distribuídos pela Lua, chegam à superfície da Terra a cada sete dias. Como vimos, os Akashas Solares distribuídos pelo próprio Sol chegam a nós primeiro. Por esta condição, o conhecimento **astrosófico** simbolicamente informa que a Lua rege sobre o passado do Sol.

Os Akashas Solares são quentes e se desfazem muito rapidamente. Ao se desfazerem são capturados pela Lua que os trazem de volta à superfície da Terra (pense em uma notícia que não conseguimos absorver de imediato, que alguém a absorve por nós e vai nos repassando aos poucos, na medida em que podemos absorver).

Os campos eletromagnéticos captam imediatamente as energias dos Akashas Solares e por isso conseguimos sobreviver na superfície deste planeta alimentados por este combustível especial. Todos os seres vivos sobrevivem pela existência deste combustível. Assim como a Natureza reconhece e manifesta as estações do ano, existem informações para os campos eletromagnéticos também organizarem as suas estações pessoais.

As peculiaridades, idiossincrasias, biotipos são construções organizadas pelo Sol para que o Homem, apesar de sua individualidade,

possa sobreviver e conviver com demais humanos e suas outras peculiaridades, idiossincrasias, biótipos etc.

Dedicar-se ao estudo do seu combustível pessoal amplia a capacidade de autoconhecimento e auto compreensão.

Os Akashas Solares do campo eletromagnético humano circulam muito perto do corpo material. Quando o campo eletromagnético humano está equilibrado os Akashas Solares circulam em volta da cabeça, onde também se posicionam o Chakra Frontal e o Chakra Pineálico, perfazendo um percurso orbital até a região do estômago onde se posiciona o Chakra Plexo Solar. Assim se inicia o circuito orbital humano dinamizado pelos Akashas Solares. Nesta órbita acontece um diálogo interno entre o Chakra Plexo Solar, Chakra Frontal e Chakra Pineálico.

O Chakra Plexo Solar informa aos demais a condição orgânica que estamos vivendo. Se esta informação diagnostica que estamos bem, em equilíbrio, esta informação é captada pelos os demais chakras, Chakra Frontal e Chakra Pineálico. De posse desta informação, o Chakra Frontal se organiza para captar os Akashas Solares que o Chakra Pineálico armazenou. É neste momento que sentimos as sensações “como se estivéssemos adivinhando alguma coisa”, “a certeza que algo vai acontecer” ou “que alguém vai chegar”, vigilância, são traduções de sensações mais comuns a este momento.

A postura esperada é o foco, a meditação para absorver conhecimentos e informações dos Akashas Solares em trânsito entre o Chakra Pineálico e o Chakra Frontal. Quando não fazemos esta postura as sensações se adensam transformando-se em irritação e angustia, e o agravamento em depressão e ansiedade. Um atrito interno entre o que se busca saber e ao mesmo tempo não quer saber. Se vivemos um momento difícil, sem condições de tomar conhecimento de mais informações, esta órbita é interrompida no Chakra Plexo Solar. Os Akashas Solares refratados pelo Chakra Plexo Solar podem se dissolver e serem captados pela orbita da Lua, circular pelo campo eletromagnético.

Os Akashas Lunares têm a mesma temperatura corporal humana por isso é mais fácil serem captados e percebidos. Trafegam em torno do estômago onde se posiciona o Chakra Plexo Solar e o coração onde se posiciona o Chakra Cardíaco. O processo é o mesmo: o Chakra Plexo Solar sempre dita a nossa condição orgânica de receber ou não informações.

Quando o Chakra Plexo Solar se desarmoniza a informação vaza, invade, trazendo muitos danos para a nossa saúde física, emocional e espiritual.

A recepção da informação pelo Chakra Cardíaco acontece da mesma forma que a percepção dos Akashas Solares pelos Chakras Frontal e Pineálico. Começam sempre com as sensações “tem algo errado nesta história”, “não consigo confiar em determinada pessoa”, “sua boca diz uma coisa, mas seu olhar diz outra”, “está acontecendo alguma coisa errada” são linguagens sentimentais comuns a este acontecimento. A postura esperada também é o foco e a meditação, caso contrário, adoecemos.

Os Akashas Mercurianos têm uma temperatura parecida com os Akashas Lunares, são muito mais velozes, porém, a sua velocidade é infinitamente menor do que a velocidade dos Akashas Solares. Todos os dias os Akashas Mercurianos chegam ao campo eletromagnético da superfície da Terra e de nós, humanos. Depois que o Akasha Mercuriano chega ao campo eletromagnético humano o contato se estabelece a cada duas horas e a cada duas horas modifica a forma, o “idioma” da mesma comunicação.

O Chakra Kundalínico, que se posiciona na região pélvica, é o responsável por este contato. A órbita é igual à dos demais, requer aprovação do Chakra Plexo Solar.

O horário em que nascemos é o momento mais adequado para favorecer a captação e absorção das informações oriundas do Planeta Mercúrio através de seus blocos energéticos Akashas Mercurianos.

Os Akashas Venusianos trafegam sempre na órbita dos Akashas Lunares. Portanto são captados e absorvidos pelo Chakra Cardíaco – importante não esquecer: é pré-requisito a aprovação do Chakra Plexo Solar. A temperatura dos Akashas Venusianos é exatamente igual ao da Lua e possui a mesma velocidade, infinitamente mais lento que os Akashas Solares e bem mais lentos que os Akashas Mercurianos. Como são mais lentos e tem a mesma temperatura corporal estão sempre à disposição para serem captados e absorvidos.

Os Akashas Marcianos são muito quentes, mais quentes que os Akashas Mercurianos e infinitamente menos que os Akashas Solares. Trafegam na mesma órbita que os Akashas Mercurianos, na região pélvica. Por ser mais quente e menos veloz necessitam que os Akashas Mercurianos sejam percebidos e absorvidos primeiro, dando assim condição de serem captados. Há, aqui, uma ordem para a captação dos Akashas Marcianos:

nosso Chakra Kundalínico primeiro capta os Akashas de Mercúrio, depois que estabelecem as informações e conteúdos deste Akasha ganha condições para captar e absorver os Akashas Marcianos.

Akashas Jupterianos: este Akasha trafega na mesma órbita dos Akashas Mercurianos e Marcianos; na ordem é o terceiro a ser captado – lembre-se da ação de atração ou refração do Plexo Solar. O Akasha Jupteriano também é conhecido por Akasha do Fogo Frio, do Fogo Azul. Embora pertença ao universo do elemento fogo, a temperatura dos Akashas Jupterianos são similares aos Akashas Lunares e Venusianos. Depois de ser captado pelo Chakra Kundalínico estes Akashas são enviados para a região do Chakra Cardíaco e passam a pertencer a órbita e proselitismos naturais do Chakra Cardíaco.

Akashas Saturninos: quase tão quente como o sol, mais lentos de todos os Akashas. A captação deste Akasha depende completamente da atividade em equilíbrio dos Chakras Pineálico, Frontal, Laríngeo, Cardíaco, Plexo Solar, e como os demais Akashas, Chakra Básico e Kundalínico.

Os blocos energéticos ou Akashas Saturninos circulam pelo campo eletromagnético humano e podem ficar sem ser captados e absorvidos por toda uma vida pela necessidade da atividade em equilíbrio aqui citada. Circulam na direção do Chakra Pineálico. Quando captados se mantêm perto da região da cabeça. Quando não, mantem-se muito distantes, mas na mesma direção.

Akasha Uraniano: este Akasha tem uma peculiaridade muito interessante, circula por toda a superfície da Terra. São magnetizados pelo Homem através do Chakra Pineálico quando existe comunicação entre os Akashas Saturninos e o Chakra Pineálico. A atividade entre o Chakra Pineálico e os Akashas Saturninos magnetizam os Akashas Uranianos. Estes Akashas só se estabelecem no campo eletromagnético humano pessoal quando existe a atividade do Chakra Pineálico com o Akasha Saturnino.

Akasha Netuniano: estes Akashas são totalmente pessoais, armazenam informações da nossa trajetória desde a nossa primeira encarnação – o “super pen-drive humano”. Suas informações são captadas por todos os chakras. Freud e Jung, quando falam do inconsciente, é dos Akashas Netunianos a que estão se referindo. O conteúdo destes Akashas nos são revelados através dos sonhos, pelo menos é o espaço psíquico mais comum que facilita a absorção dos conteúdos inseridos nestes Akashas. As

captações das informações também dependem da aprovação do Chakra Plexo Solar.

Akashas Plutonianos são os mais visíveis e invisíveis que todos os demais. Dependem do grau de consciência de cada indivíduo. São muito visíveis quando se julga e rotula os outros, são convenientemente invisíveis na autopercepção. Este Akasha é construído por toda a atividade humana desde sua primeira encarnação. Informam sobre o quanto já caminhamos nos aprendizados terrenos rumo à evolução. Magnetizamos e participamos da construção deste Akasha pessoal com nossas atitudes, caráter e ética. Astrofocicamente foi chamado de Akashas do Karma e Dharma, “pen-drives” que armazenam informações sobre as nossas construções e destruições, sobre o nosso avanço e retrocesso. É captado por todos os chakras, embora sua absorção também dependa da atividade do Chakra Pineálico, dos Akashas Saturninos.

Os Akashas do Sol são trazidos para a superfície da Terra e para os campos eletromagnéticos dos seres vivos através dos seus próprios raios, os raios solares, a cada oito minutos diariamente. Quando não são absorvidos imediatamente são capturados pela Lua e reenviados a cada sete dias.

Os Akashas lunares chegam à superfície da Terra e aos campos eletromagnéticos dos seres vivos através da própria ação da Lua com a mesma performance de atividade que reenvia os Akashas Solares.

Os Akashas Mercurianos chegam à superfície da Terra e ao campo eletromagnético dos seres vivos através da constelação de Virgem e Gêmeos.

Os Akashas Venusianos chegam à superfície da Terra e ao campo eletromagnético dos seres vivos através da constelação de Touro e Libra.

Os Akashas Marcianos chegam à superfície da Terra e ao campo eletromagnético dos seres vivos através da constelação de Áries.

Os Akashas Jupterianos chegam à superfície da Terra e ao campo eletromagnético dos seres vivos através da constelação de Sagitário.

Os Akashas Saturninos chegam à superfície da Terra e ao campo eletromagnético dos seres vivos através da constelação de Capricórnio.

Os Akashas Uranianos chegam à superfície da Terra e ao campo eletromagnético dos seres vivos através da constelação de Aquário.

Os Akashas Netunianos chegam à superfície da Terra e ao campo eletromagnético dos seres vivos através da constelação de Peixes.

Os Akashas Plutonianos chegam à superfície da Terra e ao campo eletromagnético dos seres vivos através da constelação de Escorpião.

Estudando a latitude e longitude de onde nascemos é possível traçar um mapa territorial para fazer um levantamento quanto a presença e quantidade de Akashas existentes neste local. São os Akashas que herdamos da Via Láctea.

Um estudo minucioso e competente destes Akashas nos revela pistas que favorecem a nossa caminhada, nossa jornada encarnatória dentro deste labirinto que é o planeta Terra.

O estudo dos Astros é fruto de uma pesquisa de muitos milênios, de muitas Eras que o planeta Terra atravessou. Estes estudos foram sempre muito perseguidos por poderosos que almejam massificar as gerações. Massificados torna-se mais fácil sermos manipulados.

Muita coisa foi escrita e a grande maioria foi queimada. Para a preservação deste conhecimento, ele passou a ser transmitido, na sua completude, apenas através da transmissão oral depois que a confiança era estabelecida entre professor e aluno. O pouco que ficou escrito foi muito banalizado, principalmente por não estar completo. A pior forma de inquisição é a banalização.

No COT – Código Original de Transcendência apresento estas informações em forma de Sephirot, bem como a interação entre elas e o indivíduo.

Com amor,  
Halu Gamashi

Bahia, 01 de abril de 2017

OBS. Atendendo a pedido da Espiritualidade, que acompanha e orienta o trabalho de Halu Gamashi, ela preparou este material (*Um Universo no Mundo*) que é uma síntese de um estudo que realiza há anos, com aproximadamente duas mil páginas escritas, para ser distribuído ao maior número possível de pessoas, bem como acompanhar seus cursos, leituras de aura, interpretação do Mapa COT, escritos, livros e outros, pela importância que tem no crescimento, desenvolvimento e autoconhecimento humano.

## Sobre a Autora



**H**alu Gamashi é baiana de nascimento e uma cidadã do mundo por excelência. Terapeuta há mais de 20 anos e criadora de técnicas corporais e sutis, ministra aulas e workshop sobre campo áurico, astrosofia, filosofia, saúde e comportamento humano em diversas cidades brasileiras e europeias. Iniciada nas culturas ancestrais, relata em livros a ampliação da consciência cósmica e as aberturas espontâneas de seus chakras.

## **Outros livros de Halu Gamashi**

Esperamos que você tenha apreciado este livro. Ele é parte de uma história que ultrapassa cinquenta anos de experiências vividas nos planos material e imaterial. Conheça a seguir outros livros já publicados por Halu Gamashi.

### **Caminhos de um Aprendiz**

#### **Revelações sobre o Mundo Espiritual**

Escrevi este livro no início dos anos 90. Relato a minha descoberta experiencial do mundo espiritual através das minhas viagens astrais. Já havia lido alguns livros e ouvido de outras pessoas sobre a existência da esfera espiritual. Naquela época passei por um processo espontâneo de abertura de chakras. Estas aberturas viabilizaram-me deslocar para o mundo espiritual e retornar ao mundo físico lembrando com clareza do que vi, ouvi e aprendi.

Encontrei muitas respostas para questionamentos pessoais sobre o livre-arbítrio, sobre como acontecem encontros entre seres desencarnados e encarnados, sobre a função dos mentores espirituais e, enfim, porque encarnamos e como escolhemos os aprendizados. Esta experiência me levou a compreender o meu nascimento, o porquê daquela família, as razões por eu ter nascido no Brasil, na Bahia, e a minha função no mundo.

Naquela época, ao contar as minhas experiências para algumas pessoas, vi que elas extraíram para si algumas buscas – ousou até dizer algumas respostas – e fui incentivada por elas a escrever e, desde então, não parei mais.

Halu Gamashi

### **Meditando com a Consciência Suprema**

#### **Mensagens ditadas a uma paranormal**

Despojar-se, despir os trajes dos personagens que somos levados a viver por imposição do cotidiano, atender ao chamado insistente vindo do recanto mais livre e amplo do nosso sentimento onde o calor da razão aquece o entendimento que enfim explode para tornar-se mais íntegro são alguns imperativos na tentativa de percorrer os caminhos da procura, ansiosos que somos pelo encontro.

Compreender e obedecer a esses imperativos são os primeiros passos para alcançar os significados contidos em *Meditando com a Consciência Suprema*, segundo livro de Halu Gamashi.

Premido por uma necessidade que vinha do meu mais profundo interior – que, reconheço, eu mesmo desconheço – dei os tímidos primeiros passos, já envolvido por aquela ansiedade que prenuncia a manifestação de bem-vindos prazeres ou inelutáveis desconfortos. Descrever ou tentar explicar o que senti no alvorecer desta viagem poderia aparecer como uma tentativa de sedução. A beleza que enfim percebi não induz à sedução, não se socorre desse procedimento, não manipula nossas carências, nem nos afirma em nossas conquistas. Paradoxalmente é o inefável que se explicita, assim como na arte.

As parábolas de Halu soam como notícias de muitos mensageiros: alguns os chamam de anjos, outros simplesmente de poetas, outros, ainda mais singelos, de aprendizes. Cada notícia, uma chave para abrir novas portas. Compete a nós trilhar ou não os caminhos da procura, alcançando ou não a beleza da tranquilidade do encontro.

Gianfrancesco Guarnieri

## **Plano Inverso**

### **A Tríplice Aliança da Sombra**

A cada década, as fronteiras entre o plano material e o plano espiritual estão diminuindo. Por isso é importante que se conheça profundamente as diversas esferas espirituais, seus interesses e objetivos.

Antes da experiência que narro neste livro, acreditava que o mundo espiritual fosse o paraíso, o éden. Depois de tudo que vivi, pude perceber o que significava o ‘assim na terra como no céu’. Resolvi dividir minha experiência para que outras pessoas se baseiem na lucidez, orando e vigiando; para que tenham clareza ao lidar com o plano invisível. Há flores

mas há sombras. Há o divino, mas há a ignorância. Enquanto o amor constrói, há o desamor, que sofre por essa construção.

Mais do que nunca, precisamos ficar atentos para diferenciar o falso do verdadeiro e, principalmente, purificar o nosso ego para não caírmos nas armadilhas do Plano Inverso e sua aliança com a sombra.

Halu Gamashi

## **O Livro dos Sonhos Cabalísticos**

Para compreender os sonhos, é importante perceber o homem como um todo. Separar os seus símbolos do comportamento humano habitual dificulta o entendimento da mensagem inserida na simbologia. Para se interpretar um sinal, precisamos pensar na sua natureza.

Este livro pretende ser uma ferramenta que incentiva o sonhador a refletir sobre seus processos e sobre o porquê dos seus significados.

## **Chakras**

### **A história real de uma iniciada**

*Chakras – a história real de uma iniciada* é a autobiografia de Halu Gamashi. Neste livro, o leitor encontrará a história de uma paranormal e da abertura de seus chakras.

Nascida Mércia Celeste Dias da Silva, natural de Jequié, no sertão da Bahia, Halu em pequenina é chamada de Turunga. Gosta das pessoas e dos bichos, adoce com os conflitos dentro de casa, mas, diferentemente de todas as meninas da sua idade, vê os mortos como se fossem vivos e fala com eles. Vai para a escola como Turunga e, ali, se transforma em Mel. A rotina infantil logo não lhe interessa mais: quer ser independente e trabalhar. O eterno conflito com o pai faz com que ela fuja de casa, passando a viajar com caminhoneiros. Na estrada é chamada de Macarrão. Mas a menina magra e franzina, ao chegar a São Paulo, volta a ser Mercinha, embora, em algumas ocasiões, se apresente também como May Help, uma hippie lunática. Sentindo na pele a saudade, volta para a Bahia e no terreiro de Pai Nidê transforma-se em Iaô, Iaô de Bessém.

É interessante notar que, ao longo sua vida, Halu foi recebendo diferentes nomes, criando outros, incorporando todos. Reconhecendo-se não como uma, mas como várias, porque quer reencontrar a pluralidade intra-individual que a constitui, ela se vê constantemente fundida com o mundo e com os outros egos. Essa experimentação das variações do eu não faz com que ela se feche em sua individualidade, se encerre em si mesma, mas a transporta para um outro patamar: o do corpo sutil. O seu “eu”, capaz de aprender e de viver em diversos lugares e nas condições mais adversas, está, assim, apto também a sentir o liame cósmico, isto é, a transformar-se num eu cósmico para não só experimentar a linhagem dos vivos e toda a sua ascendência histórica, mas também para se abrir para o fatum universal. Desse modo, ele se integra à árvore da vida desde as suas formas mais elementares até a mais divina.

Rosa Dias

## **Clandestina**

### **O resgate de um destino**

Revelar segredos é o meu dia-a-dia. Meu tempero é descobrir quais segredos podem ser revelados através da cultura escrita.

Venho de uma cultura oral na qual tudo o que aprendi não podia ser anotado para ser estudado novamente. Enquanto houvesse dúvida sobre o conhecimento, era preciso repetir desde o início até o desaparecimento da dúvida.

A avaliação sobre o meu conhecimento também não era teórica. Praticar com excelência era o que me permitia seguir adiante, seguir para conhecimentos mais profundos.

Toda cultura que se preservou na transferência do conhecimento oral não foi dizimada por outras culturas porque não tinha livros para serem queimados.

Línguas foram queimadas nas fogueiras da Inquisição, mas, graças a Deus, sobraram algumas.

Neste livro, *Clandestina – o resgate de um destino*, há a revelação de segredos. Por quê? Porque recebi esta ordem. Estamos atravessando momentos de profundas transformações e precisamos aproveitar que os

estadistas e as religiões se mantêm em uma pequena democracia. É o momento certo para escrever este livro.

Acredito que esta ‘liberdade’ não demorará muito tempo: ou calarão nossas bocas ou farão com que nossas revelações sejam ridicularizadas e banalizadas – uma forma branda de Inquisição.

Estou aproveitando o momento para *falarem* um livro, para *falarem* uma peça de teatro.

Está aí a minha colaboração. E, se um dia queimarem os meus livros, sobrar a minha voz.

Halu Gamashi

## **Conde Vlado**

### **Um alquimista em busca da eternidade**

Eram tomados por sentimentos que nunca haviam ouvido falar, não sabiam como conduzir. Eram inocentes e os seus parâmetros eram as mentiras e as máscaras. Onde encontrar, nestes parâmetros, limites que tivessem a força e a envergadura de conduzir a natureza e o instinto para a troca de sentimentos mais sutis? Não, não lhes era possível, não tinham elementos para isto. Eram dois amantes sem conhecimento de freios ou censuras, comandados por um sentimento muito forte que nunca haviam visto em ninguém. Como poderia ser diferente esta história? Eu não sou hipócrita e a minha total falta de hipocrisia faz com que os enxergue como os descobridores do amor. Um Adão e uma Eva entre o inferno e o céu, sem a confiança em um Deus que Vlado, mais do que Elisabeth, sabia ser uma invenção para domar os Homens, o deus da igreja, o Jesus da madeira. Por falta de recursos entregavam-se à única verdade, verdadeira, ditada pelos seus instintos.

Assim são os mitos, regidos pela dualidade do bem e do mal. A depender do interesse de quem os descreve os personagens são anjos, santos ou demônios. Mais afortunados seriam se fossem descritos como Homens.

Halu Gamashi

*Entre em contato:*

Web site: <http://www.VentosAntigos.com>

Facebook: <https://www.facebook.com/VentosAntigos/>